UNIVERSITY OF ARIZONA
39001018666258

Digitized by the Internet Archive
in 2024

https://archive.org/details/estudos0000tris

ESTUDOS

4ª SERIE

DO AUTOR:

Affonso Arinos — 1923.
Estudos (1ª Serie) — 1927 (exgotado)
Estudos (2ª Serie) — 1928.
Estudos (1ª Serie — 2ª edição) — 1929.
Estudos (3ª Serie) — 1929.
Introducção á Economia Moderna — 1930.
Preparação á Sociologia — 1931.
Estudos (4ª Serie) — 1931.
Serie Jackson de Figueiredo:
Tentativa de Itinerario — 1929.
De Pio VI a Pio XI — 1929.
Freud — 1929.

TRISTÃO DE ATHAYDE

PQ
9697
L497
E77

LIMA

ESTUDOS

4.ª SERIE

EDIÇÃO DO CENTRO D. VITAL — RIO DE JANEIRO

CAPITULO I

ARIEL ENTRE OS GUINDASTES

Na revista «Les Annales», de 15 de abril a 15 de junho de 1929, publicou Abel Bonnard as suas impressões do Brasil, posteriormente reunidas no volume: «Océan et Brésil».

Como todos aquelles que vivem á procura de si mesmo, nós somos ainda muito sensiveis a tudo o que se diz de nós. E procuramos avidamente reflectir a nossa imagem imprecisa em todos os espelhos, mais diversos, na illusão de que seja o espelho a revelar o segredo da imagem. Tanto mais quanto não ha simples illusão nessa procura e apenas aquella fragilidade natural a toda duvida. Pois é certo que nos conhecemos melhor quando nos vemos conhecidos. Ou, quando sentimos, sem amargor, a incomprehensão alheia.

Ha dois annos, os jornaes annunciaram com certo alvoroço a chegada ao Rio de um yacht francez, que conduzia a bordo S. M. o rei do Assucar. E linhas abaixo, incidentemente, figurava entre a comitiva, como um secretario obscuro, a quem o reporter mal concedia a honra de uma vaga menção, o nome de Abel Bonnard.

Eu tinha justamente em mãos o livro subtilissimo que elle acabara de publicar sobre os amores de Stendhal. Lia, justamente, naquelles mesmos dias e na mesma revista em que agora apparecem as suas sensações brasileiras, as palavras deliciosas que elle dissera sobre a sua ultima viagem á Italia. Guardara sempre na memoria um pequeno «lever de rideau» que alguns annos antes tinha assistido na «Comédie Française», e em que a finura decadente do feitio literario de Bonnard se destacava no proprio ambiente requintado desses annos que precederam a guerra, em Paris. E nesse mesmo periodo acompanhara, com fervor de curumim tropical perdido pela seducção de Racine, as chronicas verdadeiramente aladas com que Bonnard uma vez por semana, no «Figaro», sugava flor a flor o mel de todas as culturas.

E tive uma curiosidade immensa de ver de perto, de ouvir de face esse homem que era realmente, em sua expressão mais fragil e já decadente, uma flor de cultura; cuja paixão pelas viagens não era essa paixão brutal de tudo ver, indistinctamente, e sim o gosto requintado de procurar apenas, no estrangeiro, as civilizações tambem requintadas e altamente tradicionaes, como os restos de Roma, na Italia, os restos dos Arabes, na Africa e, sobretudo, a China, a velha China, não a joven, sobre cujo encanto escrevera Bonnard um livro de absoluta reverencia. Viajante «gourmet», mas não «gourmant», apaixonado pelas raças puras, pelas obras do espirito, eu não conseguia ver Bonnard na America. Ou antes, ardeu-me logo a curiosidade de

ver o contraste entre esse archi-requintado filho de uma civilização que se despedia, e a nossa brutalidade, a nossa mestiçagem, a nossa barbaria.

Outro contraste, além disso, me levava a desejar conhecer o apagado companheiro do rei do Assucar. Desde os annos em que acompanhara assiduamente as suas chronicas do «Figaro», até o momento em que aquelle sybarita do espirito aportava á Guanabara, passara-se no mundo qualquer coisa de terrivelmente transmutador de todos os valores. E tudo o que me parecia superioridade em 1913, parecia-me agora decadencia. Bonnard era realmente em sua flecha extrema — como Thibaudet o mostrou em relação a Valéry — o fim de uma civilização. Tudo o que havia de requintado e de fragil nessas forças extremas de cultura, era o que havia no genio literario de Bonnard. Capaz de tudo desculpar, procurando como que despertar pelo contacto de todas as coisas raras a vitalidade agonizante de sensações exhaustas, passeando pelo mundo uma riqueza extrema de sentidos, puramente voluptuosa, sem o amargor da saciedade, nem o desespero das revoltas, — parecia-me ver nelle o homem typico de antes da guerra, para quem o mundo era um objecto de belleza e quando muito de melancolia. O homem que ignorava a angustia de viver. Nessa tarde de agosto de 1927, portanto, quando eu me dirigia para a vulgaridade eccletica e baixamente mundana do Alvear, afim de ser apresentado a esse amigo de Proust, de Fargue, de Valéry, de Thibaudet, — confesso que levava commigo uma curiosidade ardente.

E de facto não tive nem decepção nem surpresa. Esse homem de farta cabelleira prateada, emoldurando uma face joven, fresca, rosada, esse homem de gestos delicadissimos, que tocava na chicara apenas com a ponta de uns dedos femeninos e parecia bicar o pão antes que comer, esse homem de uma affabilidade extrema, cuja voz era uma seducção diversa de tudo o que eu até então ouvira — esse homem era realmente o que eu contava que fosse.

Apenas, em poucos minutos de conversa, já não via deante de mim nem a «flor de cultura» decadente, nem o «homem de antes da guerra», nem o «sybarita», nem o stendhaliano, ou o admirador de civilizações mortas, — e apenas a imagem eternamente viva, e movel e diversa de Ariel.

E Ariel, veiu comnosco pela Avenida, essa e outras vezes, até o cáes Mauá. E ali, esperando a vedeta de bordo do yacht «La Résolue», passeavamos entre os guindastes. E Bonnard, que era considerado em Paris emulo de Proust, na arte de conversar, enchia os nossos ouvidos de uma melodia suavissima, pois a sua voz tinha modulações de tal sensibilidade que era realmente como que uma fórma de canto em conversa, como hoje temos a poesia em prosa. Mas só os máos conversadores monologam sózinhos. Bonnard tinha o segredo dos verdadeiros «causeurs»: — sabia ouvir. Não sei se em virtude de uma polidez espontanea e sem esforço que é sempre o signal da verdadeira nobreza do espirito. Não sei se pela longa experiencia de bem ouvir para bem falar, — o que sei é que os seus silencios tão attentos ti-

nham uma importancia tão grande na sua conversa, como a modulação grave e melodiosa de sua voz e as reflexões sempre invulgares que nos fazia ou as evocações desses meios literarios em que vivia e que a nossa curiosidade ardia por conhecer através de uma testemunha ou antes de um comparsa vivo e de primeira linha como aquelle.

E guardarei desses crepusculos ephemeros á beira d'agua uma imagem grata. Nenhuma paisagem é tão angustiante como a de um cáes. Nenhuma tão perigosa. Nenhuma tão no limite dos peores abandonos, dos desejos de partir tão irreprimiveis, da sêde do universo que nos devora a todos nós praieiros. E nesses dias, aquella paisagem de força brutal, de guindastes poderosos, de mercadorias de toda a parte do mundo, de commercio e de industria em sua potencia moderna mais grosseira, de carregadores de carvão em cuja face mal podiam brilhar uns olhos perdidos na sombra, de machinas que passavam arrastando, com grandes rumor de ferragens, longas filas de vagões vazios„ — nesses dias essa paisagem do reino da Força e do Dinheiro fazia de moldura a esse genio subtil do espirito, que passava entre a grosseria ambiente como uma briza ironica e indifferente, tocando em tudo sem se alterar em nada.

Hoje, revejo nas paginas do «Océan et Brésil» as nossas tardes de 1927, em que eu senti, ao vivo, pela primeira vez com essa participação indispensavel do homem de carne e osso, o que era realmente uma flor extrema de trinta seculos de civilização mediterranea em contacto directo com a nossa improvisação ain-

da bruxoleante e semi-barbara. E nestas paginas finissimas de impressão e de incomprehensão (pois Bonnard não póde naturalmente comprehender o Brasil, nem o Brasil a elle), revejo, mais depurado, mais intellectualizado, menos dramatico, mas não menos vivo, o contacto extranho entre esse espectador subtil, talhado para os ambientes fechados, para os salões mais cultos, para os sentimentos complexos, para as sensações de arte mais raras, para o desdem do terra a terra, do utilitario, do emphatico — e a nossa terra barbara e disforme, a nossa natureza sem medida e esmagadora de grandeza ou desoladora de monotonia, as nossas distancias infinitas, o nosso clima brutal, a nossa luz de cegar, onde nós lutamos contra tudo, e contra todos, nesse combate feroz entre o espirito bruxoleante mas invencivel e as forças da negação e do sarcasmo e do utilitarismo e da incomprehensão e do instincto cada vez mais brutalizadoras de toda a nossa desesperada angustia de salvação pela intelligencia, pela belleza e pelo Espirito.

Nessas tardes eu vi ao vivo, deante de mim, e senti bem fundo em mim mesmo todo o drama da nossa civilização incipiente.

E Bonnard tambem o diz em algumas paginas em que descreve a angustia da nossa alma, pelo pouco que della poude conhecer em sua rapida passagem por aqui, quasi que toda preenchida por uma longa e penosa viagem ás quédas do Iguassu'. Pois este, infelizmente, é mais um dos viajantes que vêm a nós procurar antes as arvores que as almas. Sua viagem foi feita menos pelo ardor de pro-

curar o «espirito» de um mundo novo, que pela curiosidade de ver uma paisagem nova. Viagem menos para nós do que para si mesmo. E afinal, quem sabe se o nosso drama não será justamente essa importancia prematura, excessiva, que queremos dar ao homem, numa terra em que o homem ainda não venceu a natureza?

E o proprio Bonnard o repete, em pleno sertão, no momento em que atravessava as florestas desertas do Paraná para alcançar o Iguassu': — «E' agora que eu aprendo a provar o encanto de um novo mundo. A Europa, a estreita Europa, com o seu campo roido pelas habitações, é o homem sem a natureza. A Asia, a grande Asia, é ao mesmo tempo a natureza e o homem. A America, a vasta America, é a natureza «sem» o homem».

Não será este o segredo da nossa tragedia, que sentimos arder no fundo de nossos corações e de nossas intelligencias que querem viver e affirmar-se e romper o silencio e o esquecimento, — quando de facto o que avulta apenas aos olhos do mundo é — «a natureza sem o homem?» Dahi, a tyrannia da natureza, o esmagamento interior que ella nos impõe, o esquecimento a que ella nos condemna...

Bonnard dedica um capitulo de sua obra ao estudo desse nosso drama do espirito.

— «Aqui, ao contrario (da America do Norte), aquelle que se commove com o desejo de uma vida mais alta joga-se numa aventura perigosa e solitaria. Nós outros não levamos bastante em conta qual seja a felicidade de descendermos de uma linhagem antiga e segura, de podermos constantemente nos apoiar nas

obras de nossa raça, nos palacios e nas igrejas que ella construiu, nos museus e nas bibliothecas que ella enche do testemunho de si mesma... Aqui, pelo contrario, aquelle que, por seu esforço isolado, se eleva até á altura em que reinam os grandes espiritos, fica tanto mais exposto a todas as influencias quanto nenhuma tradição o ampara e torna-se então quasi inevitavel que, em seus sentimentos, o excesso se junte ao accaso».

E procura então fixar o caracter dessa America do Sul que só agora começa a interessar os europeus, e onde estes, ameaçados em suas fontes vitaes pelo exito insolente e pela força original dos norte-americanos, começam a descobrir affinidades talvez mais profundas e duradouras.

Bonnard hesita deante della. Não lhe encontra ainda um caracter seguro e definido. «Paradis douteux, monde intermédiaire... monde de l'aventure... terre d'Incertitude». Nada della está fixado. Parece-lhe ver em tudo uma grande espectativa, um silencio angustioso. «Entre as outras partes do mundo, cada uma das quaes sabe o que quer, a America do Sul hesita... Entre suas irmãs, cada uma das quaes reune a sua estrophe ao hymno universal, e deixando a sua gemea presumpçosa do norte entoar com orgulho o seu cantico um pouco simples, só ella ainda não canta».

Aos olhos de Bonnard nós somos apenas uma grande vespera. E elle não esconde os seus receios, ao ver a nossa perplexidade e sobretudo a tremenda mescla de sangue que se vae operando nestas plagas abertas a todos os

ventos das raças do universo. «O estrangeiro que vê, nas ruas do Rio ou da Bahia, aí variedade de colorações que a cutis dos transeuntes offerece, não pode duvidar de que o verdadeiro drama deste paiz esteja realmente na mistura dos sangues, nessa luta disfarçada e surda em que os differentes genios da humanidade se entrelaçam como serpentes... Em toda a America do Sul se processa uma immensa experiencia».

Mas Abel Bonnard não pensa em concluir. Sente-se que não era propriamente o drama do novo-mundo, da alma nova do mundo, das raças mescladas, do espirito de cultura em luta com o espirito de barbarie, o drama do homem americano e especialmente brasileiro que elle veiu buscar por aqui. Parece mesmo que o surprehendeu um pouco essa tragedia latente onde elle julgou encontrar apenas os homens esmagados totalmente ou confundidos inconscientemente no esplendor das coisas inanimadas. Pois foi este sobretudo que elle veiu buscar. Sua primeira intenção foi ir ao Amazonas. Desaconselhado, lançou-se para o Iguassu'. E a maior parte de suas paginas são longas descripções, um pouco artificiaes á Loti, se bem que sempre com uma subtileza psychologica mais penetrante e um colorido mais vivo, de aspectos da viagem em plena natureza, as florestas do Paraná, as pousadas rusticas do caminho, os campos vazios, os rios transbordantes e sobretudo as cascatas, o mundo dagua do Iguassu' deante do qual passou dias de interrogação ansiosa ou de repouso e solidão. E elle tambem se sentiu ahi esmagado, perdido, sem consciencia.

«O prodigio me cerca, um poder enorme me esmaga, esqueci-me de tudo o que faz o meu eu de sempre, não sei mais nada, uma vida sem palavras transborda de mim mesmo e sobre os meus labios paira o riso imbecil de um mortal que bebesse por um instante na taça em que os deuses se embriagam».

Suas palavras são impotentes para descrever a grandeza do espectaculo. Mas como sempre se dá nessas descripções da natureza, só sentimos realmente a grandiosidade formidavel da scena quando elle a procura animar com um pequeno quadro vivo, — se não humano, pelo menos symbolico de tudo o que representava aquelle filho requintado da Grecia, de Roma, da França, de 30 seculos de cultura, em face das forças núas da natureza em todo o seu esplendor nativo e ainda em plena liberdade.

«Foi então que eu assisti a um espectaculo que poderão achar insignificante, mas que eu na minha vida nunca esquecerei. Eu vi approximar-se da quéda, como que fascinada por ella, uma dessas grandes borboletas negras manchadas de azul, communs no paiz. Como que absorvida pelo sopro da cascata, molhada pela sua enorme humidade, ella lutava doidamente, elevava-se aos arrancos ao longo da muralha liquida, afastava-se um pouco, sem conseguir destacar-se della. Finalmente, ella tocou a agua, tentou em vão arrancar-se. Toda aquella montanha vitrea despejou-se sobre ella e desappareceu. A cascata, que só me pareceu brutal, no momento em que a perseguia, voltou logo a assumir a sua attitude orgulhosa e calma.

E logo, uma outra borboleta, igual á primeira, approximou-se tambem como que para procurar o mel dessa florada maravilhosa. Ella tambem foi aspirada pelo vasto sopro, ella tambem se debateu, ella tambem defendeu com uma pertinacia incrivel a sua existencia de atomo. Eu a via, na corrente de ar que a saccudia, tão pouco preparada para uma luta dessas, com o seu vestuario de gala, as suas azas de seda, as duas manchas azues. E já pensava vel-a aniquilada quando bruscamente, graças a não sei que piedade das coisas e talvez porque uma briza ligeira atravessou o ar, eu a vi afastar-se, salva, no vapor luminoso.

Eu acabava de assistir a dois 'destinos».

E lendo essa pequenina imagem, tão insignificante de facto mas tão grande de symbolo, volto a ver como uma borboleta á beira do Iguassú esse subtil Ariel do Sena passando entre os guindastes do cáes do Porto.

E subindo um pouco mais, torno a ver todo o drama em que nos debatemos como frageis borboletas contra as montanhas dagua que nos submergem. Todo o drama da alma brasileira que não quer deixar-se esmagar pela força das brutalidades ambientes e que não consegue escapar á seducção de desafiar todo esse mundo de forças cégas que se despenham inflexivelmente como as massas formidaveis das aguas do Iguassú.

Quem vencerá em nós? Qual dos dois destinos está reservado á immensa inquietação que se processa no fundo de nossas almas? Qual seremos das duas borboletas? A que se deixou

vencer por Caliban? Ou a que conseguiu voar como Ariel?

Eis a interrogação angustiosa que eu já fazia a mim mesmo nesse crepusculo de ha tres annos, vendo a vedeta levar para longe do cáes essa imagem fugitiva de Ariel que passara por nós distrahida — e olhando ao lado os pesados e sombrios guindastes que pareciam sorrir grotescamente como enormes Calibans sarcasticos, que estendessem sobre mim as suas patas negras de aranha ou de polvo.

CAPITULO II

MODERNISMO INTENCIONAL

Hoje, que o modernismo literario é um facto consummado e ultrapassado, só me interessa o modernismo não intencional. Se bem que o outro, como é o que se exprime nestas revistas de novos, que nos chegam dos Estados, tambem tenha a sua importancia como symptoma.

E' um phenomeno excellente esse da disseminação de movimentos locaes. O gigantismo, um dos nossos males congenitos, não é apenas um mal de tamanho. E' sobretudo um mal de hypertrophia em desequilibrio. Devemos distinguir unidade de centralismo. A unidade é uma variedade harmoniosa. O centralismo é uma unidade artificial. No Brasil, o que precisamos é de unidade e não de centralismo. Penso que será o unico meio de combater os males do gigantismo, em sua dupla accepção: o gigantismo geographico e o gigantismo que um medico chamaria talvez distrophico. Paiz grande de mais e mal alimentado, em summa, para falar em linguagem clara.

Geographismo e distrophismo se corrigem justamente pela vitalidade bem distribuida, pela harmonia das autonomias locaes. E esse distrophismo alimentar não é apenas material. Não

somos apenas um povo de populações mal nutridas, de civilização desequilibrada, em que Estados, onde sobra a riqueza entestam com Estados onde campeia a miseria; em que em torno das grandes capitaes de luxo se estendem os logarejos immundos; em que a civilização e a barbaria material convivem lado a lado. Somos tambem um povo de distrophismo mental. Mal alimentados de espirito como de corpo. Grupos ou individuos de cultura excepcional, que vão á Europa ensinar aos mestres (quando Miguel Osorio ou Amoroso Costa falaram em Paris, a um publico da mais alta cultura, a phrase authentica que brotou espontanea dos melhores de lá, foi esta: «ceux-ci pourraient être des nôtres») — ao lado do analphabetismo das massas, que ainda não é nada em comparação com os males mais graves ainda — o primarismo, o semi-cultismo da maioria dos melhores.

Pois bem, o caminho para corrigir o veneno do gigantismo (lyrico ou derrotista) e do distrophismo (physiologico ou mental) — é justamente uma distribuição harmoniosa de autonomias, que não tenha o exclusivismo regionalista mas tenha a vitalidade localista.

E é justamente essa distribuição de iniciativas que tem surgido com os movimentos successivos do chamado modernismo literario. Não dou portanto ao termo «provincialismo» nenhum significado depreciativo. Muito ao contrario. Penso que o provincialismo é a salvação do nosso asphyxiante e desequilibrado capitalismo, tanto geographico como economico.

E esse provincialismo literario modernista se tem traduzido, mais talvez do que em livros

— em revistas, ou pequenas publicações locaes que traduzem o desejo de sair do seu cantinho, de se fazer ouvir no concerto geral das vozes da nacionalidade que desperta.

Nos centros maiores, Recife, São Paulo, Rio, a «moda» modernista vae cedendo a uma visão mais profunda, menos intencional. Muitos iniciadores do movimento têm quasi silenciado por longos annos (como Manuel Bandeira, por exemplo), ou têm tentado uma demissão categorica do movimento, que aliás não ousaram lançar ao publico e correu apenas entre intimos (como Sergio de Hollanda, Prudente de Moraes Netto, Rodrigo de Andrade, etc), ou se lançaram a outros generos de estudos, como é o caso de Ronald de Carvalho, com os estudos historicos que prepara sobre a nossa politica no Prata. Ou então têm feito a sua obra creadora independente da moda moderna (como Mario de Andrade, em seus estudos musicaes, Alcantara Machado ou Ribeiro Couto em seus contos realissimos, Augusto Frederico Schmidt em seus admiraveis poemas romanticos, Luiz Delgado em seu romance inquieto, etc., etc). Sem falar na obra formidavel de Jackson de Figueiredo, que sendo um apaixonado de «literatura» na mais alta significação do termo, teve o gesto soberbo da demissão literaria acompanhada de um sacrificio total a uma causa de «vida» e não de pura esthetica.

Com tudo isso, porém, o convencionalismo modernista não cessa. Traduz-se em S. Paulo pelo ex-movimento neo-indianista, de tão accentuado mimetismo supra realista e estende-se pelo Brasil, em revistas, supplementos de jornaes ou

manifestos avulsos. Alguns desses é que desejo apontar nesta chronica. Comecemos pelo Norte, pelo Ceará.

No dia 7 de abril de 1929, circulou em Fortaleza o 1.º numero da «folha modernista do Ceará», chamada «Maracajá». Pensei a principio que o titulo fosse Maracujá, a doce e perfumada fructa do norte, cuja flor já tanto serviu de comparação á geração do romantismo. Mas não é da fruta que se trata e sim do gato do matto. E' Maracajá e não Maracujá. E penso que não é preciso insistir no symbolismo da distincção entre um e outro titulo entre o perfume da fruta e as garras da oncinha. Nossa mocidade passou por um movimento de tedio e de inercia ahi pelos principios do seculo, nos ultimos annos do symbolismo e até 1914, ao menos. Depois de 1914 e de 1917, depois de Proust ou do suprarealismo, lá por fóra, e aqui depois do futurismo paulista, da Semana de Arte Moderna, da conferencia na Academia, do dynamismo, do primitivismo, do espiritualismo, etc., houve uma inteira mudança de attitudes, e a mocidade literaria, de derrotista e sceptica, que era, tornou-se aggressiva e demolidora. E isso se traduz na pequena folha cearense, de visivel intenção neo-nietszcheana como grande parte das novas gerações européas de depois da guerra.

«Maracajá», além disso, está na linha dos movimentos literarios typicamente cearenses, que se accentuaram sobretudo em 1870 e em 1890. O Ceará já teve tres movimentos intellectuaes — o movimento «philosophico» de 1870, com Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Araripe Ju-

nior, João Lopes, Thomaz Pompeu, etc.; o movimento «politico» de 1880, em torno do qual se fez todo o movimento abolicionista (no qual o Ceará teve como se sabe um papel saliente) e republicano, com o jornal «Libertador» e a revista «A Quinzena»; e, finalmente, o movimento «literario» de 1890, com a fundação da «Padaria Espiritual» e do seu orgão «O Pão», pela geração de Farias Brito, Antonio Salles, Adolpho Caminha, Oliveira Paiva, Rodolpho Theophilo e outros.

Pois bem, o caracter que distingue esses tres movimentos é o seu categorico contra-espiritualismo (Farias Brito foi uma excepção e o precursor do espiritualismo moderno). Foi Rocha Lima, logo no inicio, em 1870, que firmou esse ponto de vista. O problema religioso foi o primeiro que o preoccupou seriamente. O estudo exclusivo da theologia racionalista arrancou-lhe de vez a fé. Oscillou algum tempo entre o espiritismo e o materialismo. Vacherot, o representante mais illustre do «espiritualismo moribundo», como elle dizia, seduziu-o por algum tempo. Taine e Buckle levaram-no ao determinismo. O positivismo de Comte obteve, em seguida, «a sua adhesão completa», como nos conta Capistrano de Abreu, seu amigo da primeira hora e companheiro de aspirações. Não ficou, porém, muito tempo no positivismo. Passou-se para Spencer, e ao morrer, aos 23 annos de idade, a doutrina da Evolução é que lhe seduzia o espirito, com aquella capacidade de entregar-se todo a uma só idéa que foi o caracter talvez primordial do seu talento. Rocha Lima foi o Castro Alves ou o Alvares de Aze-

vedo, de nosso pensamento philosophico. Pouco antes de morrer, conta-nos Capistrano de Abreu, — «já escolhera os estudos a que pretendia consagrar a vida — a historia de Jesus e da revolução franceza. Com que eloquencia e enthusiasmo nos falava do tribuno lyrico de Nazareth (sic) e dos idealistas tragicos do seculo XVIII».

O racionalismo dominante em sua época empolgou por completo o espirito de Rocha Lima e communicou-se ao movimento de que elle foi, como pensador, a figura mais saliente, «a mais fulgurante estrella do Ceará», como lhe chamou Capistrano. A transformação da sciencia em religião, tão caracteristica do pensamento europeu do seu tempo, foi operada por elle em todas as suas idéas, e com a rhetorica toda dos seus 23 annos emphaticos. «A sciencia merece o culto de todos; em seu templo não exigese os holocaustos do sangue, nem os altares da credulidade venal e timorata. Ella dá-nos a verdade e, por adoração, basta realizal-a em nossos actos. A verdade sob esta fórma chama-se o bem». («Critica e Literatura», Maranhão, 1878, p. 5).

Eis ahi primariamente expressa a religião da sciencia. E Rocha Lima, que foi um espirito mystico, via uma religião não apenas na sciencia em geral, mas ainda numa simples hypothese scientifica, como a doutrina da evolução. E lançando um jornal com esse titulo, pouco antes de morrer, em 1878, escrevia estas palavras: «A ninguem, iniciado nos mais accessiveis arcanos da cultura moderna, é permittido desconhecer que as sociedades humanas, como

parte solidaria de um organismo mais vasto — o universo —; como ultima phase das evoluções naturaes, como ultimo élo da grande cadeia cujas extremidades perdem-se no desconhecido, realizam por sua vez uma evolução necessaria e inevitavel, resultado ultimo do conflicto de mil forças. A' sombra desta theoria que constitue a religião de nossos dias (sic), produzem-se vastas syntheses, que têm alimentado a consciencia e sentimentos d'alma moderna, donde foi varrida toda a crença no sobrenatural». (ib, pagina 163).

Esse espirito de materialismo scientifico, fundido com o romantismo, ainda recente nos espiritos, encheu todo esse periodo. Ainda ha pouco tempo o historiador Lucio de Azevedo me escrevia de Lisboa, recordando a sua mocidade no Pará e a impressão profunda que produziam então em Belém os rapazes que voltavam dos estudos no Recife, todos ecoando ainda das idéas demolidoras de Tobias Barreto. Pois Rocha Lima foi o Tobias Barreto cearense e o seu contra-espiritualismo foi que animou todo esse movimento de 1870, como os outros posteriores de 1880 e 1890.

Pois bem, o quarto movimento intellectual cearense, que se processa actualmente e de que essa pequena revista é pelo menos um symptoma, nos chega tambem impregnado do mesmo emphatico e mofado anti-espiritualismo que Rocha Lima lançava em 1870. E o sr. Paulo Sarasate, um dos redactores da revista, escreve contra o «passadismo» cearense e a sua provavel reacção contra elles, dizendo: — «Todo movimento literario tem surgido assim. Entre

pedradas. Entre assobios. Coberto de apodos. Tal foi com o naturalismo e o parnasianismo nas letras. Tal foi com as doutrinas de Ferri na criminologia. Aliás, isso é uma lei muito antiga de sociologia (sic). A historia apenas se repete, como diria o sr. João Ribeiro. Porque já no tempo de Galileu era assim. E com uma aggravante: em vez de assobio, fogo».

E' o mesmo espirito de racionalismo naturalista de Rocha Lima, como se vê, que vem mais uma vez animar ou antes «desanimar»... esse quarto movimento modernista cearense, que nasce portanto com certo atrazo...

Já ha dois annos, alguns dos poetas que figuram neste 1.º numero, Jader de Carvalho, Sydney Netto e outros, lançavam um «Canto Novo da Raça», creio eu, que inclui, julgo que sem errar, entre a obra dos «dynamistas», dos neo-nietzscheanos.

Esse «Maracajá» é um mixto de dynamismo e de neo-indianismo. E tanto um como outro espirito banhados nessa atmosphera contra-espiritualista que vem de Rocha Lima. Essas phrases do sr. Paulo Sarasate são bem typicas. Elles se esquecem de que o «naturalismo», o «parnasianismo» ou a «criminologia de Ferri», — para citar apenas os exemplos apresentados, — são frutos tambem de uma determinada «escola» e de uma escola que para muitos de nós representa exactamente a mais absoluta servidão do espirito. O naturalismo é uma servidão literaria materialista, como as doutrinas de Ferri são uma servidão criminal materialista. Longe de libertarem o espirito, cada uma dellas

em seu genero o subordina a novos élos e mais intoleraveis que os anteriores.

Ha, porém, na mentalidade das novas gerações uma tal cegueira agnostica, que continuam como Rocha Lima, a adorar de bocca aberta a deusa-Evolução, em suas graciosas evoluções no palco da vida universal, convencidos de que só esse é o caminho da «libertação», e da modernidade.

Ha, portanto, nesse modernismo cearense, muito convencionalismo modernista e muito conservantismo naturalista. Os nomes que subscrevem poemetos ou artigos desse 1.º numero são — Mario de Andrade (o cearense), Antonio Garrido, Paulo Sarasate, Jader de Carvalho, Rachel de Queiroz, Heitor Marçal, Sidney Netto, Franklin Nascimento, etc. Ha coisas poeticas vagamente toleraveis dos srs. Antonio Garrido, Mario de Andrade, Jader de Carvalho, todas mais ou menos no espirito indicado. Certa predominancia, em todos, do dynamismo nacionalista, mais emphatico no sr. Sidney Netto, mais amatutado e indianista no sr. Mario de Andrade (de lá). Se tivesse espaço, gostaria de cotejar essa irrupção de modernismo libertario, com o ultimo éco do parnasianismo anachronico dos «poetas cearenses no centenario» (em 1922). E tambem essa onda de «nacionalismo regionalista», com a chronica em que Adolpho Caminha nos contava, em 1895, a formação da «Padaria Espiritual» do Ceará.

— «No dia marcado, ahi pelas sete da noite inaugurou-se publicamente a Padaria. Antonio Salles desenrolou o programma, que fez rir muito á burguezia curiosa e leu a carta a Ra-

malho, verdadeira «Carta de Hollanda», no estylo fresco e sadio do autor de «John Bull». Tocou-me a vez de ler a carta ao poeta da «Velhice»... Só depois, em outra reunião, foram lidas as correspondencias ao Nobre e ao Eça... Nem Eça, porém, nem Ramalho, nem Guerra Junqueiro nos mandaram uma respostazinha, uma palavra sequer de animação á cortezia». (AD. CAMINHA, Cartas Literarias, p. 160).

Foi a despedida da literatura brasileira aos seus «mestres» portuguezes. Hoje, o modernismo cearense é puramente, exclusivamente «brasileirista».

Da Bahia tambem me chega uma revista no mesmo espirito convencional, pois como diz o sr. Elpidio Bastos no 4.º numero de «Samba»: — «Não ha duvida de que na Bahia, como nos demais Estados do Brasil, a literatura vem se revestindo de uma influencia nova, que outra coisa não é senão a libertação do espirito na sua renovação de arte».

O sr. Hermes Fontes é chamado de «cantor immortal das Apotheoses», o que não inspira grande confiança no espirito critico dos rapazes do «samba». O sr. Otto Bittencourt Sobrinho levanta um hymno ao

«Homem-Força, Homem-Machina, Homem-Sciencia».

em versinhos emphaticos.

Ha um artigo do sr. Alves Ribeiro, que se declara — «um enthusiasta do espirito moderno, como de todas as idéas novas». Versos do Sr. Egberto de Campos Ribeiro, «em louvor da mu-

lher desconhecida»; do sr. Clodoaldo Milton, do sr. Braulio de Abreu, que canta «a mulher que encheu de sons o meu silencio» e que foi fazer-lhe uma visita quando

O coração da minha casa
Batia vinte e quatro horas.

Todo o resto assim no mesmo tom. Positivamente...

———

De Ubá, das montanhas mineiras, nos vem um grupo de «montanhezes» trazer a sua revista «Montanha», em que figuram como «commentadores» e «pesquizadores» os seguintes nomes: Martins de Oliveira, Leocadia Godinho e Siqueira, Ary Gonçalves, Venancio Barbosa, Assis Rodrigues, F. Martins da Costa, Alcino Duque, Azevedo Corrêa Filho.

O espirito desses montanhezes tambem é o do dynamismo nacionalista, segundo a «definição» gongorica com que lançam o seu programma.

«Montanha é o grito do homem do interior. Do homem das alturas. Do homem esquecido... Montanha quer, na revisão dos valores, no tumulto das pesquisas, na confusão da hora americana, a expressão da brasilidade. Repelle a invenção. Não procura o sentimento postiço do indianismo de gabinete... Montanha é necessariamente o conflicto do homem do interior com o homem do litoral. Conflicto sem odio... Ama a energia e quer a vida. Montanha sorri para a Planicie».

E a planicie provavelmente sorrirá para a montanha, com toda a graça. De todos os que se apresentam nesse numero, poetas em sua maioria como sempre, o unico que chama um pouco a attenção é o sr. Venancio Barbosa. Tanto, «Resignação» como «Fifia» (assignado V. B.) indicam um espirito curioso. Aguardemos. Um conto do sr. Ary Gonçalves, pittoresco. E uma carta em francez (?) do sr. Martins de Oliveira a Charles Vildrac sobre o modernismo brasileiro, que começa assim:

— «Dès que quatre semaines sont écoulées notre revue (Montanha) parait et contre nos aspirations s'avancent et s'avanceront toujours les personnes frivoles, etc...

———

No «Diario da Noite», de São Paulo, de 17 de abril ultimo, foi publicado nos «a pedidos», o «Manifesto da Fuzarca», assignado por Flavio de Campos, Victor de Azevedo, Mello Nobrega, Astrô Cintra, Walther Barioni. Termina assim:

— «Arcadismo. Mineirismo. Romantismo. Naturalismo. Academismo. Verdamarellismo. Páo-Brasismo. Futurismo. Antropofagismo. Fuzarca.

A unica instituição seria do Brasil é o Carnaval Carioca.»

———

Como se vê, todo esse modernismo intencional não vale nada.

CAPITULO III

20 ANNOS

Tratando, ha tempos, de um livro sobre a Faculdade de Direito de São Paulo, observei que eram muito escassas essas chronicas academicas entre nós, especialmente depois que o espirito *estudantino* decahiu com a dispersão da vida moderna e a desorganização da vida universitaria. Recebo hoje um volume publicado ha tres annos, aqui no Rio, de memorias de um estudante de 1915 a 1919.

> *Prado Ribeiro.* — Um lustro-academico, — (chronicas e epizodios de Academia). — Ed. Leite Ribeiro. Rio, 1926.

O autor tem o bom senso de não dar grande importancia ao livro, simples memorias assás bombasticas, raras vezes engraçadas, sobre o meio de estudantes desses annos de grande guerra, em que vivemos entre uma facil prosperidade artificial e uma grande angustia interior.

Esse livro nada nos diz da alma de nossa mocidade.

Não ajuda em nada a conhecer-se a alma dos 20 annos de hoje. Livro todo exterior, sem penetração alguma. E o estudante, o moço em

geral, quando age é muito menos interessante do que quando pensa e sobretudo quando sente. A *acção* da mocidade é geralmente de uma grande banalidade. A nós, quando tivemos 20 annos, faltou realmente uma grande Causa, como em nossos dias se desenham algumas aos olhos dos 20 annos de hoje. Mas por isso mesmo! os *gestos* de uma estudantada sem uma grande causa certa, como os que vemos, nas paginas dessas memorias, têm quasi sempre uma bôa dóse de grotesco.

O que é realmente interessante aos 20 annos é o homem interior.

E esse é um grande thema de inquietação para todos os que acompanham, com um pouco de interesse, a formação da nossa gente e de nossa mentalidade.

Que pensam os moços de 20 annos, em torno de nós?

Se formos nos guiar pelo que têm respondido ao inquerito que a revista «Movimento brasileiro», vem fazendo nas Escolas, o resultado não é brilhante. Muita farofa sem duvida. Muito nome. Mas, no fundo uma anarchia sem nome.

Ha dias um joven e talentoso critico mineiro se surprehendeu com uma affirmação minha de que o nosso tempo era «sinceramente materialista». Essas respostas dariam bastantes documentos para essa affirmação, se bem que ella tivesse um caracter de generalidade, que não visava apenas a mocidade. Nesta ha de tudo, sem duvida. Os optimistas apresentam este exemplo — os pessimistas aquelle. E não se chega a resultado algum, como sempre acon-

tece quando se pretende argumentar com exemplos isolados.

O que a observação, porém, nos revela, nos 20 annos de hoje é que, como sempre, a maioria se deixa levar pela vida. Como sempre ou mais do que nunca? Inclino-me a pensar da segunda fórma, por mais que nos digam que é um symptoma de envelhecimento esse de julgar que os nossos dias estão em decadencia de costumes.

Eu creio, porém, que a mais simples inspecção das coisas, taes como ellas se apresentam, mostra que a mentalidade de hoje, muito especialmente aqui na America, está levando os moços a um pragmatismo, a uma indifferença, a uma indistincção absolutas. Um critico do nosso tempo, fazendo ha pouco uma conferencia sobre esse espirito moderno americano, louvou emphaticamente, numa oração que é um primor de confusionismo intellectual, o senso do *relativo* que anda pelo nosso continente. Se o louvor é descabido, a observação é certa. Vivemos aqui no reino do absoluto relativo.

Raça relativa... Convicções relativas... Instituições relativas... Cultura relativa... Lingua relativa... Literatura relativa... Sciencia relativa... Religião relativissima...

Tudo em ser, á espera, passando disto para aquillo, entre *já* e *ainda,* sem precisão, sem estructura, sem raizes. O *melting-pot* absoluto. A ebulição. Como pensar em qualquer coisa, nessa evanescencia universal? Aristoteles nos conta a historia do philosopho heracliteano Cratylo, que impressionado com a relatividade de todas as coisas e a impossibilidade de traduzil-as em

palavras, ou gestos, ou actos, acabou a vida limitando-se a levantar o dedo, como unica resposta a todas as questões... Não creio errar muito dizendo que essa é, no fundo, a grande convicção que domina a nossa mocidade. E' evidente que não confessam isso. Que confessarão mesmo o opposto disso. Mas no fundo...

Ha dias, um amigo meu ia num auto, perto de dois almofadinhas. E um dizia para o outro:

— «Sabe que o padre Leonel Franca está fazendo um curso sobre Fé?». «Ah!» respondeu o outro. — «E dizem que Fulano assistiu e disse que não perdia mais nenhuma conferencia». «E que é que tem isso?» — «Ah, tem que deve ser um *tróço alinhado*»...

E poderiam todos citar centenas de observações como esta. Não é um *caso* isolado. E portanto não incide na argumentação por exemplos. O espirito de indifferença, de «tanto faz», de abandono ao vicio elegante, de concepção do mundo como um simples logar de prazer, de inteiro amoralismo, de facilidade de viver é que domina a maioria absoluta dos nossos 20 annos. E quando digo nossos, não vejo que sejamos uma excepção no mundo. Falo apenas do que vemos mais perto, mais ao alcance da observação.

Mauriac o observa em França. Aldous Huxley na Inglaterra de hoje. Spengler em todo o Occidente. O que por isso mesmo tem levado mocidades em peso a uma reacção collectiva, como na Italia, na Russia ou na China.

Mas, como já disse, o que interessa realmente na mocidade é a reacção individual, é o mundo interior. E entre nós já se desenha

essa reacção de certos espiritos de 20 annos contra o espirito do tempo, o «laisser aller» dos companheiros de geração e sobretudo a immensa dissolução de costumes, óra despreoccupada e puramente instinctiva, óra systematica e consciente nos partidarios, sinceros ou interesseiros, da famosa libertação-sexual. O movimento que se começa a fazer em torno do divorcio, entre nós, é absolutamente typico. E' um minimo para elles, sem duvida. Mas será, pelo menos, o começo da engrenagem. E nós sabemos que o erro nunca pára em caminho. E os argumentos, mais ou menos mofados e ingenuos dos divorcistas passadistas, genero Heitor Lima são apenas a mão do gato para que os libertadores do sexo, como se chamam os livre-amoristas revolucionarios, tirem a sardinha da grélha...

Mas no meio de toda essa confusão, no meio sobretudo de todo esse abandono ao curso do tempo, ao espirito do tempo, ás modas do tempo, — é justo que procuremos as almas de 20 annos que querem reagir, que sabem marcar a sua distincção, a sua personalidade e não deixam apenas que o seu barco vá sendo levado «au fil de l'eau».

E nesse sentido, peço licença a dois correspondentes meus para transcrever alguns topicos de cartas suas, que illustram melhor o estado de espirito da nossa mocidade de hoje, em seus representantes de élite intellectual e moral, do que quaesquer considerações a respeito. Ambos têm vinte annos ou pouco mais. E ambos olham angustiadamente para a grande degradação que vêm em torno de si, em contraste com a sêde de elevação que sentem den-

tro de si. Os nomes não diriam nada a ninguem. Aos 20 annos um nome não é nada. Começamos então a saber se podemos fazer um nome. E é isso o que conta.

Escreve-me então um desses jovens correspondentes:

— «A minha pouca cultura desordenada, a demagogia innata com que se nasce hoje no Brasil, a errada enthronização da «eterna inconsequencia do liberalismo», os exemplos variados da nossa dissolução politica, social e religiosa, os falsos ensinamentos de mestres incapazes, a vida vivida no «paraizo de indistincção», o culto dos sophismas, a habitual inversão de todos os valores, a falta systematica de respeito á autoridade ou o apoio incondicional a ella, apoio que não é respeito a principios mas bajulação a pessoas, leituras distillando o veneno subtil do scepticismo, um jornalismo derramando «candida hypocrisia» e uns jornalistas «gozadores da vida», — tudo isto, toda esta dolorosa realidade em que se dilue o caracter da nacionalidade, constituindo a methodologia da formação (ou dissolução) do meu espirito, acabou por me fazer uma particula integrante da desgraça brasileira».

Esse é o espectaculo do mundo em torno, que hoje em dia se pretende regenerar pela apologia antropofaga do «homem natural» de Rousseau! Essa a realidade ambiente em que esse espirito de 20 annos sente banharem as raizes do seu ser. Mas não todo o ser. E do outro lado, para cima, elle sente a seiva de uma regeneração possivel e profunda.

— «Sinto, porém, do outro lado do meu

ser, lado meio nebuloso, meio indefinido ainda, um mundo de verdades sãs e eternas, sem crepusculos, espadanando luz, que a alma e o cerebro sorvem em auroras perpetuamente suaves. O caminho para a posse dessas verdades é que a custo procuro achar. Para melhor alcançar o meu fim, sinto-me como se fosse a propria nacionalidade em dissolução. Esforço-me por encarnar, em momentos, o Brasil «caminhando despreoccupadamente para uma mestiçagem absurda de todos os caracteres». E nessas horas de falsificação parcial do meu eu, é que, com mais intensidade de luz, percebo a calamidade do paiz e a urgencia de uma «obra de definição, uma obra de differenciação; uma obra de disciplina mental e social»... Ora, estando eu assim, mergulhado na grande angustia de saber que necessito de uma coisa, sem conhecer os meios para conseguir essa coisa... Um espirito assim contaminado, mas que ainda tem forças para desejar a cura por uma reforma draconiana, em cuja methodologia julga indispensavel que uma severa tentativa de rehabilitação da Fé seja contemplada, talvez não esteja completamente succumbido».

Não está, de modo algum. O que ha nessa alma, é realmente a angustia que opprime a todos nós, tanto aos indefinidos como áquelles que se definiram. O erro dos que «cultivam» a indefinação por systema é julgarem que a «paz» está na definição e que a paz contentará apenas ao desejo egoista de inercia que ha em cada um de nós como peso de materia, como seducção do nada. A paz dos que se definiram, especialmente dos que se definiram em Deus,

não é uma paz deste mundo. E' uma paz transcendental que só por momentos fugitivos póde acalmar o tumulto das inquietações de cada dia. Viver por uma Verdade, viver sabendo que a Verdade existe e que, portanto, em cada coisa existe uma perfeição attingivel, uma solução relativa, e que nada é feito ao accaso, e que tudo existe «para» alguma coisa, e que ha uma lei de elevação a revelar, a descobrir e a applicar em cada momento da vida, em cada gesto, em cada acto, — tudo isso traz ao nosso espirito uma terrivel inquietação já não mais «cultivada» mas «inevitavel», que é a condição do nosso exilio na terra, da nossa separação de alguma coisa de infinitamente maior que notamos pelo simples facto de respirar. A definição só é uma inercia para os inertes por natureza.

Para os outros, para aquelles que sentiram sempre em si o abysmo de insatisfacção que tudo na terra nos traz — para esses a definição é uma angustia a mais, porque a salvação de cada coisa se somma á nossa propria salvação. Os homens, que não se perdem, se dividem entre a classe daquelles que se salvam a si proprios e a daquelles que são salvos pelos outros. Pois bem, ser salvo é a condição dos inertes. Mas salvar-se e salvar — essa é a condição por vezes tragica de quem não se contenta com a indefinação, com a eterna disponibilidade esthetica de um Valéry, ou moral de um Gide.

E uma alma como essa, que se sente balançada entre a decomposição de todas as estructuras, que o espectaculo da mocidade anarchizada nos offerece, e a necessidade de uma

recomposição total da hierarchhia dos valores, em si e fóra de si — uma alma de 20 annos como essa — «não está de todo afundada na dolorosa dissolução nacional». Não. Muito ao contrario. Pois em almas dessas é que está toda a esperança de regeneração.

———

Mas devo ainda, para terminar estas descozidas considerações sobre o terrivel mysterio dos 20 annos de hoje, destes nossos dias de immensa decomposição de todos os valores e em que a nossa tarefa mais sagrada é recompôr aquelles que a geração que nos precedeu destruio em nós no limiar de nossa adolescencia, — devo ainda citar a outra carta mencionada, de outro correspondente desconhecido de 20 annos.

Este outro se sente tambem esmagado no encontro formidavel dessas maretas de idéas que se jogam hoje em dia contradictoriamente umas contra as outras, neste nosso mundo que perdeu a sua unidade, que perdeu o seu centro, e que vive ha tres seculos balançado loucamente por todas as doutrinas, por todos os regimens, numa incessante experimentação de liberdades, que está levando o homem moderno aos limites da loucura ou á volta ás servidões inexoraveis.

— «Eu tenho agora que reprimir em mim toda essa sêde de affirmar, e voltar ao estudo de facto, ás leituras forçadas, aos trabalhos que se trancam nas gavetas, para não me perder de todo num dilletantismo, para que, infelizmente, eu me sinto impellido... Eu sinto dentro de

mim mesmo as affirmações as mais contrarias e as sinto quererem me dominar com igual violencia. Eu ás vezes tenho medo de acabar maluco, de tal modo sinto, sobretudo de noite, — uma especie de fermentação de idéas na cabeça... Por mais que queira não posso parar de pensar... Chego a ficar com dor de cabeça... e a fermentação continúa, sempre inutil, pôdre, sem valor algum... As idéas passam, vão embora, mais ou menos rapidamente — mas não ficam nunca».

E contra esse perigo do «dilletantismo», contra essa «fermentação» inutil e incessante de idéas, contra esse abandono dos seus companheiros de 20 annos á «facilidade» da vida, — o que essa alma ardente e livre procura realizar é a ascensão do que tem de differente da collectividade.

— «Só o individuo portanto me parece existir — (Dahi o meu anti-americanismo cada vez maior). E só elle me parece poder salvar a humanidade. Porque eu só acredito na salvação da humanidade pela elevação dos 3 niveis — intellectual, moral e religioso. Ora, toda collectividade faz predominar o nivel médio, eu diria melhor — estabelece um nivel médio». — E define melhor então a sua attitude de defesa e de elevação em face das ruinas e da indistincção de caracter e das utopias demagogicas que borbulham em torno de nós:

— «Sinto que dia a dia caminho para uma especie de aristocratismo que talvez venha de Nietszche, mas que não se baseia mais nas mesmas idéas. Nada de dinheiro, de posição social, de sangue, nem de força bruta. Apenas caracter

e valor individual... E' preciso olhar as coisas de face. Desde que existe uma hierarchia, por que não admittir que ella se baseie no valor?... E deixar que se baseie em uma série de erros — sangue, posição social, dinheiro, força, etc? Desde que os homens não são todos iguaes por que se obstinarem na idéa de democracia? Para que dar o governo a pessoas que não sabem governar, se ha outras que nasceram para isso e que não sabem outra coisa senão isso?... Mussolini não salvou a Italia, Lenine a Russia, Napoleão a França? Não os quero apontar como modelos, nenhum delles reunindo as qualidades que eu acho essenciaes para um bom tirano».

E quanto a cada um de nós o que elle sente como caminho de regeneração, é o que chama de concepção «palmeira»: — «o individuo se aperfeiçoar se cuidar — moral e intellectualmente, já se vê — para se elevar como a palmeira, e sentir então lá em cima as rajadas de vento que saccodem sempre (mesmo quando cá em baixo não ha vento algum) as folhas da palmeira. Não é a vertigem das alturas que eu quero — apenas a «segurança nas alturas...» Nada de aspirar á mediocridade... A gente já é muito mediocre para querer olhar para baixo... E' para o alto que se olha... para o mais alto que se póde... Deus se elle fôr visivel... ou o infinito do mundo se não houver nada além».

E nessa opção dramatica, em que se balança ainda a sua alma ardente, mas indecisa, ansiosa por subir o mais alto que possa, mas temerosa de tomar um caminho que não leve

á maior altitude, esse espirito de 20 annos marca em traços de fogo a esperança que temos de ter em nossa mocidade. Elle está oscillante, ainda, entre os melhores. Mas não poderá deixar de comprehender se tiver a coragem de tocar o fundo do drama da vida, que não é a belleza moral dos estoicos ardendo em si mesmos, nem a força dominadora de qualquer fórma de super-humanismo, em que a adoração do homem não poderá senão annullar a sua propria perfeição, ou terminar no desespero, nas evasões ou na loucura, — que não é nenhuma dessas fórmas de reducção do homem ao simples homem que poderá salvar-nos da mediocridade e da dissolução. Só o «homem» poderá salvar á humanidade sim. Mas esse homem que se repete em cada um de nós, que existe latente em cada um de nós, e que é realmente o caminho, a verdade e a vida de cada um de nós, esse Homem transcende de todos nós, contém em si todo o futuro e entretanto já viveu entre nós e é o Unico de todos os homens que não passa, pois foi realmente em todo o seu esplendor — «the everlasting man».

Que as almas ardentes desses 20 annos de hoje, que têm a coragem de se elevar, de fugir á mediocridade ambiente, de vencer em si mesmas a tendencia tremenda á indistincção que nos ameaça por todos os lados, — que essas almas saibam comprehender esse Homem, incomparavel e unico, no alto da collina sagrada. E tudo o que merece salvar-se será salvo.

CAPITULO IV

ESPIRITO MODERNO

«We are a dy ing race».
Cabbot-Lodg).

No numero de fevereiro de 1929 da revista euro-norte-americana «Transition», que reflecte a orientação archi-moderna de James Joyce, — o seu director Eugene Jolas traça um perfil do estado actual do mundo e da orientação para um «super-occidentalismo», que será a expressão plena do seculo XX. E' sombrio o quadro que traça da situação presente dos espiritos.

«O anno de 1929 começou com uma desordem geral em todas as linhas. Reina a confusão nos varios campos, deste e do outro lado do Atlantico; modalidades positivas e negativas se impõem e por toda a parte o que vemos é a bancarrota do espirito. O materialismo collectivo parece triumphante, a noção do homem em relação á totalidade do real é cada vez mais vaga, o exhibicionismo literario e o esthetismo senil apegados a ideaes passados estão na ordem do dia».

E depois de passar os olhos por varios phenomenos typicos dessa desordem e dessa decadencia, em todos os grandes centros de vida

do universo, Jolas observa o que lhe parece necessario para salvar o homem desse chaos ou dessa ordem servil em que se vae afundando:

— «Na crise actual, temos uma vez mais de voltar ao problema do espirito em relação com o mundo exterior. Que attitude deve tomar o individuo, ao contemplar a centralização sociologica crescente em torno delle, ao passo que observa uma decadencia simultanea dos valores intimos?... O homem é o problema essencial. E nós estamos esperando por um novo typo de homem — não um ser collectivo, mas um ser universal, um ser harmonioso, que synthetise em si mesmo as impulsões do espirito e o senso social do seculo *XX*».

Todo esse artigo de Eugene Jolas é admiravelmente expressivo dos dias que estamos vivendo. O *espirito moderno* não é, como por ahi se julga por vezes, uma simples reacção esthetica. Ha, em nossa civilização, um profundo mal estar. Os espiritos mais penetrantes e sensiveis sentem em si e fóra de si que o mundo e o homem se têm alterado mais em 15 annos, do que em toda a vida de nossos antepassados mais proximos. E nessa agitação frenetica que se apoderou do seculo XX, e que nos tem permittido assistir ou tomar parte nos mais formidaveis imprevistos historicos ou intellectuaes, — o que vemos é a dissociação funcramental de uma civilização que desdenhou do espirito pela materia. E que á medida que ia creando laços de união no plano das coisas concretas ia favorecendo alegremente todos os motivos de dissociação nas coisas do espirito. Esse é um dos peccados fundamentaes do espirito moder-

no, libertario, quanto á vida interior e socialitario quanto á vida collectiva. Todos os dias assistimos á apologia do nosso seculo que soube approximar os homens como nunca elles souberam approximar-se. E depois da guerra, então, a partir de 1918 e do horror causado pela hecatombe, só ouvimos falar em pactos internacionaes, em paz universal, em suppressão de fronteiras, em congressos inter-continentaes de sciencia, de philosophia, de politica, de commercio, de tudo o que possa concorrer para approximar os homens. A volta do mundo em uma semana é um facto. As linhas aereas tecem entre os mais remotos paizes os laços mais frequentes. As emprezas industriaes e commerciaes se desnacionalisam, formando os grandes consorcios universaes. A politica internacional é dirigida pelos banqueiros. E se o *nacionalismo* se exacerba justamente em contacto com esse espirito anti-nacionalista, é para chegar ao extremo opposto creando a mystica nacionalista, o imperialismo absoluto do fascismo em face do imperialismo não menos absoluto do communismo.

E a desordem actual provém, justamente, dessas tentativas crescentes de unidade material e temporal, em contraste com o crescente abandono de toda unidade espiritual e sobrenatural.

Emquanto os homens proseguirem nessa tentativa absurda de approximar os interesses concretos, de centralizar a sociedade em seus fins puramente temporaes, e por outro lado suscitarem a disseminação nos espiritos, glorificarem a revolução individualista como sendo a libertação das consciencias — só poderá haver

um remedio para essa dissociação creadora de uma desordem que não póde perpetuar-se: — o servilismo dos espiritos, a temporalisação da nossa liberdade espiritual, o materialismo integral a serviço das ideologias mais grosseiras como hoje já vemos em acção.

O homem moderno pretendeu conservar e desenvolver a sua liberdade de consciencia, arrancando-a de suas raizes sobrenaturaes e separando, de modo absoluto, os interesses temporaes, dos interesses espirituaes, o que era de Cesar do que era de Deus, o que era do corpo do que era do espirito. E o resultado é o cháos actual, essa «desordem em toda a linha» que nos revelam os homens mais impregnados de todo o espirito moderno.

Porque a revista «Transition» e o seu guia intellectual James Joyce, — se não possuem esse optimismo modernista que entre nós impregnou de seu veneno tantas de nossas consciencias actuaes, e de que todos soffremos em gráo variavel, — essa revista que reflecte o pensamento desse genial e terrivel James Joyce, não vê para a anarchia de hoje senão o remedio que o *espirito moderno* receita a cada momento: o superhumanismo, que Jolas chama o *super-occidentalismo*.

«Nós somos», diz elle, «creaturas e creadores de nossa época. Vendo deante de nós o desenvolvimento de um novo senso da vida, nós já não nos sentimos desesperados. Na vida se contêm immensas possibilidades. As coisas do absoluto estão ao alcance de nossos sentidos (the things of the absolute are within our grasp)».

Esta ultima phrase é bem typica do super-

humanismo que Nietzsche começou a formular, no seculo XIX, e que o nosso seculo está trazendo para a praça publica. O super-humanismo vulgar, que o nosso seculo está desenvolvendo na grande massa dos homens, é o superhumanismo mecanista. E sobre elle o mesmo Jolas diz o que se deve dizer:

— «A deificação que o idealismo europeu-americano traz á mecanica como qualquer coisa de mystico *per se,* não nos leva a coisa alguma. Aqui temos, eu creio, um phenomeno de nossos tempos, que se está rapidamente transformando em uma obsessão, em uma hysteria, em uma moda para os novos philisteus, os «nepmen» da machina... A seducção magica da dynamica e da violencia americana não póde ser negada. Mas por baixo della existe uma sordidez metaphysica que nos repelle. Emquanto a concentração de riquezas se faz cada vez mais absoluta, — desenvolve-se loucamente a auto-satisfação, a megalomania e o cynismo».

Mas logo adeante, o mesmo espirito que soube apontar com ferro em braza todos os males desse super-humanismo vulgar, mecanicista, que se desenvolve diariamente com os novos inventos technicos e faz de Edison a maior figura do mundo actual — logo adeante esse mesmo espirito contaminado pelo mesmo virus archi-modernista, pretende curar o mal com um mal ainda mais grave. E julga ingenuamente que o super-occidentalismo espiritual, a procura do «novo-homem», do novo «life-sense», do contacto «sensivel» com o absoluto, da revolução philologica pela «universal word», que é a grande obsessão do James Joyce de depois do «Ulis-

ses» — julga ingenuamente que essa aggravação será a salvação dos nossos males. E pretende conciliar o absurdo do «monismo biologico», isto é, do materialismo quanto ás origens e á constituição intima do homem, — com o «dualismo psychologico», que se torna assim num falso espiritualismo, nessa mesma pseudo-religiosidade que infesta parte do modernismo actual.

«Devemos pugnar pela dualidade do infinito e do material, do primitivo e do mecanico, do hallucinatorio e do concreto. A arte do futuro deve ser concebida como uma arte universal, com autonomia regional. Queremos a mais completa descentralisação na vida e na expressão, mas trabalhando ao mesmo tempo pela nova-humanidade, que será, como sempre, biologicamente monista, mas evolutiva em suas manifestações, totalista e autochtone».

Eis ahi como o «espirito moderno» que mais lucidamente vê os males espirituaes do nosso tempo, se deixa levar, nos remedios que propõe, por uma aggravação desses mesmos males. E nesse contra-senso de querer conservar a «dualidade do infinito e da materia», mas considerando ao mesmo tempo o homem como «biologicamente monista» está a perpetuação de todos os males que nos submergem.

De modo que esse «super-occidentalismo», de Eugene Jolas se destróe pelo mesmo veneno que pretende combater. E o resultado será a subserviencia ao mesmo materialismo collectivo, á mesma deificação do machinalismo mystico, que sóbe hoje ingenuamente dos novos altares do deus-technica na Russia e nos Estados Unidos.

Eugene Jolas é americano e acredita na America. «A America do Norte, do Centro e do Sul, como a Russia, contêm em si os germens de uma immensa força creadora. A supremacia anglo-saxonica vae cedendo deante do novo homem continental, que bem póde vir a ser o novo homem universal. Eu gostaria de imaginar uma super-America que seria a intensificação idealista e uma sublimação do Occidente. Se bem que tenhamos ainda deante de nós uma longa luta antes de realizarmos um super-occidente».

Jolas acredita, portanto, no super-americanismo, no super-occidentalismo, como expressão do novo super-homem que o messianismo moderno procura desesperadamente no meio de um mundo de que elle expulsou todos os verdadeiros valores transcendentaes. E nesse super-occidentalismo de Joyce e seus discipulos nós sentimos o que representou para um genio como elle a perda da Fé. James Joyce é o mais typico representante do «homem moderno» que podemos encontrar em face de nós. E se até hoje nunca ousei escrever nada sobre elle, é que o considero difficil demais e ainda não consegui situar a sua monstruosa personalidade. Mas de passagem o que desejo apontar aqui é que o super-occidentalismo, que o seu discipulo Jolas procura systematisar nessa pagina-manifesto, é uma expressão do messianismo de quem deixou de crer no Messias.

E esse me parece ser o «caso» de James Joyce, desse irlandez desconvertido, que trahio ao Messias e que vive agora, com o seu genio immenso, a recompor friamente um messianismo

fabricado, um anti-christianismo caricatural e tragico, e tanto mais abominavel quanto maiores são de facto a genialidade do seu autor e as proporções gigantescas de sua obra.

Mas se Joyce e seus discipulos norte-americanos, acreditam no super-americanismo, como a grande expressão futura do «espirito moderno» — ha tambem na propria America do Norte outros espiritos que, imbuidos do mesmo veneno super-humanista, apresentam entretanto uma face diversa do espirito moderno, do espirito-americano.

Essa phrase do poeta Cabbot Lodge, que citei como epigraphe desta chronica, é typica do estado de espirito de certas elites norte-americanas, em reacção contra esse espirito de optimismo systematico, de egotismo megalomaniaco, contra o qual tambem reagem Eugene Jolas e seus companheiros. Aquelle volume de estudos sobre a «Civilization in the United States», apparecido ha uns cinco annos e em que trinta americanos dissecavam corajosamente todos os males que se escondem por detraz dessa formidavel fachada: o iconoclastismo de Mencken e de seus companheiros do «American Mercury», com todo o seu materialismo nietzcheano, e de outro lado o espiritualismo de Waldo Frank representam tambem manifestações de anti-megalomania, todas porém impregnadas do naturalismo revolucionario dos nossos dias e combatendo males com outros males mais graves.

Mas recentemente se publicou nos Estados Unidos um volume, que não visa apenas estudar o caso do americanismo, como expressão do espirito moderno, mas sim a esse proprio

espirito, tal como se apresenta a (nossos olhos em todos os continentes e em todas as latitudes alcançadas por nossa civilisação. *(Joseph Wood Krutch* — The Modern Temper — ed. Harcourt, Brace and Co. — New York, 1929). Pretende ser «um estudo e uma confissão», e é realmente um dos «estudos» mais lucidos que se têm feito do que seja realmente esse tão falado «espirito moderno» e uma «confissão» interessantissima de quem acceitou integralmente todas as demolições desse espirito mas que não consegue vencer o vasio que lhe ficou de toda essa derrocada.

Elle mostra como se deu com a nossa civilisação o mesmo que se dá com os homens, que vão perdendo, á medida que crescem, todas as illusões infantis. E se na infancia julgamos que o mundo é feito para servir aos nossos desejos, vamos vendo com o correr dos tempos que nós é que nos temos de adaptar á natureza.

«Se o mundo da poesia, da mythologia e da religião, representam o mundo como o homem gostaria de **têl-o** para si, ao passo que a sciencia representa o mundo, tal como elle lentamente descobre que o mundo é, — basta compararmos as duas concepções para vermos como são incompativeis» (pag. 8).

E essa dissociação fundamental é que elle vê como sendo a tragedia do homem moderno. Todas as suas emoções, todo o seu mundo de valores moraes, está fundado ainda numa concepção do universo que a sua intelligencia não consegue mais acceitar, diz elle, pois a «sciencia» destruiu tudo aquillo que a «religião» tinha elevado.

«E assim parece o homem preso em um dilemma que sua intelligencia provocou. Toda volta deliberada a um estado de relativa ignorancia, por mais desejavel que possa ser, é obvio que está fóra de qualquer cogitação... E elle se tornou um ser fantastico que desenvolveu sensibilidades e estabeleceu valores independentes e alheios á natureza que lhe deu a vida. De todas as creaturas vivas é elle aquella para quem o mundo é menos satisfactorio... Os valores que elle julgou bem firmados sobre a natureza das coisas, foram arrancados pelas mesmas regras com as quaes elle julgou attingil-os» (pag. 18).

E capitulo por capitulo esse espirito «bem moderno» vae dissecando valor por valor, desses que ainda formam a superstructura de uma humanidade que demoliu toda a substructura que a sustentava. Em «the paradox of humanism» mostra como o «humanismo», que desde o Renascimento é a attitude crescente do homem em face de um mundo desdivinisado, em vez de leval-o ao dominio sobre a natureza, levou-o a um excesso de racionalismo e a uma fragilidade e instabilidade crescentes, devidas justamente a essa «antithese entre a finalidade natural e a finalidade humana». (pag. 52).

No capitulo seguinte «the disillusion with the Laboratory» mostra como a «sciencia», que demoliu todo o mundo dos valores moraes modernos, não conseguiu resolver nenhum dos problemas que essa demolição provocou.

Mostra depois como em face dessa sciencia materialista a concepção romantica ou classica do «amor» é absurda *(Love — or the life*

and death of a native), como a «tragedia» em arte, baseada na dignidade humana, é impossivel *(the tragic fallacy)*; como os valores moraes absolutos desapparecem de todo em face de uma anthropologia «scientifica», que considera — «o homem como um animal» *(Life, art and peace)*; e como a reacção metaphysica e religiosa que os neo-thomistas procuram realizar é difficil e precaria, e a seu ver impossivel *(the phantom of certitude)*.

E termina finalmente esse exame formidavel da «modern temper», mostrando que a nossa civilisação está anniquilada pelos proprios males que desenvolveu e que temos de ceder o logar a novas raças mais primitivas, mais proximas á natureza, que consigam refazer a vida numa base de accordo com a que a sciencia materialista lhe favorece.

E esses novos-barbaros a seu ver não podem vir da civilisação norte-americana e sim da Russia.

«Se os povos modernos se divertem construindo fabricas ou cavando minas, elles o fazem exactamente pelas mesmas razões pelas quaes os romanos annexaram as ilhas Britannicas. Ou seja, porque ha pouca tentação de fazer investigações transcendentaes emquanto ha muitas coisas tangiveis a fazer e muita energia para empregar. A Russia tem ambas, e por isso mesmo não ha nenhum outro logar no mundo em que possamos encontrar hoje um optimismo tão simples e tão terrivel. Nós — particularmente, nós da America — já fizemos tudo isso. Cavamos as nossas minas, canalisamos o nosso petroleo, construimos as nossas fabricas

e tendo feito tudo isso começamos a repousar em nossas casas confortaveis e a perguntar «o que vinha depois» (pag. 240).

Ao passo que a Russia chega com a força dos novos barbaros para quem tudo isso é novidade. E lá se elabora, portanto, uma nova «philosophia da vida» fundada sobre a subordinação de todos os valores remotos, transcendentaes ou estheticos, aos valores pragmaticos e immediatos.

De modo que para o «homem moderno» occidental essa volta á «vida vulgar» é tão impossivel quanto a que as «religiões» procuram offerecer-lhe conclue Krutch (que tem aliás de «religião» uma concepção absolutamente insatisfactoria e pueril, e que é a origem de todos os erros de seus raciocinios).

«O mundo poderá ser rejuvenescido de um ou outro modo mas nós não poderemos sel-o. O scepticismo entrou profundamente demais em nossas almas para conseguir ser substituido pela fé, e nós nunca poderemos esquecer tudo aquillo que os novos barbaros nunca sentirão a necessidade de ter sabido. Este mundo, no qual uma discordia insoluvel é o facto fundamental, é o mundo no qual nós estamos condemnados a viver, e para nós a sabedoria deve consistir, não em procurar uma sahida que não existe, mas em fazer as pazes com elle como for possivel fazer... Nossa causa é uma causa perdida e não ha logar para nós no universo natural, mas apezar disso não nos entristecemos de ser homens. Pois preferimos morrer como homens a viver como animaes».

E nesse bello grito de nobreza, de orgulho

e de desespero nós sentimos o éco de uma voz millenar que já resoou na Grecia e que já resoou em Roma, e que é a voz dos «estoicos».

E' um éco de Zenon, de Seneca, de Marco Aurelio, de Epicteto que nós ouvimos resoar de novo, no fundo das phrases desse norte-americano archi-moderno. O mundo repaganisado de nossos dias recorre mais uma vez, em suas figuras mais nobres, áquelle mesmo orgulho do isolamento absoluto que no mundo antigo marcou a separação das almas dignas em face do epicurismo que corroia toda uma civilisação em ruinas.

E o neo-estoicismo de alguns espiritos do nosso tempo vem tambem reagir desesperadamente contra o neo-epicurismo que nos submerge.

E no meio de todos esses conflictos tremendos de uma civilisação que se despede e de outra que se levanta, entre os neo-barbaros do mysticismo mecanista, os super-humanistas do occidentalismo, os epicuristas de uma sociedade que se diverte antes de morrer, e alguns solitarios que renovam o sonho impossivel e nobre do estoicismo antigo, — só a verdade catholica se mantem intangivel, immut.avel, acima de todas as paixões, desafiando todos os tempos e preparando-se mais uma vez para fazer com os barbaros e civilizados do mundo moderno o mesmo que ha quinze seculos teve de fazer com os barbaros e civilizados do mundo antigo: ensinar-lhes a verdadeira civilisação terrena e mostrar-lhes de novo o caminho do céo.

CAPITULO V

CA' E LA'

Os mercantes luzos do seculo de quinhentos, quando se soltavam pelos mares incertos á busca do sandalo de Timor, da canfora de Bornéo, dos diamantes de Narsinga ou do páo de tinta das feitorias pernambucanas, chamavam de «calmaria pôdre» áquelles dias interminaveis «sem ventar, bafo de vento» em que o navio ficava por ali, «lavrando o mar», como elles diziam, levado pelas correntes, numa espera enervante, com os viveres a diminuirem de dia para dia, e a agua dos barrilotes a seccar, como o proprio Gonçalves Dias nos conta em pleno seculo XIX, de bordo do brigue que o levava á Europa doente e que demorou tanto a chegar, que o deram por morto, no Recife, e escreveram necrologios bonitos a seu respeito!

Pois bem, a nossa literatura de hoje, depois dos ribombos e rupturas, das controverversias e demolições dos ultimos annos, como que entrou na zona da calmaria pôdre. Parece que tudo gorou. Não se vê um livro novo. O que apparece dá logo a impressão do já visto. E o que quer não ser já visto, sente-se logo que é coisa que não fica, feita para um momento de distracção ou de originalidade força-

da. Parece que ha um cansaço. A raça é fraca. Fez um esforço forte demais. E agora parou de novo, para banzar um pouco, para fumar um cigarrinho lá fóra — coisa bem nossa, o cafésinho entre dois negocios importantes. Nada que a vida não é meio de morte... Isso que é tão pittoresco, mas tão enervante em nosso caracter, essa esperteza de «não ser trouxa», de «saber levar a vida», de ser «philosopho», tudo isso que o povo resumiu como ninguem, na phrase celebre do «Deus é brasileiro», — tudo isso é que faz a calmaria pôdre das nossas letras actuaes.

Houve um momento semelhante ha quinze annos atrás, pouco antes da guerra. Foi quando a literatura velha morria e a nova ainda não tinha começado a nascer. Houve um «no art's land» entre as duas eras, entre as trincheiras já vasias, de um lado e as que ainda não tinham começado a se encher do outro. Durou pouco. Logo depois começou o toque de alvorada do sr. Manoel Bandeira. E o pessoal novo foi chegando, foi reunindo, foi começando o bate-bocca e em pouco tempo era uma zoeira em que ninguem se entendia. Todo o mundo era moderno. O modernismo, como toda revolução aqui, se resolvia num adhesismo geral. A literatura em peso com raras e fortes excepções, adheria com gosto, levada na onda. E como sempre a coisa foi morrendo sosinha. E o que era artificio, e não era pouco, foi caindo sem vida, sem força para viver depois de passado o gostinho da novidade, o escandalo que sustenta por algum tempo tudo o que se insurge contra a rotina. E de vez em quando,

apparecia uma obra grande e forte, o *Estrangeiro,* a *Bagaceira,* alguns poemas por aqui e por ali, algumas paginas e expressões, sobretudo o tom expressivo de algumas paginas de *Macunaima* e o rythmo da *Negra Fulô,* e a melancolia, a saudade vaga não sei de quê, tão nossa, do *Canto do Brasileiro.* Foi morrendo o bate-bocca. Foi voltando a somnolencia aos arraiaes. E voltaram os fortes a trabalhar em silencio, os fracos a bocejar na rêde e os inquietos e disponiveis a sondar os horizontes futuros, promptos ao novo toque de alvorada, com os manifestos do *espirito novo* de amanhã na gaveta, á espera de um signal para adherirem mais uma vez e surrupiarem de mansinho alguns nickeis de celebridade em algum quadro novo que se prepare nos bastidores da nova geração.

Porque se ha qualquer logica no succeder dos rythmos literarios, a calmaria pôdre que estamos atravessando prepara uma nova ruptura daquelle ôdre das cavernas dos ventos, de que Andersen nos fala em um dos seus contos mais bellos. Devemos estar em vespera de qualquer coisa, tal o silencio a inercia e a esterilidade que nos cercam. O modernismo intencional *gorou,* como lembra ainda uma vez um dos que passaram por todas as phases modernas das nossas letras mais recentes, o sr. Jorge de Lima. Elle passou pelo anti-modernismo, pelo modernismo-imitativo, pelo modernismo-espontaneo, dando-nos ao menos um poema que será das poucas coisas que *fiquem* de tudo o que se tem feito nestes ultimos dez annos e hoje escreve com toda a lucidez sobre o estado actual das nossas pesquizas por uma expressão

propria e nossa. Essa pesquiza é justa, necessaria, é mesmo o que justifica muitas das loucuras e inconsciencias que se fizeram em nome do *espirito moderno*. E o sr. Jorge de Lima volta a lembral-a em uma das duas theses com que concorre a um concurso para a cadeira de literatura, no Gymnasio de Maceió, e que reuniu num volume muito interessante.

JORGE DE LIMA — «*Dois Ensaios*» — *ed. Casa Ramalho — Maceió — 1929.*

— «Do mesmo modo que a nossa tradição literaria é portugueza ou franceza, a nossa linguagem escripta é verdadeiramente lusa. Foi esse modernismo nosso que tentou com certo resultado botar na escripta alguma coisa da fala brasileira, do nosso caracter de dizer... Alguem já advertiu que esse brasileirismo de quero porque quero iria degenerar num jacobinismo inutil, numa basofia fôfa, numa preoccupação infantil de marca registrada nacional. Mas é preciso observar tambem que a preoccupação do universal, o cuidado de pesar para o resto do mundo é uma preoccupação mais fôfa ainda. Cosmopolitismo é indefinição. E nós precisamos antes de tudo de sêr. Só assim interessariamos aos outros. O perigo da indefinição deveria amedrontar-nos tanto quanto amedronta o allemão de hoje quasi afogado pelo judêo» (pagina 132).

Anda, vira e mexe, o problema literario mais actual entre nós, continúa a ser, hoje como ha trinta annos, o problema do regional e do uni-

versal, do indigena e do alienigena. Rythmo de toda a nossa historia literaria, obsecção de todos os nossos artistas, problema latente em todas as faces da nossa vida, drama profundo de todas as nossas almas que se debatem sempre no fundo, como se debatia a de Nabuco entre «o Brasil e o mundo» — esse rythmo binario de todo o nosso caracter brasileiro é o que vamos encontrar, ainda uma vez, nestes dois ensaios do sr. Jorge de Lima.

Sempre julguei ver no brasileiro ao lado do localismo sentimental que o penetra todo, o mais europeu dos americanos, o mais civilizado no sentido etymologico do termo, o menos mystico, o mais *humano* no povo inculto e o mais *humanista* nas classes cultas. A monarchia concorreu muito para isso e por isso mesmo somos os unicos americanos que justificariam, em seu caracter ethnico e independente do historico e politico — a reinstauração de um regimen monarchista, que fôra talvez o mais compativel com todo esse rythmo essencialmente binario de nossa historia e de nossa psychologia. A fusão do senso local com o senso universal, que é, em politica, a essencia dos regimens monocraticos e corporativos, corresponde em nossas almas ao duplo appello da terra pequena e do mundo largo, do coração brasileiro e da intelligencia universal. E dahi a conformidade absoluta do catholicismo com o nosso caracter. A doutrina da Igreja é a mais *universal* das doutrinas religiosas, e ao mesmo tempo a que melhor explica e suscita a effervescencia *do senso* religioso local, *regional*, com os seus padroeiros differentes, as suas festividades

caracteristicas, todo esse regionalismo religioso que permitte uma maior *intimidade* entre a alma popular e a revelação das verdades mais augustas. Dahi a grande surpreza que causa, aos não catholicos, esse encontro facil, e sem esforço, na mesma fé, entre os mais complicados e os mais simples. O catholicismo é a religião natural, poderiamos dizer, de uns e de outros. E' a que satisfaz, sem esforço aos mais subtis e complexos, que chegaram á simplicidade por um requinte de paradoxos successivos, — e ao homem rude que se deixa levar, sem esforço, pela belleza da liturgia e pela imponencia das procissões ou pela alegria exterior das festividades religiosas que os puritanos chamam de paganisadas, da mesma fórma que o baptista ou o methodista vulgar invectiva o Papa por causa da *sedia gestatoria* ou das *loggias* de Raphael....

No sr. Jorge de Lima, como eu ia dizendo, e especialmente nestes dois ensaios que se acotovelam aqui no mesmo livro um sobre Proust e o outro sobre as pesquizas mais brasilistas, mais nativistas do nosso modernismo literario, — no poeta regional nordestino, que tinha em projecto um livro *em allemão* sobre sociologia brasileira e penetrou fundo nos meandros mais excusos da alma proustiana, ha vivamente essa fusão ou coexistencia dos dois rythmos fundamentaes de nossa historia.

E como observou com razão, o sr. José Lins do Rego, uma das paginas mais interessantes e originaes deste volume é a que elle dedica ao estudo da psychologia religiosa do povo brasileiro. Creio que nada ainda se tentou aqui

nesse sentido, a não ser com intuitos de ataque ou de correcção didactica. O sr. Jorge de Lima, em cujo espirito e em cuja arte ha tanto da nossa religiosidade popular, se bem que consciente, em um plano psychologico superior, das imperfeições saborosas dessa religiosidade nativa — o sr. Jorge de Lima estuda essa religiosidade do nosso povo com acuidade psychologica.

— «Parece que os outros povos amam a Deus e nós gostamos de Deus. Nós gostamos muito de Nosso Senhor. Um dia nós fomos cathecumenos. Os outros povos acceitaram o christianismo num nivel, num plano de civilisação, de preparo prévio que nos faltou. Christo veio nas caravellas para o Brasil. A humildade d'Elle desceu á braheza do indigena, desceu, desceu, até o indigena comprehender».

E depois de contar como o chefe de uma tribu africana, vendo o fracasso da pregação de Livingstone junto aos negros, disse-lhe: — «Pae Livingstone, isto não dá resultado. Vou mandar surrar o pessoal a couro de rhinoceronte e você verá como a coisa agora vai»... E commenta então o sr. Jorge de Lima mostrando como Anchieta não teve a illusão de Livingstone e foi logo appellando, não para o couro de rhinoceronte... mas para a fantazia daquellas creanças do matto: —

— «Anchieta só faltou passar o seu pessoal tambem nas embiras porque tudo elle fazia para gravar naquellas creanças grandes a palavra eterna. E o processo mais pratico, mais pedagogico, não era fazer o indio comprehender a religião, era fazer o indio gostar da religião... O indio havia preparado o terreno religioso para

o negro. Este foi chegando e sem precisar dos autos interessantes de Anchieta ... foi logo gostando da religião... Aquella gente não era o grego, não era o corynthio, não era o galata não era o thessalonico, não era o chinez, não era o puritano. Não se podia prender aquella gente a epistola nem a pistola. Nem como S. Paulo, nem como Argall. Aquella gente era criança. E nas crianças ninguem póde corrigir as crianças das noite para o dia. Nós ainda somos crianças tambem em catholicismo. Não pensem que eu estou desgostoso com isto. Não estou não. Jesus até gostava, era das crianças» (p. 109/114).

Ha no temperamento do sr. Jorge de Lima muito dessa religião santeira e festeira do nosso povo e é o que dá o melhor sabor dos seus versos. Apenas, em vez de enxergar nesse mixto de catholicismo puro e de grosseiro fetichismo do nosso povo, como enxergam alguns sectarios do quasi defunto anthropophagismo, uma prova *contra* a religião, o sr. Jorge de Lima vê perfeitamente que, — «falar verdade, isto não é catholicismo, mas é um terreno preparado para o catholicismo nascer» (p. 120).

Por alguns poemas do sr. Jorge de Lima, e agora por essas suas paginas agudas de psychologia religiosa do nosso povo, podemos comprehender melhor que em nenhum outro documento da nova geração, esse caracter *fundamental* da nossa psychologia nacional, que se reflecte em toda a nossa historia, em nossa literatura e em nossa personalidade. E que por isso mesmo os nossos historiadores literarios,

politicos ou sociaes costumam desconhecer ou desdenhar...

Todo esse estudo em torno do problema de nossa *expressão* nacional é de uma penetração subtil na verdadeira psychologia do nosso povo, de que o sr. Jorge de Lima está realmente embebido. Por onde se vê, mais uma vez, que só se conhece bem aquillo que se ama, pois a comprehensão não é apenas esse acto da razão fria dos racionalistas. Se é possivel, talvez, amar sem conhecer, — é preciso entretanto, amar para conhecer. Nem mesmo o proprio erro é possivel conhecer sem amar... a verdade.

O sr. Jorge de Lima não é um fetichista do modernismo nem um sceptico da literatura. «Do mesmo geito que o Alencar foi um abolicionista literario do indio e o Castro, do negro, o modernista tentou a sua alforria. Mas, questão de força, bem poucos tiveram muque para rebentar os erros. Porque soltar os pés do tronco para metter a cabeça na canga é ficar mais preso ainda. Preso pela cabeça. Agora, cortar a cabeça para se libertar da canga ou para provar que isso de literatura não vale nada é até bancar o suicida». (p. 138).

Mas de tudo, o que conclue é a necessidade de — «procurar trazer o homem brasileiro á sua realidade ethnica, politica e religiosa» (p. 103), o que se póde prestar a muitas interpretações contradictorias como phrase solta, mas que no contexto da these é justa e exacta conclusão.

O primeiro dos ensaios é sobre Proust. E não destôa tanto do segundo, se bem que marcando ao vivo, como indiquei o rythmo binario,

regional-cosmopolita, do nosso pensamento brasileiro.

Ainda uma vez se tocam os extremos. O estudo sobre os estados de psychologismo extremo de Proust e o estudo sobre os estados de psychologismo rudimentar, de Macunaima e outros, — marcam a mesma permanencia no indistincto que é o caracter distinctivo de todos os extremos psychologicos. Se não podemos dizer de Proust que elle é um extremo de dissolução psychologica, porque Joyce ou os suicidas intellectuaes do supra-realismo já deram sobre elle um grande passo abaixo, — póde-se dizer que elle marca o limite dos dois mundos o da consciencia e o da sub-consciencia, o dos estados lucidos e o dos estados confusos, o do ainda logico e o do já irracional. E Proust marcou genialmente essa transição para o suicidio expressivo ou para as reconstituições violentas da expressão, que succedem a toda negação extremada.

Toda a psychologia moderna, que se recusa deliberadamente ao que se possa exprimir por palavras, vendo na palavra o opposto do que via Bonald, isto é, em vez da Revelação a Negação da verdade, — toda essa *psychologia do gesto,* é o que encontramos em Proust. E Marcel Jousse, em seus estudos de genetica linguistica, veio revelar-nos que o *gesto manual* por sua vez foi a origem da linguagem. De modo que a *psychologia gestual* de Proust, ou que começa em Proust, (psychologia em que a comprehensão é por assim dizer metalogica, pois já não se satisfaz com a logica e crêa não sei que *logistica,* que deslumbra os philosophos

idealistas e os mathematicos não-euclydeanos) e a *psychologia-gestual* dos povos primitivos que Marcel Jousse estudou, é no fundo a mesma tendencia, a mesma fusão interior, a mesma indistincção que marca os estados iniciaes e finaes de todo movimento psychologico.

E esse psychologismo gestual, que Proust iniciou apenas, ainda em uma phase nitidamente intellectualista (pois Proust, como Debussy foi um hyper-intellectualista) e que hoje encontramos em sua phase nitidamente gestual, em Joyce ou no expressionismo ou no ultraismo em todas as modernas degradações do pensamento a instincto e gesto puro — esse psychologismo gestual é o que vamos encontrar, em rudimento, nos barbarismos brasilicos que o sr. Jorge de Lima estuda ou tenta, como expressão tacteante da nossa *psychê,* como dizem os pedantes do psychologismo scientifico contemporaneo.

Mas todo o estudo sobre Proust é tambem de grande acuidade psychologica.

«Proust se apresenta como o mais compósito dos relativistas» (p. 58).

«Não existem pessoas nem individuos na obra delle. A personalidade fragmenta-se, divide-se até o tamanho das sensações, o individuo (in-dividuo) se dissocia, desapparece. Nada é estavel ou convencional nelle. Resta o homem. E este é eterno. E' o homem extra-temporal. O homem proustiano» (p. 60). Haveria qualquer coisa a dizer sobre esta tri-divisão em pessoa, individuo e homem, que me parece inutil, pois a distincção entre *pessoa e individuo* já nos dá tudo o que

precisamos para uma psychologia realista da alma humana.

— «O homem infantil (em Proust) com tendencias feminis estreitamente pegado á Avó, com um «transfert» identico para a mamãe não soffreu a libertação que a Igreja exerce em todos nós como fonte para a masculinisação» (pagina 40).

«Só não ha juizes nesse mundo interessante (de Proust) porque não existe nelle nem Bem nem Mal» (p. 71).

«Ninguem póde negar que ha toda uma dialectica conjunctamente com uma infinidade de pontos de contacto entre Proust e os mais eminentes judeus seus contemporaneos» (pagina 78).

«A sua maior originalidade... é o homem extratemporal» (pagina 75).

«A obra de Marcel assemelha-se assim a um romance de mundanidades, encobrindo uma tragedia de sentimento» (pagina 51).

«Judeu de genio» (pagina 82).

Esses juizos esparsos estão entretecidos numa comprehensão um pouco confusa, por apressada e escripta ao correr do pensamento, mas bem profunda da psychologia proustiana. E é suggestivo approximar os dois ensaios, como no seculo XVI se levaram os nossos tupynambás á côrte de Henrique II.

CAPITULO VI

SCHEMA DE UMA GERAÇÃO

— «*L'homme, ce monstre d'inquiétude*».

PEGUY.

Quasi todos os nossos grandes romances são livros voltados para o exterior, ou como diria algum psychologo moderno — extrovertidos.

As «Memorias de um Sargento de Milicias», a «Moreninha», o «Guarany», a «Innocencia», o «Mulato», o «Missionario», «Chanaan» a «Esphinge», a «Bagaceira», etc., os mais conhecidos e os melhores romances que possuimos são livros de costumes e de ambientes em que o autor quando muito vive indirectamente em algumas de suas personagens. Machado de Assis poderá ser considerado até certo ponto em opposição a essa corrente. Seus romances são bem mais voltados para dentro que para fóra. Mas ainda assim não se póde bem falar de romance introspectivo, a seu respeito. Elle foi o creador do romance psychologico entre nós. Isto sim. Elle marcou o momento em que o estudo do homem passou a predominar sobre o estudo do meio ou sobre o romanesco propriamente dito. Seus romances foram os primeiros em

que pouco ou nada se passava. Os primeiros em que a natureza e a sociedade cediam francamente ao espirito, aos movimentos interiores das almas, ás idéas. E nesse ponto marcou vivamente o estado de espirito de uma geração, que foi antes a que se seguio a elle, do que propriamente a sua. Pois Machado de Assis foi contemporaneo de varias gerações, mas nunca teve a bem dizer — a *sua* geração. Foi differente de todas e sempre fechado. Dahi a sua inclusão entre aquelle genero de artistas, que um critico de arte allemão (sempre o gosto germanico pelas palavras novas...) chama de — tectonicos. A arte *tectonica* é a arte fechada, voltada para dentro como a arte moderna ou contida em certos limites precisos — como a arte classica. A arte *atectonica* é a arte aberta, voltada para fóra, como o estylo barroco ou como todo o romantismo.

Machado de Assis, portanto, como creador do verdadeiro romance psychologico, entre nós, foi de certo modo o iniciador do romance fechado, do romance que desdenha o leitor mediano e que visa muito especialmente o que podemos chamar — as *correspondencias*. Ha artistas que trabalham para todo o mundo, desdenhando a differenciação. Outros que trabalham para pouca gente, visando alguns escolhidos, procurando justamente a *correspondencia* em certos espiritos, a repercussão, a vibração simultanea de alguma corda secreta. E dahi o caracter de relativa interiorisação de seus livros. Relativa, sim. Pois foi mais um psychologo do que um introspectivo. Sempre teve horror ao lyrismo e a frieza glacial de tantas de suas pa-

ginas provém dessa impossibilidade de *abandono* que ha na base de toda arte que se faz fim de si propria. Um artista, que nos arranca a nós mesmos, é sempre o que excede da sua esthetica. E que se entrega.

A si mesmo, como os introspectivos, ou aos outros, como os extrospectivos. Mas que se entrega, que se dá, que sae de si mesmo, ainda quando não faz senão se examinar, como Proust. Machado, não, é o homem que sempre se reserva, que sempre acaba em reticencias e que portanto fecha sempre a porta na nossa cara, quando já nos dispomos a entrar por elle a dentro.

Esse geito tão seu, essa incommunicabilidade desejada do homem que sempre se fechou e que por isso mesmo tanto seduz como irrita, torna-o solidario com esse caracter quasi unanime de exteriorisação que vem sendo o do nosso romance desde que temos romance. Parece que deixamos o lyrismo para a poesia. Julgamos que a prosa exige que deixemos de lado as confissões.

Hoje em dia, com a indistincção sempre crescente entre prosa e verso, e sobretudo com a indifferenciação geral dos generos estheticos, o romance começa a voltar-se mais para dentro e a reflectir mais vivamente os dramas da propria consciencia. E, com isso, a tornar-se mais intenso, e a reflectir não mais a vida em seus caracteres manifestos, como quiz fazer o naturalismo systematicamente, — e sim a vida em seus movimentos intimos.

Entre nós ainda vivemos afundados no realismo exterior. A maioria dos romances que me

chegam ás mãos são ainda historias de coisas que se passam muito correntemente na vida exterior. Estudam meios, costumes, ambientes, phenomenos sociaes e pouco se demoram dentro dos homens.

Nesse ponto é que considero notavel o romance que Jackson de Figueiredo deixou inedito, e de que publicamos dois capitulos apenas no *In Memoriam* que sobre elle recolhemos.

E' um romance rigorosamente introspectivo. Pela primeira vez, na historia do nosso romance, o autor vem contar-nos apenas o drama de sua propria consciencia, a memoria de sua experiencia tragica da vida. Dahi a sua impossibilidade de agradar aos espiritos mediocres, que vivem sempre do lado de fóra das coisas e para quem a sua propria razão é o espelho de todo o universo.

Ora, acaba agora mesmo de publicar-se discretamente no Recife um pequeno romance, de pouco mais de 150 paginas, em que apparece indirectamente o mesmo *espirito* do romance de Jackson. Esse espirito que faz do romance, não mais uma obra de imaginação, mas de confissão. Não mais o desejo de reflectir, esthetica-mente, o mundo exterior, e sim a necessidade de contar alguma coisa, de dar conta de uma experiencia dolorosa e pessoal da vida.

Luiz Delgado — Inquietos — liv. Universal. Recife, 1929.

Eu asseguro que o sr. Luiz Delgado é uma das nossas maiores possibilidades. Ha pouco mais de um anno não o conhecia de todo. Hoje ainda

o não conheço pessoalmente. Mas o que já li delle, nesse meio tempo, me enche das mais fundadas certezas. E' um dos espiritos mais curiosos do nosso tempo. Uma das figuras mais *profundas* da nossa geração e que ainda ninguem conhece aqui, pois ainda não se deu a conhecer. E agora me lembro quanto essa affirmação vai parecer *suspeita*. E' o termo com que se descartam de nós os nossos adversarios. Todo homem que optou passa a ser suspeito. E sobretudo todo homem que optou religiosamente. Entre nós ainda não se admitte, em materia de religião, senão o mais vago pragmatismo. E todos os que vêm na religião o que ella tem de ser ou não ser, isto é, a verdade, são logo taxados de *suspeitos* a respeito de tudo o que escrevam ou affirmem. Ainda ha tempos, a proposito das considerações que ousei fazer sobre Freud, recebi de um freudiano convicto, — e aliás camarada *calé* na materia, ao que dizem, e homem verdadeiramente culto em sua especialidade, — recebi a classificação decisiva de — «critico suspeito». Suspeito por que? Necessariamente porque catholico. Não tenho duvida de que foi essa a intenção do meu contradictor. Uma vez que se saia da pan-religiosidade em que gostamos de viver — neste nosso impagavel «melting pot» de todas as idéas, aspirações, tendencias, vicios, raças, systemas, ambições, que é a vida do Brasil de nossos dias, e de todos os dias, — não podemos mais ser ouvidos com isenção. A verdade, para os brasileiros, ainda é necessariamente um preconceito. A verdade religiosa sobretudo. Esse critico freudiano póde falar de suas idéas com toda a insuspeição. Mas um cri-

tico catholico não póde falar das suas sem passar logo por *suspeito*... Logica bem de nossos dias, bem da anarchia dos nossos espiritos e sobretudo do tremendo preconceito anti-religioso do nosso scientificismo.

Quando eu affirmo, portanto, que o sr. Luiz Delgado é uma das primeiras figuras da nossa geração, todos murmurarão logo — elogio mutuo, capellinha, etc., etc. Aqui entre nós ainda não chegamos a comprehender que o agnosticismo, o liberalismo, o egotismo, todas essas fórmas de *recusa* deante da realidade, pódem ser tão suspeitas quanto o opposto. A suspeição não está na attitude e sim no temperamento.

Partidario ou adversario do sr. Luiz Delgado, portanto, pouco importa. O que importa é a responsabilidade de uma affirmação como esta: esse moço pernambucano, inteiramente desconhecido entre nós aqui no Rio, — e que estréa inesperadamente com um romance, quando é um pensador e um critico de idéas — esse moço é um dos valores mais positivos das novas gerações. E para nós, que estamos empenhados nesta obra de renovação religiosa e de renovamento pela religião que Jackson de Figueiredo iniciou — na linha entretanto dos grandes pensadores catholicos de nossa historia. Cayrú, D. Vital, Nabuco, Eduardo Prado, Carlos de Laet, etc. — para nós o sr. Luiz Delgado é mais ainda do que um valor positivo. E' a expressão talvez mais viva de um estado de espirito *novo* em nossa mocidade de hoje. E é tambem a prova patente do que foi a acção profunda de Jackson de Figueiredo sobre os *timidos* da nova geração Jackson foi justamente, dentro e fóra da *lite-*

ratura que elle soube ultrapassar, foi um homem aberto, um homem voltado para fóra, de modo que arrancou de dentro de si mesmo muita gente que ficaria irremediavelmente apodrecida na casca por falta de communicação.

Luiz Delgado foi um delles. Não directamente, creio eu. Antes concomitantemente. Seu *caso* occorreu durante os dez annos em que Jackson sacudio as nossas inercias. E não sei até que ponto foi influenciado por elle. Mas o que nos vem contar nesse ligeiro schema de romance é justamente o drama da nossa geração.

Dizem-me que o livro foi recebido friamente no Recife. Eu por mim o recebi ardentemente. E o recebi assim porque me vi retractado pagina por pagina. E afinal de contas o que nos arrebata é exactamente aquillo que desperta *correspondencia* em nós.

E' um livro interior. E' a historia de uma geração, de nossa geração, do drama das perplexidades que vivemos ultimamente e em que vivem ainda tantos de nossos companheiros. Não é um romance feito. Nem um romance de effeito. Nem um romance perfeito. E' um romance vivido. Um romance intensamente *vivo*. E vivo dessa chamma secreta que arde quasi sem luz e que fórma a verdadeira vida interior e profunda. Imagino quanta gente largará desse livro desilludida, murmurando displicentemente sobre a frieza dessas paginas.

De facto, nesse livro intensamente moderno, o que encanta é justamente o absoluto desprezo pelo modernismo. O sr. Luiz Delgado creio que não tomou parte, nem partido, no sururu' modernista. Viveu silenciosamente o seu

drama. Procurou terrivelmente a verdade, emquanto tantos procuraram a repercussão, o effeito, o movimento, a expressão nova, o novo espirito, etc. etc. Elle não olhou a nada disso. Viveu terrivelmente a sua inquietação. Soffreu em silencio. Sentindo que o passado estava morto. E que o presente se agitava furiosamente para fingir de vivo. Mas que nada disso era qualquer coisa de positivo, de solido, que satisfizesse o seu amor pela verdade. Porque o que ha nesse romance, apezar de sua exiguidade, de sua *magreza* excessiva, o que ha de intensamente proprio, e aquillo que faz delle uma das obras typicas dos nossos dias, é justamente essa paixão pela verdade.

Eu positivamente não sei resumir romances. E no entanto, seria preciso contar com muito detalhe o que o autor subtilmente nos vai mostrando na alma desses *inquietos,* que foi a alma de todos nós nesses annos terriveis que se succederam á sacudidela da Guerra e da Revolução, e em que abrimos dia a dia os olhos sobre nós mesmos. E' a vida do Recife em algumas almas de moços que viveram em carne viva a passagem desses longos annos de tortura intellectual. Elle mostra dois inquietos — Eugenio e Paulo — ambos disponiveis, ambos hesitantes, ambos caracteristicamente incaracterizados em suas convicções.

E em face delles surge um terceiro: — «Alfredo Tavares estava absorvendo as attenções dentro da Faculdade. No meio de uma porção de moços desorientados e espiritualmente inuteis, á falta de uma disciplina que a raça não lhes deu e a educação lhes negou, elle appa-

receu a muitos como o realizador do ideal que tinham. Porque a verdade é que elles tinham ideaes: tão sómente, descobril-os e alcançal-os com as unicas forças individuaes num ambiente adverso — ahi estava uma tarefa que exigia temperamentos de martyr e de heróe». Alfredo fez-se communista. — «Os rapazes admiravam-no, e applaudiam-no. Sobretudo, elle já conquistara uma convicção e agia para ella Mas era tambem que elles não sabiam até onde o bom senso devia influir nas verdades scientificas, porque deduziam da historia de sua terra que havia duas ordens no mundo: a vida e a sciencia». A *vida* era apenas um empirismo rançoso, aprendido com os «Jesuitas de Portugal e frades de toda especie», e que exprimia bem o passado em todo o seu atrazo. A *sciencia* era o materialismo e a Evolução. E a Evolução matou a Religião, na mente dessas gerações universitarias, como se fossem positivamente momentos necessariamente successivos, *estados* de transformação da humanidade, que hoje se fazia materialista com a mesma preterminação com que fôra outróra espiritualista.

Em torno de Alfredo se juntam portanto os espiritos que vencem a inquietação pela materialidade systematica.

Mas o caso de Eugenio, de Paulo, de Carlos, é muito mais complexo, muito mais difficil, e em cada um delles, é que sentimos palpitar mais vivamente o reflexo de nosso drama interior. Não se trata mais de reduzir tudo áquelle estagio que Renan via como o *nosso*, — «a organização scientifica da humanidade». O problema é infinitamente mais difficil e va-

riado. E essa organização scientifica passa a ser apenas um dos objectivos secundarios e mesmo, em certos casos, um obice insuperavel.

Paulo e Eugenio, aquelle mais avançado no caminho da solução, por meio do estudo de uma philosophia sadia que lhe revelou — «as virtudes da ordem» e da harmonia de todos os valores, e Eugenio mais impetuoso, mais individual, voltando á verdade total, por uma acção mais illuminativa e sentimental, — ambos vêm a necessidade terrivel de optar:

— «Você vê como o mundo inteiro é presa da agitação intellectual como a intelligencia desencadeia lutas. Vê a Russia, a Italia, a França... Ahi está a Asia erguendo-se contra a Europa. O que vae ser da America? A America ingleza, já se sabe mais ou menos o que tem de ser. Mas a iberica, a que nasceu de Portugal e de Hespanha? E' nós, qual será o nosso papel no mundo?»

Essa necessidade de caracterisação collectiva vem sommar-se á tragedia da pesquiza intima.

Alfredo, o communista, provoca uma revolução e é morto. Carlos, o estheta, o que vivia apenas pelos sentidos, tambem é morto pelo pae de uma moça a quem *fizera mal*. E Eugenio sente a necessidade cada vez mais premente de vencer os fantasmas interiores.

— «Acontecia que elle estava ligado a um e a outro por certa admiração. Ambos lhe tinham revelado um aspecto da vida do espirito; brilhante, mas superficial, em Claudio, e, em Alfredo, firme, porém viciada de sonhos e imaginações, — o certo é que elles não abdica-

vam da intelligencia, nem a punham a serviço dos simples interesses materiaes. E Eugenio, embora discordando profundamente delles, embora fugindo do estheticismo de um e do materialismo do outro, sabia reconhecer e louvar o valor que já existia nessa attitude».

E lentamente a alma de Eugenio vai conseguindo vencer a sua propria indistincção, a sua excessiva subtileza, o seu amor aos eternos entre-tons, até chegar á luz.

— «Elle tinha fé, pela primeira vez! Fé na força humana que póde semear attitudes. E como não repudiava o seu anterior soffrimento, e como sabia quanto elle lhe custara em meditação e vigilia, sabia tambem que o esforço vale pelas rectificações que a intelligencia lhe exige, pela sua subordinação á verdade». Mas foi deante das orações dos frades de S. Francisco que a sua alma se *abrio* definitivamente: — «Aquellas vozes fortes de homens na quietude da tarde, rolavam dentro da igreja, submettidas a uma absoluta disciplina. Mais do que essa disciplina, dominava-as, porém, um sentimento de submissão deante da ordem do mundo e um sentimento de vertiginosa liberdade individual, que os fizera renunciantes e mendigos, longe da patria e dos seus».

Não tenho espaço para entrar em mais detalhes. Essa passagem da inquietação á affirmação, que tantos de nós soffreram em carne viva durante estes ultimos annos, é que fórma realmente o nervo desse schema romanceado, por vezes excessivamente schematico, mas profundamente impregnado de verdade, como

qualquer coisa que vem realmente do fundo de um espirito e de uma geração.

Considero, por isso mesmo, esse livrinho como um dos mais typicos que tenho lido ultimamente. Nessa delimitação de campos que se vai fazendo nas intelligencias novas entre nós, depois do absoluto individualismo dos ultimos annos, o sr. Luiz Delgado passa a occupar um posto do mais alto relevo. Não é aqui o companheiro de fila, que fala. E' sim o critico, que procura ver as coisas e os homens como são, e que não considera a imparticipação como synonima de imparcialidade.

O valor consideravel da prosa do sr. Luiz Delgado, é um pouco semelhante ao dos poemas do sr. Augusto Schmidt — a ausencia de toda modernidade desejada. O estylo desses *Inquietos* lembra um pouco o de Julien Green e seduz pelos mesmos motivos. Julien Green, depois dos fogos de artificio de Morand e Giraudoux, foi na literatura de França uma surpresa. Absolutamente opposto. A ausencia de toda imagem, de todo brilho, de todo imprevisto. A monotonia como elemento de resalto. Um paradoxo.

No sr. Luiz Delgado ha qualquer coisa de semelhante. Estylo sem um adjectivo que salte, sem um termo novo, nem um regionalismo desejado. Nada, nada de barbaro, nada de modernismo convencional. De brasileirismo modernista. O contrario. E dahi o que acho nelle de consideravel. Pois cada vez mais só admitto o moderno que não *pense* em ser moderno. O que é o unico meio de o ser de verdade. sinceramente.

CAPITULO VIII

ROMANCES

Nenhum destes romances vem enriquecer a nossa literatura. Nem pela revelação de um romancista novo, nem pela expressão de um thema original, nem por um modo inédito ou forte de tratar a realidade. São todos mais ou menos «batidos», como se diz. Se bem que haja entre elles uma hierarchia de qualidade, que penso ser mais ou menos a ordem em que os vou dispor. E havendo, além disso, uma nitida superioridade dos dois primeiros, especialmente do primeiro.

Sarrazal — Pedras de Escandalo. Liv. Moura, Rio, 1928.

Este é, o que se pode chamar — um bello livro sacrificado.

Sacrificado em primeiro logar — typographicamente. Uma capa abominavel, que em nada recommenda os meritos de desenhista do proprio autor do romance, que a assigna (ia escrevendo — assassina...), a ausencia de margens, o máo gosto typographico, tudo predispõe mal o leitor. O titulo está de accordo com a capa, sem gosto, sem nenhuma relação com o

«espirito», do livro — e apenas com alguns episodios delle, — e dando a entender que o A. se alista na phalange dos cabotinos, que procuram iscar os leitores por letreiros. O pseudonymo tambem não convida á leitura. E muito menos o numero excessivo de paginas.

Tudo isso são condições mais ou menos secundarias, sem duvida, mas que concorrem para sacrificar um bello livro que merece melhor sorte.

Quanto ás condições interiores, se podemos assim dizer, ha algumas tambem que prejudicam gravemente o volume. Todo elle é escripto numa linguagem muito correcta, sem duvida, toda camoneana por vezes (são numerosas as citações dos «Luziadas») mas por isso mesmo nada brasileira, nada nossa, nada original, e além disso sem nervo, sem vitalidade. A «fórma» do romance, no sentido philosophico, tambem soffre do mesmo mal de sua «fórma» no sentido literario. E' um livro de estructura antiguada, escripto em moldes velhos, num realismo já passado, e frequentemente exterior, meramente descriptivo, com a intervenção de typos já bastante convencionaes, como o reporter ou a melindrosa Sylvia ou o velho Conselheiro Garcia ou o proprio Arnaldo, o idealista que a realidade desengana. Todos esses typos são bastantes «exteriores». Vistos de fóra apenas, ou quando vistos de dentro, como Arnaldo, — sem grande humanidade, ou pelo menos excessivamente «simples». São todos creaturas de um bloco só. Sem complexidade. E isso difficilmente pode satisfazer ao nosso paladar. A messe immensa de romances, hoje em dia, tornou-nos

exigentes. E depois, a penetração psychologica se tem feito em tal escala, que uma psychologia superficial, apenas de attitudes e disposições geraes, já não pode contentar-nos. E entre nós a psychologia nos romances ainda se limita geralmente, a traços geraes, e as situações preoccupam mais aos romancistas do que as repercussões da vida no fundo dos espiritos. Parece que ainda ha entre elles, como nos autores de theatro, a preoccupação da «scène à faire». Julgam que um romance em que não se passe nada não é um romance. Erro vulgar de technica, de gosto ou mesmo de «vocação» literaria. Pois eu creio que, hoje em dia, o romancista nato não é o homem imaginoso que sabe agenciar situações imprevistas, ou o homem meticuloso que sabe observar meios especiaes, com a reproducção conscienciosa de expressões pittorescas ou de costumes proprios. O romancista deve ser um recreador da realidade. Deve assimilar em si a realidade, não para reproduzi-la deante de nós, mas para a restituir completamente alterada por essa permanencia no fundo da alma. Tudo mais é photographia. E nós estamos ainda muito impregnados do preconceito photographico do romance. Bem sei que todo romancista, bom ou máo, se julga sempre um recreador da vida. Todos asseguram que a sua arte é uma realidade vista através do seu temperamento, segundo a formula batidissima que attribuem a Zola. Mas não basta dizer, nem julgar que se faz, o essencial é fazer. Ainda ahi é pelos frutos que se reconhece a arvore. E quasi todos os que se julgam recreadores, são simples reproductores ou

imaginadores, isto é, dominados pela realidade exterior ou incapazes de vencer o simples e facil jogo da fantasia.

Neste romance que examinamos, ha esta preoccupação da «scène à faire» e a scena que o A. visivelmente colloca no centro do livro — a scena da fuga da noiva em plena ceremonia matrimonial — é absurda, inverosimil (não «irrealizavel», comprehenda-se, pois tudo pode succeder na realidade e o inverosimil não é o que não se «pode» realizar e sim o que não se «deve» realizar. A realidade (no sentido historico, do que realmente «se passou», exteriormente) muitas vezes é a negação da verdade. E o que deve interessar ao romancista verdadeiro não é a realidade e sim a verdade. Foi o que não quizeram ou não souberam ver os realistas-naturalistas, de que estão ainda tão imbuidos os nossos romancistas de hoje). Essa scena central do livro, a maior «pedra de escandalo» de todo elle, é puramente rocambolesca. E' uma scena de leitor de folhetim, não de artista. E' uma scena perfeitamente possivel, mas inverosimil por desnecessaria, por theatral, por simplesmente folhetinesca e «feita». Longe de enriquecer o romance, enfraquece-o consideravelmente.

E finalmente ha o tamanho do livro que é excessivo. O autor quer sempre dizer tudo, — o que é um pouco humilhante para o leitor! Só diz tudo quem desconfia da comprehensão de quem lê. Pois as reticencias são sempre ou uma ironia ou uma homenagem...

Se especifiquei todos esses defeitos que encontro no livro é que não o considero de fór-

ma alguma um romance indifferente e sim, como disse de inicio — um bello livro sacrificado.

O autor revela pulso de romancista. Sabe fazer viver e fazer commover. A morte do filho de Valentina, por exemplo, é o capitulo mais curto do livro, creio eu. E entretanto é impressionante. Só uma alma que sabe soffrer pode «dizer» tão sobriamente, e com tanta emoção «não literaria», uma scena tão dolorosa. São desses relances que revelam o escriptor, e compensam tanta estirada desnecessaria.

E por isso mesmo é que estranho a incongruencia entre um titulo, uma capa, um pseudonymo que parecem relegar o livro para a literatura de escandalo — quando o livro é exactamente o opposto; um livro de elevação, de nobreza, de rajadas de ar puro varrendo de vez em quando os vapores mephiticos da realidade, um livro cujo mysterioso autor se revela essencialmente uma-alma nobre e fina. E' um livro de indignação e de revolta, mas sem que isso transpareça muito vivamente. E estudando, com grande perspicacia e visivel observação «directa» e pessoal, um meio politico municipal. Ou muito me engano, ou o que o A. estuda é o meio politico petropolitano. E esse meio representa bem ao vivo o reflexo de toda politicagem municipal ao longo desses nossos Brazis. A figura principal dessa politicalha indecente, o Senador Portella, é talvez a mais bem estudada, a mais viva e humana de todas as figuras do livro. E' a unica que tem complexidade, que não é de um só jacto como as outras. Será uma caricatura um pouco car-

regada demais, mas sem nunca perder os traços «vivos». E' das taes figuras literarias que são «mais» do que a realidade simples, como as sabia esboçar esse genial e desventurado Lima Barreto.

O romance estuda, portanto, como fundo do quadro a politica e a sociedade corrompida de um meio (e é essa a grande «originalidade» desse meio em confronto com todo o Brasil); que é ao mesmo tempo — intensamente cosmopolita e luxuoso, caracteristicamente municipal e acanhado em suas intriguinhas politicas e grandemente trabalhador e proletario, portanto abrindo horizontes para o futuro, em todas as direcções. Petropolis, é um meio extremamente complexo, e geralmente desconhecido, pois se tornou apenas synonimo de abastança, snobismo e depravação.

Este livro, em palavras e nomes velados, procura mostrar um pouco da complexidade consideravel desse meio unico em todo o Brasil E como o A. é realmente uma alma cheia de elevação, de sentimento e de idéas — estreou com um livro que já possue de si qualidades incontestaveis, obscurecidas por defeitos removiveis

Paulo de Freitas — O Gaúcho. Ed. Helios Ltda. S. Paulo, 1927.

Ha. como epigraphe desta novela, a seguinte phrase: — «Este livro tem destes extremos: uma nesga de ceu e uma quadra do inferno. Assim, reflecte a propria vida».

Eu penso que ha justamente neste livro

uma ausencia absoluta de céo e de inferno e por isso mesmo uma mutilação irremediavel da propria vida. Seria mais ou menos a epigraphe que eu poria no livro, se para isso fosse consultado (o que é bem provavel que o autor não fizesse...)

Essa epigraphe, que o A. colloca á testa do seu romance, é curiosa por exprimir o gráo de candida «naturalização» a que chegou a maioria dos nossos intellectuaes. Num livro, em que a ausencia de todo sobrenaturalismo é patente, entra pelos olhos do mais displiscente dos leitores, — num livro de absoluto naturalismo, em que tudo se passa entre instinctos e sentimentos rigorosamente «terrenos», o A. julga encontrar o «céo» e o «inferno» e portanto — a «propria vida». Isso mostra o caracter de puro «symbolismo» que essas designações adquiriram na mente dos nossos patricios mais finos. Pois que o sr. Gaspar de Freitas é uma intelligencia subtil, que sabe escrever de leve — como dizia o côro de uma opereta ahi qualquer: «glissez, glissez, mais n'appuyez pas» — e que não gosta da emphase. Ha, portanto, uma candida illusão nessa epigraphe — a verdade está no opposto de suas palavras.

Não é este um livro de opposições violentas, se bem que o thema seja a contraposição do caracter de dois amigos intimos, um silencioso, discreto, acanhado, e o outro arrebatado e violento, devorador da vida, audaz, «o Gaúcho» emfim. Mas essa opposição nunca chega á lucta. Ambos rodam em torno da mesma mulher. E, ao contrairo do que diz a voz corrente, e apesar de ser ella americana do norte

e desenvolta, é o timido que leva a palma, ignorando sequer a coincidencia dos desejos. E é o «gaúcho» que, num gesto final de elegancia e effeito, se afasta para o sul, para os seus «pagos» nativos, já que não pode vencer os seus instinctos nem se resigna á banalidade da traição. E' uma figura nitida, forte, sympathica a do «gaúcho», audaz e nobre. Todos, aliás, são sympathicos no livro. Nada de sátiras nem de torpezas. Nada mesmo de crú, na expressão das scenas. A exhibição de um bello animal (o gaúcho) ao lado de uma bella alma (o paulista) E tudo isso em meio tom, numa linguagem hesitante e velada, numa fórma tambem já velhota, com uma impregnação constante e visivel de Machado de Assis, como o observou o sr. Amadeu Amaral a proposito do primeiro livro do mesmo autor.

Um Addido de Embaixada — O Embaixador Fagundes. Paulo Pongetti & Comp. Rio, 1929.

Este aqui é de outro genero, inteiramente distincto. Não é um romance propriamente dito, — e sim uma farça romanceada.

Eu passei um anno no Itamaraty. E a impressão que de lá trouxe foi a de que difficilmente haverá em todo o Brasil, um ninho de pequenas intrigas e reciprocas murmurações igual áquelle, fervendo num tranquillo alheiamento da grande vida cá de fóra. Só mesmo um romance poderá descrever e dar a «sensação» do que é esse estado de espirito confinado, cuja base é a maledicencia e a ironia, e

que parte da grande opposição dos dois grupos irreconciliaveis — os do corpo diplomatico e os do corpo burocratico.

Esta sátira aguda e farcista, portanto, está bem no espirito dessa casa das nossas mais bellas tradições e onde ainda hoje trabalham silenciosamente alguns admiraveis espiritos cujo esforço passa despercebido ou é dominado pelas arlequinadas de uns ou pelo mutismo vasio de outros.

Esse romance carnavalesco, aliás, não estuda o meio do Ministerio e sim o da diplomacia. E o faz sem subtileza nem vibração, com uma graça quasi sempre forçada, embora num estylo leve, com certas expressões engenhosas, — mas sem passar do puro burlesco. E como todo excesso se nega, por sua propria natureza, acontece que esta sátira falha ao seu objectivo por excesso de sátira e deficiencia, portanto, do verdadeiro espirito satirico. Fica sendo, como simples farça, uma palhaçada de certo espirito e nada mais.

Castilhos Goycochêa — O testamento sentimental de Lysandro de Sant'Iago. Comp. Nac. de Artes Graphicas. Rio, 1928.

Este ainda nos leva a campos inteiramente oppostos. Tanto tem de leve esse vinho picante do sarcasmo diplomatico, quanto tem este «testamento sentimental» de emphatico, de palavroso e de solemne.

E' a historia de um amor por cartas, em que o amante não chega sequer a falar á mu-

lher que ama, de um amor de pura «crystalização» no sentido sthendaliano. Escreve-lhe contando os seus enthusiasmos, os seus delirios, os soffrimentos e as alegrias de uma paixão violenta, como uma chamma. E essas cartas formam o romance, que começa aliás com a morte theatral do seu autor, tysico, numa casinha á beira mar, num canto cheio de solidão e de belleza.

O estylo emphatico, o exaggero inutil das expressões, o desinteresse de um paroxismo que se annulla pela falta de subtileza o romantismo anachronico dessas paginas que lembram um pouco os dannuzianismos da sra. Albertina Bertha, — tudo faz deste livro uma leitura bastante difficil e sem nenhuma importancia literaria... por excesso de literatura.

Eis um exemplo da «literatura» deste romance. E' um sonho do apaixonado: — «Era num grande parque sombrio, onde havia lagos, onde havia cysnes brancos, aos casaes, suavemente deslisando por sobre as aguas tranquillas, muito escuras. Nos canteiros de gramma verde, ainda humida de orvalho, nós dois, tú e eu, eu e tú, cadenciavamos o andar pelo som de uma frauta longinqua, tocada, de certo, por um velho Egypan de pellos hirsutos e olhos de esmeralda. Eu te dizia, Eleonora, em versos canóros, tudo o que te tenho escripto em prosa chilra etc. etc».

Todo o livro é escripto nesse mesmo diapasão, nessa mesma rhetorica palavresca e ôca. Eis um outro desses trechos, escolhido inteiramente ao acaso, pois de facto não ha nada no livro senão esse eterno impeto verbalista,

E' quando elle, por acaso, vê um dia a sua Eleonora acompanhada por um bello cão de raça.

-- «Ah, o destino mentecapto!! A um homem nascido para o amor de uma mulher, distancia-o cada vez mais dessa mulher; a um cão lança-o no seu affecto!! Ah, destino ironico e mordaz! A mim que anseio, que angustio (sic), que deliro na minha febre por Eleonora, me arredas della com a tua mão potente de divindade abstrusa; a um lebréo jusges-lo á sua pessoa. grudas-lo ás suas vestes!!! Destino, destino!! Impreco-te contra ti proprio e asseguro-te que não commetterei a covardia de aceitar resignado os teus dictames! Lutarei contra ti; contra os deuses teus comparsas; contra a Natureza, a tua grande alliada; contra os homens, teus instrumentos; lutarei contra mim proprio, vencendo-me nos sentimentos contrarios; lutarei contra tudo e contra todos; lutarei muito, lutarei até morrer, por Eleonora, a Eleonora que eu quero que seja minha e que teimas em afastar de minhas mãos, da minha vontade, da minha vida». (p. 122).

Essa exaltação verbal vasia é tudo o que ha neste «testamento» em que é inutil procurarmos algum bom legado literario...

Romeu de Avellar — A' Sombra do Presidio. Typ. Orphanato São Domingos. Maceió, 1928.

Nenhum desses tres ultimos livros se poderá chamar propriamente de romance. Um era uma farça romanceada, o outro uma confissão

lyrica em prosa. E este não passa de uma reportagem policial.

Ha uma grande illusão entre os cultores do romance naturalista, da vida vivida, da coisa vista, como parece ser o autor destas paginas. Experimentar as sensações, ver os espectaculos, viver os factos não vale nada. O essencial é saber fazer de tudo isso uma obra de arte. Um romancista verdadeiro não precisa nem olhar para a vida. Póde viver de longe, alheio apparentemente a tudo. O famoso «documento», que era a obsecção dos naturalistas vale apens pelo que vale quem delle se serve. O guarda da Venus de Milo não é necessariamente um estheta... Muito pelo contrario. Tenho visto poucos olhares mais «blasés» da belleza do corpo humano, do que o desse guarda amoladissimo pelo contacto forçado com a deusa indiscreta. Tolstoi, sem tomar parte na Campanha da Russia, descreveu-a melhor que todos os que della participaram, inclusive Stendhal, que por sua vez descreveu melhor Waterloo, no seu cantinho de batalha, do que todas as partes officiaes de Wellington.

O autor deste romance pretende descrever o presidio porque esteve preso. Consegue apenas alinhar alguns episodios e algumas reflexões pueris. O romance do presidio, — os nossos «Souvenirs de la maison des morts», — continúa por fazer.

Este é apenas, como já disse, uma reportagem policial, que quer ser escandalosa e não chega a ser pittoresca.

CAPITULO IX

FICÇÃO

Para a ficção, o romantismo e o naturalismo representam dois erros iguaes e contrarios. E aliás devemos lembrar que o romantismo do romance não coincide exactamente com o romantismo historico. Este ultimo foi essencialmente um periodo de poesia, ao passo que o naturalismo, esse sim, foi um periodo de prosa e portanto de predominio do romance sobre a poesia. E' o estado de espirito que distingue essencialmente esses dois periodos fundamentaes do seculo XIX — literario e mesmo não literario. Pois a literatura, se bem que actividade autonoma (e agente mais que paciente) não deixa nunca de reflectir o estado de espirito collectivo, o ambiente em que banham todas as obras de espirito ou de facto de toda uma geração

O romantismo foi o predominio da poesia sobre a prosa em todos os domínios. Politicamente começou em 1789, pois a Revolução Franceza foi a propria expressão do romantismo politico, ou antes a expressão politica do pre-romantismo de Rousseau. E Rousseau, como se sabe, foi o grande precursor de todo movimento romantico — quer literario,

quer politico, quer religioso — pela accentuação do predominio do coração sobre a intelligencia, da vivacidade de sentir sobre a lentidão de pensar. «Deux choses presque inalliables s'unissent en moi sans que j'en puisse concevoir la manière; un tempèrament très ardent, des passions vives, impetueuses, — et des idées lentes à naitre, embarassées et qui ne se présentent jamais qu'après coup. On dirait que mon cœur et mon esprit n'appartiennent pas au même individu» (Confessions, I, 147).

E como Rousseau foi tambem o iniciador e sobretudo o inspirador desse subjectivismo complacente, que faz de si proprio um espectaculo — («je forme une entreprise qui n'eut jamais d'exemple et dont l'execution n'aura point d'imitateur. Je veux montrer à mes semblables un homme dans toute la vérité de la nature et cet homme ce sera moi») — e como a poesia é exactamente o dominio do individual e o predominio do coração, nelle encontramos a fonte romantica por excellencia. O romantismo foi uma reacção contra o racionalismo do seculo XVIII, mas tem as suas raizes nesse mesmo seculo contra o qual reagia. E essa reacção se fazia por meio de uma explosão poetica, tanto na hierarchia intima dos sentimentos em cada homem, como pelas obras literarias que produzia, e em que a poesia era sempre mais importante que a prosa.

O romance romantico, portanto, não coincide com o romantismo historico. Precedeu-o de muito. E por isso mesmo serviu de modelo para baptisar o novo estado de espirito. O romance foi um estado de espirito que precedeu

a propria éra classica mas que então serviu apenas para caracterizar um genero literário. De modo que o romance foi romantico por natureza e não por influencia passageira. E melhor do que — romantico, se poderá dizer — romanesco. O romance foi portanto o romanesco literario em prosa (a principio em verso tambem), de modo que conservou até hoje, como uma de suas modalidades extremas esse mesmo «romanesco» de origem. E o romance romanesco, como se sabe, é aquelle em que a imaginação, a fantasia predominam essencialmente sobre a realidade.

O naturalismo veiu deslocar ao extremo opposto, tudo isso. Já durante o romantismo, como vimos, o romance como prosa não estava em primeiro plano. Nenhum grande romantico foi um grande romancista. E, ao contrario, já se operava no romance uma evolução que ia leval-o ao campo exclusivo da realidade exterior, através de Balzac e de Stendhal. Creio que, hoje em dia, o unico romance lisivel dos romanticos, são as «Confessions d'un enfant du siècle», obra de poeta, — ao passo que Stendhal e Balzac nunca foram poetas, mas são romancistas cada vez maiores até hoje.

O naturalismo fez do romance o seu eixo literario, quando o romantismo tivera como eixo a poesia. E hoje, que ambos desapparecerem como escola, subsistem apenas como temperamento. Pois toda grande escola literaria não morre nunca, sendo como é a expressão de uma attitude do homem em face da vida.

Estamos hoje, portanto, em materia de romances, em face de dois erros iguaes e con-

trarios, que se foram sedimentando ao longo da evolução por que tem passado o genero, desde as suas remotas e modestas origens medievaes (para só falar na éra moderna), até a sua actual hypartrophia. O naturalismo accentúa apenas o caracter exterior da narrátiva, ao passo que o romantismo accentúa apenas a parte imaginativa. E como este ultimo genero, de romance imaginativo e puramente romanesco, caiu em grande descredito hoje em dia, — é o naturalismo que constitue ainda agora o defeito mais vulgar do romance, da novella ou do conto contemporaneo.

E já tive occasião de observar, ha pouco tempo, que em nossa literatura era visivel a predominancia desse caracter de exteriorização em nossos grandes romances. Ainda não tivemos até hoje nenhum grande romance interior e, muito menos, nenhum grande romance em que se sentisse profundamente a acção da força que dá vida á arte — o sentido do invisivel. A arte brasileira, como toda arte contemporanea, soffre da tyrannia da visibilidade. A esthetica do visivel é toda esthetica para a maioria dos artistas. E nesse erro se têm encontrado até hoje modernistas e passadistas. Da mesma fórma que vivemos sempre á espera do grande romance que exprima um problema social profundo da nacionalidade (foi o valor de «Chanaan» ou do «Estrangeiro», romances da immigração, ou da «Bagaceira», romance dos retirantes, etc), — vivemos ainda mais em vão a esperar o romancista que possua realmente aquillo que René Schwob chamou a «quarta dimensão, o lyrismo metaphysico». E

esse texto recente de Schwob me parece éxprimir realmente uma necessidade tão grande do nosso romance, como do romance francez, pois se trata de um caracter geral, humano, que independe da nacionalidade ou da época.

— «Faut-il une transfiguration de la vie, la transposition des faits réels de la conscience ou du monde dans le domaine de la pensée pure ou dans un autre? Il faut plutôt un art capable de décrire une sorte de géométrie surnaturelle des aventures de l'esprit. Il faut, à la fois, une grande rigueur d'observation et d'analyse et une grande habileté pour en déchiffrer la raison. Sans la quatrième dimension qui est le lyrisme métaphysique, l'aveu d'un arrière plan, la reconnaissance d'intentions surnaturelles (Fatalité, Dieu, Inconscient), rien n'a de substance» (Moi, juif. p. 79).

E' exactamente o nosso caso. O que falta a todo romance brasileiro, tanto passado como actual, e entre os actuaes, tanto os modernistas como os não-modernistas, — é justamente essa «substancia» que faz a trama profunda da realidade.

Parece que os romancistas brasileiros ignoram a distincção de essencia e de existencia. E consideram nas coisas apenas a existencia, desdenhando a sua essencia. A apparencia de vida e não a propria vida.

Creio que é esse o mal profundo de todo o nosso romance. Temos o romance a duas e a tres dimensões quando muito (Machado, por exemplo, que tinha o senso da profundidade), mas não temos o romance não-euclydiano. Ou melhor, o romance que demonstre em seu au-

tor o senso metaphysico, o sentido da realidade total, o sentimento do invisivel completando ou antes suscitando o visivel.

Vivemos, portanto, — mesmo entre os romancistas que não se deixam vencer pelo materialismo literario do naturalismo — vivemos entre romancistas dominados pelo imperativo da visibilidade. E o que lhes falta portanto é o que podemos chamar — a densidade metaphysica, o verdadeiro sentido da realidade, em sua plenitude. Ainda ahi, o mal é mais geral e mais remoto. O que falta aos nossos romancistas é o que falta a todos nós, criticos ou scientistas, homens de acção ou de pensamento, isto é — uma preparação philosophica qualquer. Vivemos aqui longos annos, depois da morte do espiritualismo e do positivismo, sem ter noção da «necessidade» sequer de uma explicação philosophica da vida. E hoje em dia, quando essa necessidade se vae tornando mais premente, o que vemos surgir é uma philosophiazinha utilitarista e immediatista tão do agrado de um primario vulgar como o sr. Carlos Sussekind de Mendonça ou, como diz outro adepto autorizado, desse primarismo que nos infelicita o sr. Mario Pinto Serva — «pedagogica e pragmatica». Esse pedagogismo barato é a mais grotesca das caricaturas philosophicas. E entretanto é a resultante da nossa immensa ignorancia metaphysica, e do agnosticismo radical com que o evolucionismo spenceriano contaminou, no seculo passado, quasi todas as nossas intelligencias. E o romance brasileiro não podia escapar a essa geral contaminação dos espiritos. De modo que o naturalismo, mesmo depois de extincto como

escola, subsiste no fundo das intelligencias como attitude philosophica. Em regra, os nossos grande romancistas acreditam que a natureza esgota a vida. E mesmo naquelles que assim não creram — como Alencar, por exemplo, — o senso do invisivel latente, quando existe, não assume nem, de longe esse caracter de dramaticidade interior que nos vale um Dostoiewski ou um Julien Green. Esperemos, entretanto.

Por ora, o mal está generalizado e attinge aos melhores. E é o que notamos, desde logo, no primeiro romance do sr. Alberto Deodato.

Alberto Deodato. — A doce filha do juiz (romance mineiro). 1929.

O autor nos dera, em 1919 e 1921 dois excellentes volumes de contos regionalistas do norte. E agora nos traz, de sua permanencia em Minas, este seu primeiro romance regionalista mineiro. Como regionalismo, está tudo muito bom. Tem seu pittoresco. Suas personagens bem observadas na realidade. Seus episodios dramaticos ou emotivos. Movimento. Costumes. Conversas. Tudo representando muito bem a vida de uma cidadezinha sertaneja, com todas as suas taras, naturaes e politicas, seus mexericos e intriguinhas, seus crimes tambem e seus ridiculos — sem excesso de caricatura e com vigor de traço.

As qualidades reaes, que revelára em «Cannaviaes» e em «Senzalas»» se repetem nesté romance se bem que, a meu vêr, uma oitava abaixo. Não sei se é por saber que o autor é nor-

tista, e não mineiro. Mas o que sei é que nos seus contos anteriores me parecia haver muito mais penetração na realidade, muito mais côr local, muito mais interesse na descripção dos typos e dos costumes. A chegada do promotor, por exemplo, já é um thema difficil, por ter sido tratado varias vezes como se vê na «Maria Bonita», do sr. Afranio Peixoto, ou nas «Aves de Arribação», do sr. Antonio Salles, entre outros. Ora, o sr. Alberto Deodato tratara do thema excellentemente em sua novella «Gente Simples», do livro «Senzalas». Agora volta a elle, em um episodio do seu romance. Mas volta repetindo-se de certo modo e sem grande interesse. Como se elle mesmo já não encontrasse prazer em voltar ao mesmo thema já descripto. Como o leitor não encontra.

E o que se dá com esse episodio, se dá em geral com todo o livro. Não parece escripto com o mesmo amor pela terra como os anteriores. Não que a estes faltasse tambem o traço incisivo de remoique ou de censura. Mas havia mais abandono á paisagem e mais penetração nas figuras. Mais espontaneidade emfim. Este romance parece mais feito do que nascido, ao contrario das novellas anteriores em que a alma da terra falava alto.

Tudo isso, repito, pode ser uma impressão falsa, de quem sabe que a passagem do autor por Pouso Alto ou outro qualquer logarejo mineiro, não pode despertar nelle o mesmo sentimento que Maroim ou qualquer povoado nortista. E' uma impressão, portanto, mas não creio que infundada de todo.

Além disso, como se viu, o regionalismo já

hoje em dia não nos interessa grandemente. A não ser como documento social. Como arte, já se esgotou. E só mesmo uma grande originalidade espontanea pode renovar o assumpto. E essa originalidade foi justamente a que o autor nos deu nos seus dois volumes anteriores, mas que falta absolutamente neste.

Ha, finalmente, o grande defeito ambiente que apontei de inicio: a permanencia no simples realismo visual. Comprehenda-se bem. Não censuro a um novellista, como este, a sua observação local, a veracidade das suas paginas, a naturalidade dos seus dialogos, a verdade emfim que se evola de todo o ambiente dessa cidadezinha sertaneja, que é de certo geito uma reducção de todo o Brasil, como accentúa com razão nas palavras de prefacio. Em tudo isso o sr. Alberto Deodato se revela, como é, um observador arguto, um escriptor pittoresco, um novellista que sabe tramar uma narrativa com interesse e reflectir, sem artificio, uma realidade pequena que é o reflexo de uma realidade, não menos grotesca, mas muito maior.

O que censuro neste romance é o que ha de censuravel em todos os nossos romances, que sairam das fantasias artificiaes do romanesco, para cairem na tyrannia não menos artificial do realismo puramente exterior.

Ha tres planos ascendentes para um romancista realmente cioso de penetrar a realidade — o plano da realidade exterior, o plano do espirito e o plano das essencias. Não precisa viver em todos elles. Basta que sintamos, em um delles que se manifeste, a existencia latenté dos outros dois.

Ora, todo o nosso romance fica em geral no primeiro desses planos e quando muito se transporta ao segundo. Falta sempre a «quarta dimensão».

E é o grande defeito tambem deste livro. Tudo se passa como se fosse num palco em que não houvesse bastidores. Ora, o que Pirandello, por exemplo, conseguiu de enriquecimento na arte dramatica moderna (que tambem soffria da mesma scisão entre existencia e essencia, que notamos no romance) foi justamente ligar o palco aos bastidores, á platéa, á vida. Não no sentido naturalista, mas num sentido que se poderá chamar — ontologista. Os actos, sim, mas tambem a origem obscura e a finalidade invisivel desses actos patentes. E' o que nos falta fazer, no romance brasileiro.

E' desse mal é que soffre o romance mineiro do sr. Alberto Deodato.

Para falar, portanto, com a franqueza que merece um talento tão bello como o seu, e que se revelou tão fortemente nos seus dois livros regionalistas anteriores, — este seu romance não nos diz nada de novo em sua carreira literaria. Sente-se que precisa renovar-se para subir. Como? Só elle o saberá. Pois o mysterio da renovação de cada alma de artista não cabe a critico algum desvendar.

Delmo Aragão — Gente Suja (contos e novellas). Pap. Americana. Rio, 1928.

Penso que se trata de uma estréa. E, portanto, de uma boa estréa. Pois o A. revela dons

muito interessantes de escriptor. O defeito de realismo linear é o mesmo que no sr. Alberto Deodato. Mas ainda assim, apesar de um naturalismo porventura excessivo em certos pontos, não se deixa o autor ficar no simples plano de duas dimensões. Temos quasi sempre a realidade exterior e o reflexo no espirito, em uma transposição por vezes muito feliz e muito evocativa. O conto «Espirito Máo», por exemplo, é excellente nesse sentido. Obra de um novellista no qual ha realmente a promessa de um verdadeiro romancista.

Focalizou a sua attenção de artista para um meio de profunda dramaticidade e geralmente pouco explorado entre nós: a «gente suja», como elle diz. A população urbana de estalagens e cortiços, e as populações dos suburbios, com toda a sua mediocridade tragica ou grotesca. E todos os seus contos vivem intensamente nesses meios tão particulares, onde Aluizio Azevedo foi buscar as suas figuras do «Cortiço».

Na linguagem do sr. Delmo Aragão ha um pouco de espessura excessiva. Não tem ainda ductilidade bastante. Falta um pouco de mobilidade e ás vezes pecca por emphase, como em certos dialogos pouco naturaes. Em geral, porém, não é isso o que se dá e a linguagem talvez se resinta justamente do meio que descreve e das figuras sem complexidade que retrata.

Não falta tambem emoção profunda em certos contos, mesmo quando não se prevalece de emoções violentas, como a scena do primeiro conto, aliás vivissimo de impressão. «O Remedio», por exemplo, é muito menos violento e de uma

emoção por isso mesmo talvez, muito mais penetrante. Todo o conto é de primeira ordem. O movimento das impressões da compra do remedio, na cabeça do operario, ou das vitrinas por onde passa, muito subtis mesmo e exactas. E a scena final, de quebra do vidro, realmente sobria e commovente. Excellente o detalhe do barbante. E' sempre pelas coisas insignificantes que os homens se tráem. E que se revelam os escriptores.

CAPITULO X

POESIA INFANTIL...

Não será novidade nenhuma dizer que é excessivamente escassa a nossa poesia infantil. Todos os professores se queixam disso. E basta percorrer um pouco a nossa pauperrima literatura de crianças, para nos convencermos de que, no genero, o que ha é pouco e raramente bom. Penso que o que ainda temos de melhor é a obra de Bilac, que já tem mais de vinte annos. Quando a pedido do velho Alves (que foi o Januzzi da nossa literatura infantil...). Bilac escreveu as suas «Poesias infantis», dizia em um prefacio que aliás só veio a ser publicado na reedição da obra, em 1920: — «Quiz dar á literatura escolar do Brasil um livro que lhe faltava». E realmente fez uma obra que até hoje não foi de todo superada, embora a sua poetica já se resinta muito dos annos passados e da sua excessiva preoccupação de estylo, e apezar das gravuras prehistoricas com que a ultima edição ainda vem sobrecarregada. Mesmo depois de morto, o gosto typographico do velho e generoso mestre de obras literarias para a nossa pobre infancia, continúa a perseguir a dos nossos filhos...

Bilac hesitou longamente deante da empresa. «Era preciso fazer qualquer coisa simples,

accessivel á intelligencia das creanças». Mas por outro lado, havia — «a possibilidade de cahir no extremo opposto — fazendo um livro ingenuo demais». O segredo estava em — «achar assumptos simples, humanos, naturaes, que, fugindo da banalidade, não fossem tambem fatigar o cerebro do pequenino leitor, exigindo delle uma reflexão demorada e profunda».

Bilac tocava ahi dois pontos que são até hoje os «abrolhos» de toda a nossa pobre poesia escolar: a emphase ou a vulgaridade. Ainda nos mais acceitaveis dos nossos livros de leitura recentes para creanças, vamos encontrar uma coisa e outra. Vejam só esses versos, que se encontram no 3.º livro da serie «Corações de Crianças» da sra. Rita de M. Barreto (23ª ed. 1926), livro pessimo como edição mas recommendavel como texto. Os versos são subscriptos pelo sr. René Barreto.

> «O céo caliginoso. Escura a noite. O mar
> tem uivos de prazer iguaes aos de um jaguar.
> A atmosphera é calma. A natureza anseia.
> As ondas, soluçando, espraiam-se na areia,
> e tornam para traz, ligeiras como corças.
> Ha uma como que concentração de forças
> neste ar assim parado, assim tranquillo e mudo.
> Parece que enfileira a natureza tudo,
> — os ventos, os trovões, as ansias dos oceanos —
> antes de os propelir em turbilhões insanos
> que accumulam de horror, de ruinas, de fracasso,
> a epiderme da terra e as entranhas do espaço.»

E nessa toada ao longo de 7 paginas!

Aliás, é preciso dizer desde logo que toda a poesia, dos nossos mais recentes livros esco-

lares, bem como o gosto poetico da maioria de professores, inspectores e... autores, ainda não saiu do parnazianismo. Têm um atrazo de vinte ou trinta annos em relação ás correntes de poesia recente e hoje dominantes. Daqui a trinta annos, quando o gosto já for outro é que chegarão aos nossos dias, com os mesmos tres decennios de atrazo...

Mas se procurarmos a «vulgaridade», o outro perigo a que Bilac fugia, nada mais facil de encontrar. Veja-se, por exemplo, o 1.º livro da serie «Leituras Infantis» do sr. Francisco Vianna (13ª edição, 1928),. obra das mais consideradas e cujo autor sempre procurou fugir á emphase, pondo-se á altura dos seus leitores. E escreve estes ineffaveis versinhos da «lavadeira...»

Eu sou fraca, bem fraquinha
Mas ninguem me léva a palma,
Quando lavo esta roupinha,
Deixo-a sempre bem alvinha!

Todo dia eu vou ao rio;
Uma a uma, com vagar,
Mólho a roupa toda, a fio,
Faça calor ou faça frio.

Deixo-a toda nesta tina
Por algum tempo ficar,
Roupa grossa, roupa fina
Quer de homem, moça ou menina.

Cada peça, então, retiro
Para ensaboal-a mui bem.
Se nunca as mãosinhas firo,
Bato, bato, viro, viro. (!!)

O que esses e outros versos provam é que não basta querer ser simples para fazer poesia infantil. E' preciso começar por ser... poeta. Esse equivoco succedeu aos maiores. O meu querido e cada vez mais lembrado mestre João Kopke, tendo embora, como teve mais que outro, qualquer entre nós, o genio da educação e a intuição maravilhosa da alma infantil, — foi sempre a negação da poesia. E no emtanto nunca desistiu de fazer versos para as creanças!

Bilac tinha toda a razão, portanto, quando, encontrava na emphase e na vulgaridade os dois perigos de toda poesia infantil.

Mas a decadencia do genero, desde que elle publicou as suas, tem sido desoladora. E para não julgarem que estou fazendo uma accusação no ar, uma dessas queixas quasi que inconscientes e convencionaes, com que o nosso pessimismo cabisbaixo resmunga sempre que — «estamos á beira de um abysmo», que — «um governo destes só mesmo num paiz destes», que — «precisamos regenerar a patria» e outras banalidades de comicio eleitoral — para não julgarem que é assim, vou transcrever alguns versos de livros recentes, já adoptados ou pretendentes á adopção nas escolas. Não faço nada de systematico. Limito-me a tomar alguns livros um pouco ao accaso.

Vejamos, por exemplo, o 2.º livro de leitura, da serie «Oliveira-Dordal», «adoptado pelos governos do Estado de S. Paulo, outros Estados e escolas particulares». (3ª ed., 1927). A' pg. 31, encontra-se o seguinte soneto do sr. A. Oliveira (sem confusões...)

Um homem de madrugada
sae da caverna — a fundura
onde a féra e a noite escura
comsigo tinham morado.

Sente a sua alma enjoada (sic)
dessa meia sepultura: —
vai sonhando, em luz e altura,
uma janella rasgada (?)

Mas comó?... Vê, no caminho,
a rola a fazer ninho,
um ramo a servir de trave...

E o homem, desde esse dia,
começa a ver se podia
ter um ninho como o da ave.

Eis ahi. E mais adeante ha uma Mentira apunhalando uma Verdade, que é outro numero. Mas o espaço é pequeno e as bellezas da nossa poesia infantil incontaveis como as areias do mar...

Em S. Paulo ainda, appareceu o anno passado um livro de prosa e verso para a infancia: (*Luiza P. C. Branco.* O Brasil das Creanças, 1927) e, entre outras muitas preciosidades, encontramos a seguinte representação escolar que deve ser realizada no dia 15 de novembro. Para que o sabor seja mais completo, transcrevo alguma notas explicativas tambem.

— «Vem uma menina de branco, com o barrete phrygio vermelho, uma fita auri-verde a tiracollo: é a Republica Brasileira. Apoia a mão direita no ombro do Exercito (sic). Uma menina ou menino, fardado de uniforme ka-

ki... A Republica apoia a mão esquerda no ombro da Marinha...»

O espectaculo deve ser inesquecivel: — «A Marinha e o Exercito fazem continencia e cantam:

Lindas creanças
Querem saber
Quem, com alegria,
Se dignou comparecer?

(designando a Republica)

Pois esta é a causa
Das festas mil
Que se realizam
Hoje, sem pausa:
É a Republica do Brasil.»

Depois de varios e graves cumprimentos a Republica toma a palavra, e entre outras muitas coisas dignas de registro, canta estas quadrinhas:

O Marechal patriota
Deodoro da Fonseca
Sem temer uma derrota
Matou a monarchia pêca. (sic)

Tambem Benjamin Constant
Com a Marinha em promptidão
Auxiliou com afan
Á minha proclamação.

Mas o assassinato poetico não é apenas do 15 de novembro. O 7 de setembro tambem:

Já ha muitos annos, muitos annos,
Quando o Brasil
Inda era o Pindorama, e os damnos
Do jugo hostil

O não tinham envilecido,
A Liberdade
Fez nelle asylo preferido
Eis a verdade!

Porém mais tarde, o luso audaz,
Ambicioso,
De Santa Cruz a doce paz
Matou maldoso.

E' o que lá está!

E ha 144 paginas de «bonbons» dessas marcas para as creanças de nossa escolas! Acredito que sejam mais perigosos do que uma epidemia de febre amarella...

Ainda de S. Paulo nos viera anteriormente outro volume de «Poesias Escolares», do sr. Oscar Leme Brisolla, que mereceu do sr. Arnaldo de Oliveira Barreto, nome muito acatado entre os nossos autores de livros didacticos para creanças, os seguintes conceitos: — «Li, com a mais funda emoção, o seu delicado trabalho didactico, denominado «Poesias Infantis». Agradou-me sem restricções (sic)... E' um optimo trabalho, pois. Daqui lhe defiro os meus parabens, que mais enthusiasticos não poderiam ser».

Vejamos. Canta o inspirado poeta, por exemplo, a morte de Castro Alves:

Em plena primavera da existencia
aos primeiros lampejos de sua gloria,
afundou-se na morte (oh! que inconsciencia!)
porem resuscitando para a historia.

... Choremos, meus irmãos, neste oceano
da vida, em que luctamos como heróes,
a falta desse intrepido bahiano,
que ultrapassa em brilho a muitos sóes.

Vejam só! Mas o poeta gosta sobretudo dos poemas civicos, e entre outros muitos que devem encantar as nossas creanças, cito estes mimosos versos dedicados — «aos propagandistas da Republica»:

Cavalgando os corceis fantasticos da Idéa,
surgistes, empunhando os fachos da Victoria,
e, sem jamais temer dos lobos a alcatéa,
verdadeiros heróes marchastes para a Gloria.

Etc., etc.

Ainda é mais eloquente o nosso autor, quando canta uma figura a que chama de Christo:

Imperava no mundo o régio paganismo
quando elle appareceu herculeo e formidando;
e, vendo a terra igual a um pavoroso abysmo
ficou tempo a scismar, triste, lacrimejando...

E a isso é que chama de «poesia» infantil o sr. Oscar Leme Brisolla, «director do 1.º grupo escolar de Jahú». E dizem que foi supprimida a «palmatoria» das escolas modernas... Quando serão supprimidos os «poetas»?

Foi, vencido por toda essa desolação de nossa poesia infantil, que li no «Estado de S. Paulo», de 20 de outubro, com grande alvoroço, pela penna autorizada do illustre critico e professor, sr. Sud Menucci, a noticia de que tinhamos afinal um novo livro de poemas dignos de nossa infancia das escolas:

Theophilo Barbosa — Poesia da Escola. Liv. Leite Ribeiro. Rio, 1928.

Diz o illustrado critico paulista: — «Poesia da Escola» é um livro raro em nossa bibliotheca didactica: é formado exclusivamente de poesias da mesma penna... Para o meu gosto pessoal prefereria, os «Quadros Toscos». Ahi o sr. Theophilo Barbosa abandona-se ao verso integralmente e, sem maiores preoccupações didacticas, deixa que lhe fale na alma a saudade dos tempos de menino... O poema «O Parahyba» traz vincadissima a emoção quasi religiosa que o rio do seu torrão natal lhe causa... E' esse o melhor trabalho da collectanea... E' impossivel transcrevê-lo todo por muito longo, e citar-lhe trechos seria tirar ao leitor o gosto de o ler na integra». Etc., etc.

Tomando do livro, que foi escripto «para estudantes do curso secundario e para os das classes mais adeantadas da escola primaria», encontro, reforçando a opinião do sr. Sud Menucci, o seguinte louvor do sr. Frota Pessoa, reconhecida autoridade em assumptos didacticos e actual sub-director da nossa Instrucção Publica Municipal: — «Em uma terra de precoces, em que os plumitivos super-abundam e

começam, desde a madrugada da adolescencia a publicar trovas, é de surprehender que um poeta deste valor (sic) se tenha conservado incognito até a maturidade de seus annos e de seu talento». Esse grande poeta inedito, que até hoje nos privara do seu genio, estreou escrevendo para os meninos, e creou logo uma obra incomparavel.

-- «O livro inteiro tende de modo expresso e efficiente á educação moral e esthetica. A variedade dos themas, o colorido das scenas, a emoção discreta, o humorismo sadio, o preceito da ethica corrente, o trato cuidadoso da linguagem, fazem delle uma obra sem par no seu genero (sic). Como livro didactico para as classes mais adeantadas do curso primario e para os do curso secundario está destinado ao mais ruidoso successo.» (sic).

Deante disso, precipitei-me sobre o livro, antegozando já a alegria da meninada ao ter emfim um verdadeiro livro de poesia infantil! E, como esta chronica vem sendo apenas um tecido de citações alheias, vou apenas transcrever «candidamente», como dizem os inglezes, aquillo que encontrei.

E logo na pagina de entrada dou com esta invocação á «lingua portugueza», que o autor tem a maldade de chamar de nomes feios, como sejam «lyra dulciflua e bronteu imponente» e outros...

> «Alma do meu Paiz, verbo da minha gente
> nunca, por tua culpa, ha de cair um móte,
> pois que és — lyra dulciflua e bronteu imponente —
> lança do pensamento em mãos de Dom Quixote.»

E empunhando a lança, como Parsifal subindo o Monsalvat, começa o poeta por cantar a nossa patria e muito especialmente as emoções que causam em sua alma os dois symbolos nacionaes — o hymno e a bandeira.

«O glorioso surgir desses dois sóes
inspira-me os arrojos dos heróes:
e as minhas carnes tremem sacudidas; (sic)
todas as fibras, aos estremeções,
arrancam, em surtidas,,
numa indomavel carga de leões.»

Essa carga de leões ás suas carnes saccudidas, não impede que, logo após, passe o poeta a cantar a borboleta, esse «gentil insecto alado», como elle diz mimosamente.

«Pouco afeito aos deveres, o educando
nadava em mau humor, monologando:
— mofina sorte a minha!
Fazem-me prisioneiro
desta enfadonha escola.
Oh! que vida mesquinha:
trabalhar, estudando, o dia inteiro:
Isso, afinal, amola! —
Passa uma borboleta voltejante...
Diz-lhe o incauto estudante:
— Gentil insecto alado,
quem me dera um bocado
da tua liberdade!»

E entre outras coisas, o «gentil insecto alado» lhe responde:

«Dias a fio e noites laborei
(note-se que não ralho) (sic)
e metamorphoseada me librei
nas azas do trabalho.»

Mas o nosso poeta não se limita ás aristocraticas borboletas do ar, desce tambem ás democraticas e modestas «gallinhas», e assim se exprime com todo o carinho por essa pobre raça de soldados desconhecidos de nossos morticinios gastronomicos:

«Nunca viste a prolifera gallinha (sic!...)
esgravatando para os pintainhos?
Cada insecto que apanha, ou cada grão,
fica-lhe preso ao bico, na pontinha...
E, depois, esmerando-se em carinhos
ella o repõe no chão,
afim de que a ninhada se regale.
Não toma para si qualquer migalha.
Inda que sofra e estale (sic)
não se nutre primeiro.»

Deixando, porém, a prolifera «gallinha» e os seus exemplos de amor filial, passa o poeta a planos mais elevados. E entre outros poemas moraes, escolho este sobre as «imperfeições», que me parece uma das joias do escrinio, e que transcrevo literalmente:

«É coisa bem trivial...
Só quem não quer não na vê:
muitos claudicam, por quê;
Os outros pecam por al.
Intervem sempre um senão...
Confessa-me, por quem és:
conheces algum pavão
sem a travanca dos pés?

Releva jaças, amigo;
do contrario ficas só,
correndo ainda o perigo
de te arrojarem á mó...»

Joia sem jaça, já se vê, pois não tenho o menor desejo de ser arrojado á mó...

Em outro poema o nosso inspirado poeta escolar, aconselha o «consorcio» do saber e da virtude:

«Não cabe preito ao despotismo heril
daquillo que é exclusivamente actual.
O novissimo, a sós, vale um ceitil.
Ordena-me a prudencia que eu te diga:
conjuge-o. Ha mais acerto num casal
de modernismo e experiencia antiga.
E não deve, outrosim, andar solteiro
qualquer conhecimento scientifico,
como acontece amiude.
Acasála-o tambem; elle, escoteiro,
é falho... E tenho que dão par magnifico
o saber e a virtude.»

E, depois do casamento, parte o poeta para outras aventuras, que não tenho espaço para accompanhar de perto. Menciono apenas o poema final ao «Parahyba», do qual diz o illustre prefaciador: — «A ultima parte da obra colloca o autor ao nivel dos nossos melhores poetas (sic). Elle ousou mesmo escrever um poema sobre «O Parahyba», não o intimidando o cotejo com o do nosso grande Alberto de Oliveira. E o fez com louçania, sem imitar, creando novas imagens e resaltando aspectos originaes.» (!).

Eis como termina esse poema ao Parahyba, que colloca o autor «ao nivel dos nossos melhores poetas»...

> «Carregado de areia e barro amarellado,
> que apresou, de arrastão, numa estirada longa,
> o rio, devagar, monotono e calado,
> a parte extrema do álveo, em funeral, perlonga...
> E, moroso, soturno, em San João da Barra
> — Término da jornada extraordinaria — esbarra,
> peito a peito, com o Mar, que o bebe, aquassedento,
> empachado de sal, num sorvo eterno e lento.»

Não ha duvida que estão de parabens os alumnos das nossas escolas... Se desta vez resistirem aos poemas do poeta Theophilo Barbosa, estão vaccinados por toda a vida...

Quanto a nós, só nos resta pôr um annuncio em todos os jornaes: «Precisa-se urgentemente de um poeta para crianças»...

CAPITULO XI

PROVINCIALISMO POETICO

Não sei porque razão a palavra — «provincialismo», tomou certo sentido depreciativo. Ficou, na linguagem corrente, como synonima de estreiteza de espirito, de anachronismo, de incultura. Qualquer coisa de secundario e retrogrado. Talvez porque a provincia guarda mais vivamente a tradição, e as capitaes têm horror á tradição, talvez porque na provincia ha um rythmo de vida mais humano e as capitaes são essencialmente inhumanas. Talvez porque na provincia a vida é mais simples, mais harmoniosa e mais lenta, e nas capitaes a vida se torna cada vez mais complexa e precipitada. Talvez porque na provincia ainda não é vergonha amar a virtude, e as capitaes sorriem da virtude.

E, entretanto, o mundo moderno precisa tanto da provincia como a nossa angustia precisa de serenidade. E é na provincia que ainda se conservam as coisas melhores, as coisas que a gente não diz pelo nome, com medo de espantar esse não sei quê que torna os homens mais humanos e faz com que uma civilização que delira pela machina não se esqueça de todo que existe ainda a natureza.

O romantismo da provincia é um mal, sem

duvida. Mas não ha muito perigo que venhamos a soffrer delle. O mundo moderno se encarrega de saturar-nos bastante com o romantismo urbanista, modernista, machinista, dynamista, etc. E a provincia é a primeira a se esquecer de si mesma, com esse perigo que soffre toda modestia de tender ao suicidio.

Mas não venho agora discutir as vantagens do provincialismo. Venho apenas explicar que não emprégo o termo no sentido depreciativo que, sem razão, veiu a tomar e que vejo nelle uma correcção tanto aos males do pequeno regionalismo, que é a hypertrophia do provincialismo, quanto aos do grande urbanismo, que é a sua negação.

E o que se dá em materia social e politica, dá-se tambem com os problemas literarios. E muito especialmente em materia poetica.

Já não é a primeira vez que observo, com prazer, que a nossa poesia moderna se está, ao mesmo tempo, descentralizando e desregionalizando. Já não se concentra tanto no Rio, como o parnasianismo (apesar de suas raizes tambem paulistas) e o symbolismo (apesar de suas raizes paranaenses) — e já não recorre tanto ao pittoresco local, á linguagem local, aos costumes regionaes. Um pouco menos cosmopolita de um lado, um pouco mais humana de outro? Talvez; um talvez um pouco timido sem duvida, de quem conhece bem vivamente a immensa fragilidade de todas as nossas coisas...

O facto da provincialização crescente da poesia nova, de qualquer modo, é innegavel. Nem um só dos dez livros de versos que aqui tenho á mão, por exemplo, é publicado no Rio

de Janeiro. E isso, a meu ver, é um grande bem. Quanto maior a nossa necessidade de centralização politica, mais precisamos de autonomia de vida, em todo esse corpo immenso e inerte que nos abafa. Um livro da Parahyba do Norte, quatro de Minas, um de São Paulo e quatro do Rio Grande do Sul.

Vamos descendo de Norte a Sul.

Peryllo Dol'veira. — Caminho cheio de sol. Emp. Gr. Nordeste. Parahyba do Norte. 1928.

O sr. Peryllo Doliveira parece ser poeta, coisa bem mais rara do que se pensa nos que fazem versos... E no emtanto apresenta mal o seu livro, que penso ser de estréa. Abre-o com umas considerações sobre a belleza, de uma puerilidade e de uma emphase intragaveis. Ex.:

— «A belleza é um facto: a verdade é uma definição. Dahi a razão porque a obra de um poeta deve ter como consequencia logica a verdade da belleza e não a belleza da verdade. Esta é um raciocinio a cujos limites mathematicos aquella não pode nem deve restringir-se».

E' dessas phrases collegiaes, cujos termos se podem trocar sem que o effeito deixe de sér o mesmo: — «A belleza é uma definição, a verdade é um facto, etc., etc.» Vejam que dá tudo na mesma!

Quando, porém, o sr. Peryllo Doliveira, que se mostra um pessimo prosador, deixa de fa-

lar «difficel» e começa a fazer versos, sem se importar se a belleza é um «faquito» ou uma «définição», — tem coisas que dão muito que esperar. Logo de partida, mesmo, no poemeto «Orientação». O thema é o grande thema brasileiro por excellencia: o da tristeza e da alegria, que vae ser o leit-motiv de todo o livro, em geral. Que obsessão essa nossa! E' curioso como o brasileiro «se» pensa! Os outros povos, em regra, só «se» pensam nas éras de crise, depois de uma guerra ou de uma revolução. O chinez vivia deslembrado de si e hoje se pensa ardentemente. O russo, o allemão, o italiano, o proprio francez, tudo isso hoje em dia se pensa, mas em virtude dos choques que soffreram. Nós não. Nós nos pensamos normalmente. Vivemos normalmente debruçados sobre nós mesmos como sobre o deserto as cegonhas de Castro Alves. A pensar se somos tristes, como o jaburú de Capistrano. A pensar se somos alegres, como o povo dos mutirões. Povo que pensa de mais, — povo que se procura e que duvida de si e que tem medo do ridiculo!

Nesse poeta parahybano, o thema é esse. E elle não crê que a nossa «tristeza» seja verdadeira:

> Homem triste:
> . . . . . .
> Por que foi que tua alma acreditou
> no paradoxo inexistente da tua dor?
> Não vês que essa melancolia
> não é mais do que o grande anseio mystico
> que eleva o teu espirito
> para a alegria?

Homem triste:
ergue com a força do teu rithmo
a alegria serena da tua voz.

E o poeta canta então, em versos amplos e claros, os caminhos cheios de sol, essa mesma luz que deve ser a correcção do «paradoxo» da nossa melancolia. Mas canta sem artificios de alegria imposta, sem esse riso forçado, que em muitos «alegristas» da nova geração sôa em falso, como coisa imposta de fóra, pela vontade de estar com os pregoeiros da regeneração pelo optimismo. E possue justamente muita delicadeza nas tintas esbatidas:

Que mão subtil á hora do sol-posto
bate de manso á porta de minha alma?

Mas é no poemeto que dedica á sua Mãe, e que a meu ver é a melhor coisa do livro, que o sr. Peryllo Doliveira mostra mais o desaccordo paradoxal entre o prosaismo rhetorico da introducção, e a delicadeza espontanea e a veia do bom gosto que possue na expressão desses mesmos sentimentos intimos, tão faceis de cairem no prosaismo:

«Mãe:
no dia de hontem fez vinte e oito annos
que o meu primeiro grito encheu a tua vida,
que o teu amor se abriu, como um céo cheio de estrellas
sobre a minha vida.
(Assim... deixa ficar tuas mãos
sobre os meus cabellos...)
Vinte e oito annos...
Ah, como o céo está cheio de estrellas!

Ouve:
Hontem á noite os meus amigos
num assomo de gestos simultaneos
por ti ergueram no ar as suas taças.
Disseram o teu nome.
E quando eu quiz falar, alguma coisa docemente
pousou sobre os meus labios commovidos.

Etc.

O sr. Peryllo Doliveira ainda não revela muita personalidade. Ha poemas regionalistas, poemas symbolistas (o ultimo, cheiozinho de literatura), poemas rhetoricos em seu livro. Mas tem uma ternura espontanea, que é de bom agouro.

Passemos a Minas.

Guilhermino Cesar e *Francisco Peixoto*. — Meia-Pataca. Verde Editora. Cataguazes. 1928.

Sabem em quem é que eu penso cada vez que me lembro que ha uma escola poetica de Cataguazes, que ha uma revista literaria interessante em Cataguazes, que ha um ensaio de cinema brasileiro em Cataguazes? Penso em Taine, em Hennequin, em todos esses homens que quizeram fazer da critica literaria uma sciencia quasi exacta. Por que enredos da Providencia, — que os homens de nossos dias têm vergonha de invocar, e então appellidam de Accaso, de Destino e sobretudo de Fatalidade... — por que enredos da Providencia Divina foi nascer á beira de um riacho chamado Meia-Pataca (é o

cumulo da modestia um rio chamar-se assim...) um grupo de poetas interessantes, que hão de deixar uma certa marca no momento poetico que estamos vivendo?

Esses dois se juntaram para publicar este livro, como ha tempos atraz outros tres de lá — Henrique de Rezende, Rosario Fusco e Ascanio Lopes (este ultimo poeta delicadissimo, Deus acaba de levar), se tinham reunido para editar os «poemas chronologicos». «Meia-pataca» está no mesmo diapasão. Poesia do quotidiano, linguagem brasileira, por vezes bem saborosa, muita espontaneidade, nenhuma eloquencia, nenhum verbalismo. O sr. Guilhermino Cesar é mais preoccupado com os problemas da vida e da realidade, o seu «Campeiro de Minas Gerais» tem movimento intenso e fixa um aspecto social palpitante, como aquelle da luta entre a usina e o banguê do poema alagoano do sr. Jorge de Lima.

> Campeiro queimado de sol
> vai ver o trabalho dos seus companheiros
> nas galerias de ar frio
> na noite constante!
> Mineiro das minhas Gerais
> você não acorda?
> Vai ver o trabalho dos outros mineiros
> dos mineiros-mineiros enterrados na mina
> ouvindo os patrões em fála estrangeira.

A linguagem do sr. F. Peixoto tem mais sabor e a sua meditação é mais intima. O «canto pra mim mesmo» é curioso e significativo Poesia provincialista mas não regionalista. Nesse «canto» elle exclama bem sinceramente:

Nunca que eu poderia exclamar num desafogo:
Me esqueci do Mundo!

Sempre obsecado pelos sentidos e chegando a coisas de gosto mais que duvidoso como «Conversa piedosa».

Os poetas de Cataguazes não serão talvez grandes poetas, mas possuem sem duvida um feitio proprio, que não se explica apenas pela grande influencia que o sr. Mario de Andrade exerceu sobre elles. Têm mais alguma coisa, e esse — mais alguma coisa, é essa «alma de Minas» que é das coisas mais preciosas com que temos de contar para as grandes descaracterizações de amanhã.

De Minas tambem nos chegam os dois volumes do sr. Martins de Oliveira.

Martins de Oliveira — «Patria Morena» e «O Banquete». Typ. Paulista, São Paulo, 1928.

O autor é de Ubá, e se bem que bastante ligado aos poetas de Cataguazes, delles differe visceralmente em «espirito» poetico. Longe de ser um intimista, como aquelles, cujo maior encanto está justamente em procurarem a poesia das coisas prosaicas e esquecidas, com uma alma intencionalmente voltada para a infancia, — o sr. Martins de Oiveira cultiva a maturidade, o pensamento philosophico, as preoccupações sociaes, o futuro da raça, emfim um nacionalismo e um philosophismo poeticos que o levam fre-

quentemente á emphase anachronica, ao parnasianismo e muitas vezes á rhetorica. Se quizermos prendel-o a uma das correntes maiores em que se espraia a poesia moderna, seria preciso collocal-o entre os — dynamistas, os cultores do energetismo nacionalista. E essas appellações guindadas quadram bem nesse poeta, muito rico de inspiração e de pensamento, mas decaindo a cada passo para o gongorismo da peor especie.

Para se fazer justiça ao sr. Martins de Oliveira é preciso, creio eu, accentuar bem esses dois pontos. E' sem duvida um poeta de idéas e não se contenta com esse borboletear superficial por cima dos themas e das coisas, e com esse facil sybaritismo dos sentidos, com que tantos poetas agradam de momento. O seu «O Banquete» revela um pensamento preoccupado com os problemas fundamentaes da verdade e da vida, coisa rara nos poetas de hoje e, portanto, corajosa. E na «Patria Morena» ha certa força de creação poetica.

Mas essas qualidades, que é preciso reconhecer, são obscurecidas por graves defeitos, derivados do maior delles: a grandloquencia. O sr. Martins de Oliveira é grandiloquo e dahi a sua rhetorica, o seu máo gosto, a sua emphase, a sua vulgaridade pomposa, o seu anachronismo poetico. Vejam como começa a sua «Patria Morena»:

— «Quando surgir a mão de ferro, a Mão omnipotencia, que escreverá sentenças infalliveis, e traçará, com altivez de heróe extraordinario, as taboas da verdade e da justiça». E por ahi a fóra.

Parece brincadeira, mas é a sério. E o leitor que abandonasse o livro, depois de folhear toda essa primeira parte, estaria plenamente justificado: literatice archi-suburbana.

Mas seria uma impressão injusta, E o livro depois apresenta coisas boas, como «Yáyá», «Humildes Venturosos», «Sanfona» e outros que resgatam, um pouco, a má apresentação do principio. Não que os defeitos não voltem. O autor nunca tem gosto, nem finura, nem penetração, nem sabor. Mas tem força. E essa força, essa riqueza de inspiração e de imaginação nos dão por vezes poemas barbaros de certa resonancia, como o «Rio Amazonas», por exemplo, e outros do mesmo diapasão.

Em summa, poeta que tem os defeitos das suas qualidades e a quem a eloquencia arrasta insensivelmente ao velho condoreirismo hoje de interesse puramente historico. Poeta que se approxima bem mais da poesia hispano-americana ou de um brasileirismo energetico convencional, do que do encanto saboroso e terno da alma brasileira.

———

De Minas ainda, da cidade de Passos, este outro.

Bernardino Vieira. — Vozes... — Est. Irmãos Ferraz, S. Paulo, 1928.

que escreve assim:

> O nosso seculo é o dos mechanismos
> é o do estertor dos vastos machinismos
> de febre e agitação.

Da industria os organismos são gigantes
que ululam, vibram, arfam offegantes
fremindo em convulsão! (...)

O sr. Oliveira Ribeiro Netto é, um dos estreantes paulistas do anno que passou.

Oliveira Ribeiro Netto. — Dia de Sol. — D. P. & C., S. Paulo, 1928.

Livro ainda bem fraquinho, meio Julio Dantas, com elegancias um tanto alambicadas e sem nada de muito proprio. Uma ou outra coisa melhor, como «Bolhas de Sabão», Faz versos com facilidade, com bom gosto, mas ainda muito pela rama.

Já quasi não me resta espaço para falar dos poetas rio-grandenses. E' extraordinario como a actividade literaria do Rio Grande do Sul se tem desenvolvido ultimamente como acabamos ainda ha pouco de ver com o apparecimento de uma grande revista literaria local, a «Revista do Globo», A poesia moderna apresenta duas tendencias bem distinctas: a dos que exaltam e cultivam o gaúchismo e a dos que crearam a nova phase intellectualista e subjectiva.

Dois destes são bem gaúchos. O primeiro é o pseudonymo desse interessantissimo sociologo de que já tive occasião de falar — o sr. Felix Contreiras Rodrigues.

Piá do Sul. — Gaúchadas e Gaúchismos, 2.ª edição. — Casa A. Barreiro y Ramos. Montevidéo, 1928.

Para estudar a personalidade do sr. Contreiras Rodrigues estes versos regionalistas são essenciaes. Não muito interessante como poesia propriamente dita.

Mas que coisa singular essa conjuncção de ideaes politicos tão aristrocraticos, tão hierarchizadores, tão equilibrados, tão ligados ás correntes mais modernas de idéas européas, a Maurras, a Charles Gide, á sociologia catholica e um temperamento de gaúcho por vezes desabusado, de linguagem rude e franca de intimo contacto com o povo, especialmente revelado nos poemas que escreveu durante as campanhas caudilhescas de 1923, em que tomou parte! Como poesia não vejo grande encanto nesses poemas. E o proprio autor tem a lucidez de o dizer, antes que lh'o digam — «poeta não sou». E' um grande sociologo e um admiravel amigo do Brasil unido e não fragmentado.

O outro vem com uma grande recommendação do sr. Plinio Salgado.

Manoelito d'Ornellas — Rodeio de Estrellas — Emp. Gr. Lt. São Paulo. 1928.

Apesar dessa recommendação, porém, não encontro por ora nada de particular em seu gaúchismo.

Quanto a este

Mansueto Bernardi — Tres poemas franciscanos — Liv. do Globo. Porto Alegre.

é da reacção do Espirito contra o puro regionalismo gaúchesco. Reuniu nessa pequena «plaquette» tres poemas de pura espiritualidade interior, dessas que abafam as palavras para melhor se ouvir o espirito. Versos de despojamento e de elevação.

———

E este ultimo é tambem um «gaúchesco» mas que nestes poemas, admiravelmente illustrados por Sotéro Cosme.

Vargas Netto — Tú — Liv. do Globo. Porto Alegre, 1928.

trocou o amor da sua querencia pelo amor de sua querida, como o diz em versos finos e leves:

«Mas a querencia não sabia amar como tu sabes,
nem tinha mãos que acariciassem como as tuas,
e eu fiquei te querendo muito mais do que á querencia!...»

Ha varios assim no Rio Grande moderno, que trocaram o gaúchismo pelo lyrismo. Mas como não podem deixar de todo o amor da sua «querencia», é dahi que nasce justamente o provincialismo poetico.

CAPITULO XII

NABUCO

Toda estirpe humana tende á decadencia. E rara é aquella que consegue evitá-la em mais de duas gerações. Especialmente nas raças ainda mal fixadas como a nossa. Não temos aqui aristocracia de sangue nem de profissões. A propriedade é sempre ephemera, de fórma que o laço material da familia se desfaz, de geração em geração. Os grandes partidos de idéas ainda vivem, quando vivem, o espaço de um descontentamento. A indifferença radical em face dos grandes problemas da vida, que é o veneno constante de nossas almas, não permitte construir senão sobre a areia dos individualismos dispersos. Tudo aqui se move sob o signo da evanescencia. De modo que as grandes familias não escapam á regra commum da nacionalidade, e o espectaculo da sua decadencia é uma das inquietações mais positivas dos que acreditam que a continuidade é, uma condição para subir.

É' por isso tanto mais grato ver entre nós um nome que se perpetúa, uma familia que conserva a fidelidade ao mesmo espirito com que chegou á plenitude. E' o caso dos Nabucos, que pela segunda vez em nossa historia permittem a um descendente escrever a vida do ascendente mais proximo.

A Vida de Joaquim Nabuco por sua filha, *Carolina Nabuco*. Comp. Ed. Nacional. S. Paulo. 1928.

A fidelidade aos seus foi sempre uma das virtudes typicas dos Nabucos. E logo depois da morte de Joaquim Nabuco, quando tive a honra de conhecer a autora deste livro e de pertencer ao «grupo» de que ella fazia parte, muitas vezes presenti a obra que aqui está. Carolina Nabuco não era indiscreta em sua admiração pelo admiravel Pae que Deus lhe déra. Mas tudo nella reçumava essa veneração total, que lhe dava aos gestos um pouco da displicencia olympica que coroou a vida de Nabuco. No meio da nossa turbulencia de adolescentes se destacava sempre a sua serenidade. No meio de nossos scepticismos prematuros, uma fé tranquilla na vida. No meio de nossa avidez do futuro, a sua face voltada para uma luz que não vinha desse «momento» que adoravamos, mas que por isso mesmo estaria accesa quando outras tantas se tivessem apagado para sempre. Carolina Nabuco já começava então a viver para essa Vida que hoje emfim nos revela. E da penetração intensa do espirito de seu Pae, em todos os seus actos, seus pensamentos, suas attitudes, lhe vinha qualquer coisa que a collocava um pouco á parte entre nós, cercando-a de um halo de respeito que a nossa irreverencia de moços difficilmente concedia. E tudo isso sem perder nada do seu caracter essencialmente feminino. Não era uma escriptora que nella germinava. Era uma filha, que ia dar toda a sua finissima intelligencia, toda a sua

mocidade, todo o seu encanto pessoal, todo o carinho admiravel de sua bondade innata para escrever a vida do seu Pae. Esta Vida que aqui está é toda a obra de uma vida.

E se a vida de Nabuco de Araujo, na sua severa austeridade de oraculo do Senado, só podia ter sido escripta por um filho homem, foi bem que a vida de Joaquim Nabuco viesse a ser escripta por uma filha. Joaquim Nabuco teve uma alma essencialmente feminina. O seu liberalismo, o seu idealismo, o amor a todas as causas nobres, o culto da imaginação, a constante e admiravel bondade do seu coração, o caracter da sua Fé, a doçura do seu estylo, o proprio gosto com que se cuidava, tudo indicava nelle uma alma, não effeminada, mas feminina. Foi um lutador, levado pelas circumstancias, mas um politico, — levado pelo exemplo, pela educação, pela necessidade das causas que tomára a peito, pelo amor da sua terra, pela irradiação de sua intelligencia e sobretudo de sua eloquencia natural, — mas não tinha a alma do estadista.

Foi um diplomata — levado pela adversidade politica, pela necessidade pessoal e ainda ahi pela irradiação cada vez maior de uma personalidade que só chegou ao cume da montanha para morrer — mas não tinha o espirito da diplomacia.

Rudeza para os embates, senso da realidade e dos homens, habilidade no jogo dos problemas internacionaes, nada do que faz o lutador, o estadista, o diplomata, nada emfim do que é tradicionalmente apanagio da alma masculina, nas modalidades da vida de Joaquim

Nabuco, nada disso foi «espontaneo» e «profundo» nelle. O seu amor era ás coisas do espirito, o seu encanto era a sociabilidade, a sua tendencia era sempre a comprehender, a perdoar, a querer bem. Sentiu-se sempre differenté dos officios que exerceu. Quando politico, vivia só, longe dos partidos, levado sempre por uma só idéa ou antes por um só ideal. Sustentava os conservadores, como sustentou João Alfredo até no caso dos Loyos, desde que os conservadores servissem ao seu ideal. E atacava os liberaes, como atacou Saraiva, quando estes traiam o seu proprio ideal. Quando jornalista, não se solidarizava com os chamados processos jornalisticos, e mesmo durante a campanha abolicionista, considerava como sendo da outra margem os extremistas como Patrocinio. E quando diplomata nunca se resignou á diplomacia.

Sentia-se sempre um exilado na vida intensa. Sua filha cita um trecho de uma de suas ultimas cartas em que diz: — «Eu não devo ser tido senão como um literato que não teve tempo para o ser». Mas commenta ella com razão que mesmo a actividade puramente literaria nunca lhe teria sido sufficiente. «Em todo o caso, e em quaesquer circumstancias da vida, sobre esse artista que Nabuco sentia vibrar em si, o homem de acção que elle realmente era teria predominado. Suas obras visaram todas alguma coisa além de literatura. O romance, a ficção, a poesia puramente lyrica, não o tentaram. «Os livros, disse uma vez em carta, devem ser todos elles campanhas» (p. 315).

Mais talvez do que homem de acção foi elle um homem de irradiação. Era grande de-

mais para caber em si mesmo ou nas paginas dos seus livros. Amava intensamente a vida e os homens, e sendo embora — «acima de tudo um pensador» — são se resignava a viver privado dos homens, dos factos, dos gestos, de tudo que é visivel e patente. Todas as suas idéas tendiam a tomar corpo. Tudo o que se elaborava no silencio do gabinete ardia por ganhar o ar livre. Não foi o homem do pensamento puro, nem o homem da acção pura. Foi sempre e acima de tudo o homem da harmonia, do equilibrio, da plenitude. De modo que na sua acção sentimos sempre o fruto do pensamento interior, e no seu pensamento a impaciencia da realização.

Apaixonou-se pela causa dos escravos, por exemplo. Mas não viu nella apenas um thema de arte ou de prégação intellectual. Fez-se politico para realizar o seu sonho. E por dez annos fez da abolição o eixo, a razão de ser, a essencia de toda a sua vida parlamentar. Foi seduzido depois pela idéa federalista e logo tomou a iniciativa de apresentar á Camara o projecto de reforma constitucional federativa.

Quando depois a Republica o encontrou fiel á Monarchia (embora com uma convicção infinitamente mais tibia do que fôra a sua paixão abolicionista ou mesmo a sua idéa federativa) nunca recusou entrar no jornalismo para sustentar o seu pensamento. E quando mais tarde sustentou o ideal pan-americano, veiu a fazê-lo como embaixador, praticamente, com intervenções independentes e effectivas como no caso do incidente dos Estados Unidos com o Chile, pouco antes de sua morte.

Teve sempre, portanto, a paixão das coisas vivas e corporificadas. E acima de tudo o contacto com o espirito do seu tempo.

Entre o infinito numero de coisas que Nabuco foi, — pois houve nelle a maior das «encruzilhadas» do pensamento e da historia da nossa gente, — foi elle essencialmente um espirito filho do seu tempo, fiel ao sentimento dos seus contemporaneos, e fruto incomparavel e perfeito da sua época. Joaquim Nabuco foi assim um dos nossos homens typicos do seculo XIX.

Tivemos varios em nossa historia que, em certo momento encarnaram o espirito do seculo passado. Pedro II, como estadista, Castro Alves, como poeta, Tobias Barreto, como prosador, Mauá, como economista, foram todos elles homens typicos do seculo XIX. Joaquim Nabuco, em sua vida, foi tambem, em muitos pontos, o homem typico do seu seculo. E esse caracter de seu espirito, de sua obra, de sua acção, pode resumir-se em uma só palavra — liberalismo. Tudo o que nessa palavra ha de grande, de nobre, e de bello, tudo o que ha nella tambem de vago, de perigoso, ou mesmo de francamente nocivo, vamos encontrar no papel moral de Joaquim Nabuco, que se eleva em traços indeleveis das paginas magistraes desse livro. Joaquim Nabuco teve, como o seu seculo, a paixão da Liberdade. E se chegou tambem, como o seu seculo, a uma concepção integral de liberalismo que representa um erro consideravel de visão da natureza do homem e da Verdade, — nunca sacrificou a essa paixão um amor mais alto que a disciplinava — a harmonia.

Nabuco viveu em harmonia com o seu tempo, se bem que tantas vezes em luta com os homens do seu tempo. Os temperamentos humanos, segundo uma classificação recente e muito sensata, pertencem a duas grandes especies, conforme se adaptam ou não á realidade. Aquelles que vivem em scisão constante com a realidade e com si mesmos são chamados os «schizoides». Aquelles que vivem em fusão constante com o mundo exterior e o mundo intimo, são os «syntonicos». Pois bem, não conheço em nossa historia exemplo tão maravilhoso de syntonização como o de Joaquim Nabuco!

Nabuco foi o maior milagre de harmonia de nossa historia. Como explicar que uma creatura dessas, que teve em seu espirito todas as superioridades, em seu sangue todas as nobrezas, em suas maneiras todas as distincções, pudesse viver no mais admiravel equilibrio com uma raça impura, com uma nacionalidade informe, com um espirito inquieto e dissociado como o nosso?

Como explicar que esse typo incomparavel de aristocrata, pudesse dar todo o seu esforço pelas causas mais democraticas, sem que nunca uma nota disparatada surgisse dessa adaptação?

Como explicar que um escriptor cujo estylo era todo classico, cujo temperamento era todo europeu, cuja obra se distinguia tão vivamente de sua terra, até mesmo por vezes, pelas linguas estrangeiras em que era escripta, cuja estadia longe da patria foi tão constante, — como explicar que esse escriptor esteja tão vivamente no coração do nosso povo, de modo

tal que ainda ha hoje quem «chore lagrimas de verdade» ao ler algumas paginas de «Minha Formação»?

Como explicar esse apparente paradoxo de um espirito puramente appolineo, que se dedica a causas vivamente dyonisiacas (se é possivel dizer...) num meio claramente primitivo e semi-barbaro? Como explicar a harmonia de tanta superioridade com tanta mediocridade?

E' que Nabuco, com o poder incomparavel de irradiação que possuia, elevava tudo o que tocava. Não era elle que descia, era o povo que subia. Somos nós, até hoje, que subimos ao seu lado. Nós nos sentimos mais serenos em contacto com a sua serenidade E o povo que o applaudia delirantemente, nos dias de seus grandes triumphos oratorios, via-se a si mesmo na figura do seu idolo. Mas via-se a si mesmo transfigurado, aristocratizado, universalizado, numa previsão de um futuro muito remoto. Era como se Nabuco representasse um ensaio muito prematuro de uma visão longinqua do porvir. Era como se Nabuco fosse uma indiscreção do nosso futuro. E o povo, e nós todos, inquietos, angustiados, dissociados, mesclados de sangue e de espirito, pessimistas, amargurados, sentindo em nós e em torno de nós todas as taras e todos os desesperos das coisas em franca ebulição, — todos nós nos refugiamos em Joaquim Nabuco nas horas mais sombrias, nas horas de maior negação. Elle é até hoje um abrigo para as nossas desesperanças. Elle nos traz, do alto da sua olympica belleza, um pouco de frescura para o afogueamento das nossas irritações, um pou-

co de doçura ás amarguras constantes do nosso presente.

E é tal esse conforto que elle traz, tal a distancia de que nos vem, carregado de outros ares, de outras cores, de outro sabor, — que ha momentos (falo apenas por mim mesmo sem duvida) em que sinto Nabuco como absolutamente inactual, como o vestigio de uma éra irremediavelmente morta, como a sombra de um caminho que se fechou deante de nós e do qual tivemos de retroceder.

Impressão passageira, sem duvida, impressão que eu desejo ardentemente que seja passageira. Pois, por mais ligado que eu veja Nabuco ao espirito do seu seculo, ao ambiente do tempo (Nabuco não cortejou nunca a popularidade, mas não se sentia bem sem ella. Quando as suas convicções o levavam a ver que a inclinação do povo era contraria ás suas, como na Republica, não cedia de suas convicções, mas tambem não procurava affrontar a opinião publica. Não amava o isolamento, nem mesmo talvez como escriptor. Só era completo quando sentia as suas convicções irmanadas com as convicções da maioria. Como todos os grandes oradores, precisava ter o ambiente por si. E por isso foi, no fundo, mais predicante que militante) — por mais preso que eu o veja ao espirito do seu tempo, o que ha nelle de verdadeiramente grande e eterno, não está com o seu tempo. E apesar de ter tambem em si o que ha de melhor, de mais authentico, de mais puro no caracter brasileiro, esteve tambem acima da sua gente. E dahi ser elle talvez aquelle typo que reuniu, na historia de nossa personalidade em

formação, o maximo de sabor local ao maximo de universalidade. Ao longo das 500 paginas de ouro desse livro de sua Vida, aquella talvez que li com maior encanto foi o pequeno trecho em que elle descreve á esposa ausente a morte do pae della, o barão de Inohan (pagina 463). Como se sente «bem» esse homem coberto de glorias, no fim de uma vida carregada de triumphos, embaixador, poeta, philosopho, estadista, respeitado na Europa e em toda a America, venerado em todo o Brasil, — como esse homem se sente á vontade, sem esforço, naquelle pobre quarto de uma fazenda em ruinas, nas cercanias de Maricá, entre o «Racha Pé» e o «Sr. Candinho»! Que imagem estupenda do Brasil, do nosso Brasil dos contrastes estapafurdios, das contradicções mais impagaveis, que só mesmo o milagre de Nabuco conseguia equilibrar!

Pois bem, ao longo das 500 paginas desse livro — que é o maior monumento que a pura piedade filial já erigiu na historia de nosso pensamento — ao longo dessas paginas o que sentimos a cada passo é essa sensação unica de ascensão constante, de plenitude crescente, de serenidade que se alarga de mais em mais, desde os triumphos da primeira defesa no Jury de Recife até a radiação final, em Washington, no mais alto posto de honra que a unanimidade de todos os corações e de todas as intelligencias brasileiras lhe tinham concedido.

A autora dispunha de um material incom-

paravel. E utilizou esse material com todo o amor. Toda a correspondencia de Nabuco, ou pelo menos toda a que merecia vir a lume para illuminar, se ainda é possivel, essa propria imagem do que ha de mais luminoso em nossa historia, toda essa correspondencia foi utilizada com um tacto, uma intuição, uma comprehensão das necessidades do assumpto como difficilmente se poderia desejar melhor.

Quem faz o livro, parece ao leitor, é o proprio Nabuco. Nunca vi maior discreção do que em sua filha. Procura sempre se apagar. Busca sempre a palavra do Pae, a nota authentica, a carta reveladora de um traço intimo. Deixa que o seu grande biographado se apresente sózinho em sua estatura gigantesca, sem interpor coisa alguma entre elle e o leitor. E' o modelo da «vida» objectiva, de brilho proprio, valendo por si mesma. Um modelo de modestia e de carinho absoluto. E, entretanto, só quem conhece como essa obra vem sendo feita ha longos annos, meditada pagina a pagina, seleccionada no cháos de um material excessivo, só quem sabe quanto ella custou á propria saude de sua autora, que a interrompeu por vezes, em virtude de positivo «surménage», — só quem sabe disso pode avaliar o esforço de intelligencia e de ternura, de solicitude e de desprendimento que está escondido nesse trabalho. Nada mais difficil do que a gente se apagar. Nada que mais revele uma affirmação de personalidade.

E não é, por isso, dos menores encantos desse livro, vermos que continúa viva a fibra de quem foi a flor mais harmoniosa da raça brasileira.

CAPITULO XIII

ALENCAR CRITICO

José de Alencar foi um pouco de tudo: romancista, politico, jurisconsulto, pamphletario, jornalista, poeta. Cultivou todos os generos, sem se especializar em nenhum. Sentia em si — com a visão muito viva e mesmo excessiva por vezes do seu proprio merito — a nacionalidade que se tornava consciente e desejava affirmar-se. Esse desejo de affirmar-se foi sempre typico em Alencar. Sua obra não foi uma obra propriamente de vocação. Não se pode dizer delle que foi o que não podia deixar de ser. Não me parece. Eu vejo, ao contrario, em Alencar uma extraordinaria lucidez. Elle foi sempre aquillo que quiz ser. E quando as circumstancias tolhiam o seu desejo, ou quando os homens contrariavam o seu proposito, não sabia calar a sua irritação. Foi sempre o inconformado. O que não sabia sorrir da incomprehensão alheia. E sempre se encapelava contra os obstaculos.

Assim, como politico e assim como homem de letras. O romantismo, entre nós, foi óra um temperamento, óra uma vontade. Em Castro Alves foi temperamento; em Alencar vontade. Não havia, em Alencar, o temperamento romantico, a indole naturalmente creadora. Elle não «foi»

apenas romancista ou politico: «quiz» ser romancista, «quiz» ser politico, viu lucidamente que estava creando alguma coisa de novo, ou melhor que precisava pôr ao serviço da nacionalidade os dotes que possuia. De modo que sempre foi senhor da sua obra.

Ora, é isto justamente o que constitue a essencia do temperamento critico. A vocação para a critica é justamente o poder de vencer a vocação, de voltar-se sobre si mesmo, de se assistir. Hoje em dia são cada vez mais raros os puros temperamentos lyricos (e dahi a irritação hyper-lyrica do suprarealismo). O homem de nossos dias é essencialmente uma creatura que se assiste viver, que é por excellencia o espectador de si proprio. E dahi a crescente incapacidade de emoção e a necessidade de choques cada vez mais violentos, de invenções cada vez mais anormaes, de processos cada vez mais ruidosos para surprehender o nosso esgotamento de espectadores terrivelmente lucidos de nós mesmos.

Todos somos criticos, portanto, hoje em dia. E os romancistas mais do nosso tempo, como Proust ou como Gide, não são os que escrevem ingenuamente uma historia para os outros, mas os que contam aos outros como é que se escreve uma historia para os outros...

Alencar estava bem longe de todas essas complicações, se bem que fosse taxado, mesmo na sua ultima phase literaria, de desejar a toda força ser original extravagante e até morbido Pois mesmo um apologista seu como Araripe, por exemplo, não foi chamar «Luciola» de creação inverosimil, pelo desdobramento da indivi-

dualidade, quando hoje a psychiatria já observou numerosos destes casos, em creaturas de carne e osso?

A complexidade de Alencar, porém, não era nem a sombra da que hoje assistimos num crescendo perigoso e prenunciador de voltas violentas ás barbarias elementares. Pois nada tão proximo do extremamente primario do que o excessivamente requintado. Não havia nelle a complexidade do homem cansado de hoje. Mas havia a lucidez do critico. Elle ainda escrevia historias para os outros. Mas escrevia por querer, escolhendo bem os seus motivos e distribuindo a sua actividade de romancista de modo a abranger de facto todas as faces da nacionalidade, cuja literatura era preciso crear. «Romance brasileiro», é o sub-titulo que se encontra em quasi todos os romances da época. Nos seus, como nos outros; poucos aliás pois a época não enxameava de romancistas.

Alencar, portanto, foi sempre o primeiro critico de seus romances. E mesmo independente disso tambem cultivou o genero. Pode-se mesmo dizer que começou por elle. Na publicação que dirigia, na Faculdade de S. Paulo, «Ensaios Literarios», não era poemas o que publicava como o faria se fosse um temperamento realmente romantico. Fazia critica, preoccupava-se já com o problema do estylo, que foi a sua grande obsecção de toda vida. Desde estudante até o seu «testamento» literario (aquella carta a Joaquim Serra, escripta, um mez antes de sua morte e cujos termos já tive occasião de transcrever), do inicio ao fim de sua carreira de letras o seu cuidado maximo foi crear o es-

tylo brasileiro. E nisso revelou realmente uma previsão muito justa da importancia de sua obra.

Hoje em dia só lerá os romances de Alencar, «como romance», quem ancorou na literatura com 50 annos de atrazo. O que hoje nos attráe realmente em Alencar, independente do valor historico de sua obra, o que nos causa ainda prazer real em muitas de suas paginas é justamente a melodia brasileira da sua linguagem. Franklin Tavora, por exemplo, deu-se a um trabalho immenso de examinar linha a linha o poema de Iracema, de verificar se a «jurêma» tinha realmente as propriedades que o autor lhe attribuia, se Martim era mesmo filho do Rio Grande do Norte, se mais isto, se mais aquillo, e estava convencido de que falava não por si, contemporaneo, mas por nós, posteridade: — «Sempronio não diz estas coisas aos presentes; tem a pretensão de escrever para o futuro». («Cartas a Cincinato», pagina 318).

Pois bem, da sua demolição é que nada ficou, tanto mais quanto podiamos fazer a critica de sua critica, com argumentos semelhantes aos que elle applicava a Alencar, e como aliás o neo-indianismo de nossos dias está começando a fazer. Para dar apenas um exemplo. Tavora censurava em Alencar a — «linguagem banzeira e esmorecida» dos seus indios. E acrescentava: — «O que me parece que se devia achar na Iracema, para que se podesse dizer que nella estava fundamente impresso o cunho nacional, era ruido de grandes embates, repercussão de magnanimas acções e gentilezas, tanto no amor como em tudo» (ib., p. 190).

O neo-indianismo de hoje abandonou todo

romantismo indiano, para chegar ao puro realismo indianista, com a preoccupação maxima de desidylisar, de desepopéisar os nossos indios e olhá-los como são ou deviam ter sido antes da catechese e da conquista. E o que Tavora ainda pede são lances heroicos, «sou bravo, sou forte», etc.

Mas, voltando ao que dizia, a critica de Sempronio errou de alvo. E deixou intacto o que encontramos justamente de encantador em Alencar e nos faz voltar a elle, de vez em quando, com prazer independente do interesse historico. E esse encanto é justamente o sabor de sua linguagem, a aragem fresca que balança esses coqueiros, a melancolia suave, a ternura, o abandono, tudo o que em Alencar havia de nimiamente brasileiro e que elle soube communicar á sua prosa perfumada e indolente, em que pela primeira vez nos reconhecemos como brasileiros.

Essa preoccupação do «estylo brasileiro», portanto, foi a razão de ser da feição critica da obra da Alencar. Já que propriamente como «critico», pouco se encontra em sua actividade multiforme. Começou realmente criticando a Magalhães, com essa necessidade de opposição que toda geração sente contra a geração precedente. As suas «Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos» são de 1856, antes de publicado o «Guarany», que foi propriamente a sua revelação. E nellas Alencar, advertia logo de inicio que — «não é um juizo critico que pretendo escrever sobre o poema do sr. Magalhães... São apenas impressões de minha leitura». (Cartas, etc., p. 5).

E nós podemos accrescentar: era apenas a necessidade que todo «chefe» de geração tem de demolir o chefe anterior. Magalhães era o patriarcha do primeiro romantismo, o homem de 1836. Alencar era o novo astro que se erguia. Nada mais natural do que uma necessidade de desbravamento do terreno. Mais tarde, o mesmo ia succeder a Alencar, quando já considerado por acclamação dos povos «chefe da literatura brasileira». A geração naturalista, — com Franklin Tavora, no romance, Lafayette nas letras juridicas, Sylvio Roméro na critica — começou logo por demolir o idolo da geração anterior e lançar-se logo de inicio contra José de Alencar.

A critica a Magalhães não era, portanto, a obra de um critico que se affirmava. Alencar desejava ser tambem um creador e não apenas um commentador. Mas a concepção que tinha então da critica era toda lisonjeira e favoravel. Eis como se exprime na sexta carta sobre a Confederação: — «Ha, na poesia e na arte, nessas duas irmãs, filhas do Genio e da natureza, além da execução uma parte negativa, a que um escriptor moderno chama a critica. O poeta ou o artista é o homem que concebe e executa um pensamento sob a influencia dessa exaltação de espirito que solta os vôos á fantasia humana. O critico, ao contrario, é o poeta ou o artista que vê, que estuda e sente a idéa já creada; que a admira com essa emoção calma e tranquilla que vem depois do exame e da reflexão. Para ambos, pois, ha uma mesma revelação do bello, com a differença que para um se manifesta sob a fórma do pensa-

mento e para o outro sob a forma do sentimento. No poeta é a inspiração, o fogo sagrado, que crêa e anima a idéa; no critico é a contemplação, é o raio de luz que esclarece o quadro e põe em relevo a obra já executada. Ambos são poetas e artistas» (ib. p. 61).

Critico assim, pode-se dizer que Alencar o foi durante toda a sua vida. Pois se foi escassa e ephemera a sua obra como critico profissional, ou antes como critico dos outros, vimos que nunca deixaram de coexistir nelle a actividade poetica e a analytica. O critico, mostrando calmamente os themas a tratar, a obra de nacionalização a compor, o modo de escrever, etc., etc., — o poeta romantizando as realidades mais grosseiras ou estimulando a imaginação idealizadora. Dahi a existencia, em muitas de suas obras mais «inspiradas», como Iracema, por exemplo, de prefacios ou epilogos, «explicando» a obra, a sua razão de ser, o seu feitio, a sua genese, um pouco no genero do que François de Curel fez na edição completa de suas peças.

Mas, como viamos, em 1856, ao lançar-se á curiosidade do publico, com as mysteriosas iniciaes de Yg., combatendo um vulto consagrado e respeitavel como era o visconde de Araguaya, — Alencar formava da critica a concepção mais lisonjeira possivel. O critico era «um poeta e um artista», e a sua funcção era positivamente complementar da funcção do artista.

Passam-se 15 annos porém. O critico de hontem se tornara o romancista de agora, o successor de Magalhães, o emulo do proprio Imperador, que o olhava de esguelha, de throno a

throno, o centro de toda a vida literaria nacional, e numa obra necessariamente dispersiva e superficial pela ambição de multiplicar as amarras com todos os generos e todos os themas, — nessa obra havia grandes altos e baixos. E uma geração subia, que a guerra do Paraguay e a importação de idéas estrangeiras lançava a ideaes bem diversos dos seus. E os criticos tinham surgido contra elle proprio, nem sempre cortezes, muitas vezes completamente injustos como Feliciano de Castilho. Alencar fôra atacado por este, incessantemente, na mais preciosa e na mais «sua» das reivindicações — a nacionalização da linguagem. O proprio Pinheiro Chagas, tão elogioso para com o romancista, repellia o philologo. E outros, como Tavora, mostravam a decadencia da sua obra, excedendo-se tambem e abrangendo de certo modo toda a sua producção desde o inicio. Era a hora inevitavel do fel, que Alencar não soube viver com o sorrisso ou com a resignação do inevitavel. E mudou bastante a concepção que dantes formara da critica. No prefacio aos «Sonhos de Ouro», em 1872, não esconde a sua irritação. Os criticos já deixaram então de ser «poetas» e «artistas», para serem: — «uma casta de gente, que tem a seu cargo desdizer de tudo neste mundo. O dogma da seita é a contrariedade. Como os antigos sophistas, e os reitores da meia idade, seus avoengos, deleitam-se em negar a verdade. Ao meio dia contestam o sol á meia noite a escuridão... Assim, livrinho, um, ao receber-te, talvez se lembre de teres saido de uma cachola, que na vespera não se descobriu amavelmente á sua passagem e não lhe

prestou a devida cortezia. Estoutro te ha de acolher com soberbo gesto de enfado, aborrecido como anda de dar noticia de tantos livros de um e mesmo autor... Haverá ainda quem, fiel ao preconceito juridico — do ut des — te dispense o remoque ou o elogio á medida do que lhe tiver cabido... Outros criticos te esmagarão com augusto tenebroso silencio». E continúa a deblaterar contra a «serrazina da critica, para a qual o autor, ha muito, por força da consoante, fez orelhas moucas».

(«Sonhos de Ouro», pref.).

Vê-se bem como é differente o tom, daquelle de 15 annos atraz, quando elle proprio se ensaiara como critico, demolindo Magalhães... Aliás, esse prefacio dos «Sonhos de Ouro» são mais uma prova do temperamento critico que havia em Alencar, em relação á sua propria obra. Nelle faz o creador de Iracema uma resenha das tres phases já atravessadas, até então, pela nossa literatura: a phase aborigene, a phase historica e a phase contemporanea, de influencias estrangeiras, immigração, urbanismo, etc.

E mostra como a cada uma dessas tres phases pertence um grupo de seus proprios romances. E' uma auto-critica que bem revela a constante lucidez desse temperamento tão pouco romantico. E terminava batendo mais uma vez na tecla constante de sua obra: — «O povo que chupa o cajú, a manga, o cambucá e a jaboticaba, pode falar uma lingua com igual pronuncia e o mesmo espirito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e a nespera?»

Dois annos mais tarde publicava Alencar, nas columnas do «Globo», a sua obra sobre a poesia popular cearense, sob o titulo «O Novo Cancioneiro», e que constitue outro ensaio propriamente de critica em sua carreira de polygrapho. E' o resumo de pesquisas feitas, no decurso de uma viagem ao Ceará, sobre o folklore cearense, tão pouco estudado até então. Estuda sobretudo os dois grandes poemas populares «O boi Estacio» e o «Rabicho da Geralda», dando de ambos uma versão um pouco penteada, coisa que exacerbou Sylvio Roméro, não com muita razão, pois toda transcripção folk-lorica, que não fôr feita a phonographo, traz inevitavelmente o concurso do collecionador. Foi o que se deu aliás com o proprio Sylvio.

Ha nessas paginas de Alencar, — que só agora, com a publicação annunciada de suas obras completas, serão reunidas em volume, — algumas observações interessantes, como, por exemplo, o caracter de apologia do proprio «boi», que existe na poesia popular cearense. Se bem que em geral não trate do assumpto senão um pouco pela rama, insistindo como sempre sobre a parte philologica.

Existe nessas cartas a Bruno Seabra, um topico pittoresco. E' a apresentação que Alencar faz ao publico do Rio, de um joven cearense cujo futuro elle previa como muito promissor: Capistrano de Abreu. A titulo de curiosidade, e como prova da penetração critica de Alencar, transcrevo o topico relativo: «Nas minhas pesquisas (no Ceará) fui auxiliado por um joven patricio meu, sr. João Capistrano de Abreu,

notavel por seu talento, entre tantos que pullulam da seiva exuberante desta nossa terra, que Deus fez ainda mais rica de intelligencia do que de ouro. Esse moço que já é facil e elegante escriptor, aspira ao estagio da imprensa desta Côrte. Creio eu que, além de grangear nelle um prestante collaborador, teria o jornalismo fluminense a fortuna de franquear a um homem do futuro, o caminho da gloria, que lhe estão obstruindo uns accidentes minimos», («O Globo», dez. de 1874).

Se a revelação de talentos desconhecidos é uma das funcções mais uteis e nobres da critica, podemos levar essa ao activo de Alencar, como tambem a famosa carta a Machado de Assis apresentando Castro Alves.

Quanto ás demais producções suas em assumptos de critica, resumem-se a pouca coisa, como refere um de seus biographos recentes:

-- «Escreveu «Questões de Estylo» (Ensaios Literarios, S. Paulo, 1846); Artigo sobre as poesias de Zaluar (Correio Mercantil); Artigos literarios sobre Mont'Alverne, Thalberg, e Othelo (Jornal do Commercio); «O vate bragantino», quatro ou cinco artigos publicados no Globo e na Republica; e «A Constituinte perante a Historia», serie de artigos publicados em resposta ao opusculo de igual titulo do conselheiro Homem de Mello, (Jornal do Commercio)». (A. Motta, José de Alencar, p. 146).

Obra escassissima como se vê, no que se refere ás producções alheias. O que havia de «critico» em Alencar, era applicado á sua propria obra de creador. Mas em relação a esta

desempenha um papel importantissimo essa face da sua intelligencia.

Pois sempre foi, desde o inicio, um homem que soube o que quiz. Teve a consciencia de ser o creador do romance brasileiro, senão chronologicamente, ao menos em seu espirito. Teve a consciencia de ser o creador de um estylo brasileiro. Teve a consciencia de ser um libertador de nossas letras, e de dar expressão literaria ás varias faces da nacionalidade em formação.

Foi sempre, portanto, mesmo como romancista, um poeta e um critico.

CAPITULO XIV

BIOGRAPHIAS

Existe, hoje em dia, uma verdadeira epidemia biographica. E é bem do estado de espirito de nossa época, uma grande tendencia á realidade. No bom e no máo sentido, quer como conceito quer como preconceito, a realidade exerce cada vez mais uma immensa seducção sobre os espiritos.

Ha, em primeiro logar, e cada vez mais numerosos, os «profiteurs» da civilização. Perdido todo contacto com Deus, abandonada toda preoccupação sincera de reforma social, seccionados todos os laços com a tradição, dá-se entre esses sybaritas de uma civilização agonizante um movimento, instinctivo e voluntario ao mesmo tempo, no sentido de arrancarem á realidade — ás coisas concretas e tangiveis —, o maximo que ellas possam dar. E' a immensa cohorte dos «sensualistas», que o grande capitalismo atheu contemporaneo espalhou, mais gulosa do que nunca, por toda a face da terra. Eis a primeira e a mais avida talvez das phalanges «realistas» de nossos dias.

Ha, em seguida, e de certo, no extremo opposto a esses dissipadores da realidade, — os partidarios do realismo systematico e experimen-

tal. São todos os filiados ao materialismo scientifico, ao materialismo revolucionario ou ao positivismo herdado do seculo XIX. São todos os fieis de Haeckel, de Marx ou de Comte e que hoje em dia juram por Freud, por Lenin ou pelo sociologismo humanitario, derivado do evolucionismo de Spencer e do agnosticismo de Kant, que invadiu todas as universidades leigas, e anima os movimentos de humanitarismo burguez, como o rotarismo, o internacionalismo da Liga das Nações ou o nosso pan-americanismo continental.

Em todos esses espiritos, que formam a maioria das classes intellectuaes, dos scientistas e dos revolucionarios — o «realismo» positivo e visivel é uma consequencia da realeza do «Homem» sobre o universo que está no fundo de todos esses systemas e partidos. O «humanismo realista» é a formula que conviria a essa segunda classe de espiritos que no seculo XX invocam a «realidade» como guia de acção.

E temos finalmente os «realistas integraes». São aquelles que repudiam essa restricção do conceito da realidade ao simples alcance de nossos sentidos, afastando-se portanto, em doutrina e de facto, de todos os «sensualistas» e de todos os «experimentalistas». São aquelles para quem a realidade natural é apenas uma face da realidade total e que reintegraram o sobrenatural no conceito do realismo contemporaneo. São todos os partidarios do renascimento religioso contemporaneo, tanto os que permanecem ainda na espiritualidade vaga, como principalmente os que «definiram» a sua volta ao Espirito. E' escusado accrescentar que nós, catho-

licos, nos filiamos a este realismo integral e dahi um dos motivos do movimento em que devemos proseguir no sentido de restituir á Religião as suas bases authenticas de «verdade» e de «revelação», arrancando-a aos preconceitos destruidores do emocionalismo puro, que até hoje tem predominado, especialmente aqui por estes nossos liberalissimos e theosophicos Brasis...

São portanto tres as grandes divisões dos espiritos que em nossos dias procuram, cada vez mais, approximar-se da realidade. Não seria, talvez de todo inexacto dizer que a «realidade» representa para o seculo XX o que a «liberdade» representou para o seculo XIX. Ha em todos nós uma grande avidez do que «é». E os tres grandes circulos concentricos — realismo sensual, realismo experimental, e realismo integral — representam apenas um alargamento successivo do conceito central de realidade. Os primeiros ficam apenas na realidade dos «sentidos», os outros se satisfazem com a realidade dos «sentidos e da razão», e nós pedimos a realidade «dos sentidos, da razão e da fé». Tres circulos concentricos de realismo crescente, desde o sybaritismo decadente dos sensuaes até a reintegração de Deus como explicação do Universo.

Tudo isso indica, — para voltar ao ponto de partida — como o gosto das «biographias», que se transformou modernamente em verdadeira mania, não é apenas uma moda literaria passageira. Elle representa uma face de nossa moderna seducção pela verdade, pelas coisas concretas, por tudo o que represente um re-

flexo do «ser» (pois o que divide — os «abstracteurs de quintessence», de que troçava Rabelais, dos partidarios da verdadeira «abstracção», — é que aquelles desembocam no «nada» e os outros desembocam no «ser». E' o que divide tambem a logica metaphysica de um Aristoteles da logica mathematica de um Bertrand Russel).

E como a «biographia» é exactamente o genero literario que faz o traço de união entre o romance e a historia — sem ter a irrealidade fantasista de um nem a erudição rebarbativa do outro — foi elle talvez o genero que mais se desenvolveu modernamente, desde que Michelet approximou a historia do romance e Proust o romance da historia.

E em nossos dias tres grandes figuras literarias levaram o genero á perfeição possivel: Maurois, em França; Lytton Strachey, na Inglaterra; Emil Ludwig, na Allemanha. E nem só a esses paizes se limitou o gosto pelo genero. Na Italia, a grande obra de sensação dos ultimos annos foi a «Vida de Christo» de Papini, e as «vidas» de Mussolini se succedem. Na Russia, é por dezenas que se contam as «vidas» de Lenin. E nos Estados Unidos é de 1927, a mais interessante das «vidas» de Washington que se tem escripto até hoje. Nem nós, aqui pelo sul da America, escapamos a esse prurido biographico. Na Argentina, a vida de Rosas tem sido estudada de um modo inedito até hoje. No Paraguay é em torno das biographias de Lopez que gira, por assim dizer, o mais accesso da vida intellectual da nação. E entre nós bem sabemos como esse mesmo Lopez, como Pedro I, como

Mauá, como Nabuco, têm dado aos editores razões sufficientes para affirmarem que as biographias interessam talvez hoje mais ao publico do que os proprios biographados...

Tenho aqui varias, de caracter e valor variavel, e que bem mostram como o genero se adapta a todas as modalidades.

D. Joaquim Silverio de Souza — Vida de D. Silverio Gomes Pimenta, 1.º arcebispo de Marianna. Ed. Lyceu Cor. de Jesus. São Paulo, 1927.

Essa longa biographia do famoso arcebispo de Marianna, fallecido em 1922, é escripta em moldes antiquados, com uma abundancia consideravel de informações de interesse muito variavel, com pormenores que pouco adeantam ao conhecimento da vida do Arcebispo e numa linguagem de extrema correcção e sabor classico, mas sem nenhuma intensidade. O estylo do biographado, pelos trechos citados e aliás dadas as circumstancias especiaes, é muito mais vigoroso e directo do que o do biographo. E' um livro portanto que poderia bem ser reduzido á metade ou a um terço, com grande vantagem não apenas para o leitor, mas sobretudo para a grande figura estudada.

Esta é uma dessas que dão certamente para uma biographia viva e não apenas para uma biographia historica. Em uma biographia historica, como esta, perde a figura muito do seu relevo, pelo diluido das narrativas, pela transcripção de documentos, pela descripção exces-

sivamente prolixa de episodios sem importancia. E no emtanto d. Silverio foi um homem que merecia um pouco mais de relevo, em paginas mais concisas e vibrantes. Pois foi um bispo de verdade. Um homem de acção e de oração. E finalmente, um brasileiro, uma figura nossa, bem nossa, bem do cerne da raça e da alma brasileira.

Mestiço escuro, filho de paes modestos, nascido em Congonhas do Campo, em pleno coração das montanhas do interior, bem fechadas a todos os ventos do cosmopolitismo, de alma e de educação profundamente christãs — d. Silverio veiu do fundo do povo e do fundo da terra do Brasil. E chegou a ser um homem, um homem a quem Leão XIII distinguia, um homem que falava forte em Roma, que dizia verdades duras, já muito moço, ao presidente do conselho de ministros, visconde do Rio Branco; um homem que se revelou um administrador financeiro de tino pratico, um organizador ecclesiastico de pulso, um reformador de costumes do clero e dos crentes de sua diocese, sem condescendencia, — e sempre no entanto, de uma humildade absoluta, simples com os simples, indo todas as manhãs, «descalço» ouvir missa e cantar o officio entre o povo, antes de celebrar elle proprio o sacrificio. Homem, com tudo isso, de excellentes humanidades, latinista emerito, conhecedor profundo do grego e do hebraico, professor de vocação e bispo por dever.

Tudo isto faz da figura de dom Silverio uma figura de bispo que merecia uma biographia um pouco mais directa, mais vivida, mais

ardente. E comtudo, já se pode das numerosas paginas desse livro, arrancar uma imagem que mostra bem a importancia fundamental do papel dos bispos na formação brasileira. E' quando vemos a actividade de um homem incansavel e santo como d. Silverio, e a sua acção vigorosa sobre uma população inerte, desordenada, multiplicando-se ao abandono, impregnada de superstições de toda sorte — é quando vemos essa acção que verificamos a importancia fundamental de um poder espiritual forte, organizador e virtuoso.

E' nas paginas em que o A. descreve as visitas pastoraes do Arcebispo que temos mais vivo o quadro de sua intervenção verdadeiramente civilizadora. Essas visitas a certas zonas abandonadas, onde por vezes nunca pisara uma autoridade da Igreja, lembra um pouco as viagens pastoraes de frei Bartholomeu dos Martyres ás famosas terras do Barroso, de que frei Luiz de Souza nos deixou o relato immortal. Encontramos ahi scenas extremamente expressivas dos costumes e da mentalidade da alma sertaneja Destaco entre outras a seguinte:

— «Em Cubas viu s. ex. um pretenso embaixador do Padre Eterno, em cujo nome annunciava o fim do mundo no prazo fatal de seis dias. «Uma vela, dizia elle, cairá do céo á meia noite com estrondo medonho, e logo todos os montes se derreterão em cinza, todos os rios se converterão em azeite e todo o mundo será emfim abrazado em menos de meia hora. Coitado daquelle que não tiver no pescoço uma oração que eu só é que sei, mas não ensino

porque todo mundo está precisando de castigo para abrir os olhos. Eu vim para falar, agora quem não quizer fazer caso que não faça, mas na hora ha de ver como se brinca». E o biographo de d .Silverio, bispo tambem e bem conhecedor do espirito dessas populações, commenta: — «Costuma o povo acolher como veras essas e outras burlas e dahi predisposição nos animos para se alvoroçar ao menor acontecimento imprevisto» (p. 226).

E isso é assim por todo o Brasil.

Não contam os nossos sociologos leigos com esse elemento da hierarchia religiosa na conquista do Brasil para o Brasil; limitam-se a collocar face a face o cháos popular e o poder civil do governo, ou economico dos latifundiarios. E entretanto a acção civilizadora, coordenadora, saneadora do poder espiritual, representado especialmente pela hierarchia catholica, é um elemento primordial e insubstituivel. Ha dias viamos como isso se dava com o caso do cangaço, no Nordéste. O problema é o mesmo em Minas ou em outra qualquer parte. E é na biographia de bispos como este de Marianna que podemos tocar de perto a importancia do problema.

E' por isto que este livro, apesar dos seus defeitos, é uma obra de importancia, tanto para o conhecimento da vida de um homem e de um brasileiro de lei, quanto para o estudo da formação da nossa nacionalidade.

Bem diverso este outro, não de biographia mas de autobiographia:

Rodrigo Octavio — Coração aberto (livro de saudades). Ed. Annuario do Brasil, Rio, 1928.

Todos que conhecem o sr. Rodrigo Octavio conhecem um homem exuberante, sadio, sanguinio, sociavel, amigo de boas risadas, cheio de optimismo, cercado de amizades fieis, recompensado pela propria vida — em situação, prestigio, postos de relevo, renome — dos seus meritos innegaveis. E no emtanto irão encontrar neste livrinho outro homem muito diverso, nostalgico, melancolico, interior, que fala da solidão em palavras assim repassadas de uma suave ternura, que vem direito do coração: — «E desfeita a felicidade, este é o livro das horas da minha vida. Descontadas aquellas que foram gastas no desperdicio anonymo do tempo, as que se esvasiavam na espectativa infecunda de melhores dias, jámais chegados, e as tomadas pela obrigação, estas são as horas que contam, as que me voltam á memoria, quando abro os olhos da alma pelo passado a dentro. E é nessa contemplação, sempre renovada, dos dias mortos, na consoladora companhia das minhas saudades, que vivo realmente; por isso a solidão me apraz». E continúa, em paginas de uma melancolia, de uma saudade penetrante, — continúa evocando a figura de dois filhinhos que perdeu crianças, e que em sua memoria —: «se conservaram pequenos, insensiveis á acção dos annos, pequenos e louros, de ar infantil e roseo, taes como eram quando fugiram do mundo, mas não dos meus olhos... E desde então passaram a viver em mim e a ser a propria

essencia da minha vida, onde quer que eu estivesse, com quem quer que eu estivesse. Por isso tambem, passei a amar a solidão. Estando só, estou mais completamente com elles». (p. 270).

Todo esse final do livro é commovente como um crepusculo. Nada iguala na natureza a doçura e a emoção do crepusculo. Tudo se immobiliza. A viração mais branda parece ter medo de quebrar o silencio, de perturbar o repouso das folhas. E a luz que se esvae lentamente, parece fundir no somno que se approxima tudo aquillo que o dia fizera viver ardente e dividido. A noite que brota do chão, como uma fonte de sombras, não é apenas o repouso, é tambem a chave do mysterio do dia e tudo que foi rude, e aspero, e arduo de levar avante, como que se transfigura nessa esperança da sombra e do somno, que vêm trazer o silencio, a frescura e o esquecimento.

Pois bem, a saudade é o crepusculo do coração. Nella se fundem todas as dores. Nella se perdem todas as asperezas e as amarguras de viver. E o passado então repassa em nós, como substancia nossa, como a noite que nasce em cada canto da alma, como o crepusculo, nasce em cada folha lá de fóra, em cada livro na estante, em cada canto do quarto.

E todo esse livro, tão simples, tão do coração, tão leve, mostra bem que a poesia é mesmo a criança que sobrevive em nós por toda a vida. Livro em prosa, de memorias da

infancia, em que o victorioso academico e o austero magistrado do Supremo de hoje, deixou correr do coração um fio dagua ligeiro, — é bem menos um livro de memorias que de saudades o que nos priva aliás de muitas paginas que nos seriam uteis e interessantes.

Encontramos apenas algumas recordações passageiras de Raul Pompéa, da Revista Brasileira dos tempos aureos, da Academia de S. Paulo. Escassas, porém. Se me perguntasssem qual a maior lacuna de nossa literatura, penso que diria ser a ausencia quasi que systematica de «correspondencias» e de «memorias». Vazio que nada, que nenhuma fórma de critica ou de historia consegue preencher. Uma literatura em que não ha quasi correspondencias e memorias dos grandes actores ou dos pequenos comparsas é uma literatura que não tem a estima de si mesma, que não tem consciencia de sua permanencia.

Este livro não tem grande coisa, nesse sentido, pois como disse é mais uma obra da infancia rememorada, do que da maturidade vivida. E reflectindo, aliás, nas paginas de reflexão e commentario, o estado de espirito renaniano da geração que nos precedeu, estado de espirito que ainda impregnou toda a nossa adolescencia e de que tivemos de nos arrancar dolorosamente fibra a fibra.

Livro leve de saudade e de melancolia, livro do coração que lemos com o coração.

Adamastor Vergueiro da Cruz — João Caetano dos Santos (ensaio biographico). Cia. Edit. Fluminense. Nictheroy, 1927.

Este é outro thema admiravel, completamente estragado pelo autor. A «vida» de João Caetano precisa ser escripta. A figura do grande actor é realmente digna de um estudo. Vida realmente interessante e extremamente original. Pois, João Caetano não foi somente um grande actor. Foi, ao mesmo tempo, o creador do theatro nacional ou antes o precursor do que um dia será o theatro nacional. Um coração generosissimo. Um admiravel «metteur en scène» que precedeu de muito o movimento do theatro naturalista em França, por exemplo, com o seu «verismo» que no tempo de Antoine ia ser novidade em Paris! Uma noite representava uma peça em que tinha de ficar preso por uma corrente. E como ameaçassem os seus inimigos de incendiar o theatro (como duas vezes succedeu), não renunciou a ser amarrado «de facto», com a corrente como fazia questão. Houve apenas que sua mulher e companheira de palco, Estella passou o acto de revólver em punho, vigiando os bastidores! Foi um lutador tremendo. Soldado nas campanhas do Prata. Actor por vocação irresistivel. Depois um «dandy» que luxava como um lord, usava anneis sobre as luvas e tinha séges famosas no pobre Rio de então. Homem da côrte, tambem condecorado e distinguido por Pedro II. E ao mesmo tempo um homem de convicções profundas, de uma bondade extrema, que prodigalizou as fortunas que

ganhava e morreu na miseria, acompanhado pelas lagrimas e pelo luto de toda uma cidade em peso. Seu testamento é o seu retrato: — «Sou catholico, apostolico e romano. Joven, servi á minha patria. Fiz-me actor por vocação. Distribui o que ganhei, não juntei porque não pensei. Meus filhos ficam na miseria, mas confio na protecção de minha patria».

A ultima scena de sua vida de actor é terrivelmente tragica. Representava em Nictheroy, quando vê na 1.ª fila das cadeiras José de Alencar, seu velho inimigo figadal, pois foi homem de grandes amigos, como o marquez de Paraná, ou de grandes inimigos, como Alencar. Assomado e violento como era, quiz exprobá-lo, mesmo de scena, mas um subito ataque de paralysia prostou-o em terra. E nunca mais appareceu ao publico que o idolatrara.

Toda essa vida extraordinariamente romantica precisa de ser contada por um verdadeiro escriptor. Este livro é apenas um repositorio util de factos, anecdotas e referencias.

CAPITULO XV

A ALMA DE MINAS E A REVOLUÇÃO ESPIRITUAL

O Brasil, hoje em dia, é um pouco como Proust: anda á procura do tempo perdido... De modo que, á candida illusão de outros tempos, succedeu um pessimismo sombrio, depois de um periodo de risonho scepticismo. Acreditavamos ser, no seculo passado, a maior nacionalidade sul-americana: passamos depois a não acreditar em «nenhuma» nacionalidade sul-americana e hoje em dia tendemos vivamente a crer que somos, senão a ultima, pelo menos nem de longe a primeira nacionalidade sul-americana. Estamos hoje mais proximos da realidade sem duvida, pois entre os dois exageros, mais vale confiar de menos que de mais.

Acontece, porém, que olhando com mais lucidez as nossas chagas, ficamos assombrados com ellas. E assombrados com toda a razão, pois são numerosas e terriveis. E a menor dellas não será essa instabilidade com que passamos da confiança ao desespero, do «porque me ufano», ao «porque descreio»...

Vemos, assim, a nossa instabilidade de caracter, a nossa falta de tenacidade nas decisões,

o individualismo chaotico, a tendencia á inercia, a indifferença deante dos problemas fundamentaes da vida; a mestiçagem de raça e de espirito, o galhofismo systematico ou então a gravidade macambuzia; o artificio em que temos vivido de instituições inadaptaveis, de literatura desenraizada, de aspirações européas; a falta de cohesão entre as classes, as distancias geographicas, os males da natureza sommando-se aos males da gente; a raça feia e combalida, a infancia que tem os traços da velhice e a velhice que raramente deixa de cahir no egoismo ou na salacidade — tudo isso e tanto mais é o que vemos em nós quando cahimos em nós, como vimos cahindo ultimamente desde que ousamos ter um pouco mais de coragem no observar e proclamar os nossos pôdres.

O'ra, uma das causas desse pessimismo de nós mesmos, dessa revolta contra os males que ameaçam deixar-nos, em definitivo, á margem da civilisação, está no novo estado de espirito que se apoderou do mundo depois da guerra. E especialmente depois da revolução que succedeu á guerra, como em geral succede ao longo da historia.

Esse estado de espirito poderá talvez ser expresso como sendo — a soberania crescente do Homem sobre a terra. Tanto a guerra como a revolução, isto é, tanto a guerra exterior como a guerra civil, exigem do homem um esforço sobrehumano sobre si mesmo e sobre a natureza. E a consequencia inevitavel é que o homem passa a considerar-se um Super-Homem.

E' o que succedeu depois da guerra de 1914 e especialmente depois da revolução de 1917. A revolução russa não é apenas a realização pratica (?) do marxismo, nem a reacção das classes proletarias contra a exploração do capitalismo, nem uma volta do povo russo ao asiatismo communista, nem o delirio da mecanisação. O espirito da revolução russa é essencialmente — o triumpho do Super-Homem, a racionalisação integral da existencia, a suppressão systematica de todo mysticismo. E dahi o caracter fundamental dessa revolução: a anti-religiosidade, o combate systematico a toda attitude mystica perante a vida, a pregação absoluta e a applicação relativa do Atheismo integral, do atheismo como religião de Estado, se é possivel dizer.

Essa fórma «messianica» do Humanismo tem um caracter estrictamente russo. O povo russo se julgou sempre um povo escolhido, um povo salvador da humanidade. Dahi o anti-semitismo que tão ardentemente grassava durante o regimen tzarista. Hoje substituido por um neo-semitismo que é a fórma economica e communista, do mesmo estado de espirito de que o pan-slavismo era uma fórma ethnica e imperialista.

Se na Russia, portanto, o Humanismo tomou uma fórma messianica, em outros povos tomou ou vai tomando a fórma correspondente ao temperamento de cada um. Assim é que na Italia o Humanismo é nacionalista, na Inglaterra é imperialista, na França é racionalista, nos Estados Unidos é technologista. Isto é, na Ita-

lia o Homem domina por meio da Nação; na Inglaterra por meio do Imperio; na França, por meio da Razão; nos Estados Unidos por meio da Technica. E isso para falar apenas dos grandes povos actuaes, dos que têm em suas mãos maior somma de poder e de predominio. Mas no reste do mundo o phenomeno se desenvolve da mesma fórma. E não seria difficil estudal-o, desde o renascimento do «paganismo» na Allemanha da derrota até o despertar de toda a Asia, que se vem fazendo essencialmente pela propaganda do materialismo economico e politico, contra o espiritualismo contemplativo de outróra.

O que ha, portanto, em todo o mundo de hoje, é o triumpho do Super-Homem. E isso não podia deixar de tocar-nos. Deante desse estado de espirito universal, deante desse orgulho que cada povo vem tendo de sua libertação do passado, de seu dynamismo para o futuro, de seu dominio sobre a natureza, de sua força de talento, de technica, de organisação social ou militar, deante desse espectaculo de Força e Soberba, nós olhamos tambem para nós mesmos. E assim que tiramos a casca de civilisação de duas ou tres grandes cidades, — e essa mesma muitissimo relativa — o que vemos é um paiz inerte e immenso, soffrendo de gigantismo no corpo e de megalomania no espirito!

E a consequencia é inevitavel: a negação de si mesmo, pela vergonha do confronto. O remedio aconselhado é um só: repudio do passado e imitação das soluções extremas (conforme o ponto de vista dos medicos...) adoptadas

pelas duas nacionalidades que no seculo XX representam para nossos contemporaneos, o que a França e a Inglaterra representaram no seculo XIX: quero referir-me aos Estados Unidos e á Russia. E assim é que os grandes remedios aconselhados para os nossos grandes males, são a Revolução Social ou a Revolução Technica, a reorganisação social communista da nova Russia, ou a reorganisação social pragmatista dos novos Estados Unidos.

E' contra ambas essas soluções que sempre me tenho insurgido. Não é aqui o momento de recomeçar a critica de cada uma dellas e a apologia da solução que me parece mais necessaria, para combatermos os nossos males, sem sacrificarmos a nossa personalidade. A' Revolução Social e á Revolução Technica, devemos oppor a Revolução Espiritual, se bem que o termo «revolução» deva ser entendido no caso com toda a precaução. Pois o espirito revolucionario, no sentido commum, costuma implicar exactamente esse espirito de super-humanismo, que está hoje grassando pelo mundo e contra o qual justamente se insurge essa solução dos nossos males sociaes pela Revolução Espiritual, pela reacção religiosa, pela reintegração da nacionalidade em seus fundamentos essenciaes.

E é neste ponto que chego afinal a explicar o titulo destas ligeiras palavras.

Nessa revolução espiritual, que será uma synthese de nossas reacções contra os males de que estamos soffrendo, penso que devemos contar vivamente, esperançosamente, com o que se pode chamar — *a alma de Minas*.

Essa alma de Minas será um dos fundamentos moraes de nossa salvação. Ella que guardou até hoje, ao menos em seus elementos mais puros, essa fidelidade aos principios organicos de uma civilisação bem nossa, — o espirito de familia, o cavalheirismo, a hospitalidade, a fidelidade á palavra, o desinteresse financeiro, a simplicidade de vida, o recato femenino, a doçura de trato, o sentimento do respeito, tudo aquillo emfim que deriva de uma fidelidade consciente ou sub-consciente (pois mesmo naquelles que perderam a consciencia de suas raizes essas raizes continuam a dar seiva) á formação religiosa da nossa nacionalidade, — essa «alma de Minas» está destinada a ser um dos segredos de nossa renovação nacional.

Não ignoro os males de que tambem ella soffre. E o mal maior não hesito em affirmal-o, é o desconhecimento de si mesma.

Minas não tem por si mesma, não tem pelo seu «espirito», a veneração que devia ter. Minas não é fiel, como devia ser, a *essa alma de Minas*, que será para o futuro uma das ultimas esperanças de todo o Brasil e sobretudo do espirito brasileiro. Minas, exagerando para o mal uma de suas qualidades, a tolerancia, — não ama talvez, em suas forças vivas e novas, tanto quanto devia amar essa seiva de verdadeiro brasileirismo, que não é apenas um romantismo nacionalista, e sim um elemento indispensavel para defendermos uma solução racional, sensata, latina e christã do problema social sobre a terra. Mas isso é apenas uma advertencia ás seducções do momento, e ás criticas dos nossos adversarios. Pois Minas é apresentada,

— tanto pelos partidarios da Revolução Social, como pelos pregadores da Revolução Technica — como sendo exactamente o espirito de atrazo, o passadismo inerte, o obscurantismo e o preconceito. Minas é apresentada como inimiga do progresso.

E o meu temor é que, para mostrar o seu «amor ao progresso», para mostrar que não merece os epithetos com que a gratificam, para se mostrar «moderna», e ao par do espirito dos tempos, — o meu temor é que Minas venha a trahir o que ella tem de mais precioso em si propria, e que póde ser amanhã o ultimo dos nossos recursos, na immensa descaracterisação em que vai entrando o nosso cosmopolitismo commodista.

Minas precisa ser cada vez mais fiel á alma de Minas. Só assim chegaremos á Revolução Espiritual que nos salve dos males de nós mesmos e dos erros do mundo contemporaneo. Minas não é uma sobrevivencia do passado. A alma de Minas é uma das maiores esperanças do nosso futuro.

CAPITULO XVI

O QUE HA UM ANNO PERDEMOS

Quinze dias antes de morrer, escrevia-me Jackson de Figueiredo:

— «O dia do meu anniversario foi realmente um dia santo para mim. Ha muito tempo não sentia a felicidade de mover-me tão harmoniosa e facilmente no plano da vida christã. E no dia nove, tudo, tudo me vinha ao encontro do coração, assim como nas azas de anjos bem-fazejos. Ademais, a sua carta trazia um tal calor de affeição e de bondade que a considerei como um dom do proprio Jesus Christo. Sim, do proprio Deus humanado, a um pobre homem que nunca poude pensar nem mesmo no céo, sem ser atravez do coração humano».

E elle foi tambem para todos nós um desses homens em quem não podemos pensar sem ser atravez do nosso coração. E quem não o conheceu de perto, quem não teve occasião de sondar a riqueza insondavel daquella alma immensa não póde siquer comprehender-nos quando nós, os seus intimos, falamos delle.

Quantas vezes eu tenho ouvido a phrase banal, a phrase sem sentido para nós: — «Eu não sei o que v. encontra de tão extraordina-

rio no Jackson». Mas quando dois amigos do Jackson se encontram, (e elle os teve dos mais desencontrados, dos mais santos aos mais imperfeitos, dos mais illustres aos mais humildes), quando dois amigos delle se encontram basta uma referencia vaga, basta mesmo o silencio para accordar affinidades secretas e evocar todo um mundo de recordações communs. Elle chamava aos amigos «a sua segunda igreja» e vivia nella tão intensamente quasi como na propria Igreja que o salvou de si mesmo e do mundo moderno. Nunca talvez a palavra «salvação», que é toda a essencia da verdade christã, assumiu um significado tão veridico, tão preciso, tão concreto, entre nós, como no caso de Jackson de Figueiredo. O christianismo de Jackson representava realmente o mais tremendo dos dramas interiores. Elle conquistou a verdade christã a golpes de violencia inaudita contra si mesmo, contra a attracção pelo super-humanismo nietszcheano que foi toda a seducção de sua adolescencia, e contra as tendencias esterilizantes do meio christão em que teve de viver.

Jackson de Figueiredo viveu numa luta constante entre a violencia desmarcada de um temperamento que nasceu para mandar, para marcar, para torcer a realidade a seu feitio, para desmandar-se, se não fosse disciplinado, nas campanhas demolidoras mais audazes e revolucionarias — e o meio liberalizante do catholicismo brasileiro convencional, a que as lutas religiosas ainda não communicaram, senão por excepção, a combatividade ardente dos meios catholicos europeus.

Seu horror ao conformismo, ás meias tin-

tas, aos compromissos faceis, ao individualismo vagamente espiritualista que predominam em nossos meios intellectuaes e não intellectuaes tornava-o arredio, descontente, solitario.

Lembro-me de lhe ter mandado um dia um pequeno pamphleto com que Julien Green estreava, em França, flagelando os meios de religiosidade convencional em que o proprio catholicismo se torna irreconhecivel. E no dia seguinte contava-me como ficara até alta noite, sózinho, no Café S. Paulo, a ler angustiosamente tudo aquillo que parecia cair de sua propria penna e que todos nós ouviramos de seus proprios labios.

E assim vivia dilacerado, soffrendo de todos os maes de que soffria o Brasil, como se fossem os males de sua propria alma. Soffria com os amigos, soffria com o seu povo, soffria com o mundo moderno, que cada vez mais lhe apparecia como um mundo perdido, delirante, corroído por quatro seculos de individualismo crescente, de abdicação progressiva da propria dignidade de viver. Pois Jackson amou intensamente a vida. Nunca vi em ninguem um tal amor pela vida, uma tal reverencia pela vida. Lembra-me de uma de suas cartas em que elle parava para meditar sobre um insecto quasi invisivel que atravessára a pagina em branco e no qual elle via reflectida uma sombra de toda a vida universal e por ahi da propria vida divina.

Nada nelle foi recebido. Nada imitado. Nada convencional. Como que reviveu todos os valores. Repassou por todos os estagios elementares E chegou ao fundo de todas as negações

para reconstruir em si o universo e refazer todo o trabalho sobre-humano de rechristianização integral de uma alma. Queria tudo saber por si, tudo conhecer, tudo experimentar. Deante delle nada de mais rizivel do que essa objecção de que a Fé é um repouso e uma passividade.

Só quem não viu a tremenda curiosidade dessa alma, só quem não tocou de perto no germen formidavel de *acção*, de vontade, de força creadora que havia nelle, póde siquer imaginar que a sua Fé fosse uma renuncia. Sua Fé foi a mais bella, a mais difficil e a mais incessante das conquistas.

Se toda Fé tem de ser uma creação continua, nelle se decuplicava essa necessidade de uma luta perenne contra todas as forças de desagregação. Nascido para um meio mais largo, nascido para lutas de envergadura mais ampla tendo no sangue e no cerebro as possibilidades de um Veuillot e de um de Maistre, sentiamos nelle a impaciencia terrivel do homem que se sente grande demais para o seu meio.

E no emtanto nunca de seus labios ouvi uma queixa amarga contra o desconhecimento em que viveu e contra as injurias com que pagavam o seu absoluto desdem pela mediocridade politica e literaria. Estamos vendo todos os dias esses temperamentos amargos, que vivem se queixando de que não tiveram na vida a gloria que os seus meritos merecem. Toniolo dizia que eram esses os unicos homens que elle não podia tolerar: os incomprehendidos.

E Jackson, entretanto, que foi de facto um incomprehendido, e que não poude nunca fa-

zer no Brasil o que faria em um meio que estivesse ao alcance de seu temperamento — nunca teve sombra desse amargor, nunca se lembrou de sentir e muito menos de proclamar a incomprehensão dos seus conterraneos.

Nada esperava delles. Tinha uma visão tão pessimista da realidade brasileira que nada o podia surprehender. E entretanto não se resignou jamais a não trabalhar pela sorte dessa nacionalidade que elle via ameaçada de morte em suas fontes vivas, em suas raizes mais profundas.

Sua conversão nada teve de social, digamos assim. Voltou a Christo por que n'elle encontrou a Verdade, em todo o seu esplendor e nunca se cançava de dizer que era o Brasil que precisava da Igreja e não a Igreja do Brasil.

Mas quando se fez catholico e a sua visão foi lentamente alargando-se do seu destino individual para o de sua terra e de sua gente, foi levado irresistivelmente a ver como só a volta á verdade catholica podia salvar essa nacionalidade de uma completa dissolução.

Porque elle comparava o Brasil á India. Não se cansava de mostrar as analogias entre a alma brasileira e a alma hindu', entre as duas passividades, as duas indolencias, cortadas de impetos ephemeros, as duas religiosidades vagamente theosophicas, as duas tendencias á indistincção ao que elle chamava — «a extra-limitação de todos os valores» especialmente no mundo moral, as duas confusões babelicas de sentimentos, emfim entre tudo o que nos faz realmente tão proximos, no fundo, da alma hindu'. E quando Jackson descobriu um livro como

a «Route des Indes» de Forster, em que toda a fermentação chaotica da alma hindu' se exprime de um modo impressionante e sensivel até no proprio estylo do livro, — Jackson saudou-o como um livro precioso, em que todos os brasileiros deviam meditar longamente, para assistirem ao futuro que nos aguarda se continuarmos no caminho da mestiçagem integral contra a qual se bateu sempre como um cruzado.

Porque foi essa a sua grande cruzada. Contra todo individualismo puro, contra todo espiritualismo vago, contra toda religiosidade sentimentalista, contra todo romantismo politico, contra todo modernismo, todo esthetismo, todo instinctivismo, — a sua penna se insurgiu sempre e a sua palavra nunca attenuou a sua violencia luminosa. Bastava que um de nós cedesse um pouco ao veneno ambiente, para que immediatamente elle acudisse com aquella presteza que não conhecia repouso, na defeza das grandes causas a que ligara toda a sua vida. Chegava, escrevia, falava, convencia e sahia sempre victorioso quando encontrava deante de si a bôa fé. Pois todos sabiamos que elle não falava senão para nosso bem e para bem da causa da verdade catholica ou da realidade brasileira, de que elle tinha verdadeiros golpes de genio intuitivos.

Não se enganava com os homens. Conhecia-os de longe, ao primeiro gesto. Fiz a experiencia por varias vezes. E agora, passado um anno de sua morte, temos visto a confirmação luminosa de quasi todos os seus juizos. Sua amizade ou sua lucidez intellectual penetravam como verdadeiros golpes de luz inexoravel. Ia

ao fundo das almas e deante delle só um monstro de hypocrisia poderia fechar-se. Pois nunca vi, em nenhum homem, um tal dom de abrir as almas, de solicitar confidencias, de revelar-nos as nossas proprias fragilidades.

Jackson foi o mais bello testemunho da verdade que eu jámais encontrei em minha vida. Deante delle, como deante de um ferro imantado as agulhas magneticas, todos os confusos se desnorteavam, todos os impuros se inquietavam, todos os artificiaes se sentiam desarmados.

Porque havia em sua alma não só a mais subtil das faculdades de comprehender todas as miserias humanas, — mas ainda a mais implacavel das luminosidades.

Só um monstro de insensibilidade poderia passar por perto delle sem sentir uma angustia ou uma elevação ou pelo menos uma inquietação profunda. Pois elle tocava a todos os corações e ao seu lado os humildes se sentiam elevados e os pedantes diminuidos. Pois foi sobretudo um homem de coragem, um homem de attitudes definidas, um revelador de ignorados, um descobridor de timidos, um amparo para os fracos e ao mesmo tempo um inexoravel esventrador de vaidades e de artificios. Quantas vezes desmontou em nós com uma simples ironia todo um castello de pretenções e quantas vezes ao contrario soube reanimar, com uma simples palavra de amor, todo um mundo de negações interiores.

Homem unico, o nosso Jackson! Nessa tarde tragica de 4 de novembro, cujo primeiro anniversario amanhã commemoramos, abriu-se para todos nós que viviamos ao seu lado uma

nova phase da vida. Elle enchia por tal fórma os nossos corações, elle agia de tal modo sobre nossas intelligencias e sobre nosso modo de agir e de encarar os homens e as coisas, que desse momento em dèante passamos a ser outra coisa Um vasio immenso se abriu então deante de todos nós! E nesses doze mezes desde então decorridos dia não se passa em que não o tenhamos presentè em nossa memoria, como se continuasse a viver em nós e nós continuassemos a interrogal-o.

Pois o imprevisto incessante de sua personalidade não foi dos menores segredos de sua acção sobre todos nós.

Jackson era sempre um homem differente. Nunca ouvi de seus labios qualquer coisa de convencional. Nunca se repetia. Nunca nos cansava. Ha muito que temo a amizade excessiva com amigos, pois a familiaridadè raramente permitte que conservemos a illusão que causamos e nada é mais triste do que sentir uma admiração que se esvae.

Com Jackson nunca se deu tal coisa Cada dia era outro, sem nunca deixar de ser ello mesmo. Nunca vi uma personalidade tão forte, tão definida em suas convicções, tão adverso a toda variação para agradar, tão igual nos fundamentos de suas idéas, de suas campanhas de seus gostos e até de suas antipathias, — e no entanto tão variada, tão imprevista, tão differente e original nas respostas com que acudia ás nossas interrogações.

Durante annos troquei cartas por vezes diarias com elle. E no entanto rara era a sua carta que não me deixasse pensativo, que não me re-

velasse um carinho inédito nessa alma que era um mundo mysterioso, e onde nunca encontrei senão o consolo para as horas de soffrimento, a animação para os momentos de desespero e a luz para os dias sombrios em que tudo parece apagar-se deante da gente.

Nesse dia 4 de novembro a vida tornou-se mais vasia para todos nós seus amigos, menos digna de ser vivida, menos animada, menos luminosa. Nessa tarde desapparecia para nós o mais admiravel dos amigos, para a Igreja brasileira o mais ardente dos seus soldados e para a nossa raça mais um desses genios prematuros que parecem esticar demais a corda da vida e a estalam antes do fim. Muitas vezes em vida de Jackson, eu senti que a sua vida não podia ir longe. Elle viveu 37 annos o que a media dos «melhores» vive em 70. Não dormia quasi.

«Nunca o sol me apanhou na cama» dizia Ruy Barbosa. E Jackson podia commentar:

— «Pois a mim nunca o sol me apanhou dormido». Passava as noites conversando, lendo e sobretudo escrevendo.

Em 15 de janeiro do anno passado começava uma de suas cartas assim: — «Principio a escrever-lhe esta ás 6 horas da manhã. E o céo está de uma belleza tão hostil, visto de minha janella, que chega a me parecer um reflexo da terra, em que o calor deve ter centralisado tantas miserias». E nessa mesma carta, mais adeante é que me fala pela primeira vez naquelle livro de Forster que tanto o impressionou: — «Alceu, v. já leu a «Route des Indes» (trad. fr.) de Forster? Que livro singular! Creio

que pouca gente terá penetrado mais sagaz e subtilmente a relação entre o Occidente e o Oriente, isto é, o que ha de eterno na separação, na distincção das almas, por mais que se juntem. Falo das almas collectivas. E não ha mysterio mais entontecedor que esse. E esse livro me levou, por uma successão de idéas, a quasi concordar, de extremo a extremo, com o que v. pensa sobre o Brasil. Mas então, para que se defina esta nossa physionomia de povo de civilisação romantica, ainda mais necessaria se faz a existencia, no seio delle, de um escol doutrinario, catholico, intransigente, quasi direi geometrico na sua ideação e na sua actividade».

E foi essa a grande lição de sua vida. Deante de toda a indistincção em que vivemos, no meio de idéas vagas, de convicções superficiaes, de todo um romantismo collectivo que dissolve os proprios fundamentos do ser, — Jackson de Figueiredo representou a reacção categorica da intelligencia contra o instincto, da disciplina contra a desordem, do catholicismo puro contra o convencionalismo religioso, das forças superiores, das forças lucidas, das forças claras do espirito, contra a contaminação de todas as potencias da sombra, do egotismo romantico, da indistincção de idéas e sentimentos que corrompe os proprios alicerces da alma individual e collectiva no Brasil.

Se é só através do coração que nós — seus amigos de cada dia e que cada dia choramos sem lagrimas a sua morte —, que nós o podemos evocar, é preciso que isso não faça delle uma simples figura humana excepcional, sem maior repercussão no dominio das idéas. Não.

A sua acção na historia da intelligencia brasileira só poderá ser apreciada devidamente para o futuro. Mas desde já podemos mostrar, por exemplo, que em 1909, quando entre Farias Brito e Euclydes da Cunha se disputava o famoso concurso de logica para o Gymnasio Nacional, encerrava-se um periodo da historia do nosso pensamento dominado pelo phenomenismo positivista de Euclydes, em uma de suas correntes, a principal, e pelo pan-psychismo idealista de Farias, em outra.

E ia abrir-se campo para o renascimento philosophico catholico que Jackson de Figueiredo preparou desde 1910, em sua lenta evolução psychologica e philosophica, desde o materialismo inicial, passando pelo idealismo de Farias, pelo seu proprio pascalianismo até desabrochar no pensamento integral do realismo thomista, em que via a unica salvação possivel para a desordem intellectual e moral de nossas almas.

Jackson não foi apenas, portanto, o amigo incomparavel que choramos. Foi o restaurador da alma brasileira, no que ella tem de mais puro e de mais seu e ao mesmo tempo de mais universal. E' o nosso dever de discipulos seus é de sempre evocarmos e proclamarmos a sua lição, cada vez mais imprescindivel nestes dias sombrios que estamos de novo vivendo e que Deus, em sua piedade, lhe quiz poupar.

CAPITULO XVII

HA UM ANNO TAMBEM...

«reine Mathematik ist Religion»

NOVALIS

Nunca ousei, até hoje, escrever uma só palavra sobre Amoroso Costa. Temos sempre um certo pudor em falar sobre aquillo ou sobre aquelles que mais intimamente nos tocam.

E Amoroso Costa estava proximo demais ao meu coração para que eu pudesse «pensar» a seu respeito. Mas não só isso.

Elle foi daquelles espiritos voltados sobre si mesmos e cujo grande encanto estava, não no que exhibia, mas no que occultava. Foi um negador de gestos, um homem que tinha acima de tudo o pudor de todo exaggero. E soube sempre, como ninguem, comprehender a belleza do silencio e de tudo o que o silencio implica naquelles que silenciam não por falta do que dizer mas por amor á importancia das idéas

E entretanto, eu surprehenderia talvez a quem não o conheceu de perto, se dissesse que

elle era um sentimental. Apenas, era um sentimental com horror a todo sentimentalismo. E com horror, sobretudo, a toda exhibição de sentimentos, fossem elles de dor ou de alegria. Estava, nesse ponto, bem mais proximo dos anglo-saxões que dos latinos. Pois teve, authenticamente, como em poucos tenho visto, o verdadeiro senso do «humour».

E o «humour» é exactamente um pudor. O pudor do coração. Será talvez uma fórma britannica do estoicismo, a faculdade de sorrir das catastrophes e de encarar gravemente as situações mais hilariantes.

Havia, ao vivo, em Amoroso Costa essa repugnancia a toda declamação, que o «humour» sabe communicar a quem o possue. Mas não havia nelle, por outro lado, o scepticismo proprio da ironia.

Em uma das manifestações que fizeram aos mortos do «Santos Dumont» certa oradora, falando de Amoroso Costa, tratou-o de «grande cidadão».

Tive um arrepio ao ouvir essas palavras. Eram exactamente aquellas que não deviam ser ditas, aquellas de que Amoroso Costa se esconderia para não escutar.

Precisamos falar dos mortos, e muito mais dos mortos queridos, com expressões que não perturbem as suas sombras. E essas, que foram provavelmente pronunciadas com tão boa intenção, são das taes que podem quebrar a sua serenidade, se acaso o écho das nossas miseras vozes humanas póde ainda inquietar o repouso dos que descançam na Eternidade.

Elle foi talvez aquillo que as duas palavras

de máo gosto, em sua emphase inopportuna, queriam significar. Mas era preciso não lembrar. Era preciso sobretudo não dizer.

Pois foi justamente contra o máo gosto que Amoroso Costa sentia revoltar-se em si toda a capacidade de enthusiasmo que o seu pudor dos extremos fazia sempre racalcar, com um sorriso ou uma palavra de espirito.

E o máo gosto é essencialmente a perda do equilibrio. Ha temperamentos, sem duvida, que sabem ultrapassar a zona de harmonia, vivendo os extremos, sem perderem, em face de um homem de gosto, aquelle milagre de equilibrio que caracterisa exactamente o espontaneo bom gosto. São essas almas generosas e arrebatadas, que sabem manter-se em pleno abysmo sem nunca se lançarem na declamação.

E essas, Amoroso Costa soube amal-as tambem como amava a toda belleza. Pois ha na generosidade e no sacrificio a maior de todas as bellezas e portanto a mais perfeita das harmonias.

Não havia, portanto, nesse criterio esthetico de bom-gosto, que Amoroso Costa applicava, não apenas ás formas de arte, mas aos sentimentos moraes e á propria pesquiza scientifica, — não havia nelle um amor ao artificio, ou a qualquer «attitude» em face da vida.

Não duvido que muitos assim o julgassem e só o seu excepcional valor scientifico fazia esquecer o que havia, em seu aspecto, de seccura apparente.

Se alguma coisa nos distingue, a nós brasileiros, é o que poderiamos chamar a «familiaridade».

Somos por natureza familiares em nossos modos. Apresentados a qualquer estranho, no dia seguinte o tratamos de «você». Encontrando o mais vago dos conhecidos, não nos poupamos ao mais effusivo dos abraços. E' com prazer que subimos a um bonde de segunda classe, ou chamamos de «amigo» a qualquer companheiro de viagem. E nada de mais tocante do que vermos os abraços effusivos, depois das sessões parlamentares mais agitadas, dos adversarios acerrimos de um minuto antes. Se ha defeito que os brasileiros não possuem é sem duvida aquelle que encontramos frequentemente nos argentinos, e que os francezes exprimem numa palavra intraduzivel — a «morgue». Mas, tambem, se ha qualidade que difficilmente sabemos apreciar é justamente o que constitue o equilibrio entre a vulgaridade e o pedantismo — a distincção.

Pois bem, eu creio que não houve qualidade humana, no trato de todo o dia, que mais vivamente exprima o que era o homem, em Amoroso Costa, do que justamente a distincção.

Essa familiaridade, tão commum a nós brasileiros, Amoroso Costa a considerava positivamente como uma prova de inferioridade. Elle conservou sempre, com os seus mais intimos, uma certa ceremonia. E nessa ceremonia estava justamente o seu pudor de toda vulgaridade.

Mesmo comsigo, nunca Amoroso Costa foi familiar. Nós todos escrevemos de pyjama, trabalhamos em mangas de camisa. Amoroso Costa, esse, nunca se sentou á sua mesa de trabalho que não fosse vestido para sair. E até na sua

morte tragica, parece que Deus ouviu o que tantas vezes ouvimos de sua bocca.

Certa vez, depois do jantar, brincavam as creanças de virar cambalhota. E elle apostou que tambem faria, como de facto o fez. Não contava, porém, com um coração de quarenta annos e sentiu-se tão mal que julgou ter uma embolia. Mas quando quizemos tirar-lhe o collarinho, recusou-se murmurando, entre serio e ironico na sua afflicção: — «um gentleman não tira o collarinho nem para morrer». E Deus lhe fez a vontade...

São pequenos gestos como esse, que só ouso divulgar hoje em dia, quando doze mezes já pousaram sobre o seu pobre corpo mutilado, pois em vida delle nunca que eu ousaria publicar qualquer dessas suas intimidades — são desses gestos insignificantes que traduzem, creio eu, melhor que toda explicação, o que foi o seu caracter.

Caracter... Toquei sem querer a palavra que devia tocar. Acredito, digo mais, estou absolutamente certo de que elle, em sua vida, nunca disse — «eu sou um homem de caracter», como dizem, a todo momento aquelles que precisam passar por tel-o. E entretanto, agora, que elle não nos ouve, ou que pelo menos muito attenuadas lhe poderiam chegar as nossas pobres palavras humanas, digamos aqui muito em surdina, e como em confidencia, — «elle o teve» Discretamente, sem duvida, como em tudo mais mas admirando-o nos outros, o que é sempre uma confissão, e praticando-o em silencio sem palavras vãs.

Se o irritavam as virtudes proclamadas em

alto-falante, se na sua instinctiva repugnancia a todo pharisaismo tinha uma seducção irresistivel pelos paradoxos chocantes a todo moralismo estreito e superficial — conservou sempre dos seus avós lavradores um profundo respeito pelas virtudes fundamentaes, pelas coisas simples e authenticas, pela honestidade, pelo trabalho, pela tradição, pela ordem. Gostava mesmo de invocar motivos paradoxaes para defender verdades tradicionaes. E não estava longe de ver na belleza o unico criterio de verdade.

Foi dos que, a seu modo, cultivavam a impopularidade. Nada fazia para agradar. E creio que se lhe perguntassem o que não queria ser, a resposta talvez fosse — um homem obsequiador... Não se misturava. Não procurava, em apertos de mão, uma sympathia facil e ephemera, que é tanto do nosso agrado neste paraizo de intimidades, em que vivemos. Gostou sempre de viver á parte, em circulos fechados, com amigos muito escolhidos, sem se dispersar. Foi, — em nosso immenso mesticismo de maneiras, de raças, de idéas e gostos, — o que no melhor sentido da palavra podemos chamar uma alma instinctivamente aristocratica, uma alma pertencente a uma «nobreza» que excede á de sangue, pois é a das maneiras, dos sentimentos e das idéas.

Ha homens, que, pela sua vulgaridade, parecem sempre viver na copa. Outros, que pela sua futilidade evocam logo uma sala de visitas. Ha os soturnos, que lembram uma bibliotheca. Ou os vorazes, que só se acham bem numa sala de jantar. Quando eu penso, porém, em Amoroso Costa intimo, o que me vem á me-

moria é a phrase de Shakespeare, que elle encontrou certa vez como epigraphe num livro de Stendhal, e que só não ousou escrever no frontão de sua casa para não exhibir o que conservava escripto no fundo do coração: «home, sweet home».

Como dizer melhor o que elle foi? A doçura das coisas intimas, e não proclamadas, excedeu em sua predilecção a todas as seducções. A não ser, talvez, o amor á Sciencia, que foi crescendo em seu espirito, e em sua vida, de anno para anno.

Henri Poincaré observou com toda a razão: — «On nait mathématicien, on ne le devient pas».

Amoroso Costa sempre foi mathematico. Não hesitou nunca na carreira a seguir. Desde menino que revelou o seu amor ás sciencias exactas. Foi um menino grave, um adolescente sem bohemia, um moço de raros amigos. E foi ao viver, foi com a depuração crescente que o amor da sciencia pura ia fazendo em seu espirito, que começou a se interessar pelas coisas da vida quotidiana. A' medida que a sua mathematica o levava a mundos de abstracção crescente, o seu amor ás formas sensiveis da belleza tambem augmentava. E, acredito que, aos quarenta annos, elle se sentisse bem mais longe da morte, bem mais reconciliado com a vida, do que aos vinte. Desconheceu, aliás, o romantismo dos vinte annos, como todo romantismo em geral. Sempre foi um espirito classico, no mais vivo sentido da expressão, isto é, amando a intelligencia e os seus limites em todos os seus reflexos. A desordem sempre o

repelliu, como uma diminuição. E no intellectualismo extremo de um poema de Valery como nas linhas núas de um projecto de Le Corbusier, elle via, o esplendor dessa ordem eterna das Idéas, que aprendeu a amar em Platão, seu mestre em Geometria pura, como portico para a harmonia e a verdade.

Pois em seu espirito a procura da verdade não chegou nunca a ser uma angustia. Ia subindo lentamente. Ia como que ordenando todas as coisas em uma harmonia crescente, sem nunca forçar a realidade ou o seu proprio espirito. Começou, como vimos, pelas sciencias da natureza, que se equilibravam, em seu espirito, com o mais variado preparo humanista. Filho, como todos nós, da immensa desordem do nosso ensino contemporaneo, soube sózinho, pelo amor desinteressado a toda especie de conhecimentos, crear uma das mais solidas culturas de humanidades que conheci. Amoroso Costa sabia numerosissimas coisas. Muitas vezes fizemos a experiencia reciproca de tomar de um diccionario e irmos perguntando palavra por palavra. Elle sabia, quasi sempre uma porcentagem de bem mais de metade de cada pagina. Mas não tinha a sêde de saber pelo pittoresco, pelo amor da erudição ou pela exhibição de conhecimentos. Cultivava tudo isso como um equilibrio á sua intensiva cultura mathematica, que foi sempre o «pivot» de todos os seus estudos. Era minima a sua bibliotheca .Só tinha o essencial Mas quando lia, lia. E os seus alumnos se assombram ainda hoje da elegancia, da limpeza e da exactidão com que enchia pedras e pedras de calculos os mais difficeis sem nunca se en-

ganar. Preparava cuidadosamente as suas lições. Nunca improvisava, pois teve sempre o amor ás coisas honestas e bem meditadas. E se em architectura amava crear a belleza apenas pelo pelo emprego do material authentico e da melhor qualidade, fazia o mesmo com as idéas e com todos os seus deveres. Elle que vivia embrenhado na logica mathematica mais transcendental, elle que foi comparado pelos maiores mathematicos da Europa, — «à un des nôtres», elle que foi, a juizo unanime creio eu, o maior mathematico brasileiro moderno, cumpria escrupulosamente os seus deveres de professor, como no primeiro dia em que começou as suas aulas. Nada o fazia perder a linha de elegancia moral que possuia sem esforço, e da qual fazia parte a honestidade, virtude atavica que elle prezou como poucos. Deixou, entre os seus trabalhos ineditos, um volume das obras de Gomes de Souza com annotações innumeras e preciosas, quasi que periodo por periodo. Parecia-lhe haver, no genio mathematico de Gomes de Souza, muito malabarismo puro, muita fantazia de calculo sem rigor, e pretendendo elle marcar esse ponto ao vivo, em um trabalho que preparava sobre o mesmo, documentava-se com um escrupulo extremo, como em todas as criticas que fazia.

Esse ponto serve tambem para mostrar que o seu amor pela mathematica pura, que foi crescendo pouco a pouco á medida que a desligava de suas referencias e applicações experimentaes, não foi nunca um amor pela pura acrobacia mathematica, como não faltou quem observasse.

Discipulo de Otto de Alencar, seu nome se inscreve á frente do movimento que «libertou» a mathematica entre nós, que lhe deu a independencia. Seu esforço foi sempre arrancar a pesquiza mathematica ás duas cadeias com que a prendiam — o positivismo e o pragmatismo. Nem limitar a sciencia a uma simples pesquiza de relações, — nem reduzi-la a uma fórma de technologia utilitaria. Amou sempre a sciencia pura e por ella se manifestava sempre que se offerecia a opportunidade. A sciencia não se limitava, a seu ver, á simples verificação de leis, como queriam os positivistas. E muito menos á simples applicação experimental e utilitaria, como queriam os pragmatistas.

Pensava, como Meyerson, cuja obra influiu bastante em suas pesquizas de philosophia mathematica, que a sciencia «explica», e que a sua funcção não é apenas logica e sim ontologica.

E é por isso que eu vejo em seu livro, agora publicado.

> *M. Amoroso Costa* — «As idéas fundamentaes da mathematica», ed. Pimenta de Mello & C. — Rio. — 1929.

que vejo nelle toda a impaciencia de um metaphysico que se ignora.

Pois foi esse o destino admiravel que uma morte tão prematura veio interromper. Ao longo de seus prolongados e profundissimos estudos, elle foi subindo de abstracção em abstracção até chegar á philosophia da mathematica. E a philosophia da mathematica em seu apice tóca a metaphysica em sua base. O conheci-

mento humano cresce de abstracção em abstracção e na sua sêde de abraçar a universalidade das coisas, passa das sciencias de typo physico, ás sciencias de typo mathematico e dahi ás sciencias de typo metaphysico. A' medida que as nossas sciencias se depuram da materia, cresce nellas tambem a sua generalidade e a sua penetração no proprio Ser.

Amoroso Costa tinha chegado, em seu esforço incessante por libertar a mathematica das cadeias positivistas e pragmaticas, — á autonomia de sua propria sciencia, á mathematica philosophica, em torno da qual giravam ultimamente todos os seus estudos.

— «A invenção das geometrias não-euclydeanas, — escrevia elle — e de outras ainda mais abstractas significa a autonomia do pensamento mathematico em relação ás fórmas intuitivas e aos modelos concretos. Combinações apparentemente paradoxaes de symbolos, nós as estudamos hoje em pé de igualdade com as que encontram immediata interpretação em dados da realidade sensivel. Do ponto de vista do geometra puro, a sciencia passa a desenvolver-se no plano da abstracção total». (ob. cit. p. 14).

Esse, e outros muitos textos, mostram como elle chegou ás fronteiras extremas da mathematica. E só a morte o impedio, sem duvida, de entrar francamente no plano superior á mathematica, no plano da metaphysica. Pois não é o «geometra puro», como elle diz, que póde conceber a realidade «no plano da abstracção total», e sim o metaphysico.

Pois o mathematico abstrae apenas da materia «sensivel», mas reporta-se sempre ao que

os antigos chamavam a — «materia intelligivel», e só o metaphysico abstrae totalmente de toda materia, tanto sensivel como intelligivel. A mathematica não é directamente uma sciencia da materia, como a physica, mas ainda o é «indirectamente», pois se reporta por sua natureza á «quantidade», á «grandeza» ao «numero, elementos todos que por sua vez existem em funcção da materia. Só a metaphysica, que é por natureza a sciencia do ser como ser, abstrae totalmente da materia, tanto em sua substancia como em seus accidentes.

Amoroso Costa, em sua ascensão admiravel e lenta de abstracção em abstracção, tinha chegado á mais alta, á mais perfeita concepção da mathematica como sciencia pura. E só a morte o impedio de dar o passo definitivo para a metaphysica, a sciencia da abstracção total, para a qual o attrahiam irresistivelmente o seu temperamento, os seus immensos estudos, o seu poder espantoso de abstracção, o seu amor ás fórmas puras, tudo o que era elevação em seu genio mathematico essencialmente «creador».

Mas a morte nos privou de tudo isso. E quando agora, passados esses doze longos mezes, sobre essa manhã tragica de segunda-feira que cobrio de sombras todo o Brasil, — quando agora pela primeira vez consigo pôr um pouco de ordem e de lucidez na minha saudade, — começo a sentir profundamente a perda que os outros tambem tiveram, a perda que soffreu a nossa intelligencia desinteressada.

Na philosophia mathematica de Amoroso Costa havia toda uma metaphysica que se ensaiava. E os que amam a verdade acima de

tudo, perderam naquella manhã luminosa de dezembro, uma luz que tão cedo não se accenderá. Como todos os que amam a belleza, a elegancia, a harmonia de uma flor de raça, sentiram que alguma coisa de raro ia faltar de ora avante entre a vulgaridade ambiente.

Mas para nós que viviamos a seu lado, a tudo isso accrescia ainda a perda irreparavel de qualquer coisa que eu não posso definir, como se o destino naquella manhã virasse para sempre uma pagina que eu não sei mais evocar em palavras e onde mal consigo ler, apagada a phrase pungente que elle tanto amou e cuja imagem levou no coração: — «home, sweet home».

CAPITULO XVIII

A UNIVERSIDADE NA CONSTITUINTE

Foi lendo as viagens de Bates pelo Amazonas que encontrei a imagem, talvez mais viva que tenho visto, da formação brasileira. Subindo o rio Tocantins, em setembro de 1848, elle descreve a vida de uma pequena villa de cerca de 490 habitantes, Baião, onde havia — «muitos mulatos, poucos negros e indios, e ninguem que se pudesse chamar de branco puro». E conta então que — «um joven mameluco, chamado Soares, um escrivão ou official publico, levou-me á sua casa para mostrar-me a sua bibliotheca. E fiquei muito surprehendido de ver certo numero de classicos latinos bem encadernados. Virgilio, Terencio, as Cartas de Cicero, Tito Livio. Nesse tempo, eu ainda não conhecia bem a lingua para conversar livremente com o sr. Soares, e verificar que emprego elle fazia desses livros; mas foi um espectaculo imprevisto ver uma bibliotheca de classicos numa cabana de páo a pique e coberta de sapé nas margens do Tocantins!» (Walter Bates, «The Naturalist on the river Amazon», p. 64).

Não foi esse, por longos annos, o retrato do Brasil: uma collecção de classicos numa cabana de adobe e palha vã?

E se quizermos ter, em grande, a mesma imagem dessa formação de cima para baixo que tem sido sempre a nossa, basta relermos os debates da Constituinte de 1823. Ahi o espectaculo se amplia. A scena se torna solemne. E o contraste flagrante entre as condições miseraveis do paiz, a ideologia erudita dos legisladores e o realismo impaciente do Imperador, culminando na dissolução violenta de 11 de novembro — é um dos quadros mais poderosos e expressivos de toda a nossa historia.

Por hoje, desejo apenas extrahir algumas notas desses debates com relação ao nosso eterno problema universitario, que volta, mais uma vez, á baila. Como se sabe, o confronto entre o desenvolvimento que teve a instrucção nas colonias espanholas e o abandono em que viveu no Brasil, principalmente quanto ao ensino superior cujo monopolio a Metropole reservava para si, — bem mostra o estado de segregação em que sempre vivemos. Basta dizer que em 1551 já o Mexico tinha a sua Universidade ao passo que a nossa data de... 1922! (o que prova, aliás, que as Universidades não impedem nem o despotismo sectario, nem a barbaria dos primarios quando guindados ao poder, como hoje em dia está verificando a maioria do povo mexicano).

Mas o facto é que durante o periodo colonial só houve aqui uma tentativa de formação universitaria, por parte dos franciscanos. Essa mesma, porém, não foi avante. Com a chegada de d. João VI, e no periodo em que iam tendo inicio todas as instituições que marcavam praticamente a nossa emancipação, — pen-

sou-se tambem na fundação da Universidade. E a provincia da Bahia comprometteu-se a concorrer com a somma de 80:000$000, para que fosse lá a séde do estabelecimento. A proposta morreu, porém. E proclamada officialmente a nossa independencia, nada se havia feito nesse sentido. Era na Constituinte, porém, que o problema se ia agitar pela primeira vez.

Foram os estudantes brasileiros da Universidade de Coimbra que tomaram a iniciativa da formação da primeira Universidade nacional. Em carta dirigida a Fernandes Pinheiro (visconde de S. Leopoldo), representante do Rio Grande do Sul, na Assembléa de 1823, mostravam elles a situação vexatoria em que se encontravam, dada a animosidade reinante contra os brasileiros depois dos acontecimentos de 1822. E pediam que se promovesse quanto antes a organização da Universidade brasileira afim de que elles pudessem vir terminar aqui os seus estudos.

A proposta agitou toda a Assembléa e apesar da diversidade de opiniões e da morosidade dos debates, em que todos faziam questão de tomar parte, foi a unica das leis de interesse organico da nacionalidade que passou por todos os tramites, sendo approvada em ultima discussão poucos dias antes da dissolução da Assembléa.

Como em todos os debates da grande Constituinte o que se revela, desde logo, é a distribuição dos seus membros entre realistas e ideologos, entre os que olhavam primordialmente, para a situação real do paiz e os que visavam logo a sua formação completa.

Commissionado pelos estudantes brasileiros de Coimbra, propunha Fernandes Pinheiro a creação de «uma Universidade pelo menos, para assento da qual parece dever ser preferida a cidade de S. Paulo, pelas vantagens naturaes e razões de conveniencia geral».

O numero e a localização das Universidades é que iam, por assim dizer, occupar todos os debates. Sente-se que a maioria dos seus membros não vinha preparada para discutir o assumpto. A carta dos estudentes de Coimbra foi uma surpresa. De modo que, a não ser Cayrú, que foi realmente, em tudo, a maior figura da Assembléa, Nogueira da Gama e Carneiro de Campos, que se occuparam um pouco com a organização dos estudos, todos os mais discutiram apenas a conveniencia, o numero e a localização dos Institutos.

Os realistas, os que olhavam antes de tudo para a situação lamentavel do paiz e visavam attender ás suas necessidades immediatas, — duvidavam da propria conveniencia de se estabelecer desde logo uma Universidade completa de ensino superior. A instrucção primaria e secundaria exigia attenção mais immediata. O deputado Costa Barros, do Ceará, traçava um quadro sombrio da situação dos estudos elementares: — «a minha provincia ha quatro annos que não tém um só mestre de latim; não é porque haja falta de mestres, mas porque não corresponde o pagamento; é elle tão mesquinho (40$000 por anno! sic!), que ninguem se afoita a ser mestre de grammatica latina, nem mesmo de primeiras letras, e se algum ha que se propõe a isto, é sempre um miseravel como o que

eu conheço, que anda embrulhado em um lenço grosso, que está carregado de filhos e que não sabe ler nem escrever (sic)».

Esse candidato a professor de primeiras letras, que não sabe ler nem escrever, não é um symbolo delicioso?

Apesar disso, a Commissão de Instrucção Publica não se limitou a propor a creação de uma só Universidade; propoz duas, uma para S. Paulo e outra para Olinda, obedecendo visivelmente á necessidade de attender aos alumnos do Sul e aos do Norte.

Nem assim se satisfez a impaciencia dos ideologos. E por elles falou o deputado Gonçalves Gomide, sustentando essas coisas profundas, que — «a instrucção publica e a diffusão das luzes é o primeiro dever dos governos». E áquelles que objectavam a falta de fundos e a difficuldade de mestres, elle acudia logo asseverando que — «nunca faltaram fundos para semelhantes fundações á nação que aspira elevar-se a uma representação majestosa». E enthusiasmado com a idéa de crear o Brasil por meio das Universidades, propunha que em logar de duas fossem tres, e que essa terceira tivesse por séde, a provincia de Minas Geraes, a mais populosa deste Imperio, e marco aprazivel a villa de Caeté».

Estava o Brasil, portanto, já não mais com uma, nem com duas; mas com tres Universidades... no papel! A Constituinte estava realmente dividida entre realistas e ideologos, mas a mentalidade que predominava era justamente a que julgava crear um imperio como quem organiza uma empresa.

E as palavras do representante da Bahia, Carvalho Mello, um dos membros mais consideraveis da Assembléa, mostram bem vivamente essa mentalidade de juristas: — «Quando nós comprehendemos o grande e magnifico estabelecimento e consolidação deste Imperio, que fará época assignalada na historia dos grandes estabelecimentos politicos, não nos devemos esquecer de lançar logo os alicerces da sua prosperidade futura, instituindo este monumento indelevel de sabedoria (a Universidade) do qual sairão homens abalizados nas sciencias para encherem os logares e empregos do Estado». A Universidade, portanto, era, a seu ver, mais uma instituição politica, para preparar servidores do Estado, do que um estabelecimento educativo para a cultura geral da nação.

Outros havia que nem mesmo com as tres se contentavam e que exclamavam como o padre Henrique de Rezende, — «prouvera a Deus que já se pudesse estabelecer em cada provincia uma Universidade (sic). Então eu diria que todas eram apropriadas e tinham todas as perfeições», embora não acreditasse que tão cedo fosse possivel a realização desse ideal.

E numa emenda apresentada ao projecto pelo deputado Miguel Calmon, e que figurou na redacção definitiva da lei, queria-se a creação de uma Universidade em cada provincia, assim que o permittissem as condições financeiras de cada uma. Tal e qual, como diz o povo: — «declaro que devo; pagarei quando puder»...

A mentalidade utopista, aliás, attingiu na Assembléa a culminancias taes, que o deputado Gomide, que foi, sem duvida, o rei dos ideo-

logos, chegou certa vez, no auge do enthusiasmo patriotico, a esse quadro delirante: — «O Pará terá um dia a opulencia presente da Russia, o Maranhão a da Allemanha, Pernambuco a da França, a Bahia a da Grã-Bretanha, está (o Rio de Janeiro) a de toda a Italia, S. Paulo a da Hespanha, Santa Catharina será a nossa Irlanda, a parte meridional do Brasil equilibrará por si só os Estados Unidos do norte do nosso mundo, emquanto Minas comprehendendo Matto Grosso será tão opulenta como hoje a Europa toda (sic)»!

Se Rocha Pitta fosse vivo, então, teria morrido de inveja!

Nem todos, porém, pairavam nesses páramos da fantasia. E houve mesmo quem discordasse da aceitação enthusiastica que a fundação da Universidade brasileira despertara: foi Montesuma, o famoso e desabusado representante da Bahia. Em vez de uma Universidade queria elle varios collegios: — «Antes dois, quatro ou seis collegios do que duas Universidades. Talvez parecerá isto novo, porém, não é. Muito maior interesse se tira dos collegios do que das Universidades. Eu ouço dizer que a nação não está preparada para ter duas Universidades, e comtudo decreta-se a sua fundação. Tem-se falado muito do atrazo da educação primaria da mocidade, da falta de mestres e de outras muitas coisas que tendem a mostrar que ainda não podemos ter duas Universidades; pois se a nação ainda não está preparada, se ainda as suas rendas publicas não estão tão florescentes que possam sustentar duas Universidades, que necessitam grandes sommas, não só para susten-

tação dos mestres, mas para muitas outras coisas, como são livrarias, museus, instrumentos etc., que tudo custa grande cabedal, como se assenta que as devemos estabelecer? Estabeléça a commissão dois, quatro, seis collegios e deixemo-nos por ora de Universidades».

E ao passo que Martiniano de Alencar exclamava: — «Nós precisamos de uma Universidade e já, como de pão para bocca» (ha cento e cinco annos, assim, nem mais nem menos, que o pae de José de Alencar dizia isso...) — outros como Costa Barros queriam começar de baixo para cima: — «Não ha muitos dias que nós, com lagrimas nos olhos, pediamos aulas de primeiras letras para algumas provincias, donde se pode colligir o estado em que ainda nos achamos, e como procuramos já de presente estabelecer Universidades onde não ha mestres de primeiras letras?» E como que prevendo tudo o que se ia passar, com a lucidez que revelou sempre em suas observações, concluia elle: — «Sr. presidente, eu sempre desconfio de quem me promette muito e não tendo nós ainda um bom collegio, não sei como nos mettermos já a ter duas Universidades logo de pancada!» Era a propria voz do bom senso .Ou, como dizia tambem o deputado Souza França, do Rio de Janeiro: — «Se cortamos largo, se queremos fazer tudo de uma vez, o resultado ha de ser não fazermos nada».

Mas o espirito de bairrismo, por mais que o quizessem esconder, vinha aggravar a situação. Pereira da Cunha votava por duas Universidades, uma no Maranhão e outra no Reconcavo da Bahia («no sitio de Belém, districto

da villa da Cachoeira»). Teixeira de Gouvêa propunha como séde a villa de Marianna. Carneiro da Cunha lembrava a cidade de Parahyba. Montesuma, vencido na 1.ª discussão, vota por Bahia e Minas. A maioria, e especialmente os paulistas e pernambucanos apoiavam, como a Commissão, S. Paulo e Olinda.

Coube a Cayrú, a mais sabia e mais imponente figura da Assembléa, que foi sempre a propria encarnação do sentimento da unidade nacional, mostrar que a Universidade devia ser uma só, localizada na Côrte do Rio de Janeiro, que era a propria «Roma americana», e aproveitando ahi todos os elementos de instrucção superior já existentes. E com aquella superioridade de tom, de quem se sentia realmente acima da maioria absoluta dos companheiros de Assembléa, e que tanta irritação despertava, ainda nos mais illustres, como em Montesuma, por exemplo (Araujo Lima, o futuro Regente do Imperio e marquez de Olinda, discordando de Cayrú, é forçado a confessar: — «Sr. presidente, o honrado membro (Cayrú) apresenta uma massa tal de conhecimentos, que facilmente esmagará aquelles que, como eu, se lhe offerecem em campo».) — Cayrú resumia admiravelmente os debates dizendo: — «Reconheço que o patriotismo dictou aos srs. deputados, — que têm opinado differentemente de mim sobre a multiplicação de Universidades, — a preferencia dos logares desses estabelecimentos. Cada um a pretende para a respectiva provincia. Parece-me realizado o caso da fabula de Orpheo que, á força de amor das nymphas, foi por

ellas despedaçado, porque cada qual o desejava inteiro para si».

Foi exactamente o que se passou e ha cem annos que se procura reconstituir, em vão, o corpo de Orpheo que as nymphas despedaçaram.

Cayrú, como todo espirito realmente superior, equilibrava em si as correntes contradictorias da Assembléa. Era, ao mesmo tempo, um espirito pratico, todo imbuido dos principios liberaes da economia politica, que a escola de Manchester espalhava pelo mundo, e um sabio, na verdadeira accepção da palavra, que ensinava hebraico na Universidade de Coimbra. De modo que a sua attitude, no debate das Universidades, é primeiramente a de quem sabe o que quer. Tanto assim que foi quasi o unico, juntamente com Carneiro de Campos e Nogueira da Gama, que entrou no problema de organização dos estudos. E, em seguida, a de quem conhecia bem a hierarchia de nossas urgencias, a deficiencia de nossos recursos e a necessidade de aproveitar o que já havia feito.

Eis como se exprimia elle: — «Muito respeito os membros da Commissão mas não dissimularei que, ao ler a proposta, occorreu-me a ordem do invasor de Portugal, Junot: «hajam Camões, façam-se estradas, abram-se canaes». Sr. presidente, a nossa primeira, mais urgente necessidade é a defesa, depois virá a instrucção superior do Imperio. Bem diz o economista sagrado — o sabio vem no tempo do descanço. Contentemo-nos actualmente com o pouco praticavel e não com o muito magnifico, que se não possa logo facilmente realizar».

E se a localização da Universidade no Rio de Janeiro, em seu entender era uma medida da maior relevancia politica, como laço de união e equilibrio, visava tambem aproveitar os elementos já existentes. E traçando um quadro geral de organização universitaria incipiente, dizia elle: — «Nesta Côrte do Rio de Janeiro já estão os alicerces de um grande estabelecimento literario. Temos, por assim dizer, bom casco de navio. Vê-se já o edificio levantado, bem que ainda em miniatura, com aulas das sciencias maiores, da academia de marinha, medicina, com bibliotheca e typographia publica, jardim botanico, e de plantas exoticas e museu. Nos conventos, e no seminario do bispo diocesano se ensinam theologia, instituições canonicas, etc. Só faltam os estudos de direito, para um curso juridico que o thesouro pode pagar sem grave encargo. Eis pois já uma Universidade quasi formada».

E para completar o seu quadro, apoia a incorporação de todas as artes na organização universitaria, como propuzera o deputado bahiano Ferreira França. — «Assim se removerá o schisma, com que até agora, por vaidade e injustiça, se separavam as sciencias e bellas letras das artes, não sendo aliás cada arte mais do que uma sciencia pratica, em que nas operações mecanicas mais ajuizadas se proporcionam meios a fins para immediato uso e proveito da vida».

Havia pois, em Cayrú, o sentido da verdadeira Universidade, daquelle corpo harmonioso de estudos, como que reproduzindo o proprio corpo humano ou social, em que todas as fór-

mas de investigação se acham representadas desde as mais praticas ás mais abstractas, desde as artes mecanicas até ás sciencias theologicas, desde a historia humana ou natural á metaphysica.

A Constituinte, porém, não entrou na organização dos cursos. Limitou-se a tratar de sua creação. Para contentar o espirito bairrista, não acceitou a proposta sensata de Cayrú, Nogueira da Gama, Ferreira França, Ferreira de Araujo, para que a Universidade fosse uma só, no centro politico do Imperio e onde já havia os rudimentos de um grande organismo de estudos. Votou duas Universidades, uma para S. Paulo e outra para Olinda, facultando-se logo a cada provincia a fundação da sua propria Universidade!

O resultado, como via Cayrú, como via Souza França, como via Costa Barros, e todos os que tinham espirito realista, foi que tudo querendo nada se obteve. E ainda hoje se discute o que ha um seculo parecia necessario «como pão para bocca».

Mas o que foi mais curioso nesses debates, que agitaram toda a Assembléa, desde os membros mais obscuros até os mais eminentes, foi o scepticismo dos Andradas. Antonio Carlos falou ligeiramente, na 3.ª discussão, para dizer que votava pelas duas Universidades, em São Paulo e Olinda, accrescentando aliás, — «e eu mesmo duvido que possamos com as duas».

Martim Francisco, geralmente empenhado em assumptos economicos, não se manifestou. Mas o mais significativo foi o absoluto silencio de José Bonifacio. Elle que era um universi-

tario, que se occupava, como ministro e como deputado, dos problemas mais complexos e remotos, como o da abolição da escravidão, por exemplo, não tomou parte nos debates, nem consta que tenha votado o projecto, Desde 17 de julho que a estrella dos Andradas baixara. E José Bonifacio, que era homem sem illusões, comprehendeu desde logo que o problema universitario ainda estava na phase puramente platonica. E dahi, provavelmente, a sua abstenção.

Em 27 de outubro, entretanto, votava-se a creação das duas Universidades, em S. Paulo e Olinda, bem como a fundação immediata dos dois cursos juridicos, unico resultado pratico de todo esse enthusiasmo universitario que animou por alguns mezes aquella Assembléa de elite, tão cheia de nobreza, de dignidade e de consciencia do seu dever completo. A 11 de novembro, depois daquella noite de vigilia epica, dissolvia d. Pedro a Constituinte. E as duas Universidades em botão adormeciam por um seculo.

CAPITULO XIX

EDUCAÇÃO E EDUCACIONISMO

A Associação Brasileira de Educação acaba de publicar, em volume, o resultado do inquerito a que procedeu sobre o problema da organização do ensino secundario entre nós, afim de apresenta-lo á 3.ª Conferencia Nacional de Educação recentemente reunida em S. Paulo.

> *O Problema Brasileiro da Escola Secundaria* — Bibl. da Ass. Brasil. de Educação — Off. do Centro de Boa Imprensa — Rio — 1929.

Só quando forem publicadas as actas dessa conferencia e confrontadas com as respostas ao inquerito é que se poderá julgar, com precisão quaes as idéas que sobrenadaram de tantas aqui expostas e qual o encaminhamento que vae tendo o problema no sentido de uma solução.

Ha muito tempo que penso, e não vejo ainda motivos para modificar sensivelmente as minhas idéas, que a execução vale mais que o methodo. E que a reforma dos professores é muito mais importante que a reforma dos processos.

Isto não quer absolutamente dizer que me desinteresse pelo methodo ou pelo numero e especie das materias ensinadas. Estou cada vez mais longe de todo relativismo, do pedagogico como de outro qualquer. E creio que o relativismo dos meios acaba levando ao relativismo dos fins. Uma boa estructura é indispensavel a um bom ensino. Ha materias realmente insubstituiveis, sem as quaes o ensino perde toda a sua finalidade. E justamente, hoje em dia, com a amplitude espantosa que tem tomado o problema da educação, em todos os paizes, tem-se desenvolvido e tende a crescer um estado de espirito que, sob as mais illusorias apparencias, póde levar ás mais graves consequencias.

Trata-se do que podemos chamar o *educacionismo* moderno, filho da sociologia humanitaria que o naturalismo do seculo passado espalhou em nossa civilização occidental e que se vae estendendo por toda a face da terrra, com a facilidade que têm os sophismas de conquistar as mentalidades semi-cultas. Esse educacionismo pretende reagir, ao mesmo tempo, contra a educação classica humanista e contra a educação moderna utilitarista. A educação classica, como toda educação racional, tendia a uma finalidade moral, por meio de uma preparação intellectual intensiva, que por vezes se convertia em finalidade propria, com desvio de todo equilibrio pedagogico racional.

A educação moderna, reagindo contra isso, tendeu decididamente para uma finalidade immediata e utilitaria, por meio do predominio da preparação technologica sobre a preparação intellectual pura.

Creio que o *educacionismo*, tal como o vejo surgir nas mais recentes manifestações, genebrinas e outras, não apoia nenhuma dessas concepções pedagogicas, fugindo da finalidade moral, transcendente, tal como a entendeu sempre a grande educadora do Occidente, a Igreja Catholica, — e fugindo tambem da finalidade simplesmente utilitaria, tal como a proclama o que na Russia se vae realizando arrogantemente, sob o nome de *technicisação* absoluta do ensino.

O educacionismo faz, por assim dizer, da educação um fim em si. E parte de dois postulados falsos, um dos quaes de Rousseau e o outro de Descartes. O primeiro é a bondade natural do homem. O segundo é a efficiencia natural do methodo.

O postulado rousseauista e o postulado cartesiano estão na base do educacionismo modernista, creio eu. Pelo primeiro se julga que a educação tem por finalidade descobrir o homem natural perfeito, que se esconde sob o homem social deturpado. O homem sendo naturalmente bom, como queria Rousseau e como o aceita todo o educacionismo humanitarista actual que irradia da propria cidade de Rousseau, — o ensino tende naturalmente ao individualismo, ao subjectivismo. Toda verdade objectiva desapparece, toda regra positiva de conducta, toda autoridade baseada na natureza das coisas toda revelação religiosa, — para ceder o logar a um syncretismo collectivo, em que tudo fica subordinado ao juizo de cada um de nós e o homem se torna effectivamente a medida de todas as coisas, como Protagoras proclamava. Eis a grande fonte do tremendo individualismo que

nos domina em todos os terrenos e que faz de cada um de nós um viveiro de opiniões disparatadas em vez de um ser harmonioso que comprehenda o limite das suas autonomias.

E esse postulado romantico de Rousseau prepara naturalmente o terreno para o postulado libertario de Descartes.

Sendo a finalidade da educação libertar o homem do mal que a sociedade lhe accrescentou e sendo o methodo a empregar, em si mesmo, o meio efficiente para se alcançar aquelle objectivo, esse methodo só pode ser um: — dar ao ensino a maxima liberdade possivel, fundando sobre a autonomia crescente do alumno toda a organização pedagogica. O democratismo escolar crescente é a regra em toda escola moderna. Onde outr'ora dominava um monarchismo docente por vezes absoluto, hoje tende a dominar um anarchismo discente cada vez mais absoluto. E o Galton-Plan, e todos os planos mais modernos de organização pedagogica fazem uma fé perfeita nas qualidades espontaneas dos alumnos e na efficiencia espontanea do seu proprio methodo, seguindo sempre como regra a suppressão crescente de toda regra. Vê-se, claramente, como se congregam harmoniosamente na essencia de todo educacionismo modernista o postulado de Descartes e o postulado de Rousseau, ambos tendendo naturalmente ao primado do Homem como senhor absoluto de si mesmo e da natureza, que tanto se afina ao estado de espirito collectivo do mundo contemporaneo.

E' evidente que não ha apenas um mal nessa tendencia á individuação do ensino. E que

a *personalisação* educativa, a anti-geometrisação do ensino, contra a qual já se insurgia por experiencia propria Santo Agostinho, é um processo indispensavel para a boa organização escolar O ideal seria, se fosse possivel exprimir o problema numa formula simplissima, a proporção 1:1. Isto é, um mestre para cada discipulo ou seja — a personalisação absoluta dos methodos educativos. Se é preciso primordialmente attender aos criminosos mesmo sem negar a objectividade dos crimes; se é preciso antes de tudo attender aos doentes, mesmo sem eliminar as doenças — é mais importante, no ensino, o estudante que o estudo, se bem que seja exaggerada e falsa uma formula a que provavelmente já deve ter chegado algum pedagogista humanitario dos nossos dias: não ha estudos, ha estudantes, como erradamente tambem se diz, que não ha crimes e sim criminosos ou que não ha doenças e sim doentes. Os homens de hoje perderam o senso dos entre-tons e gastos de tanta idéa louca já não se commovem senão com os paradoxos.

A formula educativa padrão, portanto, é 1:1. E podemos julgar da efficiencia de uma boa organização escolar na proporção inversa do intervallo entre os dois termos. Quanto menos alumnos para cada professor, tanto melhor o resultado em igualdade de todas as condições accessorias.

Essa *personalisação* do ensino, entretanto, é a negação do *individualismo* a que levam os postulados do educacionismo humanitario de hoje. E quem conhece um pouco a distincção philosophica entre *pessoa e individuo*, que deve

estar na base de toda psychologia sã, saberá ver, sem demora, como é preciso impedir o individualismo para se alcançar a personalisação, seja em materia pedagogica como em outra qualquer.

Mas longe nos levaram as considerações, sobre os exaggeros do *educacionismo*, que é por natureza uma negação da verdadeira educação e que soffre do mal de toda heresia — tomar a parte pelo todo, figura de rhetorica que os grammaticos baptisaram com o termo complicado de *synedoque* e que fez uma carreira das mais brilhantes no mundo de hoje, passando de modesta formula grammatical á solemne magestade de caracteristica quasi que universal da actividade moderna. Na base de todos os desvios do pensamento contemporaneo nós vamos encontrar essa modestissima figura de rhetorica, que tomou a amplitude que merecia o seu nome barbaro e complicado, como esses de que tanto gosta o nosso povo...

Mas voltemos ao inquerito feito pela Associação Brasileira de Educação e que reuniu um corpo consideravel de respostas, com toda a variedade de orientações, se bem que unanimes em certas verificações, a primeira das quaes é sem duvida o descontentamento com o estado de coisas existente quanto á organização do nosso ensino secundario.

O prof. Barboza de Oliveira, um dos nossos melhores conhecedores do assumpto, apresenta em algumas paginas bem articuladas as «bases do inquerito», mostrando como — «essas deficiencias e aquelles defeitos que existem no ensino universitario, como no ensino primario

e no profissional, sobem entretanto de vulto quando reflectidamente, estudamos a escola secundaria». O problema mais grave é o do ensino secundario, estou de pleno accordo. O ensino primario tem sido realmente melhorado ultimamente e sendo entregue sobretudo a professoras, que já têm, como mulheres que são, meio caminho andado, não apresenta hoje as deficiencias do ensino secundario. E o superior, — se bem que em estado lamentavel em certas escolas que parece decahirem de anno para anno, sem esperança de cura para tão cedo, — o superior afinal é um ensino que toca menos a massa da população media, se bem que affectando as «elites» directoras o que apresenta tambem uma gravidade consideravel.

Mas a deficiencia do ensino secundario é mais séria porque justamente prepara tambem a decadencia do ensino superior, além de ser o factor principal do primarismo que por ahi campeia, affectando o proprio tronco da nacionalidade e o seu destino.

Numerosas foram as disposições reconhecidas necessarias para uma reforma efficiente. Mas «essenciaes» foram apenas julgadas cinco medidas, que passo a transcrever:

«a) suppressão de institutos equiparados de ensino secundario, passando esse ensino a ser mantido integralmente pelo governo federal;

b) suppressão das bancas examinadoras concedidas aos institutos particulares;

c) estabelecimento do curso secundario em um tronco commum, precedendo os ramos de especialisação (sciencias, letras e technico);

d) divisão de cada serie em dois periodos de quatro mezes seguidos de provas de exames;

e) suppressão do valor das notas mensaes como coefficiente de julgamento nos exames».

Não é em duas pennadas que se póde louvar ou censurar uma obra de mezes de estudo, de observação e de raciocinio feita por profissionaes da maior competencia e animados do melhor desejo de acertar. Nem tenho competencia alguma para julgar a proposta, aggravada essa incompetencia pela falta de uma justificação de motivos detalhada que esclarecesse certos pontos, como o paragrapho e), por exemplo, que á primeira vista parece infundado. O paragrapho a), por sua vez, se bem que não affirmando ainda o principio da *escola unica*, como se vê paginas adeante. — creio entretanto que dá entrada a todo o movimento de *Etatismo* pedagogico absoluto, que é a grande arma do *laicismo* contra as consciencias e os direitos imprescriptiveis das familias sobre a educação publica dos seus filhos.

Hoje em França os laicistas não falam em *escola unica*, mas falam em *escola nacional*. E' mais um euphemismo para esconder a tyrannia educativa leiga.

A usurpação etatista do direito de ensinar e de organizar o ensino sem consulta aos direitos familiares é o mais perigoso dos jugos que o laicismo educativo prefende impôr á nossa consciencia. Em um Estado que consagra em sua Constituição, se bem que de modo vago, a escola leiga e num meio em que a interpretação dessa pretensa *neutralidade* religiosa é tomada ainda pelos interessados como *hostili-*

zação a todo ensino religioso — é um perigo desastroso a consagração do officialismo pedagogico.

Ainda ha dias, um dos archi-duques do nosso primarismo pseudo-cultural, commentando um folhetinho positivista em que se faz a apologia do laicismo, confessa arrogantemente que a escola leiga o que pretende não é a neutralidade religiosa e sim o atheismo official, o anti-theismo governamental.

Ora, isso representa para todas as consciencias religiosas a mais intoleravel das oppressões. O laicismo foi se infiltrando lentamente sob a capa de manter a neutralidade do governo em materia religiosa, quando de facto não ha neutralidade possivel nesses assumptos. O *laicismo é um credo,* eis o que é preciso proclamar e repetir para que os surdos acabem ouvindo. *O laicismo é um credo religioso.* Elle pretende arrancar das consciencias toda religião positiva, para incutir nellas uma religião humanitaria e subjectiva. E' um movimento nitidamente religioso e que visa directamente a destruição, não apenas do catholicismo que ainda é até hoje, com a graça de Deus, a religião da maioria esmagadora dos brasileiros, — mas ainda de todas as outras formas religiosas existentes, para substituil-as todas pela sua propria formula de religiosidade social e humanitaria.

E' preciso que se grave essa verdade em todas as consciencias: —

O laicismo não é uma neutralidade, é um credo, não é o respeito a todas as religiões, como quer o outro erro fatal do liberalismo religioso, pois é muito mais preciso do que este

na sua luta directa ou disfarçada *contra* todas as outras religiões que não a sua propria. A escola leiga é uma arma contra a consciencia da maioria absoluta do paiz, que até hoje, apezar de tudo se conserva fiel ao credo catholico.

Napoleão só admittia, dizia elle uma figura de rhetorica — a repetição. Pois bem. Façamos dessa boa rhetorica em relação ao sophisma laicista educativo em nosso meio, onde a deficiencia de educação religiosa superior e a indifferença religiosa das classes cultas, nos vão levando ás concessões mais criminosas quanto aos direitos primordiaes de nossas consciencias religiosas seja qual fôr o credo a que pertençamos.

A prova de que a neutralidade nesses assumptos é impossivel podemos tel-a neste mesmo volume. Elle traz, como elemento de estudo varios programmas de ensino, alguns dos quaes muito bem feitos como o de philosophia e psychologia ou o de ethnologia.

Neste se estuda, em certa divisão *a cultura psychica* dos povos primitivos na qual é incluida a religião. Até ahi nada a dizer. Mas não havendo na *escola leiga* possibilidade de se ensinar religião como *sciencia* independente que é, — os alumnos ficam considerando a religião como simples capitulo da ethnologia. E essa é, nem mais nem menos, do que a concepção de *uma determinada escola de psychologia religiosa materialista: o anthropologismo naturalista.*

Eis a *liberdade de consciencia* com que nos quer presentear o laicismo...

Bem sei que este inquerito não se pronunciou directamente sobre o problema e que o

primeiro paragrapho não consagra o principio da *escola unica*, contendo apenas a *tendencia* para a *escola nacional*, que é no fundo a mesma coisa. Quiz apenas mostrar, porém, que o problema religioso no ensino não pode ser negado, em qualquer tempo, a não ser pelo methodo das avestruzes que tapando a cabeça em baixo das azas julgam defender-se dos adversarios...

Quanto á suggestão do segundo paragrapho é excellente. O actual regimen de bancas examinadoras é simplesmente escandaloso. E a narrativa singela de alguns factos que se deram nesta época de exames aqui no Rio, bastaria para justificar de longe todas as medidas contra este systema absurdo de desordem e de incompetencia que está em vigor.

No que diz respeito ás respostas propriamente ditas, ao inquerito julgo-as de leitura indispensavel como todo o volume, a quem se interesse pelo problema do ensino entre nós.

Se me fosse permittido destacar alguma, fal-o-ia em relação a duas que são interessantissimas pelo que dizem e pela autoridade da fonte de que emanam. Limito-me a mencional-as por falta de espaço: a resposta do sr. Lucio José dos Santos, o illustre ex-director da instrucção Publica em Minas, e a da Congregação do Gymnasio de S. Paulo.

Em ambas se faz a apologia do estudo do latim e das humanidades, cuja deficiencia cada um de nós sente ao vivo em si mesmo. O sr. Lucio dos Santos mostra como o *excellente curso de preparatorios* com uma solida base humanista que fez, lhe foi da maior utilidade em sua vida. Eu, se não é de todo odioso o co-

tejo, poderia dar o testemunho inverso, como creio que seria o de toda a nossa geração, a geração que succedeu á do sr. Lucio dos Santos, e já encontrou o ensino secundario em pleno desbarato republicano e vem lutando desesperadamente contra a impreparação que lhe deram.

Para reconstituil-o não é pouco o grande esforço que está despendendo a A. B. E. e de que este inquerito é um indice eloquente. Todo esse esforço, entretanto, será vão e mesmo contraproducente se não se orientar, em materia de ensino, por uma visão corajosa e nitida do problema religioso que não póde de forma alguma ser ladeado, e cuja solução deve ser baseada nas admiraveis palavras com que o nosso grande Veuillot estigmatisava o mal de toda a sociedade contemporanea:

— «Chassant Dieu de son sein, la societé se retire jusqu'à la possibilité d'y ramener l'ordre vrai, oú se concilient l'autorité et la liberté. Elle se voue á des alternatives de despotisme et d'anarchie qui excluent la liberté, la paix et enfin l'honneur. On voit grandir un peuple ignorant, orgueilleux et farouche, qui, ne voulant plus de maitres, mais n'ayant plus de patrons, devient, par une suite fatale, le sujet, la victime et l'instrument de la force. La force le calmera peut-être, mais en le domptant: elle le domptera, mais en l'abrutissant. C'est l'avertissement de la logique et l'enseignement de l'histoire». (*Louis Veuillot* — «Les Libres Penseurs» — p. 333).

O *educacionismo* repellirá sem duvida essas palavras, mas a verdadeira *educação* as subscreve.

CAPITULO XX

ALICERCES DO BRASIL

Considerando, ha dias, a nossa formação nacional, tivemos occasião de verificar como são deficientes ou omissos, em regra, os que melhor a têm estudado, ao tratarem dos factores espirituaes em nossa historia. Podemos hoje incluir mais um á nossa lista.

> *M. Bomfim.* — O Brasil na America (caracterização da formação brasileira), Liv. F. Alves, Rio, 1929.

Este é a continuação de outro sobre «A America Latina» publicado pelo mesmo autor em 1903. «Comprehende-se, pois, que nestas paginas de agora se encontre apenas o desenvolvimento de conceitos patentes no outro livro», adverte-nos o autor. No volume anterior estudara o que lhe parecera caracterizar a formação de todas as nações latino-americanas. E neste agora se propõe a — «destacar o que possa distinguir o Brasil entre os outros neo-ibericos». Trata-se apenas do inicio da obra, pois além deste volume promette-nos mais dois outros que se acham no prelo: «O Brasil na Historia» e «O Brasil Nação». Ainda não é pos-

sivel, como se vê, qualquer juizo de conjunto sobre a obra que se acha apenas em metade. Podemos desde já dizer, entretanto, que será um trabalho consideravel para o estudo de nossa formação, trabalho tanto mais estimavel quanto são raros os estudos de folego que possuimos sobre a nossa nacionalização. E demais, não se trata apenas de um estudo historico e impessoal, mas de uma synthese de toda a nossa formação social, estudada á luz de um determinado criterio: — o evolucionismo naturalista. Acompanhamos, portanto, ou antes acompanharemos quando vier á luz toda a obra, o desenrolar da nossa historia, não como simples successão de acontecimentos e sim como elaboração de um organismo. E esta é a verdadeira historia, a que nos mostra os factos como simples accidentes de uma substancia que subsiste, transforma-se, cresce, caracteriza-se, — e não como elementos dispersos e de mero interesse pittoresco ou estrictamente historico. O sr. M. Bomfim não é um historicista. Elle não faz historia pela historia. A reconstituição dos factos acompanha intimamente á trama de formação dos valores. E a reproducção do passado tem por fim apenas illuminar a obra da vida e a physionomia do presente, permittindo inducções para o futuro.

Esse me parece ser o aspecto mais geral de sua obra, quanto á psychologia do seu autor e á finalidade a que se propõe. Passemos agora uma vista d'olhos um pouco mais precisa sobre as idéas fundamentaes com que vae estudando a America e o Brasil nos dois volumes já publicados.

Começou o sr. Manoel Bomfim a estudar a America Latina á luz da doutrina fundamental do sociologismo evolucionista que elle em seu enthusiasmo de neophito já considerava «universalmente aceita» (sic) e segundo a qual as sociedades estão subordinadas, — «a leis fataes, tão fataes como as da astronomia ou da chimica». («A America Latina», p. 21).

A' luz desse principio de puro sociologismo naturalista, em torno do qual elle julgava haver «consenso unanime», — o que era eliminar um pouco precipitadamente a todos nós que negamos esse mesmo principio, — é que elle procurou estudar os males da America Latina. Pois, como disse, não foi um interesse de historiador, mas a paixão de verdadeiro nacionalista, — como sempre se revelou o sr. M. Bomfim, apesar de suas tendencias socialistas e mesmo communistas ao que parece — que o levou a esses longos estudos de historia. E julgando a sociedade subordinada a leis inflexiveis foi procurar no passado a explicação do presente. «E' nesse passado, nas condições de formação das nacionalidades sul-americanas, que reside a verdadeira causa das suas perturbações actuaes». (ob. cit. p. 23).

E a esse passado applicou uma theoria sociologica então em voga a do «parasitismo», exposta em um volume pouco antes publicado, («Massart et Vandervelde. Parasitisme organique et Parasitisme social») e que se baseia nas affinidades que por essa epoca se procuravam entre o organismo social e os organismos biologicos. Pois das tres grandes escolas de sociologismo evolucionista do seculo passado — a

«escola intellectualista» de Comte, a «escola biologica» de Spencer e a «escola economica» de Marx -- adoptou o sr. Bomfim o biologismo sociologico de Spencer, autor então em moda, tendo sido mesmo, pode-se dizer, o que mais influiu na mentalidade brasileira na segunda metade do seculo passado e inicio deste. Spencer, pela sua superficialidade omnimoda, foi o autor ideal para a nossa... omnimoda superficialidade.

Escolhendo, de todo o biologismo sociologico, a theoria especializada do «parasitismo», applicou o sr. Manoel Bomfim a toda a historia da America o resultado das observações feitas sobre um pequeno crustaceo — o «Chondracanthus gibbosus», — «constituido apenas por uma massa informe, de tecido frouxo, onde não se vêem quasi orgãos differenciados, a não ser os colchetes com que elle se apega á sua victima e os orgãos genitaes desenvolvidissimos. Fixado ao animal que o nutre, o «Chondracanthus» resume toda a actividade vital em sugar a seiva nutritiva» (ob. cit. p. 27).

Esse parasita, ao que parece, apresenta nos periodos de vida larvar, uma organização mais complexa e perfeita, decaindo apenas quando se torna parasita de outro animal.

Approximando a historia desse vago crustaceo da historia da colonização americana, elaborou o sr. Manoel Bomfim toda a sua theoria do parasitismo sul-americano, segundo a qual as duas nações colonizadoras Espanha e Portugal se formaram até o seculo XV por um esforço «prodigioso, unico talvez, do que se conhece na historia dos povos» (ob. cit. p. 48).

A consequencia, porém, dessa longa luta formadora foi dupla — a educação guerreira... e a impossibilidade quasi de se habituarem ao trabalho pacifico» (ob. cit. p. 52).

Dahi duas fórmas de «parasitismo». A principio o «parasitismo» heroico» da conquista, em que predominou exclusivamente o «ideal depredador» (p. 63). E em seguida o «parasitismo sedentario», regimen que provocou a degeneração definitiva das duas antigas metropoles (p. 90 e segs.).

Passa então o A. a estudar os effeitos geraes e especiaes do parasitismo sobre as novas sociedades. «Taes effeitos geraes comprehendem tres ordens de manifestações: o enfraquecimento do parasitado; as violencias que se exercem sobre elle, para que preste uns tantos serviços ao parasita, além do encargo capital de nutril-o; finalmente a adaptação do parasitado ás condições de vida que lhe são impostas» (p. 116).

E começa então o estudo da historia das nações sul-americanas feito com o intuito de provar esse dogma inicial do parasitismo e suas consequencias inelutaveis. E' a historia sombria de uma «colonização feroz» (sic), que iniciando-se pela depredação, — «não podia mais voltar atraz» (p. 126). E assim resume o A. a historia da colonização iberica na America: — «Lutas continuas, trabalho escravo. Estado tyrannico e espoliador — qual seria o effeito de tudo isto sobre o caracter das novas nacionalidades? Perversão do senso moral, horror ao trabalho livre e á vida pacifica, odio ao governo, des-

confiança das autoridades, desenvolvimento dos instinctos aggressivos» (p. 159).

Quanto aos effeitos especiaes do parasitismo iberico sobre a America Latina, distribue-os o A. por tres categorias: herança, educação e reacção.

Herdados os defeitos capitaes, segundo elle, de excesso de «conservantismo» (p. 166) e de «falta» do espirito de «observação» (p. 205), — foi a educação dos povos sul-americanos viciada por uma falsa concepção do Estado como «uma realidade á parte» (p. 208), o que levou fatalmente as novas nacionalidades a uma reacção caracterizada por dois «vicios profundos: — a tendencia ás lutas armadas... e a má vontade contra o Estado» (p. 235).

Estudados os defeitos, passa o A. a tratar das qualidades das novas populações — «uma hombridade patriotica intransigente... e um extraordinario poder de assimilação social» (pagina 265), e em longas paginas se occupa com o problema da mestiçagem de que faz a apologia.

Toda a parte final do livro é dedicada a mostrar como na America Latina de hoje, — «continuam as lutas, que vêm desde a independencia e são anteriores a ella: nasceram com as proprias colonias... lutas que são, ainda e sempre, o conflicto fatal entre o espirito novo, o instincto vivaz das sociedades nascentes, contra o elemento oppressor, refractario, privilegiado; conflicto absorvente aqui, aggressivo e brutal e no qual se consomem todas as actividades sociaes» (p. 335).

Não ha, porém, a seu ver, razões para af-

firmar que estejamos condemnados ao marasmo eterno. «Não é este o caso das republicas sul-americanas. Dellas, nem mesmo se pode dizer que sejam nações decadentes; porque, em verdade nunca estiveram em estado mais prospero, nem mais adeantado e culto que o actual (1903). Pelo contrario: têm progredido, mais ou menos lentamente é certo, mas têm progredido e continuarão a progredir, porque não ha nenhuma causa essencial que a isto se opponha, nem as condições sociaes são taes que ellas se vejam fatalmente condemnadas á decadencia e ao desapparecimento. Vêm avançando lentamente, difficilmente, porque a influencia do passado ainda é muito viva» (p. 367).

E quanto ao remedio que propugnava então, — pois lembro que o livro que venho resumindo foi publicado em 1903, — era: «a diffusão da instrucção» (p. 335), que viria transformar as «lutas materiaes» em debates de ideaes. E terminava o seu livro fazendo a apologia do laicismo educativo integral como panacéa da regeneração nacional.

— «A proclamação da Republica francamente democratica, com exclusão da parte do Estado de qualquer doutrina religiosa (sic), presuppõe desde logo a diffusão do ensino verdadeiramente leigo-scientifico; a eliminação do dogma religioso como disciplina intellectual implica a extensão de um serviço publico — a instrucção; o homem, ente de razão, não pode existir moralmente sem ter essa base de equilibrio mental: uma explicação qualquer sobre si mesmo, seu destino, suas origens, o mundo onde vive, a razão de ser das regras moraes;

é grotesca e insensata a explicação contida no dogma (sic) em todo o caso é uma explicação: vem a Republica, dispensa a disciplina religiosa, liberta as consciencias... para deixal-as, vazias não tendo outro recurso, se querem satisfazer a esta necessidade normal do espirito — não tendo outro recurso senão absorver as insanidades e puerilidades catholicas (sic), ou andarem por ahi ás tontas, até voltarem á animalidade primitiva, pois que os politicos não têm como necessario fornecer ás intelligencias em formação as verdades sãs, adquiridas pela sciencia...» (p. 424).

E' inutil accrescentar quanto nós, catholicos, devemos citar com prazer um trecho como este em que um adversario intolerante reconhece a miseria intellectual e moral em que a Republica, ha quarenta annos, vem mantendo a educação nacional, desde o dia em que emancipou o Estado de qualquer doutrina religiosa (a não ser do atheismo...). Não somos nós, é um atheu, como o sr. Manoel Bomfim, que vem affirmar solemnemente a impossibilidade do Estado-neutro em materia de educação moral e religiosa. O «trilema», se é possivel dizer, deante do qual nos colloca esse laicista integral é o seguinte —: ou o catholicismo, ou o scientismo materialista ou a animalidade.

E nós, catholicos, só podemos subscrever aos termos dessa impressionante encruzilhada...

——

Demorei-me no resumo aliás summarissimo desse primeiro volume da obra do sr. Manoel Bomfim, pois elle proprio diz que ahi se en-

contram as idéas fundamentaes dos seus trabalhos ulteriores. E se no primeiro volume expunha as modalidades particulares do seu criterio geral de sociologismo evolucionista e naturalista e a sua applicação ao que havia de «commum» entre as nações latino-americanas, — neste novo volume («O Brasil na America») applica as suas idéas exclusivamente ao Brasil e ao que tem de «proprio» em relação a ellas.

«Este livro começa uma serie — tres, applicada á apreciação das condições feitas á Nação brasileira. Um mesmo pensamento geral, em desenvolvimentos perfeitamente distinctos: caracterização da formação nacional brasileira; causas que turbaram o proseguir da nacionalidade, como sejam ataques systematicos á tradição já definida, effeitos da degradação e degeneração da metropole, reagindo sobre a Colonia em — lesões directas e contaminação putrida; finalmente, expressão, na vida da nação soberana, desses persistentes motivos de turbação, lesão, contaminação, até á condição actual» («O Brasil na America», p. 10).

Começa por mostrar que o Brasil se distingue nitidamente no meio de todas as nações da America.

«Ha parentesco entre hespanhóes e portuguezes; houve necessidades communs ás duas metropoles e processos analogos de colonização, resultando, de tudo isto, uma qual approximação de caracteres nos povos neo-ibericos. E é tudo, pois que após todo desenvolvimento definidor, ha mais differenças entre a Nação Brasileira e essas em que deram os vice-reinados

castelhanos, do que entre as mesmas nações colonizadoras — Hespanha e Portugal» (p. 11/12). E mostra, como se deve distinguir a America, — «em tres, em vez de duas: a castelhana, a portugueza e a ingleza» (p. 15). E nessa America tripartida — «o Brasil tem, a affeiçoar-lhe o caracter, uma historia colonial inteiramente outra e onde predominaram motivos exclusivamente seus, muitas vezes até antagonicos daquelles em que se conduzia a formação dos neo-castelhanos. Tres seculos num viver accentuadamente differente, produziram um caracter nacional de perfeita unidade, nitidamente diverso» (ib.).

Para explicar essa especificidade remonta o A. ás nossas origens portuguezas estudando o «Portugal heroico», em cuja população, — «vigor de animo, energia de combatentes indomaveis contra o dominio estrangeiro, formam o fundo de virtudes communs» (p. 21).

Mostra-se entretanto o A. contrario a todo «racismo», acreditando que — «só o facto historico tem significação» (p. 24). E repassando a historia de Portugal verifica que — «Lusitania ou Portugal; aquelle pedaço de peninsula nunca esteve inteiramente fundido ou confundido no resto da Iberia (p. 25)... ao primeiro pretexto destaca-se Portugal, levado por uma inilludivel necessidade de soberania e individualidade» (p. 27).

E Portugal não nasceu de uma determinação impessoal ou geographica e, ao contrario, de uma acção rigorosamente voluntaria.

«Portugal é, de facto, um producto exclu-

sivamente da Historia, quer dizer — de motivos humanos, indifferentes ás condições cosmicas e aos factores puramente organicos» (pagina 33).

E nessa formação nacional, — «o povo portuguez patenteou vitalidade, genio politico e capacidade de socialização acima de qualquer das outras nações do momento» (p. 35)... Pela primeira vez, na historia (sic), vemos um effeito universal realizado como programma e fim consciente; a exploração dos mares no proveito de uma nação» (p .37). A grandeza só começou a decair quando o «heroismo» se converteu em «mercancia» (p. 42). E accentúa esse caracter mercantilizante do genio portuguez.

— «Portugal foi puramente mercantil (sic), fadado para a grandeza material; mas isto, elle o fez, com genio, em intensidade de intelligencia; preparou-se methodicamente, lucidamente para navegante, descobridor, conquistador e commerciante. Só desceu dahi, desse valor, quando a mesma riqueza o perverteu e degradou os seus dirigentes» (p. 46).

Oppondo a formação divergente das duas nações ibericas, mostra o A. como Portugal se distinguiu sempre pelo seu espirito de «unidade», de nacionalidade, ao passo que a Hespanha se caracterizava justamente por um profundo espirito de «particularismo» e dissociação. E esses mesmos caracteres divergentes passaram á America, explicando a unidade brasileira em face da multiplicidade neo-castelhana.

E psychologicamente tambem recebemos a herança das duas hereditariedades differentes: — «o castelhano sobranceiro, intransigente da

sua pessoa, arrogante e dahi facilmente descambando para a turbulencia, a revolta, a facção; o portuguez contido, apagado, morigerado, resistente, sim, mas disciplinado e finalmente mais politico» (p. 65).

Na colonização, o Brasil foi feliz. «A colonização do Brasil começou quando o genio portuguez patenteava ainda a optima da sua efficiencia... Sim; a India depurou a primeira colonização do Brasil. Pelo seu caminho se foram os que não convinham ás necessidades da nação que aqui se criava» (pags. 72/73).

Sendo «excellente» (p. 78) a fórma de colonização portugueza, não foi menos valiosa a collaboração do indigena. — «O indigena foi factor essencial na construcção do Brasil. Só não teve importancia igual á do proprio portuguez, porque a este coube a direcção» (pags. 92/93).

E depois de estudar por 75 paginas a contribuição dos indigenas, que representam a seu ver — «para a Nação Brasileira um factor essencialmente importante, de certo modo decisivo, sem correspondencia na formação dos outros povos americanos» (p. 102), — passa o A. a estudar o outro factor de differenciação da nacionalidade brasileira em face das neo-castelhanas; o cruzamento. E sustenta que — «o cruzamento, nos casos dos da população brasileira, em vez de ser um mal é uma vantagem» (p. 177).

Reduz, entretanto, a contribuição das raças negras, escrevendo que — «a influencia dos negros sobre a essencia da alma brasileira, foi menos pronunciada do que parece» (p. 218).

Quanto á formação historica do Brasil, o que primeiro a caracterizou foram as lutas contra francezes, inglezes e hollandezes, nas quaes se accentuou o caracter da unidade da patria nascente (pags. 227 a 339). — «Temos assim um povo que nasceu e se definiu, explicitamente, na intransigente defesa da terra contra o estrangeiro» (p. 340).

O segundo factor caracteristico da nossa formação foi a extensão pelo interior: — «o que os paulistas realizaram é unico em toda a America» (ib). De modo que a formação inicial do Brasil — «foi uma feliz combinação; as virtudes primeiras do heroismo portuguez com a sua excellente escola politica, fecundando as energias sãs das raças novas e plasticas desta America» (p. 376).

E termina o livro accentuando os caracteres divergentes que deram á formação brasileira, — «um cunho sem similar na America: mistura, unificação, nacionalidade» (p. 393), pois ao contrario do que se deu com os neo-castelhamos, — «a formação do Brasil se resume em: a) luta contra o estrangeiro; b) absorpção do gentio, por mistura franca; c) exploração estavel da terra pela agricultura» (p. 404).

Eis em largos traços o poderoso golpe de vista do sr. Manoel Bomfim sobre a nossa formação nacional.

A meu ver, a critica fundamental que se lhe deve fazer não é propriamente nenhuma daquellas que tão extensamente lhe fez Sylvio Roméro. E sim uma critica que tanto merecem um como outro: a ausencia dos factores espirituaes na formação da nacionalidade brasileira,

Vimos como essa omissão é frequente em quasi todos os que têm estudado, em conjunto, a nossa formação. E no caso do sr. Manoel Bomfim, ou do seu critico Sylvio Roméro, é patente essa deficiencia. E o curioso é que nenhum dos dois se apresenta como partidario de um determinado systema, e ambos como estudiosos da nossa formação á luz da verdadeira sciencia social e da verdadeira historia objectiva.

Nem uma coisa, nem outra. O que ha é a apreciação da nacionalidade brasileira, em suas raizes, do ponto de vista do naturalismo sociologico, mais ou menos determinista. Quem leia «A America Latina» ou o livro de igual nome, com que Sylvio Roméro o refutou ficará por assim dizer ignorando que houve em nossa historia um pequeno phenomeno chamado de — christianização... Interessados apenas pelos factores ethnologicos, politicos ou historicos, deixaram os autores inteiramente na sombra o que foi propriamente o factor que plasmou todos os elementos em fusão no cadinho americano — o factor religioso.

Nesse ponto, entretanto, é de notar uma certa evolução nas idéas do sr. Manoel Bomfim. Apesar de apresentar este seu novo livro como sendo apenas uma applicação ao Brasil das idéas anteriormente assentes, — vemos nitidamente uma certa mudança de orientação.

E' certo que ainda repete disparates como o de censurar os jesuitas por — «transformarem a civilização do gentio numa pura treinagem catholica, estranha ou infensa á cohesão nacional». (O Brasil na America», p. 109),

Ora, «um» dos factores primordiaes de nossa unidade foi justamente a Fé. Quando as populações coloniaes se levantavam espontaneamente contra francezes, inglezes ou hollandezes, era sobretudo e «explicitamente» a revolta contra o sectarismo protestante, que as animava. Antes do sentimento da patria commum elles tinham o sentimento da Fé commum. E baseados sobretudo nesse sentimento, — alliado aos demais laços de lingua, de tradição, de historia, de patriotismo incipiente — é que nutriam a sua tenacidade indomita que tanto serviu para fundir essas populações dispersas do inicio.

Trabalhando, portanto, para diffundir a «fé catholica» não podiam de modo algum os jesuitas trabalhar contra a «cohesão nacional», como pretende o sr. Bomfim. E' o opposto, exactamente, que representa a verdade dos factos. O grande factor de unidade moral que tivemos, em toda a nossa historia, foi exactamente o factor religioso. Foi elle que nos deu uma alma commum, uma tradição commum e a possibilidade de sempre fundir os elementos disparatados que nos formaram.

O sr. Manoel Bomfim é um partidario extremado da nossa «mestiçagem», e o seu exaggero chega ao ponto de julgar, hoje em dia, a colonização estrangeira como quasi um crime contra a nacionalidade. Ora, se esse trabalho incessante de cruzamento não degenerou numa perda absoluta de personalidade deu-se isto justamente pela existencia desse laço de Fé que estabeleceu sempre um nivel commum no so-

brenatural, para compensar o desnivelamento incessante das condições e operações naturaes.

E o problema hoje em dia continúa a ser o mesmo. Se cada dia é maior a scisão que vemos entre as classes governantes e as classes governadas, é inutil procurar apenas o motivo no desejo de oppressão, no instincto de tyrannia, na miseria moral de uns em relação a outros, como quer o sr. Manoel Bomfim. Serão muitas as razões dessa temerosa separação. Serão muitas as culpas dos que dominam e algumas as justificações. Mas o verdadeiro motivo da scisão é exactamente a estructura do nosso Estado e da nossa educação, que espalha o laicismo absoluto nas camadas superiores da população mas não conseguiu ainda arrancar as virtudes e a Fé tradicional das camadas inferiores, dessas que constituem propriamente o corpo da nacionalidade. E se até hoje não vimos ainda o grande sociologo nosso que conseguisse estudar o problema do nosso povo, penetrando-lhe profundamente a alma, e focalizando, ao mesmo tempo, os demais aspectos exteriores de sua formação, — é que todos que o têm estudado são ainda filhos, como o sr. Manoel Bomfim, do anti-sobrenaturalismo, do anti-catholicismo, do evolucionismo naturalista, que impede exactamente a comprehensão do que ha de mais intimo e de mais original na alma do nosso povo. Não basta comprehender «por fóra». Não basta dissertar sabiamente sobre as «superstições populares». Não basta applicar theorias precipitadas do mais recente sociologo europeu. Não basta ter sympathia pelo povo, ou sciencia dos problemas sociaes, ou

senso historico. Nada disso suppre a participação real, profunda, ardente na Fé que formou esse povo, que abriu a sua alma, que alimenta o seu ideal e até hoje o penetra em toda a sua vida, sob todas as fórmas, das mais puras ás mais degeneradas.

E toda a obra do sr. Manoel Bomfim, com todo o seu nacionalismo, com toda a sua erudição historica, com toda a sua pretensão de sociologismo scientifico — pecca pela base, como peccou a de Sylvio Roméro e a de todos os que apontei em chronicas anteriores sobre o mesmo thema. Possuem a sciencia, de fóra, a observação, o engenho, a sympathia mesmo. Mas não têm esse laço interior e unico, da mesma Fé, que liga os homens mais dispares entre si e crêa laços intimos que nada pode supprir.

Esse, portanto, é o defeito fundamental da obra do sr. Bomfim. Fala «sobre» o povo brasileiro. Procura eruditamente destacar os seus caracteres differenciaes. Tem, muitas vezes, observações justas e preciosas. Mas não penetra a sua intimidade. Não participa de sua alma. E commette desses dislates imperdoaveis de julgar que a formação catholica do nosso gentio fosse infensa á cohesão nacional quando seria o unico meio de trazel-o á unidade moral com as outras populações colonizadoras, cuja obra de unidade physica se fazia pelos cruzamentos.

Apontado, portanto, o erro fundamental de toda esta obra, que lhe vicia radicalmente o espirito, devemos reconhecer que, mesmo nesse sentido, houve certa evolução nas idéas do sr. Manoel Bomfim. Em relação ao Christianismo, mudou radicalmente de attitude.

Na sua «America Latina», cujas idéas elle declara ainda hoje subscrever na integra, escrevia que — «o Christianismo entregava o mundo, mais do que nunca, á tyrannia e á iniquidade... Derivando para o proselytismo, a doutrina de Jesus tornou-se a inimiga, a contraditora, a suffocadora (sic) dessa bella philosophia greco-latina, onde já se delineava a moral verdadeiramente humana, garantidora do progresso social». («America Latina», p. 279).

Vinte e seis annos depois escreve o seguinte, em seu novo livro, que apresenta como continuação do primeiro: — «O effeito do monotheismo judaico sobre as civilizações do Occidente não foi a simples mistura, onde se distinguissem parcellas de aryanismo e juxtapostas ao semitismo; mas a novidade empolgante, regenerada, vivificante e fecunda (sic) do Christianismo, synthese das inspirações moraes anteriores (sic), original e poderosa porque era uma synthese em que se apuravam as tradições combinadas» («O Brasil na America», p. 17).

Ha vinte annos o Christianismo lhe apparecia como a doutrina «suffocadora» da tradição greco-latina, e hoje lhe apparece como a «synthese das inspirações anteriores».. Ha vinte annos o Christianismo lhe parecia ter entregue o mundo — «á tyrannia e á iniquidade», — hoje lhe apparece como — «novidade empolgante, regenerada, vivificante e fecunda».

E' uma retratação completa que mostra ao vivo o trabalho de observação emprehendido nesses vinte annos pelo sr. Manoel Bomfim, e que lhe fez repudiar os preconceitos iniciaes, se bem que apenas parcialmente.

O mesmo se dá, por exemplo, quanto á sua attitude em face da Companhia de Jesus. No livro de 1903 quasi não se referia a ella, como se a sua acção sobre a formação sul-americana não merecesse um estudo mais acurado. E quando tratava da Companhia, o fazia em termos desabridos como estes: — «A Inquisição e a Companhia de Jesus incumbiram-se de matar todas as velleidades de progresso; a historia dessas duas instituições é a historia da degeneração iberica («America Latina», p. 104)... Os processos de «cultura da ignorancia» e de selecção «ás avessas», empregados pelos jesuitas (sic) e pela Inquisição, na metropole, foram transportados para as colonias» (p. 159).

No seu novo livro o problema dos jesuitas é estudado longamente — e apesar das reservas que apresenta, baseado em argumentos tão disparatados como aquelle de que a educação catholica — «impedia» a cohesão nacional do gentio opina que — «tudo isto nos demonstra que se os jesuitas no Brasil fizeram uma obra, ao mesmo tempo, humana e patriotica (sic), foi porque o regimen da colonização portugueza não lhes deixava a possibilidade de fazer o mal» («O Brasil na America», p. 173).

E no fim do livro, tão importante lhe parece agora, o problema, que volta a se occupar com elle para concluir: — «Em contraste, no Brasil, o jesuita foi sempre nacionalizador, ou pelo menos não poude fazer o mal de que o accusam nas partes de Castella. Não é que aqui a sua acção não tivesse valimento. Houve momentos em que ella foi decisiva para os destinos da Colonia (sic)... Deixados a si mes-

mos, elles teriam feito cá o que os Montoya e Orosco fizeram por lá. Não lhes foi possivel; defrontava-os a politica do Estado portuguez e o espirito nacional do Brasileiro, e elles, os jesuitas, só deixaram beneficios (sic) (p. 442)... A obra dos jesuitas foi tal que os seus effeitos subsistem patentes (sic) depois de quasi dois seculos da expulsão delles», (p. 441).

Que caminho entre as duas concepções! Que justiça lenta e laboriosa á obra dos formadores das raizes de toda a nossa tradição moral, de toda a feição essencial de nossa alma brasileira.

Essa justiça tardia, mas não menos valiosa, não representa entretanto nenhum reconhecimento real do factor religioso em nossa formação. Limita-se a estudar a obra dos jesuitas «de fóra» tambem, como simples factor historico, sem lhe penetrar de modo algum a significação organica profunda, a acção indelevel, não só da obra dos jesuitas, mas de toda a Igreja, sobre a elaboração inicial de nossa alma. Não estudando essa acção «normal», tambem não estuda as anormalidades, os desvios, os impecilhos que soffreu desde que o regalismo pombalista deu o golpe mais cruel que jamais podia soffrer a continuidade de nossa formação moral, com a expulsão da Companhia e consequente perturbação de toda a nossa vida interior até a anarchia absoluta dos nossos dias.

Outro ponto em que as idéas do sr. Manoel Bomfim soffreram uma alteração radical, foi no apreço á obra da colonização portugueza por aqui.

No volume anterior a obra colonizadora da Iberia é apresentada em termos infamantes. — «E' na historia da expansão portugueza, nas suas tenazes tentativas de mais de um seculo, que se pode estudar bem a evolução e realização desse «pensamento iberico» — ideal depredador (sic) absorvente, exclusivo, dentro do qual se vieram fundir todos os outros; glorias guerreiras, ardores mysticos («America Latina», p. 63)». E mais adeante apresentava como sendo — «o caracter da conquista portugueza; saquear, sem nenhum outro objectivo — a rapina, a pirataria, o parasitismo depredador»», (p. 81).

Esse quadro negro provinha da necessidade de justificar a theoria do parasitismo, que acabava de ser lançada, e que elle pretendeu applicar integralmente á nossa historia, reflectindo bem as precipitações do naturalismo biosociologico então em voga.

Sylvio Roméro não deixou de corrigir a precipitação do conceito.

— «O alvo do sr. Bomfim é pintar os povos ibericos como uns perversos e loucos depredadores, sem estimulos moraes de trabalho, incapazes de mourejar por si nos labores da producção, aptos á «parasitação escrava» e só ella. Não é a lição que sáe do estudo severo dos factos, desde a remotissima época dos iberos (*Sylvio Roméro*, «A America Latina», p. 158)... A colonização dos povos ibericos na America foi singularmente branda se a houvermos de comparar com todas as conquistas e colonizações conhecidas na Historia, desde que o mundo é mundo» (ib. p. 116).

Hoje, é o sr. Manoel Bomfim que ultrapassa o conceito de Sylvio Romêro, corrigindo todo o quadro das «rapinas e depredações» para dar, ao contrario, á colonização portugueza um alto tino politico e constructivo.

«O povo portuguez patenteou vitalidade, genio politico, e capacidade de socialização acima de qualquer das outras nações do momento («O Brasil na America», p. 35)... Agindo em plano meditadamente deliberado, Portugal fez obra definitiva e completa para a civilização» (p. 51)... O Portuguez, onde fundou verdadeira colonia, foi um organizador de actividade agricola, um colono productor (p. 61)... A obra dos primeiros colonos, nas qualidades que lhes eram proprias, com o caracter agricola e estavel que, logo se normalizou, decidiu definitivamente da sorte do Brasil e immediatamente fez da colonia uma patria» (p. 81). E assim por deante. E' como se vê uma mudança radical de conceito, pois onde a obra colonizadora dos portuguezes era considerada como puramente «depredadora», hoje em dia é considerada como eminentemente «estavel, agricola, productora», que «immediatamente fez da colonia uma patria». E não cessa de louvar o genio politico e o caracter «nacionalizador» do portuguez na America, em contraposição ao senso da aventura e ao caracter particularista do castelhano.

Essa mudança de orientação resulta do relativo abandono da tal theoria «parasitaria» que adoptara precipitadamente no inicio de sua obra. E' o defeito desse sociologismo determinista, em qualquer de suas modalidades. Para justificar pela realidade a procedencia de uma determi-

nada theoria, alteram-se todos os factos no sentido daquella explicação. Quanto maior largueza, e realismo, e variedade e respeito á objectividade dos factos e á realidade de imprevisto vamos encontrar numa concepção catholica da sociedade, tão accusada do contrario, tão denegrida, tão mal comprehendida, especialmente em sua doutrina da Providencia! Compare-se, por exemplo, a pagina magistral em que Montalembert traça um quadro das vicissitudes, pelas quaes — «l'Espagne moderne a eu la singulière fortune de tromper l'attente des juges et des maitres de l'opinion publique en Europe» (*Montalembert*, «Oeuvres polémiques» t. II, paginas 189/191), — com o quadro mutilado, parcial, deformado de um sociologo como o sr. Manoel Bomfim sobre essa mesma Hespanha, emquanto pretendeu applicar-lhe uma determinada theoria sociologica puramente especiosa.

Hoje, nota-se no sr. Manoel Bomfim um senso muito mais vivo das realidades e uma grande desconfiança, que não cala por varias vezes, de todo theorismo precipitado de sociologos excessivamente systematicos. Neste, como em outros muitos pontos, é innegavel que este seu ultimo livro representa um progresso sobre o primeiro.

Naquelle, o seu espirito de estreito sectarismo se manifestava a cada passo, como tivemos occasião de ver. Ao passo que neste já olha os problemas com menos paixão e muito mais objectividade.

O que não impede de não ter repudiado expressamente nenhuma das theses anteriores, apresentando, ao contrario, este novo livro, como

continuação do primeiro. Ha sem duvida, — ao par da evolução indicada no sentido de uma comprehensão mais objectiva e impessoal dos phenomenos, — ha por isso mesmo a persistencia nos defeitos capitaes apontados. Notaria ainda o seu desconhecimento systematico de todo o papel da Autoridade, ao longo de toda a nossa historia, como se o «mytho» do «povo» fosse capaz por si só de construir, de conservar e de desenvolver uma nacionalidade complexissima como a nossa. Como consequencia disso, notaria tambem o desconhecimento dos problemas peculiares que uma «unidade» difficilima como a nossa crêa para o conceito e para a «pratica» do «governo» entre nós, em relação á relativa facilidade com que o mesmo problema poude ser resolvido em nações como a Argentina e o Chile, onde, sem parecer, é talvez mais facil governar do que aqui. Certas declamações do sr. Manoel Bomfim nesse sentido não são de um sociologo avisado, como elle pretende ser. E' esse um problema que não pode ser resolvido com a rhetorica sonora do jornalismo e da demagogia. Notaria ainda a importancia positivamente desmedida que dá ao factor «indigena» em nossa formação, relativamente á importancia secundaria que attribue ao factor africano.

Esses e muitos outros pontos são dignos de attenção, como o é toda a obra, filha, como vimos, de um labor incessante de 20 annos de observação, de estudo e de paixão nacional. Os defeitos que me pareceram mais evidentes na obra, — e muito especialmente o desconheci-

mento absoluto a principio e já agora mais relativo, dos factores espirituaes em nossa formação, — não annullam certamente o merito de uma contribuição consideravel para o estudo de nossa nacionalização na America, o grande problema central de nossa Historia.

CAPITULO XXI

FORMAÇÃO ESPIRITUAL BRASILEIRA

Hoje em dia, sob a influencia do determinismo historico — que veiu reagir contra o providencialismo por vezes exaggerado — ha uma grande tendencia a desconhecermos a influencia dos factores imprevistos e livres na formação dos povos.

E, no emtanto, a historia mais moderna, a que decorre a nossos olhos, e podemos observar com nossos proprios sentidos, — nos está indicando como os povos e as civilizações se formam, ou se desmembram não com leis abstractas ou determinismos rigidos, e sim com sentimentos humanos, paixões, sacrificios, e sobretudo fé, mesmo que inteiramente desviada em seu sentido e em seu objecto formal. Todas essas theorias que pretendem enfeixar a historia em armaduras inflexiveis de evolução — Comte ou Hegel, Marx ou Spengler, têm sido todas mais ou menos transbordadas pela realidade. E as observações melancolicas de Littré, que Pasteur transcreve no seu admiravel discurso de recepção na Academia Franceza, poderia valer para muitos delles. O imprevisto é a lei da historia. Não o arbitrio sem duvida, mas o imprevisto. E todos os historiadores e

presenta exactamente a acção da vontade e do instincto em tudo o que é humano. E o erro do racionalismo historico, como de todo racionalismo, não é de usar da razão mas de «so» usar da razão, o que é o melhor meio de supprimil-a na pratica... Basta ver como os racionalistas raramente deixam de defender os direitos do instincto e acabam sempre collocando-se praticamente ao serviço das paixões que começam apparentemente por contrariar. O unico meio de elevar a razão é limital-a.

A illusão, porém, de descobrir na historia humana leis de caracter physico-mathematico, tem levado o moderno racionalismo historico a desconhecer esses factores imprevistos na formação dos povos e das civilizações. E, no emtanto, o que a observação nos está revelando nos casos mais á vista, como a revolução russa ou a resurreição chineza, é que a vontade de poucos e o instincto de muitos — e não o espirito scientifico ou o abandono á evolução natural — é que preside em geral a esses movimentos sociaes profundos, especialmente quando violentos e bruscos. Pois, de facto, o que vemos na Russia e na China é que o movimento revolucionario parte de pequenos nucleos de homens deliberadamente devotados á Causa da remodelação social violenta, para ser depois lançado e seguido pelas massas com um sentimento de instinctiva revolta. A vontade de alguns dirigentes e o instincto demolidor dos dirigidos é o que nos revelam todas as revoluções, e vemos repetido na Russia e na China. E tanto em uns como em outros o sentimento que resobretudo os estadistas realistas bem conhecem

essa margem entre a theoria e o facto, que resume a vontade e o instincto é a fé, uma fé pervertida ou radicalmente invertida como nesses casos.

O que se vê, portanto, é que mesmo os regimens que pretendem nascer sob um signo de absoluta irreligiosidade (Lenin e Sun-Yat-Sen foram radicalmente anti-religiosos, no verdadeiro sentido da expressão) o que vemos é que a religião reapparece sob vestes inteiramente ineditas. E quem vê na Russia o culto a Lenin ou na China o culto a Sun-Yat-Sen, ou quem acompanha a psychologia do revolucionario moderno em um estudo de observação lucidissima, como nos «Conquérants» de Malraux, — não precisa de muito esforço para sentir que o materialismo revolucionario é uma religião. E que, como dizia o velho Tertuliano, mais uma vez Satan se mostra o macaco de Deus, «Simia Dei».

Se as revoluções nascem assim sob o signo da irreligião, que se serve, entretanto, de verdadeiros mimetismos religiosos, os povos que se formam por evolução nascem sob o signo da religião. E' o grande laço que approxima e que separa. E nas civilizações que se formam lentamente, é elle que vae operando a fusão silenciosa e profunda dos elementos heterogeneos que vão collaborando na obra formadora. Foi o caso do Brasil.

E, entretanto, ainda não houve nenhum grande historiador, entre nós, que désse a esse factor a importancia que lhe compete. O mais

objectivo dos nossos historiadores, Capistrano de Abreu, reconheceu essa lacuna ao escrever que — «uma historia dos Jesuitas é obra urgente; emquanto não a possuirmos será presunçoso quem quizer escrever a do Brasil» (Capitulos de Historia Colonial, 1.ª ed., p. 172).

Não terá sido esse justamente o motivo que mais calou no espirito de Capistrano no sentido de não escrever uma historia completa do Brasil, como todos esperavamos que o fizesse no fim da vida? Capistrano era um racionalista, mas era um racionalista... racional.

Mas não é só a historia dos jesuitas que precisa ser escripta para que possamos escrever depois a do Brasil. Precisamos da historia de todas as «missões». E outro grande estudioso da nossa elaboração historica, que tanto quanto Capistrano «não soube» ou «não poude» dar ao factor religioso a importancia que teve em nossa formação, Euclydes da Cunha, deplorou tambem a falta desse estudo.

— «Em toda essa superficie de terras, que abusivas concessões de sesmarias subordinaram á posse de uma só familia, a de Garcia d'Avila (Casa da Torre), se acham povoados antiquissimos. De Itapicurú de Cima a Geremoabo, e dahi acompanhando o S. Francisco até aos sertões de Rodellas e Cabrobó avançaram logo no seculo XVII as «missões» num lento caminhar que continuaria até ao nosso tempo. Não tiveram um historiador (sic). A extraordinaria empresa apenas se retrata hoje em raros documentos, escassos de mais para traçarem a sua continuidade. Os que existem, porém, são eloquentes para o caso especial que consideramos. Di-

zem, de modo inilludivel, que emquanto o negro se agitava na azafama do littoral, o indigena fixava-se em aldeiamentos que se fariam cidades. A solicitude calculada (?) do jesuita, ou a rara abnegação dos capuchinhos e franciscanos, incorporavam as tribus á nossa vida nacional; e quando no alvorecer do seculo XVIII os paulistas irromperam em Pambú e na Jacobina, deram de vistas surpresos, nas parochias que ali já centralizavam cabildas» (Os Sertões, p. 101).

Nem Capistrano de Abreu, nem Euclydes da Cunha, nem Sylvio Roméro, nem Oliveira Lima, nem Albert Torres, nem Oliveira Vianna, — nenhum daquelles que estudaram mais a fundo a historia de nossa formação, ou formularam receitas para a nossa regeneração, souberam dar a importancia devida ao elemento religioso na formação da nacionalidade brasileira. E' um dos themas curiosos para a meditação ironica da nossa intelligencia. Todos, em geral, reconhecem que a historia do Brasil e a alma brasileira, tanto uma como outra se formaram em um ambiente nitidamente religioso. Alguns delles deploram a falta de uma historia da religião no Brasil, como elemento sine qua non para se escrever a historia do Brasil. Sylvio Roméro, o mais naturalista talvez de todos elles, quando procura um remedio para nossos males, não se contenta com os remedios da pedagogia leiga, hoje tão em voga, nem mesmo com os remedios politicos e votolatricos, hoje ainda mais em voga. Sylvio Roméro o que procura, antes de tudo, é um remedio moral:

— «Não são os programmas que nos faltam. Temol-os de sobra. Falta-nos a paixão, o

devotamento, a alma. A primeira reforma a fazer é em nós mesmos» (O Brasil na primeira decada do sec. XX, p. 47). Palavras que podemos subscrever integralmente e não parcialmente como elle as entendia.

Oliveira Vianna, por seu turno, faz a apologia de todas as virtudes da alma brasileira, que lhe foram communicadas pela educação e pela impregnação religiosa que teve, silenciando, entretanto, de modo estranho, sobre a causa cujos effeitos louva.

Em todos elles, portanto, tacito ou expresso ha o reconhecimento do facto. E, no emtanto, parece que nenhum delles o levou sufficientemente em conta por motivos que não posso averiguar. De modo que a historia da formação espiritual brasileira continúa por fazer. E continuará emquanto não se escrever primeiro a Historia da Igreja no Brasil e mais ainda a historia do sentimento religioso no Brasil. Nesse dia, os preconceitos naturalistas terão de olhar a realidade com um pouco mais de visão objectiva e impessoal.

A documentação historica mais recente não faz senão augmentar a importancia desse factor. E o testemunho disso é a obra consideravel do sr. Affonso Taunay, baseada sobretudo nas «Actas» da Camara de S. Paulo e nos «Inventarios» do sertão, que são actualmente as ultimas revelações authenticas do nosso passado. Agora mesmo acaba de sair o tomo 5.º da grande historia das bandeiras do sabio e infatigavel ex-director da bibliotheca do Ministerio dos Estranjeiros.

Affonso de E. Taunay. — Historia Geral das Bandeiras Paulistas, tomo V. Ed. Typ. Ideal.. S. Paulo, 1929.

O anno passado dera-nos o sr. Taunay, se não me engano, nada menos de quatro volumes: o tomo 4.º da historia das bandeiras, uns estudos sobre a «Bahia de dom João VI», um volume de polemica com Candido de Figueiredo sobre «Insufficiencia e deficiencia dos grandes diccionarios portuguezes», e o vol. 3.º da «Historia Seiscentista da villa de S. Paulo»! Este anno começa com o tomo 5.º dessa historia do bandeirismo, que é a mais completa, a mais escrupulosamente informada que teremos sobre o assumpto.

Este volume quinto se occupa com o auxilio dado pelos bandeirantes paulistas ás lutas contra os tapuyas na Bahia, no seculo XVII, com a organização interna das bandeiras, com o inicio da mineração, e o que elle chama o «cyclo do ouro de lavagem» e com o problema das esmeraldas e da prata, que tanto occupou os governos e os povos da época e explicam tanto do impeto penetrador das populações ultramarinas e litoraneas.

Nas paginas consagradas á organização interna das bandeiras, e baseadas nos preciosissimos «inventarios» feitos pelos bandeirantes no sertão, vemos resurgir mais uma vez esse elemento religioso, que o mais recente e o mais flagellante dos historiadores de nossa formação, o sr. Paulo Prado, tambem deixou em grande parte de lado no seu «Retrato do Brasil».

A luta entre os missionarios, especialmen-

te jesuitas, e os colonos para a defesa dos indios, não nos devem fazer esquecer que o sentimento religioso não era privilegio das «ordens». Como diz o sr. Affonso Taunay, depois de examinar detidamente todo esse acervo de documentos da época, — «universalmente dominava então em todos os agrupamentos lusitanos o espirito da mais profunda fé. Não ha testamento desta época em que as disposições espirituaes não tomem grande espaço» (p. 67).

A differença entre os missionarios e os colonos é que estes procuram apenas a propria salvação, ao passo que os primeiros procuram a salvação alheia... Pequena differença em palavras que, entretanto, é um abysmo entre dois mundos de espirito. E o que vae ser justamente mais interessante a estudar na psychologia religiosa dos bandeirantes, será essa coexistencia de um sentimento profundo de fé com a irrupção de instinctos insoffreaveis, cujas consequencias tambem se revelam nesses documentos de ultima vontade.

Para esse estudo a grande obra do sr. Taunay, sobre as bandeiras e sobre a formação da vida de S. Paulo, vae ser uma base indispensavel e solida. E nella podemos tocar de perto todas essas anomalias do senso religioso, que desde o inicio de nossa vida nacional revelam — tanto na indisciplina de costumes e doutrina do clero como dos colonos — males muito sérios que os tempos só fariam incrementar.

Outra consideravel anomalia do senso religioso, em nossa historia, foi a sua frequente alliança ao instincto revolucionario. E é esse um dos themas de grande delicadeza pois toca

de perto o problema do sentimento de patria. Em uma conferencia feita ha dois annos o sr. Mansueto Bernardi, por exemplo, mostrou como os revolucionarios da Republica de Piratiny conservaram vivo o sentimento catholico ao organizarem a sua Constituição.

Mansueto Bernardi — O pensamento religioso dos Farrapos. Typ. do Centro. Porto Alegre 1927.

De facto, no projecto de Constituição que os «farrapos» organizaram, a religião catholica era a religião do Estado e o juramento prestado por todo cidadão republicano, segundo decreto de 7 de junho de 1837, era vasado nos seguintes termos:

«Juro professar a religião catholica, apostolica, romana, sustentar a independencia e indivisibilidade da Republica constitucional riograndense, observar e fazer observar as leis da mesma republica, e provisoriamente a constituição e leis do Brasil, em tudo quanto for compativel com as actuaes circumstancias da nação e sua independencia, e de cumprir religiosamente as ordens do governo».

Nem faltaram á revolução os famosos «padres» revolucionarios que tanto se distinguiram nos nossos varios movimentos libertarios e que foram um dos symptomas typicos da anarchia religiosa em que o regimen pombalino mergulhara Portugal e, por conseguinte, o Brasil.

O sr. Mansueto Bernardi parece não enxergar nenhum symptoma dessa anarchia na attitude religiosa dos Farrapos, quando visivelmente o que havia era, não qualquer especial

consideração do governo revolucionario em face dos «principios» da Igreja, e sim uma simples reverencia aos sentimentos religiosos da população, uma certa indifferença religiosa, pois, a revolução era politica e não social, e, emfim, a influencia do democratismo mennaisiano.

De qualquer modo, essa preoccupação religiosa dos Farrapos mostra a realidade desses sentimentos na população rio-grandense, facto que rio-grandenses de hoje pretendem contestar.

Agora, onde vamos encontrar um guia seguro para o estudo dessas perigosas anomalias religiosas, bem como da acção fecunda do bom clero na formação do Brasil é num longo artigo do sr. Vilhena de Moraes, publicado agora em separata.

E. Vilhena de Moraes — O Patriotismo e o Clero no Brasil. Imp. Nacional. Rio, 1929.

Se alguem está hoje indicado para escrever a Historia da Igreja no Brasil, — como Fortunato de Almeida o fez para com Portugal, — é sem duvida alguma o sr. Vilhena de Moraes. Segurança de doutrina, objectividade historica e, ao mesmo tempo, uma visão organica e não puramente exterior della, tudo isso indica o sr. Vilhena de Moraes para essa tarefa imprescindivel, e urgente que como vimos está sendo solicitada pelos mais racionalistas e naturalistas dos nossos historiadores.

Esse volume que acaba de publicar pode perfeitamente constituir o nucleo da obra a emprehender. Pois todo o traçado de uma longa e variada construcção historica está nelle de-

lineado. E com uma segurança de visão que faz augurar um exito completo para essa grande obra que precisa ser escripta quanto antes e que explicará as origens do nosso confusionismo religioso, moral e intellectual de hoje.

A parte, a meu ver, mais interessante do opusculo do sr. Vilhena de Moraes — se bem que todo elle seja uma synthese magistral do thema — é menos a parte positiva que a negativa. Menos a acção creadora do clero, que os desvios, e a decadencia da sua acção desde a Independencia até a Republica.

E tanto esses desvios, como essa decadencia, ou «estagnação» como prefere dizer o A., não provieram de uma causa interna e sim da acção profundamente anarchizadora de Pombal.

Como mostra o sr. Vilhena de Moraes, — «empenhado, para destruir a obra dos Jesuitas, em reformar o ensino em todos os seus gráos, atirou-se em 1772 o marquez (de Pombal) á Universidade de Coimbra, cujos novos Estatutos abriram de par em par as portas ás heresias jansenistas e gallicanas, e ás idéas revolucionarias abertamente prégadas pelos professores estrangeiros que tinha mandado vir... Concentrado todo o ensino superior em Coimbra, da sua Universidade dependeu naturalmente toda a nossa cultura superior, tanto civil como ecclesiastica, até 1827, anno da creação das nossas Academias de Direito. Claramente estabelecida está, pois, a filiação dessas doutrinas todas no espirito do clero brasileiro» (p. 19).

E o ninho de gallicanismo e de pombalismo no Brasil foi o famoso Seminario de Olinda, fundado pelo bispo Azeredo Coutinho, tão

imbuido dessas heresias do tempo, que iam contaminar todo o clero liberal e revolucionario de 1817, da Constituinte, da Confederação do Equador, etc.

A origem de todas as anomalias religiosas que vieram entravar, por tantos modos, a acção da Igreja na formação da nacionalidade, fica assim perfeitamente indicada. E no estudo da psychologia desse clero revolucionario, imbuido de todas as heresias que lhe tinham sido insufladas de Coimbra e de Olinda e dominado pela Maçonaria, mas demonstrando por vezes grandes virtudes moraes, — desenvolve o sr. Vilhena de Moraes toda a sua acuidade de historiador que não se limita a historiar os acontecimentos, mas penetra as intenções e pesa os grandes movimento de idéas.

O estudo da personalidade de Feijó, por exemplo, é um dos trechos mais felizes de toda a obra. A participação da Maçonaria no movimento da Independencia é reduzida a seus termos precisos, sem os exaggeros a que tem sido levada por espiritos sectarios. E a acção, quasi sempre lamentavel, do clero na Constituinte, é estudada tambem em termos lucidos e sempre com uma admiravel independencia de visão. A historia desse periodo é quasi sempre traçada por historiadores agnosticos e liberaes, que não fazem bem sentir essa terrivel anarchia dos espiritos, que ia ser talvez a caracteristica principal de toda a nossa intelligencia e que até hoje nos dissolve num mar de approximações de meias idéas, de semi-cultura, de inercias, de confusões, de mistura absoluta de todos os valores.

Estamos precisando de historiadores que, sem deturparem em nada a historia real, encarem-na sob o ponto de vista de uma doutrina segura e firme, seja ella qual fôr, que delimite os campos e situe claramente as posições.

O sr. Vilhena de Moraes é um desses historiadores. Accusam-no por vezes de prolixidade. Pode ser que o seja em outros escriptos. Neste nunca. E' uma synthese magnifica do thema, e que fórma a estructura da grande obra em que elle terá de estudar, objectivamente e sem apologia nem denegrimento, a Historia da Igreja no Brasil. Será a grande obra de sua vida. A melhor applicação que poderá dar aos seus raros meritos de historiador e de doutrinario. E o maior serviço que poderá prestar ao Brasil e á Igreja, contando simplesmente a verdade dos factos e a sua significação real, como pode e sabe fazel-o.

II

Ha 30 annos, escrevendo para o Livro do Centenario, a sua admiravel memoria sobre a Religião no Brasil, dizia Julio Maria: — «E' impossivel escrever a historia do Brasil quebrando a cadeia da tradição, repudiando o sentimento de nossos antepassados, que por toda a parte, no alto das montanhas, na cumiada dos edificios, nos templos, nas escolas, nos lares, — ergueram o symbolo sagrado do fundador do christianismo» (Livro do Centenario, vol. I, c. II, p. 7. Rio, 1900).

O que ha, mostrava elle, é que a nossa historia tem sido feita quasi sempre por historiadores infensos á religião e que transportam inconscientemente para os seus tratados os preconceitos de suas consciencias. E Julio Maria appela então para um historiador que viesse fazer em nossa historia o que o famoso Janssen fez com a historia da Allemanha.

«Um Janssen, que reconstruisse a historia do Brasil, sem duvida não teria, para se mover, uma esphera ampla como a do historiador allemão; mas, ainda assim, grande seria a sua gloria, dissipando erros, pulverizando falsidades, corrigindo inexactidões, mostrando como desde o seu inicio a nacionalidade brasileira teve como principio de vida a Religião, demonstrando que o missionario, na organização social do paiz, competiu com o estadista, com o legislador, e os excedeu; que o jesuita foi o verdadeiro desbravador do terreno onde só o catholicismo assentou os alicerces fundamentaes da patria futura; que a Igreja, como mãe carinhosa, depois de tel-a gerado, acompanhou, nutriu, educou desde o berço a joven nação, a qual só mais tarde, pelo enfraquecimento do espirito religioso, atrophiado por politicos materialistas e educadores scepticos, chegou a esta fraqueza moral dos caracteres, a esta lamentavel decadencia dos costumes» (ib. p. 5).

Essa é a visão real da formação brasileira, que os cegos não querem ver. Ainda agora um joven e subtil poeta rio-grandense, o sr. Augusto Meyer, que ha um anno atraz, mesmo sem fé, escrevia versos a Nossa Senhora, como que a mostrar quanto um sentimento religioso es-

pontaneo lutava contra o seu scepticismo precoce — escreve hoje o seguinte: — «eu não creio que nos caracterize um sedimento religioso tradicional e definido... Os imperativos religiosos, importados da Europa, primeiro com a conquista e a colonização, depois com as influencias ideologicas, se chocaram brutalmente com o imperativo maior da barbarie americana. O homem religioso, entre nós, só podia ser um reaccionario ou pelo menos uma cidadela de defesa onde se refugiava a tradição importada... Então ninguem queria saber de religião, mas de escravos, terras, dinheiro. Tambem hoje é a mesma coisa: não interessa o catholicismo nem o progresso, mas simplesmente a fuzarca» (Diario de S. Paulo, 21-7. «Carta aberta a Raul Bopp»).

Se bem entendo essas affirmações, pretende o sr. Augusto Meyer que a religião, pelo facto de contrariar os instinctos, é um sentimento artificial. Elle censura os missionarios do Brasil colonial porque «mostraram desconhecer a «fatalidade antropologica da formação americana», que levava os indigenas a comer os colonos e os colonos a escravizar os indigenas. E censura qualquer movimento moderno, literario ou religioso ou politico, que tente reagir contra a «fuzarca». «Preguiça mais carnaval, eis a formula brasileira. E tudo cabe na categoria das comidas... Portanto, meu caro Bopp, não se impressione muito com essa corrente neo-catholica. O Brasil é a terra das comidas e o seu regimen será antropophagico».

E' preciso desconhecer totalmente o que seja o sentimento religioso, para julgar que, pelo

facto de sua reacção no Brasil, se ter feito, contra o «imperativo» da barbarie, elle seja um sentimento artificial e uma simples «cidadela de defesa onde se refugiava a tradição importada».

O sentimento religioso é sempre uma reacção. E' justamente por ser uma reacção que elle se caracteriza. A fé é sempre uma victoria sobre a incredulidade. O homem vive sempre trabalhado pelo espirito de negação. A elevação á vida sobrenatural representa sempre, em nós, uma luta contra a vida infranatural. A tendencia a cair é tão espontanea quanto a tendencia a subir. O homem é um animal á parte, na escala dos seres animaes, de que elle participa em tantas partes de sua constituição — justamente porque vive no limiar de dois mundos. E elle pode escolher. E elle vive oscillando. E não pode viver em equilibrio, humanamente, senão participando de sua natureza dupla. Aquelles que se abaixam demais, reagem sempre por uma explosão insensata de orgulho, como vemos hoje em dia, quando o homem logo depois de se considerar um animal (Darwin) se considerou um deus (Nietszche), E o contrario não deixa de ser tão exacto quanto isso, pois como dizia Montaigne, os homens: — «veulent se mettre hors d'eux et echapper à l'homme; c'est folie; au lieu de se transformer en anges, ils se transforment en bêtes». E estamos vendo, hoje em dia a prova patente disto, quando a voga de um Bergson, philosopho essencialmente «angelista», que procurou sempre conceder ao homem, pela «intuição» o poder de esgotar as essencias espirituaes — vem ceder em poucos annos o seu posto

á voga de um Freud, pensador essencialmente «animalista», que reduz o pensamento humano a um jogo cego de instinctos inconscientes. A' elevação desmedida de Darwin a Nietszche, corresponde agora a quéda excessiva de Bergson a Freud: — «Qui veut faire l'ange fait la bête», dizia Pascal ainda mais concisamente que Montaigne.

O homem participa, portanto, da duplicidade essencial de sua natureza. E o sentimento religioso é justamente a tendencia que o faz sempre reagir contra os instinctos. Se é assim, não é possivel considerar «artificial» a acção religiosa na historia da formação espiritual brasileira, simplesmente porque a religião impediu ou pelo menos limitou a antropophagia do «imperativo antrophologico» dos selvagens, e a «cobiça» dos colonos escravizadores. Ella agiu como freio e como fermento. E nesse ponto tocamos a falsidade da segunda allegação do poeta, seduzido pelos argumentos anti-religiosos dos neo-barbaristas da nossa mais elegante fuzarca literaria.

A religião não foi um «refugio», como allega o sr. A. Meyer. Ella foi sempre, em nossa historia, um principio de acção e de reacção. A conquista da America, como das Indias, foi para a Iberia não apenas uma expansão «imperativa», como pensam os historiadores deterministas, mas uma expansão «livre». E nessa liberdade havia, por parte dos governos, como por parte dos povos, tanto a «Cobiça» da riqueza, como a «Fé», no sentido de propagar o Evangelho. Seria preciso esconder os termos de todas as instrucções, de todos os planos, de

todos os projectos de viagem, que os chronistas conservaram, para negar um ou outro desses objectivos. A conquista de novas riquezas e a propagação da fé, — eram os dois sentimentos que operavam profundamente no animo de governantes e governados. A suppressão de qualquer desses dois termos altera inteiramente o sentido da nossa historia. E hoje em dia, quando a «obsecção economica» invadiu todos os dominios, até nos poetas já encontramos o veneno do materialismo historico...

O sentimento religioso formou a alma do Brasil, ao mesmo tempo que o sentimento economico, se é possivel dizer, formava o seu corpo. Os neo-barbaristas de hoje tentam deformar toda a nossa historia, vendo nella apenas um jogo de forças cegas do instincto: — antropophagia do selvagem versus cobiça do conquistador. E eu vejo, com grande pena, que um espirito como o sr. Augusto Meyer, apesar do suas resalvas ecclecticas ou bilateralistas, se está deixando dominar pelo preconceito naturalista da «fatalidade antropologica», como elle diz. Esse preconceito historico neo-indianista de nossos dias só vê na nossa historia o conquistado e o conquistador. E se esquece daquillo que o historiador argentino Juan Teran chamou — «el anti-conquistador». Foi o sentimento religioso que animou o anti-conquistador, como foi o sentimento religioso que fez a fusão entre todos os elementos contradictorios do inicio de nossa formação.

O que nos falta, é preciso sempre repetir, é uma historia real do nosso povo. Como escreveu Julio Maria na sua citada memoria: —

«o que se chama principio de vida de uma nação distingue-se de seus codigos, de suas leis, de suas constituições. Não é nem o seu organismo politico, nem a corrente do sangue e da lingua: é a sua crença, a sua fé, a sua tradição, isso tudo que se pode chamar — a alma da nação».

E' a historia dessa «alma» que nos falta. E essa omissão permitte aos deturpadores de nossa historia, aos falsificadores de nosso espirito nacional, prescindirem do factor fundamental do que ha em nosso caracter de mais nosso. Elles olham para as senzalas e para os curraes das fazendas coloniaes — mas não olham para os oratorios e as capellas. Elles olham para as fortalezas que em cada canto do territorio colonial marcam a audacia incrivel da defesa contra os espanhóes, — mas não olham para os templos de Maria que coroam todas as nossas collinas mais famosas. Elles olham para a escopeta do bandeirante, mas não olham para a roupeta do missionario ou mesmo para a ultima vontade desses mesmos bandeirantes, contida naquelles preciosos inventarios, que vieram mostrar-nos como nesses proprios homens dominados pela «luxuria» e pela «cobiça», o sentimento da fé era tão vivo, ao menos, como os demais. Elles não olham para as primeiras escolas. Não olham para os conventos, para as procissões, para as festas. Não olham para a reacção contra o calvinismo. Não olham para tudo o que se escreveu, em quatro seculos, em prosa ou em verso. Não olham para a Constituição do Imperio. Não olham para nada do que mesmo «exteriormen-

te» mostra a importancia essencial do facto religioso em nossa formação espiritual. E se não olham para o exterior, que fará com o que não está visivel aos olhos do corpo! Com o que se sente, mas não se vê. Com o que se sente, e não se define. Com o que se sente e não se pode provar por estatisticas pois transcende a toda estatistica e é mais leve que todo peso, mais subtil que todo numero, maior que toda medida. E' a propria alma brasileira, o que temos de differente, o que temos de mais nosso, e que os estrangeiros sentem muito mais vivamente do que esses materializadores de nossa historia, que são ao mesmo tempo os desespiritualizadores do nosso espirito.

O mal começou ha muito. E começou, como tudo no Brasil, de cima para baixo. Foi o «regalismo» do Imperio que deu as mãos ao «pombalismo» da Colonia, para propagar essa scisão radical entre governantes e governados, em que a Republica proseguiu com o seu «laicismo» absoluto. E hoje vemos que as escolas literarias mais modernas se fazem éco dessa politica antireligiosa, suscitando o «catholicismo brasileiro», isto é, a superstição popular, o santismo polytheista das macumbas, como elemento de reles pittoresco literario. E' tudo o que lhes resta da Cruz: uma caricatura.

Essa a situação em que nos encontramos. O «laicismo» do Estado se vem sommar ao «barbarismo» dos diletantes e ao «santismo» das classes mais abandonadas, espiritualmente, para dar força ao tremendo indifferentismo integral que corróe todas as nossas forças vitaes, tanto

economicas como religiosas, tanto concretas como especulativas.

Pois bem, é contra essa alliança de forças negadoras do Estado leigo, do povo inculto, ou dos diletantes literarios, que se levanta a acção catholica.

E' preciso que a justiça comece por casa, e que saibamos reconhecer que a deficiencia dessa acção parte de nós mesmos. Sempre naquella preciosa exposição, Julio Maria tem a coragem de confessar: — «Ao passo que, na Allemanha, Bismarck tinha para manobrar, como manobrou, contra os catholicos todas as armas do poder, do despotismo e da oppressão, nós temos dado pelo proprio poder publico, a mais ampla liberdade de acção. Que nos falta então? Falta-nos o que abundou nos catholicos allemães: a resolução para o combate. O clero e os catholicos allemães conheciam para fazer frente ao despota, as grandes armas que brandiram e com que venceram; o jornal, o livro, a conferencia, o congresso, os meetings a representação. Nós, porém, clero e catholicos brasileiros, para melhorar o nosso estado social e religioso, de que recurso dispomos? Só e tão somente de um: a lamentação» (ib. p. 129).

Essa pintura a côres vivas, tão necessaria como contraste á aquarella rala do nosso catholicismo apathico (apathia religiosa, que escriptores não catholicos como os srs. Menotti del Picchia ou Gilberto Amado julgam «qualidade» e não defeito...) faz por isso mesmo ressaltarem mais vivamente as figuras que se destacam dessa meia tinta geral e que, como um Dom Leme, como um Jackson, como um Julio

Maria, como um Felicio dos Santos, deixam a sua marca na cera flexivel da nacionalidade. Uma dessas figuras fortes da acção catholica brasileira é sem duvida alguma o sr. Mario de Lima. E como prova dessa acção posso aqui indicar tres obras de sua autoria, cada uma das quaes revela o seu temperamento combativo, a segurança de sua dialectica e a efficiencia dos seus meios de acção.

> *Mario de Lima* — O Bom Combate, 458 pags. Imp. Off. Bello Horizonte, 1929 — A Estigmatizada de Campinas e o Preconceito Racionalista, 72 pags. (id.) — O Catecismo e a formação do brasileiro, id. 1928.

Na sua conferencia sobre o «Catecismo e a formação do brasileiro», mostra o sr. Mario de Lima como foi pelo catecismo que se começou, nos primeiros dias de nossa historia de povo moreno, a preparar a alma do brasileiro.

Nada mais curioso de que o preconceito contra o catecismo, com que o nosso primarismo costuma investir contra a educação catholica. Ha um famoso artigo do sr. Mario Pinto Serva, que elle de dois em dois annos, tira da gaveta e publica, ora no Rio, ora em São Paulo, ora em Santo Antonio do Madeira em que se profliga asperamente o ensino do catecismo. E no emtanto, o que a historia nos diz é que todas as doutrinas que pretenderam espalhar-se entre o povo, tiveram o cuidado de reduzir o seu corpo de ensinamentos a uma synthese mais ou menos imitada do catholicis-

mo, como vemos no catecismo positivista ou no catecismo communista. E mais curioso ainda é ver o destino desses catecismos. O communista está apenas começando a se espalhar e terá vida um pouco mais longa provavelmente. Mas o positivista, esse, já está enterrado e envolvido naquelle manto de purpura com que Renan enterrava os deuses mortos...

Quanto ao catecismo christão, esse continúa mais novo do que nunca. E a sua doutrina continúa a formar as almas em botão, no Rio de 1930, como nos campos de Piratininga, em 1554. Como voltou a formar de novo em Minas, nas proprias escolas publicas, graças á acção intimorata de homens como o sr. Mario de Lima, e seus companheiros de cruzada, e á coragem com que o sr. Antonio Carlos, apesar das nuvens do seu innato liberalismo, rompeu contra o preconceito liberal que pretendia interpretar a nossa Constituição «neutra» como uma Constituição anti-christã. Eu creio tambem que a interpretação de Ruy Barbosa, de Pedro Lessa, de Lacerda de Almeida, que o sr. Mario de Lima desenvolve, com novos argumentos e com uma dialectica irrespondivel, é uma interpretação perfeitamente logica. E que devemos empregar, á vista do espirito de agudo jurisdicismo que domina todas as nossas espheras politicas. Todo o livro do sr. Mario de Lima «O bom combate» é uma admiravel demonstração de que os Estados podem perfeitamente organizar o seu ensino livremente, em materia religiosa, e de que, como dizia Ruy Barbosa em 1903 — «se a Republica veiu organizar o Brasil, e não esmagal-o, a formula da liberdade

constitucional na Republica, necessariamente ha de ser uma formula christã. Como aos americanos, pois, nos assiste a nós o jús de considerar o principio christão, como elemento essencial e fundamental, do direito brasileiro».

Tudo isso é exacto e o livro do sr. Mario de Lima o expõe longamente e com uma dialectica soberba.

Agora, que a intenção ou pelo menos o estado de espirito da Constituinte republicana não foi, de fórma alguma — «considerar o principio christão como elemento essencial fundamental do direito brasileiro», penso que difficilmente se contestará. O que os constituintes de 1891 visaram foi o laicismo integral. A argumentação do sr. Mario de Lima de que a escola systematicamente «leiga» é um attentado contra a liberdade de consciencia dos catholicos, e um privilegio dos atheus e livre pensadores, é perfeitamente justa. Mas o que se quiz fazer, em 91, foi justamente dar um golpe de força na influencia religiosa, não só na vida politica, como na educação que ia preparar os homens politicos do futuro. A mentalidade de 1891 era nitidamente anti-religiosa. A «liberdade» que a Igreja obteve, e que foi sem duvida um progresso sobre a servidão em que vivera no imperio, não foi um serviço que a Republica «entendeu» prestar-lhe. Se houve uma vantagem foi «independente» da vontade dos constituintes. O «regalismo» republicano julgava que a Igreja desapparecesse mais rapidamente com a separação. Não se separou della para a prestigiar. E sim para evitar o que ella pensava ser o contagio de sua decadencia e prival-a das

forças do Estado. Este julgou que a Igreja não pudesse viver sem elle. E quanto ao espirito religioso e, portanto, o ensino religioso, queria afastal-o systematicamente.

A realidade, porém, mostrou ser outra. E hoje em dia, certas correntes da opinião começam a ver o absurdo que Ruy Barbosa apontou. E a interpretação que propõem é perfeitamente juridica, se o bom senso é realmente a raiz do direito.

O que o livro do sr. Mario de Lima nos mostra é o triumpho da coragem, a tenacidade da sensatez do seu autor e da Justiça das revindicações catholicas. Foi realmente «o bom combate», que elle pelejou por tantos annos e que teve a ventura de ver terminado pela victoria.

O terceiro dos seus livros, «A estigmatizada de Campinas e o preconceito racionalista» é um estudo acurado e erudito dos phenomenos estranhos da religiosa de Campinas e uma exposição intelligente da prudentissima doutrina da Igreja em relação a esses phenomenos.

Se o catholicismo brasileiro contasse com uma boa duzia de combatentes da fibra do sr. Mario de Lima, não teriam mais razão de ser as palavras de Julio Maria.

O autor do «Bom Combate» é realmente um admiravel combatente da boa Causa. E na obra de reintegrar a formação espiritual brasileira, em suas bases religiosas fundamentaes, — a sua acção tem sido digna daquelle por Quem se bate.

CAPITULO XXII

FORMAÇÃO ECONOMICA

Da mesma fórma que a personalidade humana, á luz de uma philosophia integralista, é o resultado da composição de um principio de divisão e de um principio de unidade, o mesmo se dá com os povos.

Tendo nós tratado, portanto, de algumas obras que estudam a formação espiritual do povo brasileiro, é necessario que completemos o quadro com outras que se occupam de sua formação material. Haveria um erro tão grande em julgar que o factor espiritual é sufficiente para explicar a marcha da historia, e portanto a formação de um povo — como ha nas doutrinas que accentuam o factor material em detrimento do outro.

Essa dualidade de factores, tanto nos individuos como nas collectividades, encontra hoje em dia uma grande incomprehensão por parte do espirito do tempo. O nosso *zeitgeist* é eminentemente monista. E se o monismo materialista foi a philosophia da geração de nossos avós, — o monismo espiritualista é a de nossa geração. Se elles dissolviam o espirito na materia, nós dissolvemos a materia no espirito. E á sciencia positivista do seculo XIX succedeu

a sciencia idealista do seculo XX. Ao horror á metaphysica verdadeira, um excesso de falsa metaphysica.

Mas como os erros iguaes e contrarios se tocam nada mais proximo daquelle monismo da materia, do que este monismo do espirito. Huxley e Whitehead se equivalem. E o erro está mais na reducção á unidade de principio do que na attribuição desse principio unico a uma substancia differente, materia ou espirito. Os dois monismos oppostos se confundem afinal, na mesma negação arbitraria da diversidade fundamental do universo, em seus factores essenciaes, taes como uma observação despreconcebida nos revela. Materialismo e idealismo são sempre distorsões artificiaes da complexidade, real do universo. De modo que uma visão monista do universo é, necessariamente uma visão pouco objectiva e arriscada portanto ao arbitrio individualista.

No estudo da formação de um povo, portanto é tão falso querermos conhecer esse povo exclusivamente por sua historia espiritual, como tão sómente pela sua formação economica.

O erro philosophico do materialismo historico está justamente na consideração dos factores espirituaes como simples epi-phenomenos. Está em subordinar, por exemplo, o monotheismo ao deserto, as cruzadas á expansão commercial, a cathedral gothica ao *servage*. Está em confundir causas accidentaes, com causas substanciaes. E portanto simplificar excessivamente a immensa variedade dos phenomenos e dos seres. O deserto tanto produziu o monotheismo como o polytheismo. A expansão commercial

tanto deu logar ás descobertas aventurosas do seculo XVI, como ao burguezismo capitalizador e anti-aventuroso do seculo XIX. O *servage* tanto permittiu a construcção das cathedraes como a proliferação das feiticeiras.

Se não transpuzermos as simples condições materiaes da sociedade, não poderemos sair nunca da causalidade chaotica e contradictoria. E cahiremos na miseria mental de attribuir a cicuta de Socrates á falta de motores electricos em Athenas...

A formação de um povo, portanto, precisa ser estudada em seus factores constitutivos, sem a preoccupação de os subordinar uns aos outros e conservando sobretudo ao homem os seus caracteres fundamentaes. A preoccupação de *reduzir* isto áquillo — arte a sociologia, religião a economia, sciencia a technologia, etc., — com o fito de fixar um determinismo de leis inflexiveis é o melhor meio de falsear a realidade em virtude de um preconceito. De modo que o estudo da historia economica de um povo é tão fundamental como o estudo de sua historia religiosa. O essencial é não reduzir uma coisa a outra falsificando a ambas.

A formação economica brasileira, portanto é um elemento primordial no estudo da nacionalidade. E começamos hoje em dia, a recolher e a systematizar os dados necessarios a esse estudo. Nesse ponto, estamos mais avançados do que em relação á nossa historia espiritual. A historia economica do Brasil já tem sido feita com mais minucia do que a sua historia religiosa. E creio mesmo que a nossa historia con-

temporanea deve especialisar-se nesses, e em outros aspectos para se aprofundar. As grandes syntheses verdadeiras só poderão nascer dessas analyses parciaes da nossa evolução.

E nesse ponto o nosso grande guia foi, sem duvida, Capistrano de Abreu, modelo de objectividade historica. E com referencia ao factor economico em nossa formação, é nelle certamente que vamos encontrar as paginas mais seguras e documentadas.

Outro historiador da mesma familia de espiritos que Capistrano, é o luzo-brasileiro sr. Lucio de Azevedo. A elle já deve a nossa historia as melhores, as mais uteis, as mais impessoaes e eruditas contribuições. Tanto quanto Capistrano de Abreu, é o sr. Lucio de Azevedo um historiador sem preconceitos. E com uma preoccupação tão rigorosa de não os ter, que nos deixa em duvidas sobre o seu proprio pensamento philosophico.

E' esse outro dos themas de grande confusão modernamente. A objectividade que se deve pedir a um historiador é confundida geralmente com o scepticismo, ou pelo menos com o agnosticismo. O *historismo* do seculo passado isto é, a theoria da historia pela historia, confundiu independencia com relativismo. O historismo fez do relativismo ou do que se chamou tambem — *perspectivismo* — um equivalente a — isenção historica, a imparcialidade historica. E' um erro seguramente. Todo historiador póde ter uma philosophia não relativista da historia sem por isso perder nada da sua objectividade, do seu empirismo. Respeitar os factos — eis o lemma fundamental de todo

historiador que se preza. O facto é sempre a medida da historia. Por elle é que temos de governar todos os nossos raciocinios. E essa regra é um lemma philosophico que vale para todas as nossas actividades.

Contra factum non valet argumentum — diziam os Escolasticos. O respeito á realidade objectiva é o principio e o fim de toda verdadeira sabedoria.

Mas isso não implica de fórma alguma a permanencia nos factos. O facto exterior é um inicio, um ponto de partida e não um exgotamento da realidade. E, no emtanto, o relativismo leva a essa tyrania do facto. A essa verdade parcial e successiva que é uma anullação reciproca de toda verdade.

O relativismo philosophico, portanto, não é de forma alguma uma *condição* de objectividade historica. São coisas que pódem ou não co-existir. Se bem que, praticamente e dadas as condições modernas de anarchia philosophica, é frequente vermos uma levando ao outro, e os historiadores sem preconceitos timbrarem em ser radicalmente agnosticos, como garantia de imparcialidade.

Mas o que nos interessa no sr. Lucio de Azevedo é realmente a sua rigorosa imparcialidade, a sua subordinação aos factos, a sua magistral probidade de historiador.

Portuguez de nacionalidade, viveu longos annos no Pará dedicado á actividade commercial. Dahi, provavelmente, um pouco do seu amor ás coisas concretas, o seu senso realista. Voltando para Portugal, ha muitos annos, dedicou-se inteiramente aos estudos historicos e

já temos de sua lavra numerosas contribuições á historia luzo-brasileira: «Os jesuitas no Grão-Pará», a «Vida de Antonio Vieira», o «Marquez de Pombal», a magistral «Historia dos christãos novos portuguezes» e outros volumes.

E proseguindo sempre no seu estudo rigorosamente objectivo dos factos historicos, acaba de dar-nos outro volume de primeira ordem, dedicado este a themas exclusivamente economicos.

J. Lucio de Azevedo — Épocas de Portugal Economico. Liv. Classica Editora. Lisboa. — 1929.

Em toda a obra do sr. Lucio de Azevedo, portanto, o que resalta é sempre esse respeito á realidade. Não é, aliás, um desses historiadores que se limitam a reflectir passivamente a realidade. Ao contrario, é um realista que se interessa pelo que se póde chamar a funcção interior dos factos. Os factos não se succedem ahi, uns aos outros, numa simples referencia chronologica. Elles se encadêam em sua existencia e tambem em seu significado. Isto é, como factos em si e como manifestações de uma realidade invisivel que se processa, de certo modo independente delles, ou antes de que elles são apenas os indices.

De modo que nas paginas deste livro, nós assistimos ao nascimento economico de Portugal e do Brasil, como se dá, com os estudos do Brasil colonial de Capistrano de Abreu.

O que Capistrano fez com a *idade do couro,* por exemplo, faz o sr. Lucio de Azevedo

com o ouro, a pimenta, o assucar, o tabaco, os diamantes. E estuda a formação portugueza e brasileira nessa nebulosa de actividade economica que se condensava lentamente. E dahi o sentimento de complexidade e confusão que recebemos dessas paginas. Esse contacto constante com a realidade economica, expressa não em dados geraes e summarios mas em documentação precisa e, quanto possivel, em estatisticas, nos deixa tocar como que sensivelmente a condensação lenta da nebulosa brasileira.

E o sentimento que se recebe dessa visão realista da nossa historia é o de pobreza e desperdicio. Nem o cyclo do páo brasil, nem o do assucar, nem o do ouro e diamantes, chegaram a permittir uma estabilidade economica. A regra é a instabilidade tanto na vida da metropole como na da colonia. Nada de crescimento lento e firme. Nada de systematico e harmonioso. Tudo deficiente, desordenado, sujeito aos rythmos mais desencontrados de altos e baixos.

A' primeira febre do ouro, succede a industria extractiva e logo a agricultura. Mas basta que se renovem as esperanças auriferas, e dessa vez com bases mais solidas, para que se abandone a agricultura e a aventura do ouro e dos diamantes quebre de novo toda a trama economica da colonia.

A dependencia absoluta em que viveu sempre a lavoura do braço escravo e a quebra de rythmo de crescimento economico, com a cobiça do enriquecimento facil pela mineração, — são dois factores capitaes de nossa formação economica colonial que resaltam vivamente da

abundantissima documentação recolhida e estudada pelo sr. Lucio de Azevedo.

Uma revelação, ao menos para mim, muito curiosa desses seus estudos, é a importancia consideravel do «Tabaco» na nossa historia economica.

— «Desde os primeiros tempos de naturalizado o assucar no Brasil, ao lado delle surgira uma nova cultura, que no correr dos annos o supera em valor nas receitas do Estado, não lhe ficando abaixo na progressão do fabrico e consumo. Producto novo, o tabaco, deleite do selvagem, passa a caracterizar uma época da moderna civilisação. Entre os selvagens a fumaça do «Tabaco» era empregada pelos feiticeiros nas funcções profissionaes de medicos e adivinhadores; absorvia-se por deleite e passatempo; tinha-se por indispensavel aos defuntos sendo uso collocar nas sepulturas, além de agua e comida para a jornada, uma especie de comprido cigarro. Nas doenças, eram remedios vulgares as fumigações e applicavam-se as folhas pisadas ás feridas e ás dores. Não tardaram os portuguezes a aprender delles o uso da planta. «Beber o fumo», como se dizia, tornou-se habito dos colonos, reputado por vil e que as autoridades ecclesiasticas condemnavam na qualidade de rito gentilico». — (pag. 251).

Damião de Góes foi um admirador tão grande do fumo, que o chamou — «erva santa». Em Portugal, o habito de «beber o fumo» estendeu-se logo extraordinariamente. E foi Nicot, embaixador francez em Lisboa, de 1559 a 1566, que o levou á França e espalhou-se por

toda a Europa. Foi a primeira vez que a Europa curvou-se ante o Brasil...

Para Portugal o fumo representou mais que o ouro.

— «O estanco, arrendado a primeira vez por 20.200 cruzados, obtinha 32.000 na arrematação de 1642, e em 1659, restabelecido o systema, 64.700; subindo sempre as offertas, até que, em 1716, encontramos a renda elevada a 1.400.000 cruzados, mais de 20 vezes a de 1659».

Por esse tempo dava o producto á Corôa, cada anno, quantia superior a dois milhões de cruzados e ao quinto de todas as receitas do erario. Dois milhões e duzentos mil, no parecer de um contemporaneo conhecedor (Antonil). Mais que o dobro do rendimento dos quintos do ouro avaliados em 345 contos. Em successivos augmentos, a receita ia ser verba da maior importancia na Fazenda do Estado (p. 291) — «é já depois das alfandegas a principal receita do Estado (p. 298)».

Estuda tambem o problema dos «gastos fabulosos de D. João V» que tanto impressionaram Pinheiro Chagas ou Oliveira Martins, e se bem que não o negue, prova como devem ser reduzidos a proporções muito mais modestas — «3 milhões de cruzados annuais na época mais fructuosa» (p. 383), foi o resultado economico da colonia. Isto bastou entretanto para que, por algum tempo, «nadasse em ouro» o erario portuguez.

O historiador escrupuloso não esconde que, — «a America era não só manancial perenne de recursos para o thesouro regio, tambem o centro em torno do qual gravitava a vida eco-

nomica de toda a monarchia» (pag. 390). E entretanto tambem não esconde, citando a respeito uma carta inedita escripta de Villa Rica em 1834, que a situação dos habitantes das Minas, que era afinal a região mais rica da Colonia, nada tinha de prospera. «O estado de divida era a situação commum... Nem aproveitava á metropole o ouro extraido, porque a maior quantidade, como no tempo das riquezas da India, passava ao estrangeiro, em pagamento das importações... tão pouco o achado dos diamantes, riqueza mais rara que o ouro, trouxe prosperidade e maior ventura aos moradores das Minas» (pags. 366, 367).

Até ao cyclo do ouro, as rendas do Brasil mal chegavam para custear a propria administração da Colonia. No seculo XVIII, quando o ouro começou a affluir á metropole, mal chegava elle para pagar as importações da Inglaterra, que submettera Portugal, economicamente, pelo Tratado de Methuen, de 1654. O ouro passava por Portugal, «como por uma peneira», escreveu um historiador portuguez.

De toda a aventuura do ouro e dos diamantes, pela qual se arruinava a maior parte da agricultura da colonia, — só ficavam ruinas e recriminações!

Esses e outros pontos capitaes para o estudo da formação economica do Brasil encontram no sr. Lucio de Azevedo, se não um historiador de grandes paineis movimentados, — um admiravel interprete, sagaz e informado, acompanhando os factos de perto e fornecendo-nos uma imagem veridica dessa formação des-

ordenada da nacionalidade, em suas bases materiaes.

Para o estudo das raizes da formação material brasileira, este livro do sr. Lucio de Azevedo é uma obra de consideravel importancia.

CAPITULO XXIII

POVOAMENTO

Desde que Voltaire publicou o seu «Essai su· les mœurs», ha uma grande tendencia entre os historiadores a deslocarem o eixo da historia dos individuos para as massas, dos acontecimentos marcantes para os incidentes insignificantes. E dahi deriva, ao mesmo tempo, como de todas as bruscas mudanças de orientação humana, um mal e um bem para o estudo da historia.

O mal é a inclinação ao determinismo, a só verem no curso dos acontecimentos a acção de forças cégas, de movimentos inconscientes, de leis inflexiveis. O bem é a consideração da historia em suas fontes profundas, o estudo das raizes, a importancia que merecem os «imponderaveis».

Em nossa historia patria tivemos recentemente a opportunidade de dar um grande passo nesse sentido, justamente em relação ás nossas fontes mais remotas. Quero referir-me á publicação das Actas da Camara Municipal de Piratininga, desde o seculo XVI e dos testamentos

e inventarios do sertão, em 27 volumes publicados pelo Archivo do Estado paulista.

Foi uma admiravel revelação das raizes mais remotas de nossa historia, em nosso solo e vai permittir aos historiadores objectivos traçarem uma imagem mais perfeita da nossa physionomia colonial. E' o que já tem feito o sr. Affonso Taunay com os seus interessantissimos volumes sobre a historia primitiva de S. Paulo e a sua alentada historia dos bandeirantes.

E é o que vem fazer agora, de modo brilhante, o professor Alcantara Machado.

Alcantara Machado — «Vida e morte do bandeirante», — Emp. Rev. dos Tribunaes — São Paulo — 1929.

Quando ha pouco tempo a Sociedade Capistrano de Abreu premiou uma memoria de A. de Alcantara Machado sobre «Anchieta», pensamos todos que se tratava do pae do joven contista que conquistou de um salto a celebridade nas nossas letras modernas com o «Pathé-Baby» e o «Braz, Bexiga e Barra Funda». Mas não era o pae e sim o proprio filho, o autor da grave memoria historica.

No caso dos bandeirantes, porém, é o pae mesmo. E aliás, na sua encantadora modestia, na adoravel simplicidade de uma alma realmente penetrada de virtude e de simplicidade espontanea, dizia-nos ha pouco tempo o professor Alcantara Machado, quanto elle ficava encantado de ser apenas — «o pae do Alcantara Machado», como nós temos o habito de tratal-o...

Nesse volume elle estuda os costumes dos

nossos primeiros povoadores, dessa população de bandeirantes ou que se formava e vivia em torno dos bandeirantes paulistas dos tres primeiros seculos da conquista. E tudo meticulosamente baseado nas informações fornecidas por essa documentação incomparavel que hoje possuimos a respeito desses costumes primitivos de nossa historia.

E não se trata, no caso, daquella inclinação perigosa a reduzir a historia á simples acção impessoal das massas, ou ao simples jogo dos phenomenos, ou á pura evolução determinista de necessidades economicas. A physionomia dessa população é estudada sob todas as suas faces, tanto no aspecto material, na vida familiar ou profissional, nos costumes politicos, nas necessidades economicas nos trajes, nas comidas, nos divertimentos, na vida concreta emfim, — como na vida moral em que desabrochavam os primeiros movimentos da alma portugueza modificada pelo ambiente, mas fiel a todos os principios que a tinham modelado.

De modo que esses inventarios não são apenas documentos economicos, como hoje em dia, ou puramente pittorescos. São tambem verdadeiros documentos espirituaes — «Longe de ter feição puramente economica, o testamento era uma solemne demonstração de fé...

O testamento é acima de tudo um acto de religião» (pags. 219, 234).

Esses documentos originaes não nos dão apenas o retrato da vida exterior dos bandeirantes, mas um pouco tambem de suas almas simples, elementares, violentas e instinctivas —

mas sadias, vigorosas e penetradas de um solido sentimento religioso.

Precisamos bem accentuar esse ponto, comprovado por documentos explicitos e irrespondiveis, contra aquelles que pretendem ver a nossa historia inicial como um simples jogo de instinctos — o de defeza do indio e o de cobiça do branco. A cobiça existia, a sensualidade, a violencia, toda a gamma de instinctos de creaturas simples, eggressas do velho mundo por motivos tanta vez inconfessaveis, e em contacto com uma natureza capitosa. Mas havia tambem, e profundamente enraizado, como correção de tudo isso, como «unico» motivo de elevação dessas populações da barbaria em que se encontravam, — o «instincto religioso». Quem o desconsiderar, portanto, em nossa historia, na formação mais primitiva de nossa alma individual e collectiva, — estará fazendo historia sectaria e anti-scientifica, historia falsificada pelo terrivel preconceito laicista moderno.

Não é, portanto, dos menores meritos desse livro encantador, em sua serena contextura rigorosamente objectiva, o de nos ter revelado que — «os bandeirantes se atiram ao assalto do céo com a mesma soffreguidão com que se arremessam á conquista da terra» (pag. 226).

Eis uma das principaes revelações desses documentos. O elemento religioso da nacionalidade, não foi apenas incutido artificialmente pela educação dos jesuistas, que representam o elemento de santidade e de elevação intellectual em nossas origens. O factor religioso é ainda mais profundo e está na alma das populações mais broncas e grosseiras, as mesmas que se

insurgiam contra os «padres da companhia». quando estes se lançavam em defeza da liberdade do gentio e aquelles o submettiam ao trabalho escravo contra as leis da Metropole, mas seguindo as leis da necessidade immediata e da cobiça.

Todo o livro é um tecido de revelações importantes ou pittorescas, em que o A. soube admiravelmente, com muita arte, inserir a documentação original, geralmente em italico, no proprio texto da narrativa, de modo que o livro sendo estrictamente documentado, se lê como um romance, de um trago só.

Depois de descrever summariamente a forma desses «testamentos» bandeirantes, muitos dos quaes dictados em pleno sertão, como se póde vêr, com profunda emoção, nos originaes expostos no Museu do Ypiranga, em S. Paulo, — começa o autor por estudar as bases materiaes do povoado piratiningano «as fortunas coloniaes». «É nullo ou quasi nullo o capital com que iniciam a vida... Não tem fundamento o que por ahi se affirma das fortunas coloniaes» (pags. 14-15).

Descreve então o povoado dos campos de Piratininga, «logarejo humilde» de «mil e quinhentas almas, cento e cincoenta fogos permanentes» (pag. 27).

Não era propriamente uma villa e sim um acampamento. E isso se explica, como mostra o sr. Alcantara Machado, pela supremacia inconteste do meio rural sobre o meio urbano, supremacia que não entra a declinar senão mais tarde com o advento do Imperio» (pag.40). Estuda então o «sitio da roça», mostrando como

— «o latifundio vicentista é um organismo completo, que se basta a si mesmo e a si mesmo se governa» (pag. 42). Era consideravel a cultura do trigo. Como que esses povoadores primitivos nos davam uma lição que temos esquecido para nosso mal. Soffremos hoje terrivelmente do mal da monocultura. E se todo o futuro do Brasil se vê hoje ameaçado dos mais sombrios destinos — ligado como está á sorte de um producto unico, que nem ao menos é um producto de primeira necessidade, — vamos encontrar nesses nossos antepassados broncos a lição que não soubemos aprender. Ou antes, as lições variadas que não soubemos aprender, lições economicas, sociaes e até moraes. Quando nós falamos portanto em uma volta da nacionalidade ás suas fontes naturaes, não estamos pronunciando palavras no ar ou phrases feitas. Queremos realmente repôr o rythmo de nossa vida em caminhos cujo traçado mais geral remonta a esse bruxolear de nossa consciencia nacional. A superioridade da vida rural sobre a vida urbana, a multiplicidade das culturas, a modicidade das fortunas individuaes e a simplicidade consciente dos costumes privados, a solidez dos laços familiares, a importancia capital do sentimento religioso, esses e outros traços fundamentaes de uma civilização propriamente brasileira e christã, vamos encontrar todos indicados ou iniciados nessa aurora da nacionalidade no planalto de Piratininga.

CAPITULO XXIV

DESNATALIDADE E MORTALIDADE INFANTIL

Se ver uma criança sadia é uma alegria como ha poucas na vida, olhar para uma criança feia e enfezada é dos espectaculos mais tristes que ha. Não é só em poesia que a infancia é um ideal. Na realidade quotidiana como na vida das nacionalidades, nas pesquizas especulativas mais profundas como no espectaculo da belleza exterior — a infancia não é apenas uma esperança mas uma reconciliação. E se meditarmos, ao observar a historia millenar do homem sobre a terra, no que representou para a especie humana o advento redemptor do christianismo, uma das innovações que elle trouxe foi justamente esse espirito de infancia, essa revelação de que a verdade é simples e não complicada, de que o ideal da vida humana não é o poder ou a sciencia, não é a fortuna ou a belleza e sim a humilde sabedoria. E a sabedoria não é senão um circulo que se fecha, a volta da maturidade humana completa, ao espirito da simplicidade infantil, á comprehensão profunda das beatitudes que Jesus prégou na Montanha.

Mas a infancia não é apenas uma evasão ou uma sabedoria, e muito menos um simples

romantismo. Ella é o mais pratico dos valores. Aquelle para o qual devemos olhar com olhos desassombrados tambem como sendo realmente a base de tudo o que podemos vir a ser, como familia, como nacionalidade e como genero humano. Pois a criança participa, naturalmente, dos tres circulos de propagação crescente em sua importancia social. E a sua vida, e os seus problemas repercutem immediatamente em todos tres. Nada foge á solidariedade fundamental que preside, não só aos phenomenos naturaes, entre si, mas a todos os phenomenos humanos. E a sorte de uma criança qualquer, perdida no nosso sertão, não é indifferente ao destino de toda a humanidade.

E dahi a angustia que nos dá, por vezes, o espectaculo de nossa infancia. Nossas crianças são pouco crianças e não se demoram na infancia. O envelhecimento prematuro e o demonio da precocidade, duas das taras que nos consomem, como que já vemos estampadas no rosto dos nossos meninos.

E não ha nada mais desolador do que ver os signaes da decadencia onde deviamos descobrir justamente a alegria de começar a viver. As raças fortes se distinguem justamente por uma infancia sadia. E em vez de serem as crianças como entre nós, a ter os traços da velhice, são os velhos ao contrario que têm faces de criança. Nada que melhor exprima o equilibrio em face do desequilibrio. E nos faça meditar o paradoxo, que sempre tanto me impressionou, do poeta norte-americano Cabbot-Lodge: — «We are a dying race».

E nada disso é literatura. Nada é fanta-

zia ou pessimismo. E sim a observação mais objectiva dos nossos factos sociaes, como ainda agora podemos ver nas paginas da these muito interessante e documentada com que o sr. Hamilton Nogueira acaba de obter a livre docencia de hygiene na Faculdade de Medecina.

> *Hamilton Nogueira* — «Reflexões sobre a mortalidade infantil no Rio de Janeiro» — Typ. Hispano-americana — Rio 1929.

Começa por accentuar um dos factos mais caracteristicos do nosso tempo: a desnatalização.

«Ha pouco tempo», escreve o autor dessa these, — «sentira-me profundamente abalado pela leitura do magistral trabalho de Paul Bureau sobre a indisciplina dos costumes, onde essa crise (da mortalidade) é analysada de modo admiravel, agora cae-me nas mãos um resumo do *Congresso da Natalidade* realizado em Marselha, em julho de 1923. De 1920 a 1921 o numero de nascimentos (em França) diminuiu de 21.000. De 1921 a 1922 diminuiu de 53.000... Mas o que é mais doloroso ainda é pensar-se nesta tristissima verdade, de que o Brasil caminha para o mesmo abysmo. Haverá, talvez, quem sorria ante o pessimismo da minha affirmação, porém, tudo me leva a crer que não exagero... É sabido que as chamadas praticas malthusianas ou neo-malthusianas já vão invadindo as diversas camadas sociaes emquanto a prostituição publica ou clandestina, acompanhada de suas terriveis consequencias, concorre para a diminuição da nupcialidade» (pag. 14.)

E em annexo ao seu trabalho, publica um graphico eloquente, que traçou na base de dados difficil e cuidadosamente recolhidos em estatisticas relativas ao Districto Federal, de 1903 a 1928 (p. 185).

E por elle vemos que a natalidade carioca, que era em 1903, de cerca de 25 por 1.000 habitantes já está hoje reduzida (1929), a 20 por 1.000, com uma diminuição não progressiva, pois em 1913 e em 1920 chegou a apresentar um excesso sobre a natalidade de 1903, mas que desde 1920 se vem accentuando de anno para anno.

Cita tambem o autor uma communicação muito interessante do dr. Paula Souza, ao 1º. Congresso Brasileiro de Hygiene, e relativa ao problema da natalidade em S. Paulo. E as cifras e conclusões do illustre hygienista paulista, levam ao mesmo resultado, com uma variante do maior alcance quanto ao problema immigratorio.

— «Em seis mezes na capital, diz o illustre hygienista dr. Paula Souza, entre 13.340 nascimentos, 37,79 %, são de ambos os paes brasileiros, 19,70 % de paes brasileiros e estrangeiros e 42.25 % de ambos os paes estrangeiros. Assim, os nascimentos sommados, em que entra sangue estrangeiro, montam a 61,95 %, proporção bem mais elevada que a de 7,79 % dos da filiação pura brasileira (desprezando ainda os 0,26 % de filiação ignorada). Demonstram esses algarismos a maior procreação dos elementos alienigenas e explicam em parte a baixa natalidade que se observa nas zonas onde esses existem em menor proporção — bem como da crescente introducção de sangue estrangeiro em todo o esta-

do. Em S. Paulo, embora maior a nupcialidade entre brasileiros a natalidade sobrepuja nos casaes estrangeiros (sic), donde claramente se vê a influencia activa que nos vae modificando o typo nativo» (pag. 15).

Evidentemente não é possivel tirar conclusões de observações e dados tão restrictos e limitados sobretudo a grandes cidades, que sempre foram consideradas com razão o que um sociologo chamou — «os tumulos das civilizações».

De modo que o autor da these conclue, dizendo: «Certo, não nos debatemos graças a Deus, numa crise de natalidade, mas estamos em tempo de applicar os remedios necessarios» (p. 15).

Se não nos debatemos em uma crise geral de natalidade, começamos certamente a soffrer de crises parciaes de natalidade, tanto sob o ponto de vista geographico como em certas classes da população.

Seria o caso de se applicar, á nossa historia, as conclusões a que chegou, em 1890, o demographista francez Arséne Dumont e a que elle chamou de — *lei de capilaridade social.*

«Na bacia do Mediterraneo» dizia elle em uma serie de conferencias feitas em 1896 e reunidas no livro — «Natalité et Démocratie» (pagina 164) — «e no resto da Europa, existe um facto geral que a historia nos revela como se tendo sempre reproduzido com constancia; todas as nações, todas as classes sociaes, todas as familias que se elevaram a um alto gráo de civilisação morreram, e morreram por oliganthropia. Isto mostra que ha, na civilisação greco-occidental, no meio de elementos incontestavelmente bons e sadios, como por exemplo a se-

gurança resultante da accumulação de riquezas ou o poder resultante da accumulação da verdade, um principio toxico».

E investigando qual fosse esse *principio toxico* que levou tantas civilisações á ruina e continúa a agir em nosso meio, encontrou-o no — *individualismo*.

«O principio toxico que procuramos determinar não é outro senão esse idealismo individual, ou, o que dá no mesmo, a insufficiencia de solidariedade. O despovoamento não é a unica manifestação do principio toxico; a perda da coragem guerreira é outra, bem como a emigração centripeta dos habitantes mais abastados e a diminuição progressiva da autoridade paternal e material. Nada ha que admirar nisso. Se o individuo julga que é o fim de si mesmo, é natural que resultem essas quatro consequencias. Com effeito, a baixa da natalidade não é senão o desconhecimento da solidariedade no tempo entre gerações successivas etc., etc.» (pagina 165).

Observando essa *lei de capilaridade social*, como elle diz, segundo a qual os individuos se elevam com sacrificio da raça, como se as civilisações secretassem necessariamente o toxico da desnatalidade (em Arséne Dumont encontramos, ao par de observações e juizos muito justos, uma posição geral determinista que o subordina, de certo modo aos erros do positivismo sociologico) — esse demographista faz a sua applicação ás sociedades aristocraticas e democraticas e conclue provando que, a democracia universalisa a desnatalidade. Nas aristocracias, mostra elle, a reducção da natalidade — «fica re-

stricta, quasi exclusivamente, á classe aristocratica e a aristocracia vae morrendo lentamente desse mal, sem outro inconveniente senão o de forçal-a a rejuvenescer-se pela adjuncção de novas familias tiradas da parte mais distincta do povo; mas o proprio povo, devido á constituição do estado aristocratico, fica isento de influencias que destróem a fecundidade. Não se dá o mesmo nas democracias. E o modo de viver, de pensar e de sentir dos aristocratas não é supprimido nas democracias mas universalisado e as suas más consequencias tambem o são... A vida simples e systematicamente austera, o contentamento na mediania não são o ideal proposto á imitação dos individuos e das familias... Trabalhar febrilmente para se elevar ás honras e á fortuna, ganhar muito para gastar muito, eis a verdadeira lei de nossas democracias, nos Estados Unidos, como na Suissa ou em França» (ob. cit. p. 175-7).

Não seria desinteressante applicar essas justas observações ao caso brasileiro, em um estudo sobre a nossa desnatalisação. O Imperio, que representou um esboço de organização aristocratica, começou apenas a soffrer da oliganthropia nas classes propriamente aristocraticas e isso mesmo em gráo muito menor que hoje em dia. A Republica, que destruiu a aristocracia incipiente de sangue, para substituil-a pelas aristocracias de posições e de dinheiro (*oligarchia e plutocracia*, ambas resultados immediatos do novo regimen) — universalisou o mal, segundo a marcha da molestia descripta por Arséne Dumont, e hoje em dia a tendencia é vêl-o crescer de mais em mais, corrigido apenas pelo factor immigra-

torio ou por factores moraes e politicos que Dumont não considera, mas que hoje em dia nós vemos em acção cada vez mais viva. A intervenção do Estado bem como a da Igreja, dos factores politicos e dos factores moraes, no problema da população, são phenomenos modernos que um demographista do seculo XIX, eggresso da escola de Durkheim, como o autor de «Nalité et démocratie» não podia prever, dentro dos seus rigidos postulados deterministas.

Mas o phenomeno, em suas linhas geraes, corresponde entre nós ás observações que levaram Dumont a formular a sua lei de capilaridade social.

E o facto é que, hoje em dia, cento e trinta annos depois de Malthus formular o seu famoso «principio da população», nós nos encontramos por toda a parte na situação exactamente opposta á que previa o pastor britannico, e que elle expoz pela primeira vez, em 1798, no seu «Essay on the principle of population», que ia marcar uma data na historia da demographia.

«O poder de povoamento é indefinidamente maior do que o poder da terra em produzir subsistencias para o homem. A população quando não limitada, cresce em razão geometrica. As subsistencias augmentam apenas em razão arithmetica» (ob. cit. p. 13-14).

Estava formulado o principio que tanta tinta ia fazer correr e cuja falsidade estamos hoje defrontando. Pois o que vemos, por toda a parte em torno de nós, não é mais um excesso de procreação sobre a producção, mas exactamente o inverso. Por toda a parte os demographistas e sociologos se preoccupam com a desnatalisa-

ção dos grandes paizes, ao passo que os economistas e homens de governo quebram a cabeça com o problema da super-producção industrial e mesmo agricola. A proporção economica de Malthus tende a inverter-se. A revolução industrial, que Malthus não presenciou de todo, pois escreveu antes della, ia introduzir um elemento que mudaria todo o aspecto da questão — a machina. De modo que hoje em dia, succede com o malthusianismo coisa semelhante ao que succede com o lutheranismo.

Se Luthero ressuscitasse, e visse que a maioria absoluta dos que se dizem seus adeptos rejeitam categoricamente quasi todas as verdades dogmaticas que elle considerava intangiveis, teria occasião de verificar ao vivo que os que se insurgem contra a Verdade condemnam-se a ser victimas das mesmas revoltas que provocaram.

E se Malthus visse o que hoje fizeram da sua «moral restraint», da sua Fé na Providencia, do seu scepticismo quanto ao progresso indefinido, de sua apologia da castidade e de todas as virtudes christãs, — se elle visse o que de tudo isso fizeram os neo-malthusianos de um seculo depois, elle se reconheceria hoje mais facilmente nos que combatem os seus erros demographicos do que naquelles que os levaram ao absurdo acceitando-os em sua logica implacavel.

O malthusianismo de hoje quasi que só tem de Malthus o nome. E nada mais. O que não impede que a sua pretensa lei scientifica tenha ido ao encontro das tendencias instinctivas do ultra-individualismo contemporaneo.

E que a civilisação occidental moderna se encontre em situação semelhante áquella que

marcou o declinio das grandes civilisações antigas.

Segundo os calculos do economista dinamarquez Doring, a guerra de 1914 representou, — entre mortos na guerra, excedente da mortalidade sobre a natalidade e diminuição dos nascimentos nas populações civis durante a guerra — representou uma perda total de 35 milhões de homens! (cf. *Angelo Brucculeri* — Sul Problema di Malthus, 1928, cap. I). Mas emquanto os mortos na guerra representam 9 milhões, da totalidade dessas cifras a reducção no rythmo de nascimentos attingiu a 20 milhões!

Repete-se, com a nossa civilisação, o mesmo que se deu com a civilisação antiga. Eis, por exemplo o que escreve um dos mais autorisados historiadores modernos da decadencia do mundo antigo, Otto Seek:

— «Não foi a espada inimiga que despovoou as Nações antigas, porém a falta de natalidade... Pois os homens se tinham entregue inteiramente á vida mundana, ás ambições pecuniarias e á preguiça, não queriam mais casar-se ou, quando o faziam, evitavam ter filhos ou no maximo um ou dois afim de os deixarem ricos e educal-os luxuosamente... O adormecimento moral dos povos antigos foi o motivo da sua decadencia censitaria, mas como sempre acontece na historia houve uma reciprocidade entre os dois factores. Porquanto nada levanta mais fortemnte as forças mentaes de uma nação do que as exigencias provocadas por um rapido crescimento da população; e nada, por isso mesmo é mais propicio a adormecel-as do que a renuncia a esse incentivo». (*Otto Seek*. Geschichte der Unter-

gangs der Antiken Welt. 1921, vol. 1, paginas 350-388).

E em nossos dias o problema volta a ser o mesmo. A Allemanha, por exemplo, era uma nação em que a quantidade da população não prejudicava a qualidade e o seu poder se fundava no justo equilibrio dos dois requisitos censitarios. Pois bem, a situação allemã é hoje semelhante á da França, cuja desnatalisação era um contraste á proliferação germanica. «A fecundidade conjugal da nação allemã, de 1886 até a vespera da guerra mundial tinha decrescido de 30 %», é o que nos informa a obra recente de Hermann Muckermann, «Kind und Volk» (1924, vol. 1, pag. 5).

E Muckermann commenta numa phrase impressiva: — «Peior do que a colheita de morte da guerra é a colheita de morte da paz».

Por toda a parte o phenomeno se reproduz e facil seria fazer um excurso por varios paizes modernos, mostrando a coincidencia das cifras que nos collocam perante um perigo inverso áquelle que Malthus previa para o mundo em sua resposta ao optimismo de Godwin e Condorcet.

Na these valiosissima do dr. Hamilton Nogueira a que nos referimos no inicio, o problema brasileiro da natalidade não é abordado de frente, mas indirectamente. O que elle visa é o estudo da nossa terrivel mortalidade infantil, que sobe ao coefficiente de 165 quando em Buenos Aires, por exemplo é de 80!

— «Se me alonguei um pouco nessas considerações sobre a natalidade, foi, não sómente

pelo seu valor intrinseco actual, nos paizes civilizados, como tambem para realçar o problema da mortalidade infantil, neste sentido de que, pela diminuição do obituario da infancia pode-se, de algum modo, compensar a insufficiencia lamentavel de nascimentos» (p. 17).

E passa a tratar então do problema minuciosamente com o mais extenso e moderno conhecimento scientifico a respeito e trazendo ao seu estudo contribuições novas e proprias do mais alto valor, não só medico como social. A pequena monographia que escreveu sobre as suas observações demographicas em Santa Cruz, vale por um documento admiravel, no sentido em que Le Play recommendava para a sciencia social e Brunhes propõe como insubstituivel para a anthropogeographia. Bastava essa pequena monographia final baseada em dados de observação propria, para dar a esse estudo uma relevancia muito maior do que a de uma simples these. Mas todo o livro é indispensavel para o estudo do problema da mortalidade infantil aqui na capital, problema dos mais fundamentaes e urgentes de nossa vida como nação e cujas causas não são differentes das de outros paizes: — «a ignorancia dos mais rudimentares principios de puericultura, e a precaria condição economica de grande parte da população» (p. 164).

Os problemas demographicos e sanitarios, como se vê, se elevam logo á altura dos mais serios problemas sociaes. E esta these é uma contribuição valiosa e de merito real ao problema palpitante da nossa formação ethnica.

CAPITULO XXV

LIMITES DA EUGENIA

What can be done with a wolf can be done with a man». — (Bernard Shaw).

A religião moderna por excellencia, é a — anthropolatria. O homem é um ser que precisa de adorar. Adorou os animaes. Adorou as arvores. Adorou os manes. Adorou os deuses. Chegou mesmo, por vezes, a adorar o Deus Verdadeiro. Mas pouco a pouco foi eliminando tudo isso. E á medida que caia e renascia em suas civilisações precarias e espalhadas pelos continentes, ia mudando de adoração. No seculo XIX o homem occidental adorou sobretudo a Sciencia. Adorou tambem alguns mythos sonoros. Liberdade, Igualdade, Fraternidade, Democracia, Anarchia, etc.

Hoje em dia o homem do seculo XX adora a si mesmo. E tudo aquillo que produz como obra integralmente sua, livre, original, seccionada de todo passado e de todo preconceito, vemos sempre que constitue um rito ou uma manifestação da grande religião de nossos dias, da anthropolatria. Saccudiu todos os jugos, e collocou-se do-

cilmente sob a canga de si mesmo. E nesses paizes onde a neolatria está grassando com mais furor, justamente porque passaram sem transição do carro de boi ao avião — como a Russia, o Mexico, a China — em todos esses nouveaux-riches da civilização o novo culto se torna logo evidente e mesmo official. Na Russia, o atheismo é a religião do Estado, por ser a do Partido Communista que dirige o Estado. No Mexico, nos momentos mais intensos da perseguição religiosa, era nos templos que se realizavam os banquetes dos generaes callistas. E na China, quando as tropas revolucionarias tomavam qualquer capella de missionarios, o primeiro cuidado era substituir, nos altares, as imagens de Christo, pelo retrato de Sun-Yat-Sen! Por toda a parte o homem se adorando como um deus. Pois o homem dos nossos dias não se queixa mais da fragilidade humana, mas se deslumbra deante da potencia humana. Não é mais ao deus desconhecido que os scepticos levantam altares. É o Homem-Omnipotente que se adora no seculo XX. Especialmente depois que o seculo XIX convenceu a esse homem que elle não era mais do que um animal. Já tive occasião de mostrar que o paradoxo do homem moderno é que elle começou a divinizar-se quando se viu animalizado. E é nas idéas philosophicas de uma figura tão absolutamente caracteristica da mentalidade seculo XX como Freud, que vamos encontrar mais nitidamente esse encontro de tendencias apparentemente contradictorias. Freud, depois de procurar, de descobrir e de systematizar no infer-homem o segredo de todo o homem, — viu-se naturalmente levado a tomar o ca-

minho de Nietzsche, e a procurar o super-homem, ou como elle diz, — o «Ueber-Ich».

Pois toda civilização pagã, e todo pensador pagão (seja pre-christão, seja post-christão) concluem logicamente por um acto de absoluta negação ou de absoluta affirmação de si mesmo. O paganismo occidental, esse, é sobretudo affirmador. E essa caça ao super-homem não é de nossos dias. E sim de todos os momentos da historia em que o sentimento religioso decáe ou se deturpa. E se encontramos em Freud, vivamente, essa fusão dos dois extremos — a animalização e a divinização do homem — o mesmo vamos encontrar em todos os momentos de paganismo consciente ou subconsciente. Escolho, entre muitos exemplos que poderia offerecer, tres textos que me parecem bastante significativos, abrangendo um periodo de nada menos de 26 seculos... Em todos elles nós vemos um aspecto daquelle paradoxo freudiano, do infer-homem levando ao super-homem. Apenas, o que no seculo VI antes de Christo era um presentimento e no fim do renascimento uma utopia, — hoje é uma pesquisa scientifica, que os professores procuram reduzir a leis e os Estados começam a pôr em pratica policialmente.

No seculo VI antes de Christo, escrevia o poeta grego Theognis de Megara: — «Nós nos preoccupamos com que os nossos burros, os nossos cavallos sejam de boa raça, porque sabemos que o bom nasce do bom; e, entretanto, um homem sadio não se recusa a casar com uma mulher doente, se ella tem dinheiro. É o dinheiro que estraga a raça. Não ha que admirar se a raça decáe, desde que o máo se junta ao

bom» (cit. *Nisot*, La question eugénique dans les divers pays. 1927, vol. I, p. 10).

Vinte e dois seculos depois, em outro periodo de renascimento pagão, nos fins do seculo XVI, Campanella escrevia por sua vez em sua «Cittá del Sole»: — «Nós que tanto nos preoccupamos com o melhoramento das raças de cachorros e de cavallos, desdenhamos inteiramente o da raça humana» (cit. *R. Gonnard*, Histoire des Doctrines de la Population, 1923, p. 98). Era a repetição do mesmo anseio de todos os constructores de cidades ideaes, como Platão, em sua «Republica», ou Thomas Morus em sua «Utopia».

E no nosso seculo, quando um novo renascimento pagão se dissemina — já não mais sob o signo da Arte, como no seculo XV, mas sob o signo da Sciencia — a mesma preoccupação se renova e já agora decidida a passar dos philosophos humoristas para os legisladores pragmatistas.

O humorista philosopho do nosso seculo que é o representante typico do super-humanismo é, sem duvida, Bernard Shaw. Deante do melhoramento artificial e indefinido da raça humana cessa o seu sarcasmo e começa a sua philosophia super-humanista, que elle expoz sobretudo em sua peça «Homem e Superhomem» e na explicação philosophica que a ella acompanha e a que chamou «o manual do revolucionista». E logo no capitulo primeiro distingue as mudanças que elle considera secundarias na civilização, — daquellas que reputa realmente fundamentaes: — «A simples mudança de instituições, taes como do dominio militar e clerical para

o dominio commercial e scientifico; do dominio commercial para a democracia proletaria, da escravidão para a servidão, da servidão para o capitalismo, da monarchia para o republicanismo, do polytheismo para o monotheismo, do monotheismo para o atheismo, do atheismo para o humanitarismo pantheistico, do analphabetismo geral para a geral alphabetização, do romance para o realismo, do realismo para o mysticismo; da metaphysica para a physica — tudo isso são mudanças que nada mudam (changes from tweedledum to tweedledee); plus ça change plus c'est la même chose. Agora, quando se muda uma qualidade inferior de maçã numa qualidade superior, quando se transforma o lobo ou a raposa em cachorro domestico, quando se faz do velho cavallo de Henrique V o cavallo de corridas dos nossos dias — ahi sim a transformação é real; pois aqui o Homem fez o papel de um deus subordinando a Natureza á sua intenção, e ennobrecendo ou rebaixando a vida para um determinado fim. E aquillo que pode ser feito com um lobo, póde ser feito com um homem» (*B. Shaw*. Man and Superman, p. 181).

E nessa ultima phrase está contida toda a psychologia do super-humanismo, que das paginas dos Nietzsches, dos Freuds e dos Shaws começa a descer para os parlamentos, para os congressos scientificos e para os jornaes populares. O super-humanismo é a fórma philosophica do eugenismo. E a essencia do eugenismo está justamente nessa equiparação do homem ao animal, em sua origem, e na separação progressiva de ambos, em seus fins, por meio da selecção sexual.

Foi com Darwin, pode-se dizer, que começou o surto moderno do eugenismo, como consequencia daquella equiparação do homem ao animal. E o mesmo raciocinio do poeta grego, do utopista do Renascimento ou do socialista moderno, vamos encontrar em palavras do biologista que revolucionou o mundo scientifico com o seu evolucionismo materialista. «O homem», escreve Darwin, — «depura com escrupuloso cuidado o caracter e a raça do seu cavallo, do seu gado e dos seus cachorros, antes de cruzal-os; mas quando se trata do seu proprio casamento, raramente ou nunca se importa com tal coisa. E entretanto, elle deve fazer qualquer coisa por selecção, não somente para a constituição e aspecto physico de sua descendencia, mas ainda por causa de suas qualidades moraes e intellectuaes» (cit. *Iwan Bloch*. The sexual life of our time. Trad. ingl., p. 709).

O pensamento é o mesmo e as palavras quasi identicas. O ponto de partida da Eugenia e sobretudo do eugenismo é a consideração do homem como um animal. E como nós conseguimos melhorar as raças animaes a ponto de criar especies novas e mantel-as artificialmente, assim tambem é preciso melhorar a especie humana por meio de uma regulamentação rigorosa dos cruzamentos. Numa sociedade policiada do futuro a reproducção só se fará em «haras» humanos devidamente aperfeiçoados, da mesma fórma que só conseguimos hoje animaes de raça pura por meio de uma cuidadosa selecção dos cruzamentos.

Foi esse realmente o ponto de partida de Galton quando, deslumbrado com as theorias ani-

malistas da «Origem das Especies» de 1859, se decidiu a applical-as integralmente á raça humana, e em 1865 escrevia no «Macmillan's Magazine» o seguinte: — «O poder do homem sobre a vida animal, no sentido de produzir qualquer especie de variação de fórmas é consideravel. Parece que a estructura physica das gerações futuras é tão plastica como o barro sob a intervenção do seleccionador. O meu desejo é mostrar, mais precisamente do que jamais se fez, ao que me parece, que as qualidades mentaes tambem dependem dessa mesma intervenção». Isto é, o homem todo é um producto da hereditariedade. E a hereditariedade pode ser governada como se governa uma força mecanica. E como o mendelismo, nas plantas e nos animaes, veiu revelar o rythmo de reproducção das especies vegetaes e animaes, com uma approximação maior do que até então, — o mesmo raciocinio se applicou á hereditariedade humana. Sendo o homem apenas um animal aperfeiçoado, sendo a selecção natural dos mais aptos a lei de aperfeiçoamento biologico da natureza — só faltava passar para as mãos do Homem, o que até então se deixava entregue á Natureza ou á Providencia. E assim se criou e se desenvolveu a Eugenia moderna, e sobretudo o «eugenismo», isto é, o fanatismo eugenico, o materialismo eugenista, a obsecção de chegar ao super-homem por meios puramente humanos.

——

Vemos, desde já, delinear-se o que tenho em vista nestas rapidas palavras, provocadas pela reunião entre nós do 1.º Congresso de Eugenia. Mais uma vez, porém, devo advertir que não

me considero fóra de meu thema ao cogitar de taes assumptos nesta secção, por mais que o contestem certos criticos anti-diluvianos. A literatura não póde ser ainda considerada entre nós como actividade puramente esthetica. Ella depende, como tudo aqui depende, em seus fundamentos do que é hoje o thema fundamental de nossas cogitações: a formação da nacionalidade. E se devemos evitar o erro de nos transformarmos em simples formadores de nacionalidade, — de modo a censurar toda actividade esthetica como superfetação, ou subordinar a nossa expressão literaria a moldes necessariamente determinados pelo nosso estado primario de formação, — devemos tambem fugir do esthetismo que tanto tem artificializado as nossas letras. Tudo que se refere, portanto, á elaboração desse corpo social de que somos parte está directa ou indirectamente ligado á literatura, segundo o conceito amplo que devemos emprestar a esse termo. E é da formação da raça brasileira que se cogita. Isto é, do elemento indispensavel e primordial para termos um dia uma literatura realmente brasileira.

A reunião, portanto, do 1º Congresso de Eugenia, entre nós, não veiu iniciar evidentemente os estudos anthropologicos por aqui. Mas veiu, sem duvida, despertar o interesse por um thema que hoje apaixona a humanidade toda e que está fazendo delirar tantos homens sobrios e inflamar nacionalidades inteiras.

Ha dez annos atraz, quem pretendesse escrever sobre Eugenia lutava com falta de documentação. Hoje luta com excesso della. Multiplicaram-se, por tal fórma, em tão poucos annos os

livros, os congressos, as sociedades, as revistas, girando todos em torno do problema da raça, que só mesmo os especialistas podem acompanhar de perto o movimento. Estando, entretanto, envolvidos nelle toda especie de problemas moraes, philosophicos e até religiosos, não pode a Eugenia ser entregue apenas aos eugenistas. Ella interessa a todos nós pois affecta todo o problema do mundo e do homem moderno. E muito especialmente do mundo americano.

O problema da raça, para nós americanos, é um problema fundamental. Somos, por toda a parte de norte a sul, um immenso «melting-pot». E no chaos em que ainda vivemos toda a sorte de esperanças e de desanimos se congregam para affectar a nossa alma. Aqui no Brasil somos mais sujeitos ao desanimo. E o espectaculo das nossas populações do interior, e mesmo das cidades ou das regiões menos asperas, não é positivamente para animar a quem quer que seja. Povo triste e povo feio. E tudo isso porque povo doente, mal pago, mal alimentado, mal amparado. Povo, sobretudo, sem infancia. Povo em que as crianças já têm cara de velhos. É a coisa mais horrivel com que temos a lutar — esse envelhecimento precoce do nosso povo. Mal que toca a todos. Mal de precipitação do rythmo de crescimento, de que soffre a nossa historia, como soffremos todos nós em nossa historia individual. Povo que desanima logo. Povo de indifferenças alarmantes. Povo sem belleza na infancia. Sem religião nos moços. Sem sabedoria nos velhos. E, com tudo isso, povo das mais inapreciaveis qualidades moraes, justamente naquelles que menos contacto

têm com a civilização. De modo que o mal mais grave com que temos de lutar, não me parece ser tanto o mal da barbaria, como allegam por ahi, mas sobretudo o mal da civilização. Não tanto o mal do analphabetismo, como o do alphabetismo indigesto. Não tanto o da indifferença politica, como o dos utopismos politicos. Não tanto o da dysgenia geral, como o da eugenia precipitada. Em outras palavras, — eu temo mais no Brasil os remedios que as molestias. Com as molestias, nós conseguimos ao menos ser alguma coisa de nosso. Agora, com os remedios é mais que provavel que não consigamos ser senão alguma coisa de absolutamente copiado. A yankização e a moscovitização do Brasil caminham a passos de gigante. E vão attingindo, lentamente, o cerne das populações, por meio de instrumentos de disseminação incomparavel, se bem que tão contradictorios, como sejam o cinema sybarita e o pamphleto revolucionario.

Num povo assim, tão triste e tão feio, a Eugenia assume logo as feições de uma fada milagrosa, que vem curar toda essa tristeza e toda essa fealdade; que vem dar optimismo aos velhos e infancia ás crianças. Que vem tornar brasileiros os immigrados e os proprios brasileiros. E o exemplo dos inevitaveis Estados Unidos fará certamente com que a nova sciencia galtoniana venha a ter aqui o mesmo exito fulminante que por lá. Pois entre elles, a Eugenia é hoje a sciencia do dia. E mais do que sciencia, — uma religião.

Pois, como disse Galton: — *Eugenics will sweep the world like a new religion.*»

Elle previu que a eugenia havia de conquistar a credulidade do homem moderno como uma religião nova. E menos de vinte annos depois de sua morte estamos vendo iniciada a realização de sua prophecia. Nos Estados Unidos de hoje assistimos a esse respeito, a um duplo phenomeno — ora a alliança da eugenia com o protestantismo na marcha incessante ao «progresso» scientifico e religioso; ora a consideração da propria eugenia como uma religião nova. André Siegfried observou o phenomeno com muita precisão em todo o capitulo VII do seu livro famoso, e o resumiu numa phrase de muito espirito: «Si vous partez pour les Etats-Unis, prenez une Bible, mais n'oubliez pas non plus d'emporter un traité d'eugénique: muni de ces viatiques, vous ne serez jamais loin de l'axe» (*Les Etats-Unis d'aujourd'hui*, p. 104).

E se formos aos proprios autores norte-americanos veremos confirmada, ponto por ponto, esas asserção do observador estrangeiro. A Eugenia, nos Estados Unidos, se tornou realmente aquillo que o seu fundador previu. A racionalização sexual está ligada, hoje, entre elles, não só a todo o futuro da raça americana mas ainda da humanidade e da religião.

Eis o que escreve a esse respeito um dos mais typicos escriptores norte-americanos sobre o thema — Albert Edward Wiggam: — «A immediata racionalização sexual (direct birth-control) será o agente decisivo para determinar o caracter e o destino do homem sobre a terra e para conformar o futuro de sua civilização» (*The Next Age of Man*, 1927, p. 348). E termina o seu livro invocando S. Paulo e dizendo: — «E

eu não vejo porque motivo não hão de os homens amar uma fé bem fundada e constructiva, que os fará seguir, por sua propria sciencia, de faces abertas, louvando a gloria de Deus e fazendo um uso intelligente de Suas leis para guiar a sua propria evolução de gloria em gloria, evoluindo por sua propria intelligencia em direcção áquella Imagem Divina, que é a mais bella e luminosa visão dentro delles. E nesse sentido a eugenia é tão grande quanto a capacidade do homem para esperar e para sonhar, tão profunda quanto a sua capacidade de penetrar e de guiar as leis de sua propria natureza e tão larga quanto a sua capacidade de organizar os seus esforços sociaes dirigindo-os a fins cada vez mais fecundos» (ob. cit. p. 399).

Já nesse texto se vê eloquentemente a fusão que o autor faz entre eugenia e religião, considerando o «birth control» como a boa nova, o Evangelho do seculo XX... E é muito pittoresco o assombro com que elle commenta a doutrina catholica de opposição a essa racionalização sexual egotista: — «Eu não tenho critica alguma a fazer á religião ou á theologia catholica... entretanto, falando do ponto de vista puramente biologico, eu não vejo que a Igreja Catholica pudesse ter encontrado um methodo mais engenhoso para cavar a sua propria ruina» (sic) (p. 356).

É em outro de seus livros, porém, que esse mandarim da eugenia norte-americana se exprime ainda mais saborosamente. E previno que não se trata de ironia. Os americanos não conhecem o «humour». E esse autor é sempre de uma gravidade conselheiral. Eis o que diz textualmente esse phenomeno eugenico, á pag. 98 do seu livro

«The new decalogue of Science», publicado em 1923: — «Se Jesus estivesse entre nós teria sido o Presidente do primeiro Congresso de Eugenia» (Had Jesus been among us, he would have been president of the First Eugenics Congres)...

Olhem que nós temos por aqui alguns phenomenos interessantes. Mas creio que nenhum delles seria capaz de um achado igual. E o grande eugenista norte-americano continúa: — «A sciencia não veiu destruir a grande essencia ethica da Biblia mas completal-a. Só ella podia completal-a. E a eugenia, que não é mais do que a simples evolução organica consciente e intelligente, fornece o programma final para a christianização completa da humanidade» (...Eugenics, which is simply conscious, intelligent organic evolution ,furnishes the final programme for the completed Christianization of mankind. loc. cit.)!...

Eu desafio que um humorista encontrasse qualquer coisa de mais saboroso para caricaturar a mentalidade eugenica dos nossos dias, que pretende regenerar a humanidade pelo... policiamento civil das alcovas...

Mas o facto é que o estado de espirito moderno, e não apenas norte-americano, quanto á eugenia é muito semelhante a este. Basta percorrer as paginas do livro de Nisot, a que me referi acima sobre o movimento eugenico através do mundo actual, para se verificar que as palavras de Galton são cada vez mais verdadeiras. A sciencia que elle fundou é realmente uma religião, senão a religião dos nossos dias.

Tanto assim que os mais enthusiastas della

sempre se reportam, como termo de confronto, a factores religiosos. E a esse proposito vem a pêlo mencionar um escriptor inglez moderno, muito pouco conhecido fóra da Inglaterra, mas do mais alto interesse: Anthony M. Ludovici.

Esse ensaista, profundamente original, é uma especie de Shaw reaccionario, que está para os «tories» na mesma relação de analogia e de independencia do autor de «Man and Superman» para com os trabalhistas. Ludovici publicou èm 1923 e em 1926 dois volumes sobre eugenia, que são do mais alto interesse: «Wooman: a vindication» e «Man: an indictment». Não faço senão mencional-os, pois são um mundo de suggestões e commentarios, dos mais justos aos mais absurdos. E o seu eugenismo nietzscheano nem se compara, em merito intellectual, ao eugenismo candido do norte-americano. Mas nem por isso lhe fica atraz no valor «religioso» que attribue á Eugenia.

Se Wiggam vê na eugenia «o programma final para a christianização completa da humanidade» — Ludovici ao contrario vê no christianismo a negação completa da eugenia. E na sua pesquisa dos factores de regeneração da humanidade — pois esse é sempre o objectivo minimo que visam todos os eugenistas dos nossos dias — o que Ludovici sente é a necessidade — «de uma nova religião, baseada sobre uma percepção intellectual aguda do poder que existe por detraz dos phenomenos, bem como sobre uma relação emotiva profunda para com esse poder» (Man: an indictment, p. 338). Mas, continúa elle, — «para a realização de uma tal tarefa é necessaria uma nova especie de homens (sic)

e tudo o que podemos fazer por ora é preparar o caminho para isso» (loc. cit.). E nessa tarefa de criar uma nova «ordem» de homens é que intervêm a eugenia, pois a nova religião que vae salvar e regenerar a humanidade, em vez de ser fundada no ascetismo do corpo, como o christianismo, será fundada exclusivamente sobre o «culto do corpo». Ludovici é um neo-pagão em toda a significação do termo. E nesse sentido é que considera o christianismo, ou pelo menos aquillo que elle chama de christianismo — como sendo anti-eugenico ,ou como se diz entre eugenistas — «dysgenico».

«O christianismo, influenciando o mundo dysgenicamente, e por isso mesmo multiplicando o numero dos physiologicamente incapazes, fez mais no sentido de eliminar o verdadeiro sentimento religioso, do que no de estimulal-o. E a incredulidade moderna, o atheismo moderno e a moderna indifferença religiosa, que não encontramos nem mesmo entre os selvagens, é de facto o resultado da degeneração criada pelos valores dysgenicos do christianismo, com a sua repulsa pelo corpo» (ob. cit. p. 208).

E como a eugenia é exactamente a sciencia do corpo, e a sua religião nova, que vae regenerar o sentimento religioso da humanidade, é uma religião fundada no culto do corpo — vemos mais uma vez a relação intima que em todos esses pensadores modernos eugenistas se fórma consciente ou inconscientemente entre religião e eugenia.

O que eu desejo portanto accentuar é que, em todos os eugenistas modernos que procuram do problema eugenico uma visão não apenas

medica ou politica, mas philosophica, o que encontramos é sempre a eugenia não mais como sciencia mas como religião. Já não ha mais o estudo da eugenia, ha o culto da eugenia. Não se trata mais de uma sciencia de observação, ou de experimentação ou de especulação. E sim de uma sciencia de modificação e de criação dos factores fundamentaes da vida. Uma Anthropologia, — quasi diria theologica, — como sciencia suprema, da qual todas as outras são simples «ancilas»». A theologia do homem deificado do seculo XX. E a evolução, por exemplo, da obra de um Max Scheler, nesse sentido, é curiosissima, pois tendo partido de um livro absolutamente theocentrico, como o «Das Ewige im Mensch», — quando morreu, o anno passado, ia publicar justamente a sua «Philosophische Anthropologie». obra rigorosamente anthropocentrica, se bem que mantendo todos os valores de absoluto, mas «no homem».

Esse é o resultado monstruoso da lenta revolução que se vem operando no sub-solo de todo pensamento moderno, com a accumulação dos erros de gerações successivas. O Homem no posto de Deus. O culto do Corpo em vez do culto do Espirito. A Anthropologia como Sciencia Suprema em logar da Theologia. Em summa — o anthropocentrismo do seculo XX se oppondo ponto por ponto ao theocentrismo do seculo XIII.

——

Bem sei que muita gente dirá que ha exaggero em tudo isso. Que as coisas não estão assim tão invertidas. Que ha muito mais confusão e complexidade na situação real do problema. E

que a eugenia é uma sciencia muito modesta, muito de inicio, de muito boa vontade, que não quer senão viver em paz com todas as outras sciencias e todas as religiões, sem nenhum intuito de usurpar o posto de nenhuma dellas.

Não duvido. Mas a tendencia é a que apontei e que procurei documentar em numerosas e mesmo excessivas citações, para não fazer simples allegações sem fundamento. Quem olhar para o mundo em suas simples manifestações apparentes, é natural que julgue que tudo continúa na mesma, com simples alterações de detalhes, uns arranha-céos de mais andares, uns aviões, uns signaes luminosos, uns gramophones fanhosos deturpando todo o valor esthetico do cinema e mais algumas alterações sem grande importancia. Uma das scenas mais interessantes de «Les Dieux ont soif», de Anatole France, é sem duvida a daquella velhota perguntando a alguem, no dia do assassinato de Marat: — «Esse sr. Marat que morreu, é o Padre Marat, vigario de... ?» Parece-nos absurdo hoje que a morte de Marat não fosse uma especie de cyclone em Paris. E, no emtanto, a verdade historica é assim mesmo — o tempo amplia muito ou apaga de todo.

Quem olhar, portanto, para o movimento exterior da vida de nossos dias, dirá que as mudanças são insignificantes. E, no emtanto, no fundo dos acontecimentos, a modificação é consideravel. Ha revoluções formidaveis se processando debaixo das apparencias. E a revolução sexual, — nome menos euphemistico para designar as transformações da chamada «mentalidade eugenica», como dizem os fanaticos da nova sci-

encia — a revolução sexual, com a criação de outra sciencia nova — a «sexuologia», com a obsecção do «sexo» em todos os terrenos, na arte, na sociologia, na psychologia, na educação, etc., com a publicidade cynica de assumptos até hoje recatados, com a esperança de criar uma especie nova de homens, o novo messias leigo, o super-homem do seculo XXI, — com tudo isso a revolução sexual eugenica não pode ser tratada como um simples capitulo medico, inoffensivo e especializado.

Os progressos da eugenia têm sido tão rapidos e tão extensos, as suas ambições tão grandes, que não ha exaggero em ver nessa sciencia mesclada de religião, pelo fanatismo que está despertando, um dos fundamentos do grande assalto que a mentalidade revolucionaria materialista pretende lançar contra os valores espirituaes humanos e christãos.

É preciso, portanto, que consideremos essa nova sciencia com toda a precaução. E principalmente que saibamos fazer uma distincção muito rigorosa entre o que ha nella de aproveitavel e o que ha de condemnavel. Eu desejei mostrar com citações authenticas — que não se trata de uma simples sciencia. E sim que, sob a capa de espirito scientifico, o que ha é a extensão a dominios inviolaveis de uma philosophia de absolutismo materialista (a equiparação do homem ao animal) e de uma politica de absolutismo etatista (o direito do Estado de intervir na vida mais intima dos individuos).

Todos os dias, estamos lendo em artigos jornalisticos, e ouvimos em numerosas opiniões expressas por toda a face da terra que ha «pre-

conceitos» enraizados a combater entre nós, para tornar victoriosa a «mentalidade eugenica». Pois bem, esses chamados «preconceitos» são, nem mais nem menos do que o dominio mais sagrado, mais fechado, mais inviolavel de nossa vida intima, que não estamos dispostos de modo algum a deixar penetrar pelo poder policial e pseudo-scientifico do Estado. Esses são dominios reservados á nossa consciencia e, portanto, ao poder espiritual e não ao poder temporal.

Isso é que precisa ficar bem claro na cabeça dos eugenistas integraes. Ha muitos pontos em que não cedemos nem cederemos nunca. E por isso mesmo é que devemos encarar a eugenia em seus «limites», para impedir a extralimitação eugenica que facilmente destruirá tudo o que representa para nós a essencia da nossa liberdade particular.

Nós tambem não estamos satisfeitos com o que anda por ahi. Tambem temos muito que «regenerar». Tambem procuramos um caminho de evolução e de selecção. Mas não pelos mesmos processos. E antes nos oppondo firmemente a alguns dos processos mais recommendados ou impostos pela nova religião eugenica. Para nós, a verdadeira eugenia só se faz em alliança com a verdadeira razão e com a verdadeira fé. Nós não andamos á procura de nenhuma nova religião. Nem consentiremos que nenhuma sciencia e nenhum poder civil invada dominios que cabem a outro genero de sciencias e a outro genero de poder. Não somos nem anarchistas, nem etatistas. Não julgamos que a vida sexual seja inteiramente livre. Mas tambem não aceitamos a ingerencia do Estado onde elle não tem que in-

tervir. Pois ha recantos que só a lei natural ou a lei revelada, e não a lei positiva, podem regulamentar.

Não ha, portanto, a bem dizer, uma opposição a fazer á eugenia e apenas ao «eugenismo», que é a eugenia illimitada e puramente naturalista e etatista.

— «O catholicismo, longe de procurar impedir a reforma eugenica, procura ao contrario promovel-a, collocando-a sobre uma base duradoura, a base do espirito. Deus é considerado então como o inicio e o fim de todo progresso racial. Elle melhora a raça e a melhora como manifestação de Sua propria gloria. Nós cooperamos com Elle. E num tal systema a eugenia tomará o seu posto como cooperadora e não como ordenadora» (*Thomas J. Gerrard*, «The Church and Eugenics», 1921, p. 57).

Aquella affirmação de Anthony Ludovici, de que o christiannismo é essencialmente dysgenico, pela sua repulsa ao corpo, só é valida para uma seita christã condemnada pela Igreja como heretica — o manicheismo. Em toda verdadeira philosophia christã é essencial a harmonia entre o corpo e o espirito, muito especialmente no thomismo que sustenta a unidade substancial de ambos.

Para S. Thomaz, aquillo que Farias Brito chamou — «a base physica do espirito» não era apenas um ponto de partida e sim um elemento verdadeiramente fundamental. E como diz Sertillanges: — «o principio fundamental da psychologia thomista, principio renovado audaciosamente, genialmente — e pensando no futuro da sciencia eu direi providencialmente — da psy-

chologia de Aristoteles é que a alma humana só se pode definir completamente em funcção do corpo que ella anima e com o qual ella fórma uma unidade real e «substancial» (St. Thomas d'Aquin, vol. 2º, p. 159). Ou como dizem os proprios textos do philosopho: — «As diversas disposições dos homens para a acção da alma dependem das disposições diversas dos seus corpos» (De Memoria et Reminiscencia, lect. I). Ou então: — «Á boa constituição do corpo acompanha a nobreza da alma... de onde se conclue que aquelles que têm o tacto delicado são mais nobres de alma e mais perspicazes de espirito» (De Anima, lect. XIX).

Se uma philosophia que se exprime por esta fórma desdenha o corpo humano, não sei então de que modo será necessario falar para louval-o. Não pode haver apologia mais perfeita do corpo humano do que nessas palavras de S. Thomaz, que julga a alma tanto mais perfeita quanto mais perfeito o corpo. Affirmação que só pode peccar por excesso naturalista. E passando do philosopho medieval ao poeta-philosopho moderno, o cultor por excellencia da «disponibilidade» a-catholica, a Paul Valéry, vamos encontrar em palavras suas o mais categorico desmentido ás palavras de Ludovici e de muitos que julgam o christianismo pela imagem deformada que os neo-pagãos delle fazem. Eis como Valéry commenta, na sua «Introduction à la méthode de Léonard de Vinci», o dogma da resurreição da carne: — «Un dogme qui concède à l'organisation corporelle cette importance à peine secondaire, qui réduit remarquablement l'âme qui nous interdit et nous épargne le ridicule de

nous la figurer, qui va jusqu'à l'obliger de se réincarner pour qu'elle puisse participer à la pleine vie eternelle, ce dogme si exactement contraire au spiritualisme pur (sic), sépare, de la manière la plus sensible l'Eglise, de la plupart des autres confessions chrétiennes» (cf. *F. Lefebvre,* Entretiens avec Paul Valéry, pg. 203).

Sendo assim, não pode haver sciencia mais apta a figurar na hierarchia thomista das sciencias do que a Eugenia, a sciencia que estuda o melhoramento do corpo humano. O erro, como sempre, está na mutilação da realidade total. E na consideração da Eugenia como uma sciencia pura, de applicação illimitada. O dissidio é apenas entre os que reconhecem á Eugenia uma funcção determinada e os que nella querem ver uma sciencia independente e de applicação indeterminada.

Ha ou não limites á Eugenia? Eis o ponto cruciante do problema. Os eugenistas absolutos acreditam que seja possivel uma nova ordem de homens. E julgam-se com todo o direito, á vista disso, de tratar a nossa especie actual como um campo livre de experimentação. Nós, porém, sabemos que o homem não é uma criatura illimitada. E que tentar ultrapassar os seus limites «naturaes» é degenerar em vez de regenerar. Ao contrario do que affirma Bernard Shaw, nós «não» acreditamos que se possa fazer com um homem o mesmo que se faz com um lobo. E sabemos que ha no homem um imprevisto que escapa a todas as leis humanas. Esse imprevisto, esse mysterio irreductivel do homem, é justamente o que nos separa do eugenismo absolutista dos nossos dias. A distincção entre a eu-

genia que aceitamos e o eugenismo que devemos repudiar é que aquella considera o homem como um *homem*, ao passo que este o considera apenas como um *animal*.

INDICE DOS NOMES CITADOS

A

ABREU (BRAULIO DE) 39
ABREU (CAPISTRANO) 32, 33, 34, 162, 262, 263, 287 e 289
AGOSTINHO (SANTO) 225
ALENCAR (JOSÉ DE) 74, 108, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 177 e . . 216
ALENCAR (MARTINIANO DE) 216
ALENCAR (OTTO) 205
ALFREDO (JOÃO) 143
ALMEIDA (FORTUNATO DE) 268
ALMEIDA (LACERDA DE) 281
ALVES (CASTRO) 33, 74, 120, 131, 146, 153 e 163
ALVES (FRANCISCO) 114
AMADO (GILBERTO) 279
AMARAL (AMADEU) 97
ANCHIETA, 72, 73 e 296
ANDERSEN 68
ANDRADA (ANTONIO CARLOS) 220
ANDRADA (JOSÉ BONIFACIO), 220 e 221
ANDRADA (MARTIM FRANCISCO) 220
ANDRADE (MARIO DE), 31 e 37
ANDRADE (RODRIGO MELLO FRANCO DE) . 31
ANTOINE 166
ANTONIL 292
AQUINO (SANTO THOMAZ), 332 e 333
ARAGÃO (DELMO), 111 e 112
ARARIPE JUNIOR, 32 e 154
ARAUJO (FERREIRA DE) 220
ARAUJO (NABUCO DE) 143
ARGALL 73
ARISTOTELES, 43, 168 e 333
ASSIS (MACHADO DE), 78, 79, 80, 97, 106 e 163

AURELIO (MARCO) 65
AVELLAR (ROMEU DE) 100
AZEVEDO (ALUIZIO) 112
AZEVEDO (ALVARES DE) 33
AZEVEDO (LUCIO DE), 35, 287, 288, 291, 293 e 294
AZEVEDO (VICTOR DE) 40

B

BALZAC (HONORÉ DE) 104
BANDEIRA (MANOEL), 31 e 67
BARBOSA (RUY), 193, 281 e 283
BARBOSA (THEOPHILO), 122 e 127
BARBOSA (VENANCIO), 39 e 40
BARIONI (WALTER) 40
BARRETO (ARNALDO DE OLIVÉIRA) . . . 120
BARRETO (LIMA) 95
BARRETO (M.) 115
BARRETO (TOBIAS), 35 e 146
BARROS (COSTA), 212, 216 e 220
BASTOS (ELPIDIO) 38
BATES . . . . . , 209
BERGSON, 274 e 275
BERNARDI (MANSUETO), 140 e 267
BILAC, 114, 116 e 117
BISMARCK 279
BITTENCOURT SOB.º (OTTO) 38
BLOCH (IWAN) 318
BOMFIM (MANOEL), 234, 235, 236, 237, 241 246, 247, 248, 249, 250, 253,254, 255, 256 e 257
BONALD 75
BONNARD (ABEL), 17, 18, 19, 20, 22, 23; 24 e 25
BOPP (RAUL) 273
BRANCO (LUIZA P. C.) 118
BRISOLLA (OSCAR LEME), 120 e 121
BRITO (FARIAS), 33, 195 e 332
BRUCCULERI (ANGELO) 310
BRUNHES 312
BUCKLE 33
BUREAU (PAUL) 303

C

CAETANO (JOÃO) 166
CALMON (MIGUEL) 214
CAMINHA (ADOLPHO), 33, 37 e 38
CAMÕES 218
CAMPANELLA 316
CAMPOS (CARNEIRO DE), 212 e 218
CAMPOS (FLAVIO DE) 40
CARLOS (ANTONIO) 281
CARVALHO (JADER DE), 36 e 37
CARVALHO (RONALD DE) 31
CASTILHO (FELICIANO DE) 160
CAYRU' (VISCONDE DE), 83, 217, 218, 219 e 220
CESAR (GUILHERMINO), 133 e 134
CHAGAS (PINHEIRO) 292
CHRISTO, 121, 168, 175, 189, 314 e 315
CICERO 209
CINTRA (ASTRO) 40
CONDORCET 311
COMTE (AUGUSTO), 33, 166, 237 e 259
CORBUSIER (LE) 203
CORREA FILHO (AZEVEDO) 39
COSTA (F. MARTINS DA) 39
COSTA (M. AMOROSO), 30, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 205, 206 e 207
COUTINHO (AZEREDO) 269
COUTO (RIBEIRO) 31
CRATYLO 43
CRUZ (ADAMASTOR VERGUEIRO DA) . . . 176
CUNHA (CARNEIRO DA) 217
CUNHA (EUCLYDES DA), 195, 262 e 263
CUNHA (PEREIRA DA) 216
CUREL (FRANÇOIS DE) 159

D

DARWIN, 100, 274, 275 e 318
DEBUSSY 76
DELGADO (LUIZ), 31, 81, 83, 84 e 89

DEODATO (ALBERTO), 108, 109, 110, 111 e 112
DESCARTES 225
DIAS (GONÇALVES) 66
DOLIVEIRA (PERYLO), 130 e 132
DOERING 310
DOSTOIEWSKI 108
DUMONT (ARSÈNE), 305, 306, 307 e 308
DUMONT (SANTOS) 197
DUQUE (ALCINO) 39
DURKHEIM 308

E

EÇA (vide QUEIROZ)
EDISON 57
EPICTETO 65

F

FARGUE (LEON PAUL) 19
FERRI (ENRICO) 36
FIGUEIREDO (CANDIDO DE) 265
FIGUEIREDO (JACKSON), 31, 81, 83, 84, 185, 186 a 195 e 279
FONTES (HERMES) 38
FORSTER 193
FRANÇA (S. J. LEONEL) 44
FRANÇA (FERREIRA), 219 e 220
FRANÇA (SOUZA), 216 e 220
FRANCE (ANATOLE) 329
FRANK (WALDO) 60
FREITAS (PAULO DE), 95 e 96
FREUD, 82, 166, 275, 314, 315 e 317
FUSCO (ROSARIO) 134

G

GALILEU 36
GALTON, 322 e 325
GAMA (NOGUEIRA DA), 212, 218 e 220
GARRIDO (ANTONIO) 37
GERRARD (THOMAS J.) 332
GIDE (ANDRE'), 48 e 154
GODWIN 311

GOES (DAMIÃO DE) 291
GOMIDE (GONÇALVES), 213 e 214
GONÇALVES (ARY), 39 e 40
GONNARD (R.) 316
GOUVEA (TEIXEIRA DE) 217
GOYCOCHEA (CASTILHOS) 98
GREEN (JULIEN) 108

H

HAECKEL 266
HEGEL 259
HENRIQUE II 77
HOLLANDA (SERGIO BUARQUE DE) 31
HUXLEY 285
HUXLEY (ALDOUS) 44

I

INOHAM (BARÃO DE) 150

J

JANSSEN 272
JANUZZI 114
JESUS, 34, 73, 251, 301 e 325
JOÃO V 292
JOÃO VI, 210 e 265
JOLAS (EUGENE), 53, 54, 56, 57, 58, 59, e . 60
JOYCE (JAMES), 53, 56, 57, 59, 60, 75 e . . 76
JUNOT 218
JUNQUEIRO (GUERRA) 38

K

KANT 166
KOPKE (JOÃO) 117
KRUTCH (JOSEPH WOOD), 61 e 64

L

LAET (CARLOS DE) 83
LAFAYETTE (CONSELHEIRO) 158
LEÃO XIII 170
LEFEBVRE (F.) 334
LEME (D. SEBASTIÃO) 279

LENIN, 51, 166, 168 e 261
LESSA (PEDRO) 281
LIVINGSTONE 72
LIMA (ARAUJO. MARQUEZ DE OLINDA) . . 217
LIMA (JORGE), 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76 e 134
LIMA (MARIO DE), 280, 281, 282 e 283
LIMA (OLIVEIRA) 263
LIMA (ROCHA), 32, 33, 34, 35, 36 e 37
LITTRÉ 259
LIVIO (TITO) 209
LODGE (CABBOT), 53, 60 e 302
LOPES (ASCANIO) 134
LOPES (JOÃO) 33
LOPEZ 168
LOTI (PIERRE) 25
LUDOVICI (ANTHONY M.), 326, 327, 332 e . . 333
LUDWIG (EMIL) 168
LUTHERO 309

M

MACHADO (ALCANTARA), 296 e 299
MACHADO (ANTONIO DE ALCANTARA), 31 e 296
MAISTRE (JOSEPH DE) 188
MAGALHÃES (DOMINGOS GONÇALVES DE), 157, 158 e 159
MALRAUX (ANDRÉ) 261
MALTHUS, 308, 309, 310 e 311
MARAT 329
MARÇAL (HEITOR) 37
MARIA. 277
MARIA (PADRE JULIO), 271, 272, 276 a 280 e 283
MARTYRES (FREI BARTHOLOMEU DOS) . . 271
MARX (KARL), 166, 237 e 259
MASSART 236
MAUÁ (VISCONDE DE), 146 e 169
MAUROIS (ANDRÉ) 168
MEGARA (THEOGNIS DE) 315
MELLO (CARVALHO) 214
MELLO (HOMEM DE) 163

MENCKEN 60
MENDONÇA (CARLOS SUSSEKIND DE) 107
MENUCCI (SUD) 122
METHUEN 293
MEYER (AUGUSTO), 272, 275 e 276
MEYERSON 205
MICHELET 168
MILTON (CLODOALDO) 39
MONTAIGNE, 274 e 275
MONTALEMBERT 256
MONT'ALVERNE (FREI) 163
MONTESUMA (F. G. DE ACAYABA) 215
MONTOYA 253
MORAES (E. VILHENA DE), 268, 269, 270 e . . 271
MORAES (THOMAZ) 316
MORAES NETTO (PRUDENTE DE) 31
MOTTA (A.) 163
MUCKERMANN 311

N

NABUCO (CAROLINA) 142
MUSSOLINI, 51 e 168
NABUCO (JOAQUIM), 83, 141, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151 e 169
NAPOLEÃO 51
NASCIMENTO (FRANKLIN) 37
NETTO (OLIVEIRA RIBEIRO) 138
NETTO (SIDNEY), 36 e 37
NETTO (VARGAS) 140
NIETSZCHE (F.), 50, 57, 274, 275, 315 e . . . 317
NICOT 292
NISOT, 316 e 325
NOBRE (ANTONIO) 38
NOBREGA (MELLO) 40
NOGUEIRA (HAMILTON), 303 e 311
NOVALIS 196

O

OCTAVIO (RODRIGO) 173
OLIVEIRA (A.) 117

OLIVEIRA (ALBERTO DE) 126
OLIVEIRA (BARBOSA DE) 227
OLIVEIRA (MARTINS DE), 39, 49, 135 e . . . 136
ORNELLAS (MANOELITO D') 139
OROSCO 253
ORTIGÃO (RAMALHO) 38
OSORIO (MIGUEL) 30

P

PAIVA (OLIVEIRA) 33
PAPINI (GIOVANNI) 168
PASCAL 275
PEDRO I, 168 e 221
PEDRO II, 146 e 176
PEGUY (MARCEL) 78
PEIXOTO (AFRANIO) 109
PEIXOTO (FRANCISCO INACIO), 133 e . . . 134
PICCHIA (MENOTTI DEL) 279
PIMENTA (D. SILVERIO GOMES), 169, 170, 171 e 172
PINHEIRO (FERNANDES. VISC. DE S. LEOPOLDO), 211 e 212
PIRANDELLO 111
PITTA (ROCHA) 215
PLATÃO, 203 e. 316
PLAY (LE) 312
POINCARÉ (HENRI) 202
POMBAL (MARQUEZ DE), 269 e 289
POMPÉA (RAUL) 175
POMPEU (THOMAZ) 33
PRADO (EDUARDO) 83
PRADO (PAULO) 265

Q

QUEIROZ (EÇA) 38
QUEIROZ (RACHEL) 37

R

RABELAIS (F.) 168
RACINE 18
RAMALHO (vide ORTIGÃO) . . . . . .
REGO (JOSÉ LUIZ DO) 71

REZENDE (HENRIQUE DE) 134
REZENDE (PADRE HENRIQUE DE) 214
RIBEIRO (ALVES) 38
RIBEIRO (EGBERTO DE CAMPOS) 38
RIBEIRO (JOÃO) 36
RIBEIRO (PRADO) 41
RODRIGUES (ASSIS) 39
RODRIGUES (FELIX CONTREIRAS) 138
ROMERO (SYLVIO), 158, 247, 250, 254, 255 e 263
ROSAS 168
ROUSSEAU (J. J.), 46, 102, 103 e 225
RUSSELL (BERTRAND) 168

S

S. PAULO 73
SALGADO (PLINIO) 139
SALLES (ANTONIO), 33 e 37
SANTOS (FELICIO DOS) 280
SANTOS (LUCIO JOSÉ DOS), 232 e 233
SARASATE (PAULO), 35, 36 e 37
SARRAZAL 90
SCHELER (MAX) 328
SCHMIDT (AUGUSTO FREDERICO), 31 e . . 89
SCHWOB (RENÉ), 105 e 106
SEABRA (BRUNO) 162
SEEK (OTTO) 310
SENECA 65
SERRA (JOAQUIM) 155
SERTILLANGES 332
SERVA (MARIO PINTO), 207 e 280
SHAKESPEARE 202
SHAW (BERNARD), 313, 316, 317 e 334
SIEGFRIED (ANDRÉ) 323
SIQUEIRA (LEOCADIA GODINHO E) 39
SOUZA (D. JOAQUIM SILVERIO DE) 169
SOUZA (FREI LUIZ DE) 171
SOUZA (GOMES DE) 204
SOUZA (PAULA) 304
SPENCER (H.), 33, 166 e 237

SPENGLER (OSWALD), 214 e 259
STENDHAL, 18, 101, 104 e 202
STRACHEY (LYTTON) 168
SUN-YAT-SEN, 261 e 314

T

TAINE 33
TAUNAY (AFFONSO), 264, 265, 266 e 296
TAVORA (FRANKLIN), 156, 157 e 158
TERAN (JUAN) 276
TERENCIO 209
TERTULIANO 261
THEOPHILO (RODOLPHO) 33
THIBAUDET 19
TONIOLO 188
TORRES (ALBERTO) 263

V

VACHEROT 33
VALERY (PAUL), 19, 48, 203, 333 e 334
VANDERVELDE 236
VEUILLOT (LOUIS), 188 e 233
VIANNA (FRANCISCO) 116
VIANNA (OLIVEIRA), 263 e 264
VIEIRA (BERNARDINO) 137
VIEIRA (PADRE ANTONIO) 289
VILDRAC (CHARLES) 40
VINCI (LEONARDO DA) 333
VIRGILIO 209
VITAL (DOM) 83
VOLTAIRE 295

W

WASHINGTON 168
WHITEHEAD 285
WIGGAM (ALBERT EDWARD), 323 e 326

Z

ZALUAR 163
ZENON 65
ZOLA 92

INDICE DA 4.ª SERIE

1.ª Parte

CAPS.		PAGS.
I	— Ariel entre os Guindastes	17
II	— Modernismo intencional	29
III	— 20 annos	41
IV	— Espirito moderno	53
V	— Cá e Lá	66
VI	— Schema de uma geração	78
VIII	— Romances	90
IX	— Ficção	102
X	— Poesia Infantil	114
XI	— Provincialismo poetico	128
XII	— Nabuco	141
XIII	— Alencar Critico	153
XIV	— Biographias	165
XV	— A Alma de Minas e a Revolução Espiritual	178
XVI	— O que ha um anno perdemos	185
XVII	— Ha um anno tambem	196

2.ª Parte

XVIII	— A Universidade na Constituinte	209
XIX	— Educação e Educacionismo	222
XX	— Alicerces do Brasil	234
XXI	— Formação Espiritual do Brasil	259
XXII	— Formação Economica	284
XXIII	— Povoamento	295
XXIV	— Desnatalidade e mortalidade infantil	301
XXV	— Limites da Eugenia	313

3 9001 01866 6258

Typ. de Terra de Sol — Rio de Janeiro

12076 2

BARCODE
INSIDE